

# desenho e construção

memorial para professor titular, 2001-2026



juliano aparecido pereira

[julianopereira.arq@ufu.br](mailto:julianopereira.arq@ufu.br)

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**  
**FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO E DESIGN**

**DESENHO E CONSTRUÇÃO: MEMORIAL PARA PROFESSOR TITULAR, 2001-2026**

**PROF. DR. JULIANO APARECIDO PEREIRA**

Memorial apresentado à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Design (FAUED) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) como parte dos requisitos exigidos para a Promoção da Classe de Professor Associado IV para a Classe de Professor Titular da Carreira de Magistério Superior, conforme a Portaria do MEC nº 982, de 03 de outubro de 2013, e a Resolução 03/2017, de 09 de junho de 2017, do Conselho Diretor da Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

---

P436m      Pereira, Juliano Aparecido, 1975-  
2026          Desenho e construção [recurso eletrônico] : memorial para Professor  
Titular, 2001-2026 / Juliano Aparecido Pereira. - 2026.

Memorial Descritivo (Promoção a Professor Titular) - Universidade  
Federal de Uberlândia, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Design.

Modo de acesso: Internet.

Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.me.2026.516>

Inclui bibliografia.

Inclui ilustrações.

1. Professores universitários - formação. I. Universidade Federal de  
Uberlândia. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Design. II. Título.

CDU: 378.124

---

André Carlos Francisco  
Bibliotecário-Documentalista - CRB-6/3408

## **COMISSÃO ESPECIAL DE AVALIAÇÃO**

### **Membros titulares externos:**

Carlos Alberto Ferreira Martins, IAU USP.

Cibele Saliba Rizek, IAU USP

Maria Cecília Loschiavo dos Santos, FAU USP;

### **Membro Titular Interno (presidente da Comissão)**

Fernando Garrafa, FAUED UFU;

### **Suplentes:**

Denilson Moreira Santos, CCET UFMA

Jean Luiz Neves Abreu, INHIS UFU



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**  
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Design  
Av. Joao Naves de Àvila, 2121, Bloco 1I - Bairro Santa Mônica, Uberlândia-MG, CEP 38400-902  
Telefone: 34 3239-4373 - <http://www.faued.ufu.br/> - [faued@ufu.br](mailto:faued@ufu.br)



## ATA

### ATA Nº 001/2025 DA AVALIAÇÃO DOCENTE PARA A PROMOÇÃO DA CLASSE DE PROFESSOR ASSOCIADO IV PARA A CLASSE DE PROFESSOR TITULAR DA CARREIRA DE MAGISTÉRIO SUPERIOR DA FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO E DESIGN DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Aos 17 de abril de 2026, às 14:00 de maneira híbrida, por meio de videochamada, pelo link: <https://conferenciaweb.rnp.br/ufu/sepe-2022> e sala de reuniões do bloco 1I - Campus Santa Mônica, a Comissão Especial de Avaliação, nomeada pela Portaria de Pessoal UFU Nº 1267, de 10 de março de 2026, aprovada pelo CONFAUED em sua reunião de 25/02/2026, constituída pelos **Membros titulares**: Prof. Dr. Fernando Garrefa (UFU / presidente) Profª. Drª Maria Cecília Loschiavo dos Santos (FAU USP); Profª. Drª Cibele Saliba Rizek (IAU USP) e Prof. Dr. Carlos Alberto Ferreira Martins (IAU USP). Aos 26 dias do mês de fevereiro do ano de dois mil e vinte e seis foi divulgada na página da FAUeD a constituição da Comissão Especial de Avaliação supracitada. A data da avaliação pública foi definida para o dia dezessete de abril do corrente ano, às 14:00h. Após cuidadosa análise e aprovação do Relatório de Atividades do docente pelo órgão deliberativo máximo da Unidade, o Memorial descritivo foi enviado aos membros da Comissão Especial para análise. Dando prosseguimento à avaliação para promoção da Classe de Associado IV para a Classe de Professor Titular da Carreira do Magistério Superior, o Diretor substituto da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Design da UFU, Prof. Dr. Juscelino Humberto Cunha Machado Júnior, fez a apresentação da Comissão Especial, a apresentação do candidato e o agradecimento da presença do público. Feito isso, foi concedida a palavra ao Presidente da Comissão Especial Prof. Dr. Fernando Garrefa. O Presidente iniciou a sessão pública e concedeu a palavra ao candidato Juliano Aparecido Pereira para exposição da defesa pública do Memorial descritivo. Após a defesa, os membros da Comissão arguíram o candidato e, em seguida, avaliaram o seu Memorial, conforme o anexo 5 da Resolução 003/2017 do Conselho Diretor. Tendo por base os resultados das avaliações, que foram discutidas pelos membros da Comissão, na ausência do candidato e observando a Resolução 003/2017 do Conselho Diretor da UFU, em seu Art. 7º, a Comissão Especial, após as devidas considerações e em face do resultado obtido, considerou o candidato Juliano Aparecido Pereira APROVADO. A Comissão, por unanimidade reconheceu a excelência acadêmica do docente, e registrou uma moção de distinção e louvor.

A Comissão Especial encerrou suas atividades às 17:45 horas e nada mais havendo a tratar, a presente ata foi lavrada, lida e após aprovada, segue assinada pelos membros da referida Comissão.

Uberlândia/MG, 17 de abril de 2026

COMISSÃO ESPECIAL – Portaria de Pessoal UFU Nº 1267, de 10 de março de 2026.

Prof. Dr. Fernando Garrefa (UFU - presidente);

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Maria Cecília Loschiavo dos Santos (FAU USP);

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Cibele Saliba Rizek (IAU USP);

Prof. Dr. Carlos Alberto Ferreira Martins (IAU USP).



Documento assinado eletronicamente por **Fernando Garrefa, Presidente**, em 22/04/2026, às 13:52, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Cibele Saliba Rizek, Usuário Externo**, em 24/04/2026, às 14:16, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Carlos Alberto Ferreira Martins, Usuário Externo**, em 27/04/2026, às 14:38, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Maria Cecília Loschiavo dos Santos, Usuário Externo**, em 06/05/2026, às 18:48, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://www.sei.ufu.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **7246279** e o código CRC **25E581EB**.

## **Dedicatória**

Ao meu pai Benedito e ao meu irmão Luiz Fabiano, *in memoriam*.

Para minha mãe Clarice, que todos os dias me dá *a ideia de uma nova consciência e  
juventude*.

Aos meus irmãos Aparecida Cristina e Jorge, porque sinto que temos uns aos outros.

Para Letícia, Mateus e Laryssa, porque são parte do que o futuro será.

## **Agradecimentos**

Este memorial apresenta minha trajetória como professor universitário na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Design da Universidade Federal de Uberlândia. Esta caminhada vem sendo construída ao longo de aproximadamente 25 anos de dedicação à docência na UFU. Entretanto, a minha participação no campo da arquitetura e do design tem início nos anos de minha graduação em arquitetura e urbanismo, em 1994. Ao longo desses anos todos, em minha vida pessoal e acadêmica, conheci muitas pessoas e instituições, cuja convivência, em muito contribuíram para o desenvolvimento de minha trajetória profissional. Sem esgotar todos esses nomes, faço aqui um agradecimento especial às seguintes pessoas e instituições:

**Aline Teixeira Souza Silva, Cristiane Pereira de Alcântara, Gabriel Henrique Cruz Bonfim, João Carlos Riccó Plácido da Silva, Juliana Cardoso Braga, Juliano Carlos Cecílio Batista Oliveira, Juscelino Humberto Cunha Machado Júnior, Letícia Vasconcelos Morais Garcez, Lucas Farinelli Pantaleão, Sabrina Maia Lemos e Viviane dos Guimarães Alvim Nunes.** Todos meus colegas e parceiros diretos na construção do curso de graduação em Design da UFU. São docentes do curso de Design, cujo convívio enriquece minha formação. Uma pluralidade de formações com a qual eu busco contribuir a partir da minha própria formação. Tenho grande admiração pelo esforço coletivo desse grupo, do qual me sinto parte, e que não mede esforços pessoais e profissionais para a construção de um curso de Design de qualidade e com relevância para a sociedade.

**Fábio Reis.** Por sua dedicação e contribuição como técnico do Laboratório de Modelos e Protótipos do curso de Design da FAUEUD UFU. Além da grande habilidade técnica que possuí, tudo o que faz profissionalmente para o curso é guiado pelo carinho.

**A todos os colegas docentes e técnicos da FAUED UFU.** Pelas partilhas de nossas experiências e pelo convívio desses anos todos.

**Renato Luiz Sobral Anelli.** Por ter aceitado ser meu orientador de iniciação científica, de mestrado e de doutorado, nos anos de minha graduação e pós-graduação na USP de São Carlos.

**Carlos Alberto Ferreira Martins, Cibele Saliba Rezek e Maria Cecilia Loschiavo dos Santos.** Por terem aceitado o convite para examinar este memorial e, principalmente, por terem sido meus professores de graduação e pós-graduação na USP, fazendo assim parte de minha formação acadêmica e profissional e, por isso, estando presentes dentro deste memorial.

**Andréa Franco Pereira, Fernando Garrefa, Jean Luiz Neves Abreu.** Por também terem aceitado o convite e participarem do exame deste memorial.

Sou muito grato às duas instituições que me acolheram na construção de minha formação acadêmica e no desenvolvimento de minha trajetória profissional: a **Universidade de São Paulo** e a **Universidade Federal de Uberlândia**. Expresso aqui também minha gratidão às agências de fomento à pesquisa que me auxiliaram em minhas pesquisas: FAPESP, CAPES, CNPq e aos programas internos de incentivo à pesquisa da própria UFU.

Ao estudante do curso de Design, **Pedro Henrique Borges dos Santos**, pela sua dedicação à diagramação deste memorial.

E, por fim, e não menos importante, agradeço imensamente à **todos os estudantes**, que são razão primeira para este memorial existir.

# Resumo

Este memorial apresenta a minha trajetória docente na Universidade Federal de Uberlândia, UFU. Abarca um período temporal que se inicia em 2001 e se estende até 2026. Através deste memorial, descrevo e analiso boa parte das atividades docentes que eu desenvolvi ao longo de quase 25 anos na UFU. Estas atividades docentes estão agrupadas em quatro campos de ação: ensino, pesquisa, extensão e gestão. Com um caráter de introdução e contextualização, previamente ao texto principal, é apresentado o caminho que me levou a escolher a arquitetura e o design como área de formação e, depois, como área de atuação profissional enquanto docente universitário. A conclusão apresenta parte do entendimento que construí, ao longo de minha trajetória docente, sobre *o que é* e *o que pode ser* o design e a arquitetura e sobre um caminho para ensiná-los. A realização deste memorial objetiva cumprir parte dos requisitos exigidos para a Promoção da Classe de Professor Associado IV para a Classe de Professor Titular na Carreira do Magistério Superior, de acordo com a Portaria do MEC nº 982, de 3 de outubro de 2013, regulamentada pela Resolução nº 3/2017, do Conselho Diretor da Universidade Federal de Uberlândia, de 09 de junho de 2017. Para a sua elaboração, foi seguido o disposto no Anexo 5, Roteiro para Elaboração do Memorial, da Resolução nº 03/2017, do Conselho Diretor, de 9 de junho de 2017.

Palavras-chave: design; arquitetura; desenho; construção.

## SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	1
	TRAJETÓRIA PROFISSIONAL	17
I	ATIVIDADES DE ENSINO	18
II	ATIVIDADES DE PESQUISA	59
III	ATIVIDADES DE EXTENSÃO	108
IV	ATIVIDADES DE GESTÃO	126
	CONCLUSÃO	160
	Referências Bibliográficas	165
	ANEXO <i>currículo lattes</i> Juliano Aparecido Pereira	168

## Lista de Figuras

**Fig. 1.** Juliano A Pereira, aula prática na oficina de Tornearia Mecânica do SENAI – RP, 1989. pág. 04.

**Figs. 02 a 07.** Mutirão para a construção de 117 casas na cidade de Monte Alto, SP. Convênio Prefeitura de Monte Alto, USP São Carlos e UFSCar. pág. 09.

**Fig. 8.** Modelo para teste do sistema viga-calha, estrutura metálica e telha sanduíche para minha primeira casa em Uberlândia, MG. Desenvolvido na oficina de serralheria de Ribeirão Preto, SP, em 2020. pág. 12.

**Figs. 9, 10 e 11.** Construção da garagem em estrutura metálica da minha primeira casa, publicada no Instagram Gedengenhariaestrutural, com a seguinte legenda: *Nesta obra o arquiteto Juliano A Pereira explorou a leveza da estrutura metálica para a concepção do projeto de sua própria residência, confiando à GED Engenharia o cálculo estrutural para uma solução mista em concreto armado e aço.* 23 de maio de 2021. pag. 12.

**Fig. 12.** Maquete de arquitetura: Pavilhão Soviético para a Exposição Internacional de Artes Decorativas e Industriais Modernas de Paris, 1925, arquiteto Konstantin Melnikov (disciplina *Teoria e História da Arquitetura e das Artes*). pág. 21.

**Fig. 13.** Maquete de interiores: Dormitório Casa da Cascata, 1936-38, arquiteto Frank Lloyd Wright (disciplina *Teoria e História da Arquitetura e das Artes*). pág. 21.

**Fig. 14.** Maquete de arquitetura: Casa Farnsworth, 1949-51, arquiteto Ludwig Mies van der Rohe (disciplina *Teoria e História da Arquitetura e das Artes*). pág. 21.

**Fig.15.** Maquete de arquitetura: Villa Savoye, 1928, arquiteto Le Corbusier (disciplina *Teoria e História da Arquitetura e das Artes*). pág. 21.

**Fig. 16.** Maquete de interiores: Café L'Aubete, 1928, arquiteto Theo van Doesburg (disciplina *Teoria e História da Arquitetura e das Artes*). pág. 21.

**Fig. 17.** Maquete de interiores: Interior da Bauhaus, 1925, arquiteto Walter Gropius (disciplina *Teoria e História da Arquitetura e das Artes*). pág. 21.

**Fig. 18.** Maquete de arquitetura: Casa da Cascata, 1936-38, arquiteto Frank Lloyd Wright (disciplina *Teoria e História da Arquitetura e das Artes*). pág. 21.

**Fig. 19.** Comprovante de inscrição para o concurso docente para a vaga *Design e Plástica*. Edital UFU 003/2004, de 02 de março de 2004. pág. 26.

**Fig. 20.** Produção de mobiliário em papelão pelos alunos da disciplina Design de Mobiliário. (2007). pág. 32.

**Fig. 21.** Montagem de mobiliário em papelão por Juliano A Pereira. (2007). pág. 32.

**Figs. 22a e 22b.** Mobiliário em papelão para situações emergenciais. Usos: sentar, dormir e convívio. (2007). pág. 32.

**Figs. 23a e 23b.** Mobiliário em papelão para situações emergenciais. Usos: sentar, dormir e convívio. (2007). pág. 32.

**Figs. 24a e 24b.** Mobiliário em papelão para situações emergenciais. Usos: refeições e convívio (2007). pág. 32.

**Fig. 25.** Mobiliário em papelão para situações emergenciais. refeições e convívio. (2007). pág. 32.

**Fig. 26.** Casa Juliano A Pereira, vista externa em estrutura metálica. pág. 35.

**Fig. 27a.** Casa Juliano A Pereira, vista interna em estrutura metálica. pág. 35.

**Fig 27b.** Casa Juliano A Pereira, vista interna em estrutura metálica. pág. 35.

**Fig. 28.** Casa Juliano A Pereira, croquis feitos com caneta bic em guardanapo. pág. 35.

**Fig. 29.** Visita de estudo do curso de Design à Casa de Vidro de Lina Bo Bardi, SP. pág. 40.

**Fig. 30.** Visita de estudo do curso de Design ao ateliê do designer Carlos Motta. SP, 2013. Ao centro da foto, Carlos Motta falando aos estudantes sobre o seu trabalho. pág. 40.

**Figs. 31, 32 e 33.** Embalagem para doce caseiro de goiaba. Discente: William Henrique da Silva Toffoli. Disciplina: Oficina de Modelos 1 (2025). pág. 41.

**Figs. 34a e 34b:** Maquetes da cadeira Red and Blue (1917-1923) e da Zig Zag (1929-34) de Gerrit Rietveld. Cadeira Red and Blue: escala 1:7,5 e ano de produção da maquete: 2018. Cadeira Zig Zag escala 1:5 e ano de produção da maquete: 2023. Pesquisa: Juliano A Pereira / execução: Fábio Reis. pág. 42.

**Fig. 35.** Maquetes da cadeira Girafa (1986) e a cadeira de balanço (1948), de Lina Bo Bardi. Cadeira Girafa: escala 1:5 e ano de produção da maquete: 2022. Cadeira de balanço escala 1:7,5 e ano de produção da maquete: 2025. Pesquisa: Juliano A Pereira / execução: Fábio Reis. pág. 42.

**Figs. 36a e 36b:** Maquetes da cadeira de compensado (1948) desenvolvida por Oswaldo Bratke. Escala: 1: 5. Ano de produção da maquete: 2025. Pesquisa: Juliano A Pereira / execução: Fábio Reis. pág. 42.

**Figs. 37 e 38.** Banco em compensado de madeira Sumaúma. Discentes: Guilherme Damasceno, Gustavo Zanatta e Juliano Araújo. Disciplina: Oficina de Modelos 1 (2025). pág. 43.

**Fig.39.** Estruturas espaciais para bases de mesas. Protótipo desenvolvido no LAMOP do campus Umuarama (2013). pág. 46.

**Figs. 40, 41 e 42.** Maquete/Projeto desenvolvidos por Juliano A Pereira na oficina Designing with Models, ministrada pelo professor Criss Mills em 2013, no Representar Brasil 2013: As representações na Arquitetura, Urbanismo e Design, que ocorreu na FAU USP. pág. 49.

**Fig. 43.** Visita de estudos da disciplina Projeto IV, do curso de graduação em Design ao Museu Universitário de Arte – UFU. Profs. Juliano A Pereira e Letícia V M Garcez. pág. 50.

**Fig 44.** Desenho de Bruno Munari para explicar sua metodologia de projeto em Design. pág. 52.

**Fig. 45.** Gráfico do método de projeto em design: Double Diamond. pág. 53.

**Fig. 46.** Cartaz-convite para bordadeiras participarem da disciplina Design e Artesanato. pág. 55.

**Fig. 47.** Primeiro encontro da disciplina Design e Artesanato: 20 estudantes e 20 bordadeiras. Local: Auditório do Museu de Arte Sacra de Uberlândia. pág. 55.

**Fig. 48.** Primeiro encontro da disciplina Design e Artesanato: senhora bordadeira apresenta seu trabalho. pág. 55.

**Fig. 49.** Disciplina Design e Artesanato: Luminária desenvolvida por Juliano A Pereira para receber o bordado em sua cúpula. pág. 55.

**Fig. 50.** Mobiliário Flexível Para Um Morar Contemporâneo (2015). Banca de Defesa do TCC em Design de Letícia Vasconcelos Morais Garcez. Banca examinadora: Sandra Rezende, Patrícia Pimenta Azevedo Ribeiro, Viviane dos Guimarães Alvim Nunes. Orientador: Juliano A Pereira. pág. 56.

**Figs. 51 e 52.** Catálogo do 23º Prêmio Design – Museu da Casa Brasileira, 2009 (São Paulo): Capa do catálogo e página interna com o prêmio conferido ao livro Lina Bo Bardi, Bahia, 1958-1964, de autoria de Juliano A Pereira, lançado pela EDUFU. pág. 71.

**Figs. 53, 54 e 55.** Jornal Correio de Uberlândia, 1 de outubro de 2009. Divulgação da mesa redonda no auditório da UFU de dois livros sobre Lina Bo Bardi: Lina Bo Bardi, Bahia, 1958-1964, de autoria de Juliano A Pereira, lançado pela EDUFU e de Lina por Escrito de autoria de Silvana Rubino, lançado pela Editora Cosac Naif. pág. 72.

**Fig. 56.** Documento emitido pela Diretoria da Escola de Engenharia de São Carlos – USP, cumprimentando pelo recebimento do prêmio Museu da Casa Brasileira pela Tese de Doutorado **Desenho Industrial e Arquitetura no Ensino da FAU USP (1948-1968)**. pág. 80.

**Figs. 57a e 57b.** Catálogo do 24º Prêmio Design – Museu da Casa Brasileira, 2010 (São Paulo): Capa do catálogo e página interna com o prêmio conferido à tese de doutorado **Desenho Industrial e Arquitetura no Ensino da FAU USP (1948-1968)**, de autoria de Juliano A Pereira. pág. 80.

**Fig. 58.** Apresentação de pesquisa realizada no LAMOP: **Pensar a forma no mundo do design: ensino, repertório e experimentação.** 1º Simpósio de Design do Triângulo Mineiro, 2018, Uberlândia. pág. 84.

**Fig. 59.** Primeira reunião para realização do workshop, em 30 de julho de 2022, na sala de reuniões do Bloco i, da FAUED UFU, *campus* Santa Mônica. Contou com a presença via *webcam* da supervisora da pesquisa de pós-doutorado, a Prof. Dra. Rita Filipe, da FA ULisboa. pág. 103.

**Fig. 60.** Visita dos quatro designers às quatro oficinas: marcenaria, serralheria, cerâmica e tecelagem. pág. 103.

**Figs. 61, 62, 63 e 64.** Coleção de 8 produtos gerados pelas 4 duplas designers-artesãos. pág. 104.

**Fig. 65.** Casa da Cultura de Uberlândia, salão interno onde a exposição foi montada e cartaz a exposição. pág. 114.

**Fig. 66.** Projeto e produção do mobiliário expositivo em chapa de compensado de Sumaúma. Projeto Juliano A Pereira, execução Fábio Reis no LAMOP. pág. 115.

**Fig. 67.** Noite de abertura da exposição. pág. 115.

**Fig. 68.** Mesa redonda de abertura da exposição: designers, artesãos e mediação de Juliano A Pereira. pág. 115.

**Fig. 69 e 70:** Catálogo da Exposição Design e Artesanato. pág. 116.

**Fig. 71, 72 e 73.:** Catálogo da Exposição Design e Artesanato. pág. 117.

**Figs. 74 até 85:** Projeto do mobiliário expositivo e do layout para o Museu dos Povos Indígenas, MUPI-UFU, Uberlândia, MG. pág. 122.

**Fig. 86.** Reunião de parte dos professores do Design para assistir ao jogo de futebol com a seleção brasileira na Copa Mundial de 2022: Lucas Farinelli Pantaleão, Juliana Cardoso Braga, João Carlos Riccó Plácido da Silva, Gabriel Henrique Cruz Bonfim, Juliano Aparecido Pereira, Juscelino Humberto Cunha Machado Júnior e Sabrina Maia Lemos. pág. 133.

**Fig. 87 até 90.** Aulas de Oficina de Modelos e de Projeto no LAMOP instalado no Barracão da Marcenaria da UFU. Dentro do barracão, foi este o espaço cercado com divisórias leves de escritório, onde instalamos as bancadas para os estudantes do curso de Design operarem ferramentas manuais e máquinas de baixa complexidade para desenvolverem suas atividades práticas: maquetes, mock ups e protótipos. pág. 143.

**Fig. 91.** Vista geral do Barracão da Marcenaria da UFU Umuarama, onde o LAMOP ficou provisoriamente por 14 anos. Ao centro, o técnico Fábio Reis e mais dois estudantes do curso de Design cortando uma placa de MDF cru. O pé-direito alto e a generosidade da iluminação natural, é o que, em meu ponto de vista, conferia em minha leitura do espaço a metáfora de uma *catedral-industrial*. pág. 144.

**Figs. 92 e 93.** Mesas para aulas teóricas na sala de aula no mezanino do LAMOP, no Barracão da Marcenaria Umuarama (2017). Autor do projeto: Juliano A Pereira. Produção: Fábio Reis, Juliano A Pereira e estudantes do curso de Design. pág. 146.

**Fig. 94.** Aula teórica na sala do LAMOP instalada no mezanino do Barracão da Marcenaria Umuarama (2017). Estudantes do curso de Design utilizam as mesas projetadas para mobiliar a sala. As cadeiras, são peças que eles mesmos projetaram e construíram. Duas dessas cadeiras, são protótipos que construímos da cadeira que o arquiteto Oswaldo Bratke projetou em compensando de madeira em 1948. pág. 146.

**Fig. 95.** Produção no LAMOP da cadeira Zig Zag (Gerrit Rietveld, 1934). pág. 148.

**Fig. 96.** Produção no LAMOP da cadeira Red and Blue (Gerrit Rietveld, 1917-23). pág. 148.

**Fig 97.** Produção no LAMOP de maquetes cadeira Zig Zag (Gerrit Rietveld, 1934). pág. 148.

**Fig 98.** Certificado professor orientador. Produto Finalista no Concurso TOK&STOK. Banco Pião, discente Olívia Mamede. pág. 149.

**Figs. 99a e 99.b.** Texto e cartaz da Exposição de Design – Mobiliário em Papelão na Galeria de Artes do Bloco i, UFU (2018). pág. 150.

**Figs. 100 e 101.** Abertura da Exposição de Design – Mobiliário em Papelão na Galeria de Artes do Bloco i, UFU (2018). pág. 150.

**Figs. 102, 103 e 104.** Produtos apresentados na Exposição de Design – Mobiliário em Papelão na Galeria de Artes do Bloco i, UFU (2018). pág. 151.

**Fig. 105.** Convite para a abertura da Exposição de Design – Mobiliário em Papelão na Galeria de Artes do Bloco i, UFU (2018). pág. 151.

**Fig. 106 e 107.** Cartaz da exposição e painel expositivo do cartaz. Exposição DESIGN/LAMOP. Realizada no Saguão de entrada da Reitoria da UFU (2013). pág. 152.

**Fig. 108.** Vista parcial da Exposição DESIGN/LAMOP. Realizada no Saguão de entrada da Reitoria da UFU (2013). pág. 152.

**Fig. 109a.** Base para Mesa. Discentes autoras: Ana F. Gonçalves, Anaíssa C. S. Araújo, Fiama K. F. Martins, Letícia V. M. Garcez e Nathyelle X. Rodrigues. Apresentada na Exposição DESIGN/LAMOP. Realizada no Saguão de entrada da Reitoria da UFU (2013). pág. 152.

**Fig. 109b.** Detalhe dos encaixes de base para Mesa. Discentes autoras: Ana F. Gonçalves, Anaíssa C. S. Araújo, Fiama K. F. Martins, Letícia V. M. Garcez e Nathyelle X. Rodrigues. Apresentada na Exposição DESIGN/LAMOP. Realizada no Saguão de entrada da Reitoria da UFU (2013). pág. 152.

**Fig. 110.** Base para Mesa. Discentes autoras: Fernanda S. Borsari, Francieli T. Lopes, Tauane P B Souza, Nathália C. L. Silva, Tatiana S. Souza. Apresentada na Exposição DESIGN/LAMOP. Realizada no Saguão de entrada da Reitoria da UFU (2013). pág. 153.

**Fig. 111.** Base para Mesa. Discentes autoras: Bianca P. Neves, Danilo Faria, Shyrlene R S Mendonça. Apresentada na Exposição DESIGN/LAMOP. Realizada no Saguão de entrada da Reitoria da UFU (2013). pág. 153.

**Fig.112.** Banqueta Alta. Discente autora: Olívia Mamede. Apresentada na Exposição DESIGN/LAMOP. Realizada no Saguão de entrada da Reitoria da UFU (2013). pág. 153.

**Fig. 113.** Cadeira Um+. Discente autora: Ana F. Gonçalves. Foi Premiada no Salão Móvel Sul, de Bento Gonçalves, RS. Apresentada na Exposição DESIGN/LAMOP. Realizada no Saguão de entrada da Reitoria da UFU (2013). pág. 153.

**Fig. 114.** TCC Raela Nunes, orientador Juliano A Pereira. Apresentado na Exposição DESIGN/LAMOP. Realizada no Saguão de entrada da Reitoria da UFU (2013). pág. 154.

**Fig. 115.** Poltrona. Apresentada na Exposição DESIGN/LAMOP. Realizada no Saguão de entrada da Reitoria da UFU (2013). pág. 154.

**Fig.116.**Banco, mesa de centro e revestido. Apresentado na Exposição DESIGN/LAMOP. Realizada no Saguão de entrada da Reitoria da UFU (2013). Fonte: arquivo: Juliano A Pereira. Banqueta Alta. Discente autora: Olívia Mamede. Apresentada na Exposição DESIGN/LAMOP. Realizada no Saguão de entrada da Reitoria da UFU (2013). pág. 154.

**Fig. 117.** Produtos em resina, feitos a partir de contramolde de espuma e molde de silicone. Apresentados em exposição na galeria do Bloco i, da UFU. pág. 154.

**Figs. 118 e 119.** Prancha 1/3 e 2/3. Projeto para o LAMOP no campus UFU Santa Mônica, ao lado do bloco do curso de Engenharia Civil. Versão Junho de 2021. pág. 156.

**Fig. 120.** Prancha 3/3. Projeto para o LAMOP no campus UFU Santa Mônica, ao lado do bloco do curso de Engenharia Civil. Versão Junho de 2021. pág. 157.

**Fig. 121.** Entrada LAMOP, no Bloco 5M, no Campus Santa Mônica. pág. 159.

**Fig. 122.** Sala com bancadas do LAMOP, no Bloco 5M, no Campus Santa Mônica. pág. 159.

**Fig. 123.** Sala com maquinários de marcenaria do LAMOP, no Bloco 5M, no Campus Santa Mônica. pág. 159.

## **Lista de Tabelas**

<b>Tabela 1.</b> Fluxograma do curso de graduação em Decoração. Fonte: Arquivo do curso de Design da UFU. Fonte: o autor.....	24
<b>Tabela 2.</b> Disciplinas ministradas na UFU. Fonte: o autor.....	29
<b>Tabela 3.</b> Atividades de pesquisa na UFU. Fonte: o autor.....	82
<b>Tabela 4.</b> Quantidade de publicações científicas. Fonte: o autor.....	106
<b>Tabela 5.</b> Atividades de extensão por mim desenvolvidas. Fonte: o autor.....	109
<b>Tabela 6.</b> Evolução do curso de Decoração, Design de Interiores e Design. Fonte: o autor.....	129

# Introdução



## ***Por quê Arquitetura? Por quê Design?***

Nasci em 07 de fevereiro de 1975. Era uma sexta-feira de carnaval. E, amanhã, dia 07 de fevereiro de 2026, completo 51 anos de idade. Ingressei pela primeira vez na UFU, em 2001, como professor substituto por dois anos. Após um ano, em 2004, reingressei como professor efetivo. Estou há quase 25 anos na UFU. Isto significa dizer que passei por volta da metade dos meus anos trabalhando na Universidade Federal de Uberlândia.

Mas gostaria de recuar um pouco mais no tempo, para apresentar como surgiu o meu interesse pela arquitetura e pelo design.

Quando criança, duas vivências se colocaram para mim desde bem cedo. Uma delas era a vivência o desenho e, a outra, a vivência da oficina. A primeira delas se iniciou por gosto pessoal nas horas livres, e a segunda por necessidade da vida. E, em pouco tempo, passei a enxergar ambas como complementares e inseparáveis.

Desde sempre gostei de desenhar e comecei desenhando de modo espontâneo. Em um mundo sem internet, comprei do catálogo da Ediouro um livro que ensinava a desenhar e que chegou pelos Correios. Foi meu primeiro aprendizado formal do desenho. Me lembro de ser um livro que ensinava a desenhar animais selvagens e eu havia aprendido a desenhar alguns. A cabeça de um tigre tinha sido o meu melhor.

Com um pouco mais de idade, comecei a frequentar os cursos livres de desenho da Oficina Cultural de Ribeirão Preto, SP. As aulas eram com o professor Francisco Carlos Gimenes, o *Chiquinho*<sup>1</sup>, que veio a falecer a pouco tempo. Com ele aprendi o desenho com grafite e aprendi técnicas para o uso das cores. Aprendi perspectiva a mão livre com um e dois pontos de fuga, desenho de elementos da natureza, desenho de observação, composição, proporção, entre outras coisas. Foi um grande professor. Esse aprendizado, foi o que usei para as minhas provas de desenho, chamadas de *habilidade específica* pelos vestibulares.

1. Alguns anos depois, vim a me tornar amigo do Chiquinho. Ele era docente no Curso de Arquitetura e Urbanismo no Centro Universitário Moura Lacerda, em Ribeirão Preto. Quando eu estava no mestrado e, ele, no doutorado, nós nos encontrávamos no Departamento de Arquitetura e Urbanismo da USP São Carlos ou na FAU USP, onde cursamos as disciplinas da pós-graduação. Aqui em Uberlândia, soube que ele fora professor substituto na UFU, antes de minha chegada.

2. No início, meu pai construiu um pequeno barracão apenas no fundo do lote. Na parte da frente, minha mãe fez uma horta, onde plantava alface, couve, rúcula, almeirão e etc. Teve um tempo que plantou milho, jiló, quiabo e outras de porte médio. O excedente desta produção doméstica, minha mãe vendia na vizinhança. Depois, conforme a serralheria do meu pai foi prosperando, ele foi aumentando o barracão, em algumas etapas, até chegar ao limite frontal do lote, ocupando a horta da minha mãe.

3. O bairro em que minha família morava em Ribeirão Preto, SP, se chama Ipiranga. Quando meu pai se mudou para lá, era o início dos anos 1980. Esse bairro significava a expansão da cidade de Ribeirão Preto para uma área localizada depois da região da rodoviária, e além da linha férrea que cortava a cidade. Quando nos mudamos para lá, era uma região de expansão urbana nova, com poucas casas e as ruas ainda não eram asfaltadas. Ao longo dos anos o bairro foi se completando de infraestrutura urbana e de casas em seus lotes vazios.

4. EEPG: Escola Estadual de Primeiro Grau

5. O nome correto do curso era Tornearia e Ajustagem, mas todos falavam Torneiro Mecânico.

6. SENAI: Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial.

Com relação a vivência da oficina, esta está atrelada ao sustento de minha família. Meu pai até aos 18 anos viveu na *roça*, como ele dizia. Vindo para a cidade de Ribeirão Preto, SP, em 1969, começou a trabalhar em indústrias, primeiro de alumínio e depois de ferro e aço. Começou primeiro como aprendiz, depois se tornou profissional. Acredito que essa história de meu pai seja a mesma da maior parte dos homens e mulheres da geração dele, no contexto o qual, naqueles anos, o Brasil passava por um processo de industrialização e crescimento urbano acelerados e, para boa parte dos brasileiros, isto significou a saída do campo para a cidade em busca de oportunidades melhores de trabalho e de vida. Meu pai ficou pouco tempo como empregado. Depois abriu, em sociedade com um amigo, uma oficina de serralheria que, me lembro, não durou muito tempo. E, então, eu com 7 anos de idade, vi meu pai remontar, com poucas máquinas e ferramentas uma pequena serralheria no quintal de casa, onde era meu espaço de brincar com meu irmão. A partir dali comecei a acompanhar o meu pai, com pouco mais de 20 anos de idade, na sua árdua, mas feliz, tarefa de fazer a vida dar certo, junto com minha mãe. Com o passar dos anos, ele conseguiu comprar um lote ao lado da nossa casa, e construiu um barracão, onde trabalhou até o último dia de sua vida<sup>2</sup>. Por volta dos 9 anos e meu irmão com 7, me lembro, ajudávamos meu pai na oficina em tarefas mais simples.

Sempre estudei em escola pública. Aprendi a ler e a escrever na escola do bairro<sup>3</sup>, que a época se chamava EEPG<sup>4</sup> Dr. Geraldo Correia de Carvalho. Ali permaneci da primeira a oitava série. Havia bons professores, mas sinto que faltava infraestrutura e, por outro lado, era muito comum greve de professores por melhores condições de trabalho e de salários. Isso prejudicava o aprendizado.

Quando eu estava para fazer 14 anos, meu pai teve um plano para mim. Que eu fizesse o curso de torneiro mecânico<sup>5</sup> no SENAI<sup>6</sup>. Quis fazer o curso de marcenaria. Mas meu pai me convenceu que a ideia dele era melhor que a minha, argumentando que se eu fizesse o curso de marcenaria, eu seria empregado de alguém. Mas se eu fizesse o curso de torneiro mecânico, ele poderia colocar um torno mecânico na oficina dele para eu poder trabalhar e eu compartilharia com ele as outras ferramentas que ele tinha na serralheria. Assim, como



Fig. 1. Juliano A Pereira, aula prática na oficina de Tornearia Mecânica do SENAI – RP, 1989. Fonte: Massaro.

propusera meu pai, eu poderia trabalhar durante o dia para mim mesmo e a noite, cursar alguma faculdade particular que eu escolhesse, pagando com o que eu ganhasse na oficina. Naquela época, na percepção dos meus pais, eu ou meus outros três irmãos estudarmos em uma universidade pública, como a USP, era algo bastante improvável. A universidade pública parecia um destino apenas para aqueles que estudaram a vida inteira em escolas particulares. O ingresso era elitista. Desisti de cursar marcenaria e fui ser torneiro mecânico. Como disse, a ideia do meu pai me parecia melhor que a minha. Prestei uma prova para ingressar no SENAI. Na minha lembrança, era de português, matemática e conhecimentos gerais. Fui aprovado e comecei o curso de dois anos. No período da tarde, tínhamos a formação na oficina e, pela manhã, era obrigatório cursar da quinta até a oitava série do primeiro grau. Dois anos de curso, uma série por semestre. Porém, neste período, aos 14 anos, quando ingressei no SENAI, eu já estava na oitava série do primeiro grau. Mas no SENAI, não permitiam fazer apenas a oficina. Então, para não me atrasar, optei por fazer nesses dois anos: de manhã, da 5ª a 8ª série no SENAI pela segunda vez, a tarde eu fazia o curso na oficina e, a noite, fazia os anos do ensino colegial na Escola Estadual Dr. Thomaz Alberto Whately. Era bastante cansativo, mas não era ruim. Quando a gente é moleque, a gente consegue fazer tudo o que quer. E eu queria muito a oportunidade de mudar de vida estudando. Eu gostava de estudar e de aprender. Por outro lado, depois percebi que havia algumas vantagens em cursar pela segunda vez da 5ª a 8ª série no SENAI. Lá era perfeito, tinha laboratórios, como o de ciências e o de hidráulica e pneumática, tinha biblioteca, tinha sala de desenho técnico e eu poderia aprender coisas que na escola do meu bairro eu não pude. Por outro lado, tudo que se ensinava na 5ª a 8ª série do SENAI era voltado para favorecer e facilitar o aprendizado da oficina. Um exemplo, no currículo da 5ª a 8ª série do SENAI, havia disciplinas de desenho técnico para peças mecânicas. Cada aluno tinha uma prancheta, esquadros, escalímetros, e o que mais fosse necessário. Ali comecei a aprender as regras do desenho técnico mecânico aos 14 anos. E foi a primeira vez que as minhas duas maiores paixões se encontraram: o desenho e a oficina. Foi a primeira vez que tive a certeza pessoal de que eu gostaria de ter uma profissão que trabalhasse com projeto. E, depois, nunca mais tive dúvidas quanto a isso. Alguns meses depois que eu havia ingressado no SENAI, a assistente social, D. Sueli, me chamou para conversar e me ofereceu uma vaga de estágio.

7. Fez toda diferença para mim, e, por isso, acho tão importante que existam nos dias de hoje programas de apoio à permanência de estudantes nas escolas públicas, como o Programa Pé-de-Meia do Ministério da Educação, do Governo Federal do Brasil.

8. O grupo de pesquisa ARQBRAS, da USP São Carlos, que irei falar mais a frente, quando fui estudante de graduação, estabeleceu uma linha de pesquisa que estudava arquitetura escolar e arquitetura moderna. Um dos recortes eram as escolas do SENAI. Acredito que tenham estudado também este edifício do SENAI onde me formei.

9. Fiquei sabendo alguns anos atrás, que atualmente é possível pessoas do sexo feminino adquirirem lá formação profissional para trabalharem na indústria.

Funcionaria assim: eu receberia todo mês de uma indústria, um valor em dinheiro para estudar. Depois, nas férias, eu fazia estágio nessa indústria e após formado, eu trabalharia nesta indústria onde estagiara. Aceitei. Fiquei imensamente feliz. No final dos anos de 1980, nem imaginava que era possível ser pago para estudar e aceitei de pronto<sup>7</sup>. Mas não pude deixar de perguntar, porque havia sido eu escolhido, ao que ela justificou, dizendo que eu havia sido aprovado em primeiro lugar na prova de seleção para o ingresso no SENAI. Pensei duas coisas: primeiro, que estudar era a minha saída para construir uma vida melhor e, segundo, me senti feliz por poder ajudar minha família com aquele pouco dinheiro.

Me demoro um pouco aqui falando da minha experiência de estudar no SENAI, porque considero que foi lá que tive minha primeira formação escolar, que depois veio a contribuir para a área em que atuo dentro da UFU, no curso de Design. A Escola SENAI *Eng<sup>o</sup> Octávio Marcondes Ferraz*, onde estudei, foi construída em 1957 e tinha uma arquitetura bastante interessante, enquanto plástica e estrutura. Era um conjunto de edifícios em formato de barras horizontais, cuja articulação de seus volumes criava um conjunto de cheios e vazios. Os vazios eram organizados com jardins muito bem cuidados. Esses edifícios possuíam um sistema construtivo de pilares centrais e lajes que avançavam em balanço dos dois lados. Embaixo dessas lajes-coberturas, os espaços eram articulados e setorizados trabalhando-se diferentes patamares de pisos, pavimentos e mezaninos<sup>8</sup>. Naqueles anos, não saberia fazer essa descrição do conjunto edificado, mas estar ali e me sentir bem naquela espacialidade, era uma forma de aprender como a arquitetura faz diferença na vida das pessoas.

A percepção que ficou para mim daqueles anos no SENAI, é que se tratava de uma escola excelente quanto ao ensino profissional e escolar. Naqueles anos, era uma escola onde apenas meninos poderiam se matricular. Meninas não eram aceitas<sup>9</sup>. Além dos estudantes, todos os professores, funcionários e um cachorro que morava no SENAI eram do sexo masculino. Lá só havia duas mulheres: a assistente social e a enfermeira. E havia um clima com certo autoritarismo dos professores e funcionários. Me parecia um lugar onde se desejava

**10.** O meu prêmio de primeiro lugar foi o livro *Orgulho e Preconceito*, da Jane Austen, de 1813. Li o livro, mas nunca entendi por que no SENAI escolheram esse título como prêmio.

**11.** Toda vez que ouço a música *Wind of Change*, da banda Scorpions, me lembro deste dia no SENAI.

**12.** Me lembro que produziam uma cama e outras peças menores em madeira. Eu, na oficina de ajustagem e na de tornearia, fazia algumas peças apenas para treinar as técnicas, mas também fazia peças de uso, como uma furadeira manual com engrenagens, uma pá de lixo em chapa dobrada e um esquadro. Todos esses trabalhos, do curso de marcenaria ou de mecânica geral, ao final do semestre, levávamos para casa.

formar para a indústria, profissionais extremamente qualificados e obedientes. De lá, eu procurei sair só com a primeira formação. Tem algumas situações que não me esqueço do tempo em que estudei no SENAI. Uma delas, é que eles sempre celebravam com bastante fervor, todas as datas cívicas, uma identidade de patriotas. E uma vez fizeram um concurso de cartazes de desenhos para comemorar o Dia do Trabalho. Eu fiz, em uma cartolina, o desenho de um vendedor de picolés empurrando um carrinho na rua. Fiquei em primeiro lugar, fiquei tão feliz! O trabalho ficou em exposição em um mural, junto aos demais premiados<sup>10</sup>. Outra cena que não me esqueço, foi uma tarde em que eu estava na oficina, trabalhando no torno mecânico e os professores das oficinas comentaram e, depois os estudantes começaram a repassar a notícia: *O muro de Berlim caiu!* Era 9 de novembro de 1989<sup>11</sup>. Outra coisa que foi também interessante, é que o professor de matemática, as vésperas dos exames, tinha o hábito de xerocar as provas de matemática e deixá-las em um armário da sala de aula de matemática, sem trancas. Alguém da minha turma descobriu, e os meninos sempre faziam um esquema de subir até o mezanino, onde ficavam as salas de aula e roubar uma cópia. Sempre pediam que eu resolvesse a prova roubada, que depois circulava entre todos, antes do dia da prova. Acho que por um momento começou a circular também em outras turmas. Era ali um erro meu de moleque, mas me ajudava a criar uma relação de pertencimento ao grupo e, por outro lado, a minha negativa ao pedido, poderia me gerar problemas no convívio. Outra questão, fazia meu curso de torneiro mecânico, mas de olho no que meus outros colegas faziam na marcenaria. Trabalhavam sobretudo com compensando de madeira revestidos com fórmicas e produziam peças com madeira maciça<sup>12</sup>. Vi um pouco desta época quando o MDF ainda estava surgindo e era visto como de qualidade duvidosa para substituir o compensado de madeira. Hoje em dia, o MDF é para quase tudo que se faz em marcenaria.

Saí do SENAI com uma excelente formação, principalmente com muito conhecimento em desenho técnico de peças mecânicas pois, para esse conhecimento, me dedicava para além do horário das aulas. E esta formação me ajudou bastante como

arquiteto e, principalmente, como professor de Design.

Depois trabalhei como torneiro mecânico por um ano na indústria em que eu fora estagiário. Essa indústria não existe mais nos dias de hoje. Mas na época se chamava EMBRACRIOS e se dedicava à produção de equipamentos odontológicos, a maioria peças de alumínio para cadeiras de dentistas. Nessa indústria, me senti muito respeitado com meu diploma do SENAI, entre outros operários com mais idade que a minha e que, como eu, lá trabalhavam, mas por sua vez haviam se formado na própria indústria. Todo mês, recebia meu salário e uma cesta básica, que ajudava bastante. Terminei o colegial, prestei vestibular para arquitetura na USP São Carlos e fui reprovado. Mesmo tendo feito o colegial a noite, tinha esperanças de ser aprovado, o que não aconteceu. Depois consegui, com a ajuda financeira do meu pai e um desconto de bolsa, fazer um ano de cursinho em uma escola particular. Era uma turma experimental, no período da tarde, voltada a estudantes que pretendiam prestar cursos de graduação na área de Humanas e Artes. Estava entre os meus. A maior parte dos colegas de turma tinha uma visão mais sensível e solidária da vida, como também os professores, principalmente os de geografia, história, literatura e gramática. E tive ali a formação que me faltou nos anos de ensino colegial noturno. Prestei vestibular novamente para Arquitetura e Urbanismo e, desta vez, fui aprovado na USP São Carlos e na UNESP em Bauru. Quis estudar na Universidade de São Paulo. São Carlos estava mais próxima de Ribeirão Preto.

Depois de tudo isso vivido, era arquitetura e design o que eu queria fazer. Não como novidade apenas, mas como continuidade de um caminho, no qual eu sentia que já vinha andando desde sempre.

### ***Sobre a prática do projeto e da construção***

Após este caminho que descrevi anteriormente, no início da faculdade de arquitetura e urbanismo, me imaginava, depois de formado, desenvolvendo uma carreira profissional toda como *arquiteto de prancheta*. Este era o termo que eu e alguns colegas de graduação utilizávamos para nos referirmos aos arquitetos que desenvolviam uma prática profissional voltada à realização de projetos, fosse arquitetura, urbanismo ou design. Mas, durante a graduação, o contato com outras possibilidades foram me despertando novos interesses, entre eles, o campo da pesquisa e a própria possibilidade do exercício da profissão a partir da permanência no meio acadêmico. A partir da metade do curso de graduação, passei a desejar também este outro caminho de atuação profissional, dentro e a partir do meio acadêmico, e que foi o que por fim mais se concretizou em minha trajetória profissional. Entretanto, ao longo desses anos, consegui acumular algumas experiências de projeto e de presença em canteiros de obras e de oficinas de produção, neste último caso, principalmente de mobiliário.

8

13. Universidade Federal de São Carlos.

A primeira destas experiências, foi ainda na graduação, através do estágio que desenvolvi com o Prof. Dr. Nabil Bonduki, que foi meu professor na graduação e que muito admiro pela dimensão ética e do papel social, que nos fez ter consciência sobre a profissão. Durante o segundo semestre de 1995 e o primeiro semestre de 1996, coordenado pelo prof. Nabil Bonduki, foi firmado um convênio entre a Prefeitura Municipal da cidade de Monte Alto, SP, a USP São Carlos e a UFSCar<sup>13</sup> para a construção, em sistema de mutirão, de 113 casas populares. Seriam construídas em duas etapas: inicialmente cinquenta e seis e depois mais outras cinquenta e sete. Era um processo em que os próprios moradores construíam suas casas aos sábados e domingos. Nós íamos de São Carlos a Monte Alto durante os finais de semana para ajudá-los com apoio técnico. Além do arquiteto da prefeitura e de um engenheiro civil no canteiro, havia estagiários de



arquitetura da USP, dos quais eu fazia parte, e havia estagiários do curso de Engenharia Civil e do curso de Terapia Ocupacional, estes da UFSCar. Os estagiários da Terapia Ocupacional cuidavam das crianças que ficavam em uma creche, que era um barracão fechado com tapume, telhas de fibrocimento e chão de terra batida. Era provisório, na entrada do canteiro de obras. Este local era para que as mães e pais pudessem deixar seus filhos e se dedicarem a construir suas casas. As casas em construção tinham uma planta simples, com sala e cozinha, dois quartos e um banheiro. De bloco de concreto e telha de barro, sem forro. Estabelecíamos as frentes de trabalho, capitaneadas sempre por um pedreiro, entre os que havia no mutirão. Homens e mulheres formavam equipes que recebiam as orientações e iam de casa em casa cumprindo a etapa estabelecida, por exemplo: levantar paredes, colocar portas ou janelas, construir o telhado. Era um processo de produção seriada feito por mãos não profissionais. Havia situações de mães cujo marido saiu de casa, e estas deixavam os filhos na creche do canteiro e iam sozinhas participar desse coletivo e ao final ter uma casa para si e seus filhos.

9



**Figs. 02 a 07.** Mutirão para a construção de 117 casas na cidade de Monte Alto, SP. Convênio Prefeitura de Monte Alto, USP São Carlos e UFSCar. Fonte: Juliano A Pereira.

Isto me tocava muito. Por outro lado, também era tocante saber que boa parte desses construtores e, futuros moradores, eram trabalhadores a semana toda em atividades profissionais rurais ou urbanas que

demandavam esforço físico e, nos sábados e domingos, eram construtores. Uma jornada sem descanso. Me fazia pensar que o direito ao acesso à moradia de qualidade pode ser um problema de arquitetura, mas, em minha opinião, é muito mais um problema político, de falta de políticas públicas sociais. Mas não posso deixar de registrar aqui, que foi uma das coisas mais incríveis que eu tivera a oportunidade de contribuir. Passar os sábados e domingos debaixo do sol, usando chapéu de palha com abas largas de proteção contra o sol, e contribuir e ir vendo aquele descampado se tornando um bairro de casas, mesmo com todas as dificuldades que não eram poucas, me dava uma medida da importância da profissão. Havia no bairro uma área que deveria permanecer como área institucional, de acordo com a legislação municipal. Eu e minhas amigas de turma de graduação e estágio, a Fabiana Stuchi e a Marcelina Gorni<sup>14</sup> fizemos, por conta própria, o projeto de uma praça para esse terreno. A ideia era uma pracinha de construção simples, com os próprios materiais que sobrassem da obra e que celebrasse essa união entorno da construção das casas, pelos futuros vizinhos. Infelizmente, não deu certo a sua execução. Entre 1995 e 2026, há uma distância temporal de 31 anos. Sinto em mim vontade de voltar a Monte Alto e saber como está esse bairro hoje. Imagino que todo transformado. Naquela época os moradores construíram o básico e a vida é dinâmica.

14. Depois, por um tempo, a amiga Marcelina, veio a ser professora substituta na UFU e hoje é professora efetiva na Universidade Federal de Goiás, UFG.

Em seguida, após a conclusão desse estágio no mutirão, nas minhas férias da graduação, retornava a Ribeirão Preto e passava esse período fazendo estágio no escritório da arquiteta Regina Angelini, que além de ter o escritório era professora no curso de arquitetura do Centro Universitário Moura Lacerda, em Ribeirão Preto. Ela era mestre em design pela FAAC<sup>15</sup> da UNESP de Bauru. A arquiteta Regina gostava de me dizer que, formada em São Paulo, havia sido aluna do arquiteto Eduardo Kneese de Mello e conversávamos muito sobre arquitetura e design. No escritório, durante estes estágios de férias, eu desenvolvia perspectivas coloridas à mão livre e fazia desenhos técnicos no autocad, contribuindo com os projetos desenvolvidos no escritório. Apesar de nesses anos, já estarmos em um momento de os desenhos serem feitos no computador, a arquiteta Regina gostava muito das minhas perspectivas coloridas feitas à mão livre.

15. Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design.

Ela usava esses desenhos para apresentar os projetos aos clientes. Depois nos tornamos grandes amigos, como somos até hoje. A arquiteta Regina, eu conheci através de meu pai, que lhe prestava serviços de serralheria.

Após alguns anos, já como docente na UFU, desenvolvi mais alguns projetos. Um deles para meu irmão e outros para amigos.

Para meu irmão Jorge, fiz o projeto de uma casa em Jardinópolis, uma cidade pequena, vizinha à Ribeirão Preto e próxima ao Rio Pardo, no estado de São Paulo. Fiz o projeto arquitetônico, que foi aprovado na prefeitura de Jardinópolis e, pelo menos duas vezes ao mês, viajava de Uberlândia até lá, para acompanhar a construção da casa junto com meu irmão.

Depois, aqui em Uberlândia, fiquei amigo de uma vizinha de porta, em um apartamento em que eu morava, e comecei a frequentar um círculo de amigos que ela tinha, e que, como ela, eram todos psicanalistas. Fiz a reforma da clínica de um deles e depois outros dois psicólogos do grupo gostaram e pediram reformas semelhantes. Foram três projetos de design de interiores, com forte foco no desenho do mobiliário e no layout, como recurso para estabelecer um novo modo de uso de espaços pré-existentes.

Em 2020 tive a oportunidade de projetar e construir minha própria casa, em Uberlândia. O projeto estava pronto e aprovado na prefeitura. Estávamos na pandemia de COVID-19. Havia sido permitido algumas atividades profissionais, desde que seguindo protocolos de segurança. A construção civil, era uma dessas atividade profissionais permitidas. E assim iniciei a execução do projeto que eu havia realizado. Era uma casa que foi construída toda a sua parte social em estrutura metálica e fechamentos laterais com peles de vidro e coberturas em telhas metálicas sanduíche. A parte dos dormitórios e banhos, foi construída em estrutura de concreto armado e fechamentos em alvenaria. No início contratei um engenheiro civil para administrar a obra, mas a parceria não funcionou muito bem. Um mês depois, eu mesmo assumi a responsabilidade técnica da construção, emitindo uma RRT no meu CAU. Foi um grande aprendizado.



**Fig. 8.** Modelo para teste do sistema viga-calha, estrutura metálica e telha sanduíche para minha primeira casa em Uberlândia, MG. Desenvolvido na oficina de serralheria de Ribeirão Preto, SP, em 2020. Fonte: Juliano Aparecido Pereira.

A estrutura metálica foi construída pela oficina de serralheria de meu pai, que trazia as peças prontas de Ribeirão Preto para serem montadas no canteiro em Uberlândia. Junto com meu pai, na oficina de Ribeirão Preto, fizemos alguns protótipos para ensaios e testes das soluções que eu havia desenhado. Um deles era da viga calha. Outro do sistema de cobertura do telhado borboleta. Fizemos uma parte para ver como ficaria a sequência da telha sanduíche, a estrutura metálica e o fechamento por baixo com placas de gesso. Foram protótipos em escala um para um, de trechos desses elementos construtivos. No meio da obra, em 21 de fevereiro de 2021, meu pai veio a falecer em Ribeirão Preto. Pedi a meus irmãos que ficássemos com a oficina aberta por mais alguns meses, para eu terminar a obra aqui em Uberlândia. Assumi a administração da oficina e dos funcionários. Como tudo já havia sido previamente resolvido com meu pai presente, segui com a execução. Fazia a compra em Ribeirão Preto dos componentes em ferro e aço. Toda segunda de madrugada buscava os funcionários e os materiais em Ribeirão Preto e às sextas, após o almoço, os levava de volta, juntos com as máquina e ferramentas. Dirigia um pequeno caminhão que meu pai tinha. Ao mesmo tempo, seguia com os pedreiros a parte da estrutura de concreto armado e fechamentos de alvenaria. Aprendi a ler os desenhos e cálculos estruturais das pranchas do engenheiro civil. Tinha um mestre de obras muito bom, com quem aprendi muito.

12



**Figs. 9, 10 e 11.** Construção da garagem em estrutura metálica da minha primeira casa, publicada no Instagram [gedengenhariaestrutural](https://www.instagram.com/gedengenhariaestrutural), com a seguinte legenda: *Nesta obra o arquiteto Juliano A Pereira explorou a leveza da estrutura metálica para a concepção do projeto de sua própria residência, confiando à GED Engenharia o cálculo estrutural para uma solução mista em concreto armado e aço.* 23 de maio de 2021. Fonte: Instagram [gedengenhariaestrutural](https://www.instagram.com/gedengenhariaestrutural).

Mas confesso que estudava muito para não demonstrar despreparo nas conversas. Havia a necessidade de içar as peças de aço, e eu alugava maquinário para isso.

Um dos dias mais interessantes, foi quando os serralheiros montaram a estrutura da garagem no chão e, depois, ela foi içada inteira e fixada em três pontos, como eu havia projetado. Resultou em uma garagem em balanço que chama a atenção das pessoas e eu, particu-

larmente, acho bonita e funcional. Fiz tudo isso tendo todos os cuidados necessários com a pandemia, e na ausência de meu pai. Esta foi a primeira casa de um condomínio com 240 lotes. Me mudei no início de dezembro de 2021 e até o carnaval do outro ano, fui o único morador neste condomínio vazio. Era fantástica a visão que se tinha do céu e das estrelas a noite. Via com bastante nitidez o conjunto de estrelas do Cruzeiro do Sul. Era afastada da cidade. Era um terreno grande e uma casa pequena, que eu conseguira construir. Depois começaram a fazer casas grandes nos terrenos grandes. Comecei a ficar constrangido de morar num local com casas disputando monumentalidade e com tão pouca arquitetura. Por isso e por outros motivos pessoais, me mudei de lá.

Encontrei mais próximo da UFU, um condomínio menor, com lotes de 250 metros quadrados. Como já era um condomínio mais consolidado, dava para ver que as casas eram mais modestas e sem a monumentalidade deselegante tão comum na maior parte dos condomínios. O endereço era próximo da UFU e do Parque do Sabiá. Comprei o terreno, projetei e construí a casa. A placa na entrada da obra tinha meu CAU, informando que eu era autor do projeto arquitetônico e o responsável técnico pela construção. Como eu já tinha tido a experiência da primeira casa, esta foi mais fácil, ou menos difícil. Durante um certo período, pensava que o design tinha uma vantagem sobre a arquitetura nos processos de projeto. Como o design possui uma escala menor, e geralmente é pensado para a produção em série, ele permite, no processo de projeto, o uso de protótipos para a verificação da ideia. Depois, ouvi certa vez, em depoimento, o arquiteto Paulo Mendes da Rocha dizer que cada casa é um protótipo da próxima casa que o arquiteto irá projetar. Após a construção da minha primeira casa e durante a construção da minha segunda casa, tive a sensação de que é exatamente assim como disse o arquiteto Paulo Mendes da Rocha.

Dentro da UFU também tive a oportunidade de algumas experiências de projeto. A maior parte delas ligadas ao Laboratório de Modelos e Protótipos, o LAMOP. Foram projetos de arquitetura ou adaptações de interiores em espaços onde o LAMOP poderia existir ou então foram projetos de mobiliários e produtos desenvolvidos dentro do LAMOP. Sobre estas atividades, estão detalhadas melhor no capítulo deste memorial que trata de minhas atividades de gestão.

### ***Ensino, pesquisa, extensão e gestão***

Este memorial é apresentado como parte dos requisitos para a minha promoção à classe de Professor Titular na carreira do Magistério Superior. A escrita deste memorial apresenta uma reflexão sobre as atividades que desenvolvi ao longo de quase 25 anos como docente na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Design, FAUED, da UFU. Neste contexto, minhas atividades docentes são apresentadas e comentadas através dos seguintes capítulos:

Capítulo I: Atividades de Ensino;

Capítulo II: Atividades de Pesquisa;

Capítulo III: Atividades de Extensão;

Capítulo IV: Atividades de Gestão;

Considerarei necessário, previamente apresentar um pouco da minha formação escolar e, depois, da minha formação universitária. Penso que são caminhos que eu percorri e, conhecê-los um pouco, ajuda a entender o porquê do professor universitário que eu busco ser no meu dia a dia da profissão.

Nos quatro capítulos presentes neste memorial, ao tratar do ensino, pesquisa, extensão e gestão, procurei construir uma escrita e uma argumentação que não fosse apenas sobre o que eu fiz, mas, principalmente, sobre como eu fiz. Por esta opção, aquilo que está descrito nesses quatro capítulos, não representa a quantidade total de minhas atividades. Este valor quantitativo é melhor apresentado através do meu currículo lattes, que segue anexo a este memorial.

No corpo textual do memorial, busquei privilegiar uma descrição de atividades nas quatro áreas de minha carreira docente universitária, apresentando principalmente aquilo que, eu acredito, confere

qualidade ao que fiz em ensino, pesquisa, extensão e gestão. Procuro apresentar definições de design e de arquitetura que são importantes para mim e meus modos de produzi-las e ensiná-las. Essas definições não se fecham em conceitos absolutos, mas dizem respeito à minha pequena contribuição a um grupo de docentes, do qual eu faço parte. Neste grupo, somando a contribuição de cada um de nós, com convergências e divergências que existem, acredito que coletivamente construímos um ensino universitário e a produção do conhecimento em nossa área, guiados pela busca da qualidade.

Acredito que toda trajetória docente é singular, mesmo se comparada a de outros companheiros professores de uma mesma universidade ou de uma mesma unidade acadêmica. Isto é posto por aquilo que somos, enquanto indivíduos com nossas formações, mas também pelos diferentes desafios que a universidade coloca para cada um de nós enquanto parte que somos de um todo.

Me considero pertencente a duas casas acadêmicas: a Universidade de São Paulo e a Universidade Federal de Uberlândia. Na primeira, estive como discente e, na segunda, estou como docente. Durante partes do mestrado e do doutorado, estive nas duas ao mesmo tempo e, por consequência, fui aluno e professor ao mesmo tempo, lá e cá.

A respeito da singularidade de minha trajetória acadêmica, em minha percepção, acredito que ela nasce do chamado/convite que recebi de docentes que aqui estavam antes de mim e que precisavam de ajuda para construir um novo curso de graduação em Design. Tudo o que fiz em ensino, pesquisa, extensão e gestão, como se verá nos quatro capítulos que seguem, busca contribuir para a construção de um curso de graduação em Design de qualidade, com compromisso com a sociedade, com a cultura, com a arte, com a técnica, com a política, no contexto de Uberlândia e região, mas também do nosso país.

Acredito que um curso nunca estará pronto, porque o mundo e a vida são dinâmicos. Penso que, com os demais colegas docentes, contribuí até aqui para construir um curso de Design que está pronto para o dia de hoje. Mas o dia de amanhã, provavelmente irá pedir outro curso. E esse será nosso trabalho e desafio coletivo para o futuro.

# Trajetória profissional



## I. ATIVIDADES DE ENSINO

Marco Polo descreve uma ponte, pedra por pedra.

- Mas qual é a pedra que sustenta a ponte? – pergunta  
Kublai Khan.

- A ponte não é sustentada por esta ou aquela pedra –  
responde Marco –, mas pela curva do arco que estas  
formam.

Kublai Khan permanece em silêncio, refletindo. Depois  
acrescenta:

- Por que falar das pedras? Só o arco me interessa.

Polo responde:

- Sem pedras o arco não existe<sup>16</sup>.

16. CALVINO, Ítalo. As cidades invisíveis. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.

Ao discorrer sobre as atividades de ensino que desenvolvi na UFU, é necessário informar previamente dois momentos distintos, decorrentes dos dois ingressos que tive como docente nesta instituição. Inicialmente como professor substituto, a partir de um processo seletivo para ocupar um cargo de docente temporário, de novembro de 2001 até agosto de 2003. E, após esse período, reingressei, pouco tempo mais tarde, através de concurso público, como professor efetivo desde agosto de 2004 até os dias de hoje. Acredito que será mais oportuno neste memorial uma reflexão dividindo cada um desses momentos em um subcapítulo, posto que, cada um deles possui particularidades históricas, sociais e culturais distintas e, principalmente, por representarem momentos diferentes em minha atuação como docente e na minha busca pessoal de meu desenvolvimento intelectual para ensinar.

Neste primeiro momento, eu era recém-formado em Arquitetura e Urbanismo e estava cursando o mestrado na USP de São Carlos, quando ingressei na UFU, em Uberlândia, como professor substituto. Eu tinha 26 anos de idade e recém tinha feito a qualificação do mestrado. Foi bastante desafiador. Me esforcei para ser professor dos meus alunos e de mim mesmo. E, ao mesmo tempo, lembro dos próprios alunos como meus professores, pelo que me ensinaram a partir das perguntas que faziam, pelas reflexões que construíam. Foi, por excelência, um aprendizado por trocas, uma didática na qual até os dias de hoje eu acredito.

Como professor substituto, nessa minha primeira passagem pela UFU, eu lecionava quatro disciplinas diferentes, oferecidas aos cursos de graduação em Arquitetura e Urbanismo e graduação em Decoração. Uma delas era uma disciplina teórica denominada *Teoria e História da Arquitetura e das Artes*. Tratava-se de uma disciplina obrigatória aos dois cursos, Arquitetura e Urbanismo e Decoração, e que tinha como conteúdo principal o movimento moderno na arquitetura e nas artes no panorama internacional<sup>17</sup>. Então tinha-se em sala de aula por volta de 60 alunos, 25 da graduação em Arquitetura e Urbanismo e 25 da graduação em Decoração e mais um conjunto de estudantes de ambas as graduações cursando uma segunda vez a disciplina, o que somava essa média de 60 estudantes no todo. Considero importante ressaltar que apesar da sala muito cheia, com menos cadeiras que estudantes, era muito estimulante ver estudantes de ambos os cursos tendo aulas juntos. O futuro arquiteto tinha um olhar voltado principalmente para a escala do edifício e da cidade e o futuro decorador um olhar para os interiores e os objetos. Mas naturalmente, acredito, ser difícil e pouco interessante estabelecer onde se inicia uma formação e onde ela termina para começar a outra. Então ter uma disciplina em que o estudante de arquitetura tinha conteúdos de interiores e objetos e, ao mesmo tempo, que o estudante de decoração tinha conteúdos sobre o edifício e a cidade, me parece muito enriquecedor para

17. Tratava-se de uma disciplina teórica, a meu ver, bastante complexa para alguém recém-formado. A ficha da disciplina apresentava uma bibliografia básica e uma complementar. Entre esse conjunto, eu me identificava e me apoiava bastante em três delas:

- FRAMPTON, Kenneth. *História Crítica da Arquitetura Moderna*. São Paulo, Martins Fontes, 1997 (1ª edição)
- ARGAN, Giulio Carlo. *Arte Moderna: do Iluminismo aos movimentos contemporâneos*. São Paulo, Companhia das Letras, 1992.
- BENÉVOLO, Leonardo. *História da Arquitetura Moderna*. São Paulo, Editora Perspectiva Ltda, 1998.

Eram livros que eu possuía como estudante e que passaram a ser de um professor.

ambos os profissionais. Percebendo essa possibilidade, organizei uma didática para as três horas-aulas semanais dedicadas à disciplina. Nas duas primeiras horas, eu apresentava uma carga teórica, com lousa, giz, retroprojektor e slides, sobre o movimento arquitetônico, artístico e cultural programado, conforme o Plano de Ensino, e apresentava os expoentes mais relevantes. Após essa apresentação, a uma hora-aula final restante era dedicada a realização de dois seminários curtos: um grupo de estudantes da arquitetura analisava uma obra de arquitetura e/ou de cidade/urbanismo e um grupo de estudantes de decoração apresentava uma obra de interiores e/ou de mobiliário e/ou de objeto. Eram 30 minutos para cada grupo e as escolhas estavam relacionadas ao conteúdo teórico previamente por mim apresentado. No final da disciplina, como uma das atividades avaliativas, cada um dos estudantes fazia uma maquete de alguma das obras estudadas ao longo do ano letivo. O discente de arquitetura, fazia uma maquete de um edifício e, o discente de decoração, produzia uma maquete de interiores. Com a evolução histórica dos currículos dos cursos de Arquitetura e Urbanismo e da Decoração – este evoluindo para Design de Interiores e depois Design – da FAURB/FAUED, essa oferta conjunta da disciplina aos dois cursos deixou de existir. Olhando em retrospecto e considerando os resultados de sala de aula naquele período, penso que foi uma perda aos dois cursos. Acredito que era uma didática que funcionava muito bem e de relevância por proporcionar uma formação mais ampla, embasada na reflexão do fazer profissional de ambas as formações. O contexto de trocas, nas reflexões estabelecidas no falar e no ouvir entre os dois cursos, era uma didática que ainda poderia ser útil para formar especialistas em suas áreas, mas com uma visão mais ampla de contextualização daquilo que profissionalmente fazem.

Neste período como professor substituto, eu lecionava para o curso de Arquitetura e Urbanismo também a disciplina *Desenho Arquitetônico*, ofertada aos estudantes ingressantes. Neste período de 2001, o Autocad já era uma ferramenta para desenho no computador que se destacava bastante. E, mesmo assim, ainda era muito cara à formação dos projetistas a reflexão sobre o que se ganha e o que se perde nesse processo de transição entre o desenho manual e o via computador.



**Fig. 12.** Maquete de arquitetura: Pavilhão Soviético para a Exposição Internacional de Artes Decorativas e Industriais Modernas de Paris, 1925, arquiteto Konstantin Melnikov (disciplina *Teoria e História da Arquitetura e das Artes*). Fonte: Juliano A Pereira



**Fig. 13.** Maquete de interiores: Dormitório Casa da Cascata, 1936-38, arquiteto Frank Lloyd Wright (disciplina *Teoria e História da Arquitetura e das Artes*). Fonte: Juliano A Pereira.



**Fig. 14.** Maquete de arquitetura: Casa Farnsworth, 1949-51, arquiteto Ludwig Mies van der Rohe (disciplina *Teoria e História da Arquitetura e das Artes*). Fonte: Juliano A Pereira.



**Fig.15.** Maquete de arquitetura: Villa Savoye, 1928, arquiteto Le Corbusier (disciplina *Teoria e História da Arquitetura e das Artes*). Fonte: Juliano A Pereira.



**Fig. 16.** Maquete de interiores: Café L'Aubette, 1928, arquiteto Theo van Doesburg (disciplina *Teoria e História da Arquitetura e das Artes*). Fonte: Juliano A Pereira



**Fig. 18.** Maquete de arquitetura: Casa da Cascata, 1936-38, arquiteto Frank Lloyd Wright (disciplina *Teoria e História da Arquitetura e das Artes*). Fonte: Juliano A Pereira.



**Fig. 17.** Maquete de interiores: Interior da Bauhaus, 1925, arquiteto Walter Gropius (disciplina *Teoria e História da Arquitetura e das Artes*). Fonte: Juliano A Pereira.

No meu caso, Desenho Arquitetônico era uma disciplina onde ainda se desenhava nas pranchetas com lapiseira, régua T ou paralela, esquadros, escalímetros e outros recursos semelhantes. Confesso aqui que sempre tive um fascínio pelo desenho feito à mão meu próprio TFG – Trabalho Final de Graduação, eu o fiz todo desenhado a mão - e ainda hoje faço essa defesa do desenho feito a mão, que não é de um saudosismo do desenho a mão contra o desenho do computador. É uma defesa a partir de um entendimento pessoal da importância que confiro a cada uma dessas duas formas de representação. A meu ver, elas não se opõem, mas se complementam, seja como recursos de formação do estudante ou como possibilidade de expressão do profissional de projeto formado. Cada uma dessas duas formas de desenhar e representar tem o seu sentido de ser ainda válido no mundo contemporâneo do ensino e da prática da profissão.

O Ateliê de Introdução era outra disciplina que coube a mim ministrar para os estudantes ingressantes no curso de Arquitetura e Urbanismo da FAURB. Apesar da entrada anual de 25 alunos, as turmas variavam entre um pouco mais que 25 e quase 30 estudantes. Eu lecionava como único professor da disciplina. Um contexto que difere do recomendado hoje a respeito da relação quantidade de estudantes por professor em disciplinas práticas e de projeto em arquitetura. A disciplina era voltada à sensibilização e aprendizado dos estudantes sobre a concepção do espaço. E era também sobre o uso do desenho como recurso de expressão de uma espacialidade pensada e que o arquiteto deseja materializada. Com relação à bibliografia utilizada, me lembro, entre vários outros, de dois textos do Lúcio Costa: *Interessa ao Arquiteto* e *Interessa ao Estudante*. Em um deles, *Interessa ao Estudante*, ao final do texto, Costa cita uma experiência que teve por ocasião de uma viagem que havia realizado à Florença, Itália:

18. *Interessa ao Estudante*. In: Registro de uma vivência/Lúcio Costa. Apresentação de Maria Elisa Costa; posfácio de Sophia da Silva Teles. São Paulo: Editora 34 / Edições Sesc São Paulo, 2018

Florença, em 1926, num pequeno hotel à beira do Arno: uma velha senhora inglesa ao me saber arquiteto vira-se e diz: “Eu também sou sensível à altura e largura dos cômodos e dos vãos”.

Nenhum professor, na escola, me falara assim<sup>18</sup>.

E esse era um dos principais motes, ou baliza, em que eu me apoiava para refletir sobre qual docente eu deveria ser na disciplina e sobre quais capacidades o estudante deveria ter ao final e à conclusão desta disciplina, a qual tinha caráter introdutório ao universo de projeto em Arquitetura e Urbanismo. Na estrutura da disciplina, ao longo da sua realização, os estudantes desenvolviam três projetos de pavilhões para a experimentação de sensações espaciais: ritmo, luz, sombra, texturas, pesado, leve, materialidades diversas, cheios e vazios, etc. Enquanto os dois primeiros projetos finalizavam nos desenhos feitos à mão e com perspectivas, plantas e cortes simplificados, o último exercício era projetado e construído, pelos próprios estudantes, com materiais leves, como madeira, plástico, lona, cordas, etc, no gramado entre o Bloco i e o Bloco da História e Geografia, lugar atualmente ocupado pelo restaurante universitário provisório da UFU.

Relativo ao curso de graduação em Decoração, além da disciplina de Teoria e História da Arquitetura e das Artes, que era cursada por ambos os cursos, neste período também fui responsável em ofertar ao curso de Decoração algumas disciplinas que seguiam a prénomenclatura ACI, uma sigla para *Ateliê de Composição de Interiores* e possuíam uma variação temática: ACI – Plástica, ACI – História, ACI – Antropologia, ACI – Estudos Sociais e outros. Era o equivalente as disciplinas de Projeto do curso de Arquitetura e Urbanismo. Entretanto havia a diferença de que se tratava de uma estrutura de disciplinas optativas. O estudante deveria integralizar ao final do sexto período, a partir de suas escolhas pessoais, além do ACI-Introdutório, uma carga horária total de 4 ACIs, para poder então realizar o Trabalho de Conclusão de Curso, TCC<sup>19</sup>. Ao ser responsável pela oferta de alguns desses ACIs sempre considerei importante escolher temas que procurassem sensibilizar os estudantes do curso de Decoração para a importância social da profissão. Neste contexto, para os Ateliês de Composição de Interiores, eu escolhia temas como, por exemplo, desenvolver os interiores de um restaurante popular, ou desenvolver os interiores de uma creche ou de uma escola. O objetivo era sempre construir uma reflexão, pelo desenho, sobre a decoração do ambiente enquanto uma atividade profissional de relevância social. Neste pe-

19. No curso de Decoração era chamado de ACG, *Ateliê de Composição de Graduação*.

20. BARDI, Pietro Maria. O que é decoração? Revista Casa Vogue. P.40

ríodo, eu sempre me lembrava de um ponto de vista, expresso por Pietro Maria Bardi, em um texto de sua autoria publicado na revista *Casa Vogue*<sup>20</sup>. Bardi refletia sobre o significado da palavra decoração, afirmando que ela estava bastante desgastada e que tinha perdido o seu sentido original. E informava que a decoração já teve na história uma importância e que o sentido da palavra vinha da ideia de decoro, e que tinha a função de dar dignidade aos espaços construídos pelo ser humano. Vindo de uma formação inicial de arquitetura, a partir das palavras de Bardi, eu entendia que a decoração tinha uma importância e tinha que cumprir com uma função social e nesse sentido eu levava a formação dos estudantes em minhas disciplinas. E essa foi uma forma de trabalhar que eu acreditei bastante nesse início da minha carreira.

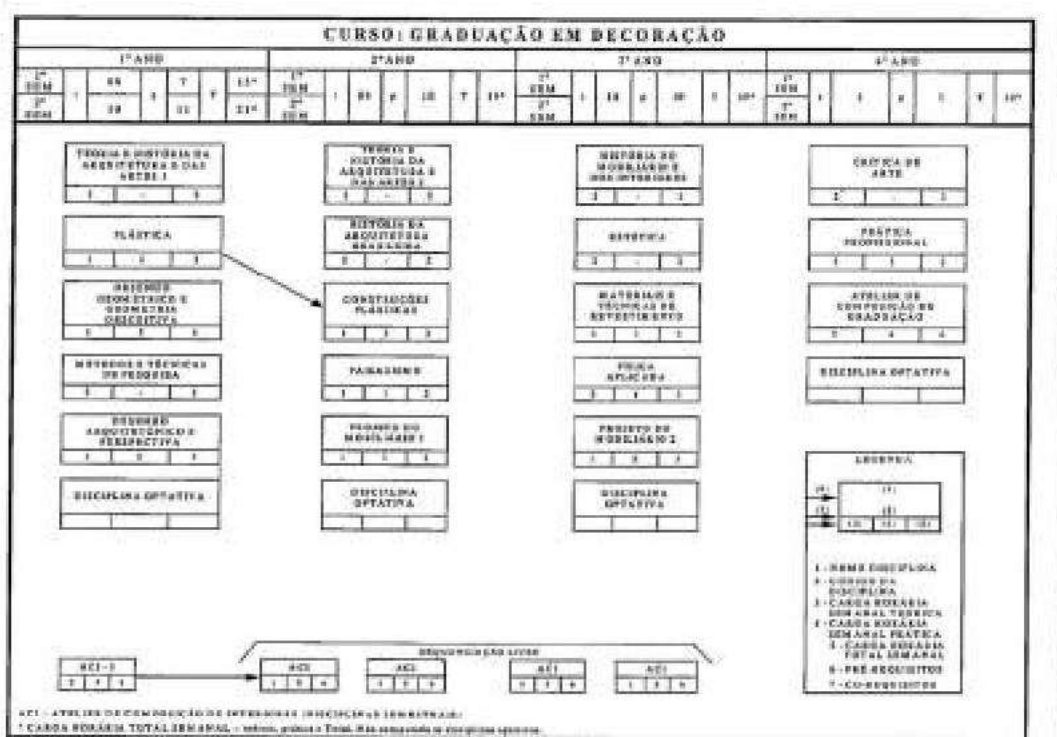


Tabela 1. Fluxograma do curso de graduação em Decoração. Fonte: O autor.

Cumprir destacar que, nesse período, recém-formado, cursando o mestrado e tendo vindo de uma escola de arquitetura, quando tive contato com os estudantes de Decoração da FAURB, uma questão me surpreendeu bastante. Isto diz respeito a alta capacidade e qualidade dos desenhos produzidos pelos estudantes de Decoração. Os estudantes de Decoração eram excelentes na produção de desenhos em perspectiva manual, com vários tipos de tratamentos coloridos e de acabamentos. Mas não apenas isso. Era também surpreendente o

domínio do desenho técnico e do detalhamento que eles tinham. Era uma matriz de formação que havia no currículo do curso de Decoração da FAURB naqueles anos. Eu cursei arquitetura e urbanismo entre 1994 e 1998, e no início de 2001 estava como professor substituto na UFU. Era uma diferença de apenas 2 anos entre minha formação e a formação em que agora eu contribuía como docente. Me lembro que na escola de arquitetura desenhávamos bem, mas os estudantes de decoração que eu conheci eram muito melhores. Foi uma sensação que ficou na lembrança e que sempre me estimulou a praticar ainda mais o desenho, me aprofundar sobre a reflexão do desenho enquanto forma de investigação e campo de saber e, por fim, me colocou a perspectiva de querer ensiná-lo da melhor forma possível que eu fosse capaz.

Quando se mostrava próximo o momento de finalização do meu contrato de professor substituto na FAURB UFU, prestei as provas para o Doutorado em Arquitetura e Urbanismo na USP São Carlos. Havia aberto a seleção para a primeira turma do Doutorado da USP São Carlos, e eu me inscrevi e havia sido aprovado e conseguido a bolsa CAPES que o curso dispunha, naquele momento inicial do Programa de Doutorado. Meu contrato como professor substituto na UFU havia iniciado em 5 de novembro de 2001 e sido renovado por mais um ano a partir de 5 de novembro de 2002. Como consegui a Bolsa CAPES para o Doutorado, e a época não era possível ter a bolsa CAPES e o salário de professor ao mesmo tempo, optei pela bolsa. Esta opção me proporcionaria uma renda financeira por 4 anos para que eu pudesse realizar o doutorado. Assim abri mão de lecionar e de dois meses de salário que me restavam na UFU. Me lembro que esta opção envolveria da minha parte uma quebra de contrato, devendo eu arcar com uma multa. Mas o professor Fernando Cruz, diretor da FAURB à época, entendeu a importância que seria para mim a bolsa CAPES, como estabilidade financeira para que eu pudesse dedicar integralmente 4 anos de minha vida profissional ao doutorado. E assim me dispensou dos dois meses restantes do contrato. Ao professor Fernando Cruz tenho essa gratidão. Como tenho a vários outros colegas, que oportunamente citarei nesse memorial como forma de gratidão e não apenas pelo apoio que recebi, mas também por me ensinarem sobre a solidariedade que enriquece a vida e a profissão acadêmica.

## 2004-2026

Em 02 de março de 2004, foi publicado pelo então reitor da UFU, o professor Arquimedes Diógenes Ciloni, o Edital 003/2004, da Pró-reitora de Recursos Humanos, Divisão de Apoio ao Docente. Este edital tornava público a realização de concursos para o provimento de 33 vagas para os mais diversos cursos de graduação da Universidade Federal de Uberlândia. Uma dessas vagas era para a área/subárea definida como Design e Plástica. O professor aprovado no concurso para esta vaga, seria lotado na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, FAURB, da UFU.

Universidade Federal de Uberlândia  
CONCURSO PÚBLICO PARA DOCENTE  
Cartão de Inscrição

Unidade acadêmica: FAURB  
Nº inscrição do candidato: 005  
Nome do candidato: Juliano A Pereira  
Assinado: [Assinatura]  
Área de conhecimento do concurso: Design & Plástica  
Departamento: 1  
Data das provas: 14 de março de 2004  
Local das provas: Bloco I - sala 101  
Unidade de Provas: UFU  
Assinado: [Assinatura]

**Fig. 19.** Comprovante de inscrição para o concurso docente para a vaga *Design e Plástica*. Edital UFU 003/2004, de 02 de março de 2004. Fonte: Juliano A Pereira.

A existência da vaga para Design e Plástica no referido Edital 003/2004, significava, na verdade, a sua republicação, pois fora publicada em um edital anterior, exigindo-se como “qualificação mínima” o título de Doutor e não houveram inscritos. E assim a vaga foi reaberta pelo Edital 003/2004, exigindo-se apenas como “qualificação mínima” Graduação em Arquitetura e Urbanismo e/ou Decoração e/ou Design de Interiores e/ou Desenho Industrial. Neste momento, eu era graduado e mestre em Arquitetura e Urbanismo, e estava no início do doutorado na USP de São Carlos. Me foi possível então me inscrever e participar do concurso.

Neste quadro apresentado vale um comentário que advém da minha percepção de contexto, desde a época. No ano de 2004, acontece esse concurso para a área de Design e Plástica em uma universidade pública federal notadamente reconhecida pela sua excelência de ensino, pesquisa e extensão, e ainda localizada na região Sudeste do Brasil. Não há inscritos pela falta da titulação de Doutor na área de Design, como fora exigido inicialmente. Este ocorrido pode servir, em meu ponto de vista, para mensurar o quanto a área de conhecimento e pesquisa em Design, no Brasil em 2004, era uma área ainda nasce-

doura. E se tratava de uma área que dava seus primeiros passos rumo à sua consolidação como campo de conhecimento científico, dentro das Ciências Sociais Aplicadas.

**21. Ata da Realização do Concurso Público Para Professor Adjunto na Área de Plástica e Design da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Da Universidade Federal de Uberlândia.** Uberlândia, 02 de Junho de 2004. Prof. Dr. Luis Eduardo dos Santos Borda (presidente), Profa. Dra. Ana Maria de Ranieri Juliano Rambauske e Profa. Dra. Myrna de Arruda Nascimento. Fonte: Juliano A Pereira.

Prestei o concurso e fui aprovado conforme a ata<sup>21</sup> publicada em 2 de junho de 2004 e tomei posse para o cargo de docente em Design e Plástica da FAURB UFU em 13 de agosto de 2004.

Para se entender o contexto no qual iniciei-me como docente em Design e Plástica, no curso de Decoração da FAURB, considero importante citar aqui que o documento PROGRAMA/CONCURSO PARA PROFESSOR ÁREA DE PLÁSTICA E DESIGN indicava no quinto item do PERFIL DO CANDIDATO, que o candidato aprovado para a vaga deveria:

Estar apto a ministrar qualquer disciplina teórica ou prática nas sub-áreas citadas, como por exemplo: Teoria e História da Arquitetura e das Artes, Plástica, Desenho Geométrico e Geometria Descritiva, Desenho Técnico e Perspectiva, Construções Plásticas, Projeto do Mobiliário, História do Mobiliário e dos Interiores, Atelier de Composição de Interiores; demais áreas pertinentes do curso de Arquitetura e Urbanismo e Decoração<sup>22</sup>.

27

**22.** Documento sem data, elaborado pela Comissão de professores responsáveis pelo concurso e entregue aos candidatos. Fonte: Juliano A Pereira.

**23.** Neste memorial, no item relacionado as Atividades de Gestão, será feita uma apresentação mais detalhada deste processo de mudanças curriculares e de nomenclaturas, das quais eu participei. Estas informações contribuem para contextualizar e apresentar minhas atividades de gestão ao longo desses quase 23 anos como professor efetivo.

Um perfil bastante amplo na exigência de expertises para um docente da área de Design e Plástica. Entretanto esta citação denota bastante o contexto do curso de Decoração, no ano de 2004, no qual eu viria a ser reinserido como professor efetivo. E considero importante ressaltar que este curso ao longo dos quase 25 anos em que estou lecionando, passou por três mudanças estruturais profundas em seu Projeto Pedagógico e sua nomenclatura foi sendo alterada, em função de suas mudanças e atualizações curriculares. De Decoração para Design de Interiores e, após isso, para apenas Design, como continua vigente até os dias atuais.<sup>23</sup> E, na verdade, o aspecto que essa situação comprova, de procura por perfil multifunção ou multidisciplinar exigido do professor ingressante, diz respeito à escassez de professores especialistas nas áreas

24. O Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais, REUNI, foi um programa instituído pelo Governo Federal do Brasil através do Decreto 6.096, de 24 de abril de 2007. Apresentou-se como uma das ações do Plano de Desenvolvimento da Educação, PDE, do Ministério da Educação, MEC, lançado no mesmo período, com o objetivo de duplicar a oferta de vagas no ensino superior no Brasil. Foi concluído oficialmente em 2012. Fonte: <https://pt.wikipedia.org> visitado em 08/01/2026.

de Design/Decoração na FAURB daqueles anos. Vale lembrar que naquele período já se pretendia na FAURB mudanças curriculares e de nomenclatura do curso, com o sentido de uma atualização do perfil do profissional a ser formado. E para essa mudança necessariamente deveria haver um quadro novo e maior de professores da área de Design na unidade acadêmica. Mas, devido à escassez de recursos federais, neste período foram realizados apenas dois concursos específicos para a área de Design. E aconteceram apenas em função de vagas surgidas de aposentadorias de professores da FAURB. Um primeiro deles, em que eu fui aprovado e um segundo, pouco tempo depois, uma vaga em que inicialmente começou a lecionar por um curto prazo de tempo a colega e professora Dra. Lara Leite Barbosa e, que depois, fora substituída pela colega e professora Dra. Viviane do Guimarães Alvim Nunes, presente até os dias atuais. Esse quadro se manteria até o REUNI<sup>24</sup>, em 2007, quando através da adesão da FAURB a este programa federal, foi possível aumentar o número de docentes na área de Design na unidade acadêmica, em função da mudança na quantidade de estudantes ingressantes no curso. Em um novo contexto, a unidade passou a ofertar 35 vagas anuais para o ingresso pelo vestibular. Dez vagas a mais que as 25 inicialmente oferecidas.

Apresentado esse contexto inicial e considerando que, ao longo dos quase 25 anos em que sou docente na UFU, vigoraram três currículos e três nomenclaturas distintas de curso, a tabela abaixo apresenta os nomes dos cursos/currículos, os períodos de suas vigências e as disciplinas que eu lecionei em cada um desses momentos:

Vigência	Curso/currículo	Disciplinas lecionadas
1972 - 2007 <sup>25</sup>	Decoração	ACIs - Ateliês de Composição de Interiores
2007 - 2011 <sup>26</sup>	Design de Interiores	Design de Mobiliário 1 Design de Mobiliário 2 Modelos e Protótipos ADIs – Ateliês de Design de Interiores
2012-2013	Arquitetura e Urbanismo	API III – Ateliê de Projeto Integrado API IV – Ateliê de Projeto Integrado API V – Ateliê de Projeto Integrado
2011 - Atual	Design	Oficina de Modelos 1 Projeto III Projeto IV Optativa Design e Artesanato Plástica do Objeto Design Estratégico

**Tabela 2.** Disciplinas ministradas na UFU. Fonte: O autor.

25. Neste currículo, comecei a lecionar a partir do ano de 2004 como professor efetivo. Mas também anteriormente, como professor substituto, entre 2001 e 2002.

26. Em 2009, com as mudanças ocorridas no âmbito da unidade acadêmica e para incorporar o curso de Design no nome da Faculdade, a antiga Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, FAURB, passou a se chamar Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Design, FAUED.

Por ocasião de meu retorno à UFU como professor efetivo, reiniciei minhas atividades docentes no então vigente currículo deste período, e que era relativo ao curso de graduação em Decoração, de agosto de 2004 até 2007. Foram por volta de 3 anos em que ministrei basicamente as mesmas disciplinas do período de professor temporário entre os anos de 2001 e 2003. A sistemática de funcionamento dessas disciplinas e meu modo de ministrá-las, agora como professor efetivo, continuou o mesmo neste momento, que aquele anterior, quando fui professor temporário, e que foi apresentado no subcapítulo anterior.

Entre os anos de 2007 e 2011, neste período de aproximadamente 4 anos, ficou vigente o currículo do curso de graduação em Design de Interiores. Tratou-se de um currículo de transição, intermediário entre o curso de Decoração e o curso de Design. No novo curso de Design de Interiores, algumas disciplinas do anterior curso de Decoração apenas mudaram de nomenclatura e receberam poucas alterações significativas em suas fichas de disciplinas. Esta condição diz respeito, por exemplo, às disciplinas do curso de Design de Interiores designadas como *Ateliês de Design de Interiores*, os ADIs. Trata-se de um grupo de disciplinas oferecidas do primeiro ao sexto

semestre do curso de Design de Interiores. *Os Ateliês de Design de Interiores*, ADIs, foram na verdade um rebatismo do antigo nome da sequência de *Ateliês de Composição de Interiores*, ACIs, do predecessor currículo do curso de graduação em Decoração. Neste cenário, cumpre destacar, que segui com a mesma abordagem que já expus relativamente a este grupo de disciplinas, quando as ministrei no curso de Decoração. Por outro lado, o currículo de Design de Interiores, naquele momento propôs também algumas disciplinas novas e a alteração profunda de algumas já existentes, abrindo caminho e aproximando-se do que viria a ser, pouco tempo depois, o currículo do curso de graduação em Design. Entre essas, estavam duas que me foram designadas como um dos docentes responsáveis: Design de Mobiliário I e Design de Mobiliário II. Essas disciplinas representaram uma grande *inovação transitória*, vamos chamar assim. Eram as primeiras disciplinas ligadas ao ensino de projeto de design de produto que se faziam presentes no currículo. Contudo, estas disciplinas possuíam uma certa especificidade. Eram *design de produto*, mas não qualquer produto e sim um produto específico: o mobiliário, e muito ligado à arquitetura e aos interiores. Mas neste momento já comecei a tratar o ensino de design de mobiliário não apenas como complemento da arquitetura e dos interiores, mas também a partir de uma visão de sua produção seriada, ligada à indústria<sup>27</sup>. Nessas disciplinas que eu ministrei neste período em questão, eu criei uma abordagem bastante diversificada de temas de projeto e de reflexões propostas aos estudantes. Sempre iniciava com um tema mais simples, que era o projeto de três mesinhas modulares de apoio, empilháveis, para uso doméstico e possíveis de serem produzidas em série. E depois havia uma diversificação dos temas dos próximos exercícios, atento, sempre que possível para a contribuição social do design. Em cada tema de projeto proposto, os estudantes desenvolviam linhas de mobiliário – a ideia da linha de mobiliário ou família de mobiliário sempre era abordagem presente – para habitações populares – o mobiliário discutido no contexto da redução do tamanho dos espaços de morar – para escolas – pensando um mobiliário voltado à ergonomia e a ludicidade dos espaços infantis, por exemplo – para habitação estudantil – discutindo a ideia de móveis flexíveis e multifuncionais,

27. Neste período, uma das atividades da disciplina era uma visita técnica ao chão de fábrica da indústria MAC Design, ligada à produção de mobiliário e localizada na cidade de Uberaba, MG. Nesta visita, os estudantes tinham contato com os operários da indústria, diversos maquinários, materiais (madeira, alumínio, ferro, fibras, couro, plástico etc.) e seus acabamentos, além do contato com toda a vivência do dia a dia dessa indústria: do projeto à produção e ao entendimento da logística de distribuição e comércio. Questões ligadas as sobras de materiais, descarte, reciclagem e sustentabilidade também eram observados pelos estudantes.

28. Neste período, uma das atividades da disciplina era uma visita técnica ao chão de fábrica da indústria MAC Design, ligada à produção de mobiliário e localizada na cidade de Uberaba, MG. Nesta visita, os estudantes tinham contato com os operários da indústria, diversos maquinários, materiais (madeira, alumínio, ferro, fibras, couro, plástico etc.) e seus acabamentos, além do contato com toda a vivência do dia a dia dessa indústria: do projeto à produção e ao entendimento da logística de distribuição e comércio. Questões ligadas as sobras de materiais, descarte, reciclagem e sustentabilidade também eram observados pelos estudantes.

entre outros. E, nesse contexto, um tema de exercício de projeto nestas disciplinas, que gostaria de dar destaque aqui, foi a produção de uma linha de mobiliário em papelão para abrigos emergenciais, necessários em contextos de desastres naturais, guerras, etc<sup>28</sup>. A ideia era os estudantes iniciarem a partir de uma reflexão sobre o mínimo necessário para a sobrevivência humana nesses contextos extremos, e que tipo de mobiliário poderia dar suporte para o desenvolvimento cotidiano de atividades como: proteção, alimentação, descanso ou interação entre pessoas. A ideia era desenvolver kits de mobiliários que pudessem ser transportados desmontados (sendo bidimensionais e facilitando a logística de armazenagem e distribuição) e que pudessem ser montados pelos próprios usuários nos abrigos temporários, como por exemplo, quadras de escolas. E ainda tinha a característica sustentável deste mobiliário, uma vez que se esperava o seu uso por um curto tempo e depois a reciclagem seria favorecida, por ser o papelão um material reciclável. Depois da concepção do projeto, em uma nova etapa do exercício, os estudantes produziam esses móveis em papelão. Neste período, o curso não contava com nenhum laboratório para a execução de modelos tridimensionais físicos, o que em meu ponto de vista fazia muita falta à formação dos estudantes. Então esse exercício, além de chamar a atenção para um tema social tão importante que o design pode contribuir, realizava também uma outra função no processo de ensino: a possibilidade de construir aquilo que se desenhava. Projeto feito, o mobiliário era todo executado na própria sala de aula, em caixas de papelão que os estudantes conseguiam gratuitamente nos supermercados e lojas de eletrodomésticos. As ferramentas eram estiletes, tesouras, réguas, cola, barbantes e fitas crepes. A sala de aula, nesse período do curso, se tornava algo parecido a um barracão de produção de escola de samba, em uma escala modesta. Ao final, com esses modelos prontos, em escala 1:1, os estudantes podiam testar estrutura, ergonomia, estética, montagem e desmontagem das peças que projetaram.



**Fig.20.** Produção de mobiliário em papelão pelos alunos da disciplina Design de Mobiliário. (2007).  
Fonte: Edinardo Rodrigues.

**21.** Montagem de mobiliário em papelão por Juliano A Pereira. (2007). Fonte: Edinardo Rodrigues.



**22a e 22b.** Mobiliário em papelão para situações emergenciais. Usos: sentar, dormir e convívio. (2007).  
Fonte: Edinardo Rodrigues.

**23a e 23b.** Mobiliário em papelão para situações emergenciais. Usos: sentar, dormir e convívio. (2007).  
Fonte: Edinardo Rodrigues.



**24a e 24b.** Mobiliário em papelão para situações emergenciais. Usos: refeições e convívio. (2007).  
Fonte: Edinardo Rodrigues. Lucas

**25.** Mobiliário em papelão para situações emergenciais. refeições e convívio. (2007).  
Fonte: Edinardo Rodrigues. Lucas



Entre os anos de 2012 e 2013, pouco tempo depois de retornar de meu afastamento para concluir o doutorado, ao mesmo tempo em que lecionava as disciplinas a mim atribuídas do curso de graduação em Design, também tive a oportunidade de ministrar três disciplinas para o curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFU. Estas disciplinas estavam relacionadas ao ensino de projeto em arquitetura e eram as disciplinas Ateliê de Projeto Integrado III, IV e V, também conhecidas a partir das siglas API III, API IV e API V. Em uma delas o tema de projeto era Habitação e a ministrei com o professor à época, Carlos Duarte. A outra tinha como tema de projeto Escolas, e a ministrei junto com a prof.a Dra. Elza Cristina Santos. Ainda, uma terceira, tinha como tema o projeto de um centro de lazer, cultura e esportes, nos moldes das unidades da rede SESC São Paulo. Ministrei esta disciplina em conjunto com a prof.a Dra. Maria Elisa Alvez Guerra e Profa. Dra. Patrícia Pimenta Azevedo Ribeiro. Neste período, havia pouco tempo, eu fiz a banca de defesa da tese de doutorado na USP de São Carlos, em 2009, sob o título: *Desenho Industrial e Arquitetura no Ensino da FAU USP (1948-1968)*. A partir das discussões que tive contato, por ocasião da pesquisa para a tese, comecei a me interessar bastante pelo diálogo entre design e arquitetura. Conforme eu havia estudado na tese de doutorado, nas primeiras experiências de ensino de design no Brasil, havia uma relação muito próxima do design com a arquitetura. Neste período histórico, o design se colocava como um novo campo de atuação profissional de projeto e desejava se constituir em função do desenvolvimento dos modos de produção industrial dos bens de consumo. No Brasil, mas não apenas aqui, os cursos de design foram começando a surgir em paralelo e com a intenção de dar suporte aos processos de industrialização do nosso país. A Escola Superior de Desenho Industrial, ESDI, no Rio de Janeiro, em 1963, pensou um curso de desenho industrial que formasse especialistas ligados a produto ou à comunicação visual. Entretanto, a Reforma de 1962, proposta por Vilanova Artigas na FAUUSP, objeto de minha pesquisa de doutorado, pensava um outro caminho para a implantação do ensino de design em nosso país. A intenção era a formação de um *generalista em projeto*, que estivesse apto a projetar na escala da arquitetura, do urbanismo, do objeto e da comunicação visual. É a visão

posta em Argan (1992), do *desenho da colher a cidade*. Mas uma questão me chamou bastante a atenção nesse período histórico que eu estudei. Mais de uma vez, me deparei com pensadores e produtores da arquitetura deste período, em defesa de uma possibilidade de evolução da arquitetura a partir da adoção, em seu fazer projetual e na sua produção, de princípios e recursos que eram mais característicos das discussões do desenho industrial. Refiro-me aqui a tópicos como o desenho para a produção seriada, a ideia da modularidade como princípio projetual e o modos de produção característicos da indústria como uma possibilidade para se produzir arquitetura. Era uma discussão que considerava a adoção desses princípios do desenho industrial pela arquitetura para que ela pudesse cumprir duas demandas: existir em qualidade e quantidade. E esta abordagem da arquitetura está relacionada à sua existência em um país que, naqueles anos, começava a dar passos no sentido de iniciar a superação do atraso de seu desenvolvimento econômico e social, apostando no desenvolvimento industrial.

34

Para ilustrar esta abordagem sobre esse modo de produção da arquitetura, acredito oportuno, um exemplo internacional, entre os vários que me deparei, e que foi um dos pioneiros em iniciar essa discussão. Refiro-me aqui à criação do Departamento de Arquitetura dentro da *Hochschule für Gestaltung*, HfG, em Ulm na Alemanha (1953-1968). A Escola de Design de Ulm ensinava uma arquitetura que pudesse ser projetada e produzida como se projetava e se produzia o desenho industrial. No caso do Brasil, esse princípio começou a ser desenvolvido em algumas experiências de ensino, mas começou a se fazer presente também na produção projetual de alguns arquitetos. Percebo essa abordagem, por exemplo, na produção arquitetônica do arquiteto Abraão Sanovicz, que foi professor da FAUUSP ou, ainda, na obra do arquiteto João Filgueiras Lima, o Lelé.

Durante a minha participação na oferta dessas disciplinas de projeto para o curso de Arquitetura e Urbanismo da UFU, além de cumprir com a ementa da disciplina, apresentei e propus aos estudantes a recuperação deste legado. O objetivo era uma reflexão posta aos discentes sobre a possibilidade de uma produção seriada da



**Fig.26** . Casa Juliano A Pereira, vista externa em estrutura metálica. Fonte: Juliano A Pereira.



**Fig. 27a.** Casa Juliano A Pereira, vista interna em estrutura metálica. Fonte: Juliano A Pereira.



**Fig. 28.** Casa Juliano A Pereira, croquis feitos com caneta bic em guardanapo. Fonte: Juliano A Pereira.

arquitetura, onde a ideia da série poderia estar na produção dos componentes do edifício, isto é, a série dentro da unidade arquitetônica, ou que o próprio edifício pudesse ser replicado, com capacidade de adaptação a diferentes sítios ou programas. Me pareceu uma discussão ainda necessária diante do déficit habitacional e de equipamentos sociais – como escolas – que o Brasil enfrenta até os dias atuais.

Após o doutorado, me senti muito sensibilizado por esta



**Fig 27b.** Casa Juliano A Pereira, vista interna em estrutura metálica. Fonte: Juliano A Pereira.

discussão, e ainda me sinto nos dias de hoje. Quando em 2020 projetei e construí minha primeira casa em Uberlândia, pensei o projeto e a construção considerando também esses princípios. Distribui o programa arquitetônico da casa em dois núcleos distintos. Um de espacialidade bastante fluida, leve, transparente, integrada internamente e, ao mesmo tempo, integrada com os espaços externos. E, um outro núcleo, subdividido por questões funcionais. No primeiro núcleo, de construção leve e transparente, aloquei sala, cozinha, varanda, área de serviço, garagem e jardins. No segundo núcleo, este em estrutura de concreto armado e alvenaria, os dormitórios e banheiros. A parte social da casa, isto é, o primeiro núcleo citado, por sua vez, foi projetado e construído em estrutura metálica, telhas sanduíche e fechamentos com esquadrias de alumínio. O desenho deste *núcleo social*, estabeleceu uma geometria estrutural racional, com um jogo de quatro pilares que vencem os vãos. Esses pilares recebem vigas, nas quais pousa o telhado. Uma dessas viga, a central, é uma viga calha. O projeto, para este núcleo principal da casa, gera uma sombra habitável, fechada lateralmente por esquadrias de alumínio. Esta parte da casa foi produzida na oficina de serralheria que meu pai tinha em Ribeirão Preto, SP, a 300 km de Uberlândia, MG. Foi uma parceria entre arquiteto, engenheiro calculista e um grupo de serralheiros para a edificação rápida dessa parte da casa, que se caracterizava como uma *obra seca*.

29. A disciplina *Plástica do Objeto* inicialmente se chamava *Plástica II*. Durante uma revisão do Projeto Pedagógico do curso, fiz a sugestão de alteração do nome e de parte dos seus conteúdos, para que pudesse ser uma disciplina mais voltada a dar suporte e reforçar o ensino de Design de Produto. A sugestão foi aceita pelo NDE.

Ainda sobre a tabela 1, que apresenta os currículos e as disciplinas, cumpre destacar que *Plástica do Objeto*<sup>29</sup> e *Design Estratégico*, foram duas disciplinas que ministrei cada uma delas apenas uma vez em contextos de demandas muito específicas do curso de Design da UFU.

*Plástica do Objeto* foi por mim ministrada devido à falta de professor nesta área e, quando a ministrei, foi realizada nos mesmos moldes das Oficinas de Modelos, conforme será melhor explicado nas próximas páginas deste memorial. Mas posso destacar aqui que a disciplina foi ofertada no LAMOP, quando este ainda estava localizado no campus Umuarama da UFU. E os conteúdos da disciplina, isto é, as questões relativas à construção plástica do objeto, foram trabalhados a partir de processos experimentais. Ainda que eu tenha sido aprovado no concurso para a área de Plástica e Design, assumir essa disciplina *Plástica do Objeto*, naquele momento significou um aumento expressivo de minha carga horária de aulas semanais.

Outra disciplina que ministrei uma única vez foi *Design Estratégico* com a Profa. Dr.a Juliana Cardoso Braga. O contexto de minha participação nesta disciplina foi durante o retorno gradual das aulas no período da pandemia do COVID-19. As aulas naquele momento foram ofertadas de modo remoto, não presencial. Neste contexto, apenas as disciplinas teóricas foram oferecidas pelo curso. Como minhas disciplinas são todas de natureza prática e de projeto, naquele momento, a convite da professora Juliana Cardoso, passamos a ministrar juntos *Design Estratégico*.

36

***As principais disciplinas, por mim ministradas, relativas ao currículo Design, de 2011 aos dias atuais:***

- Oficina de Modelos I
- Projeto III
- Projeto IV
- Optativa Design e Artesanato

Antes de iniciar a discorrer sobre as disciplinas que lecionei e ainda leciono nos dias de hoje, neste currículo do curso de Design, considero importante destacar algumas informações.

As disciplinas que lecionei nos currículos anteriores, seja do curso de Decoração ou de Design de Interiores, foram disciplinas que, de certa forma, evoluíram em seus conteúdos, carga horária, bibliografias, métodos de ensino e modos de avaliação e se tornaram as disciplinas que eu leciono no curso de Design. Não posso dizer que assim foi com todas, mas o foi com uma parte considerável. Como docente do curso de Design e me revezando momentos como membro de Colegiado ou do Núcleo Docente Estruturante, NDE, pude participar e colaborar ativamente com essas mudanças.

Outro ponto a ser destacado é que com esse currículo do curso de Design em vigor desde 2011, considerando o ano de 2026, já são quase 15 anos que leciono estas disciplinas<sup>30</sup>. E cumpre destacar que esses quase 15 anos lecionando o mesmo grupo de disciplinas, não significou para mim a reaplicação do mesmo conteúdo e o conforto das aulas já prontas. Considero que em 15 anos houve uma elaboração e evolução muito intensa de conteúdos, de modos de ensinar, de referências bibliográficas e tudo mais, a partir do espaço de liberdade de pensar e de agir para o docente que existe entre a *Ficha da Disciplina do Currículo* e o *Plano de Ensino* que o professor é responsável pela elaboração a cada semestre. Isto é fruto, por um lado, de um atento processo de aprendizado pessoal que leva a uma depuração e amadurecimento profissional. Mas não só. Considerando, por exemplo, que as disciplinas de Projeto III e Projeto IV, pelo seu caráter prático, são disciplinas ministradas por dois docentes atuando conjuntamente em sala de aula, ou ateliê, sempre dividi essas disciplinas com outros professores, advindo de formações distintas. E com esses professores aprendi muito<sup>31</sup>.

Ainda sobre as novidades do curso de Design que nasceu em 2011, devo ressaltar a constituição do Laboratório de Modelos e Protótipos, LAMOP, que foi instituído para servir de apoio a um grupo de disciplinas do curso de Design. Trata-se de um Laboratório de Ensino, Pesquisa e

30. Durante esse período, apenas no ano de 2019 não lecionei essas disciplinas em função do meu afastamento para desenvolver pesquisa de Pós-doutorado na Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa. Esse tópico é apresentado neste memorial no capítulo *Atividades de Pesquisa*.

31. No decorrer dos quase 15 anos, ministrei em momentos distintos a disciplina Projeto III com os seguintes colegas professores: Sandra Rezende, Rodrigo Moretti, Adriane Silvério Neto, Álvaro Lacerda Ribeiro, Patrícia Pimenta Azevedo Ribeiro, Aline Teixeira Souza Silva, Gabriel Henrique Cruz Bonfim e Leticia Vasconcelos Morais Garcez. Sobre a disciplina Projeto IV, em momentos distintos, a ministrei com as colegas professoras Juliana Cardoso Braga e Leticia Vasconcelos Morais Garcez.

32. A partir das disciplinas que eu leciono, na minha percepção, o LAMOP é o coração de um conjunto de disciplinas ligadas principalmente ao ensino de design de produto e de design de interiores. Por falta de espaço físico e de verba para construção do edifício, o LAMOP, quando de sua criação foi instalado "provisoriamente" no campus da UFU Umuarama em 2011 e ali ficou "provisoriamente" por 14 anos, sendo o curso de Design ofertado no campus UFU Santa Mônica. Nesta metáfora do coração, é como se o coração batesse fora e longe do corpo. Mesmo assim foi fundamental a sua existência para proporcionar qualidade do ensino dessas disciplinas de design. Mesmo de tão longe, batia e conseguia irradiar sangue, vida para o corpo. Em 2025, depois de muita reivindicação e luta, o LAMOP finalmente foi transferido para sua sede definitiva no campus Santa Mônica. E agora, particularmente, tenho a sensação de um coração que bate dentro do corpo. É uma excelente didática poder transitar do ateliê para o LAMOP, do desenho para o modelo físico apenas atravessando uma rua dentro do campus e não mais a cidade inteira.

e Extensão, que eu pude ser coordenador por algumas gestões e participei, com o grupo de professores ligados ao curso de Design, das reivindicações e longas lutas para a sua existência e melhoria contínua. Desde a sua inauguração, se tornou um espaço privilegiado para o aprendizado de design em nossa faculdade, sobretudo pela possibilidade da experimentação e construção de modelos tridimensionais físicos no campo do design<sup>32</sup>.

A respeito deste grupo de disciplinas que leciono e que faz parte do currículo que se inicia em 2011 e ainda é vigente, me proponho aqui a fazer uma reflexão não apenas a respeito de como me relacionei com elas nesses quase 15 anos, mas principalmente sobre como vejo minha presença nelas atualmente e como acredito que posso continuar a contribuir com o curso de Design a partir de tais disciplinas nos dias de hoje e no futuro do curso. Essa abordagem reflexiva é sobre um presente que foi construído ao longo de um passado que durou quase 15 anos. Então falar desse presente é também uma forma de falar dos 15 anos que eu as lecionei. É olhar para a forma que o seixo tomou depois de tanto tempo rolado pelas águas.

#### *Repertório, desenho e construção.*

Ao longo do tempo, acredito que a partir do que eu estudei e do que eu pratiquei nas minhas atividades projetuais, fui construindo para mim um entendimento de uma *ideia-síntese* sobre quais seriam as habilidades desejáveis ao profissional que trabalha com projeto, fosse em qualquer escala, isto é, do design ou da arquitetura. Hoje, olhando em retrospecto, percebo que um *modus operandi* sempre guiava meu caminho de projeto, e a minha prática de ensiná-lo, ainda que, com certeza, não fosse deliberadamente consciente. Após 27 anos de minha graduação em Arquitetura e Urbanismo, quando olho para esses anos passados, vejo que não parti da adoção de uma metodologia de projeto pré-estabelecida advinda dos manuais, ainda que eu reconheça a sua importância. Mas a fui construindo ao longo de todos esses anos, experimentando possibilidades. E hoje é algo

33. Iniciou-se de modo empírico para mim, mas foi tornando-se cada vez mais consciente, deixando cada vez mais de ser uma possibilidade para ser uma escolha didática.

34. Durante a construção deste memorial, fiquei em dúvida entre adotar a palavra *repertório* ou a expressão *cultura do designer*. Acredito que ambas tem sentido semelhante para a definição que pretendo. Porém, uma investigação com recursos de Inteligência Artificial, IA, me apresentou a seguinte ideia-síntese da palavra repertório: Repertório é o conjunto de conhecimentos, experiências, vivências culturais e referências acumuladas por uma pessoa ao longo da vida, servindo como bagagem para compreender o mundo, comunicar-se, criar e solucionar problemas. É um "arquivo" mental de aprendizados, construído por livros, filmes, estudos, vivências e notícias. Por esse texto gerado por IA, optei pelo uso da palavra repertório neste memorial. Mas não foi apenas por isso. Para mim já era uma palavra importante. Meus professores da graduação também utilizavam a palavra repertório com o mesmo sentido que pretendo em meu memorial.

que faz muito sentido para mim e que a sigo agora conscientemente. Não como camisa de força, mas como uma possibilidade que otimiza o trabalho projetual. Devo dizer que esta visão foi edificada ao longo de meus quase 25 anos como professor de projeto nas salas de aula, nos ateliês e no LAMOP da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Design, FAUED, da UFU. Foi um processo pessoal meu de experimentação, avaliação e realinhamento de pontos de vistas e conceitos, feitos de forma prática e intuitiva no dia a dia da docência, ao longo desses anos todos. Atualmente, quando olho para os anos desse passado, tenho a percepção de que construí para mim uma ideia de professor de projeto que eu quero/ devo ser e, sobretudo, de uma didática de ensino que eu busco praticar. Acho fundamental ao docente ter uma didática como uma marca pessoal sua, como uma contribuição individual que se some ao coletivo do corpo docente que faz uma Escola com características próprias. Esse ponto de vista meu, que eu descrevo aqui, está inserido dentro da compreensão de uma ideia de pluralidade, riqueza e diversidade de modos de ser, de ver, de pensar, de aprender e de ensinar, que acredito devem existir dentro de uma universidade.

Ao longo desses anos comecei a perceber em minha atuação docente uma preocupação pessoal<sup>33</sup>, a qual considerava que para os discentes alcançarem as *competências* ou habilidades de projeto desejadas em cada disciplina que eu ministrava, era necessário que eu ensinasse e, principalmente, que provocasse os discentes a refletirem e a agirem em projeto a partir de três *mundos de saberes e de investigação* que eu vou nomear aqui como o *repertório*, o *desenho* e a *construção*.

Dentre os três, o primeiro deles, o *repertório*<sup>34</sup>. Ainda que as disciplinas de projeto ou de modelos e protótipos tenham um caráter prático, de produção, considero bastante importante um *lastro* daquilo que o estudante faz com a cultura, com o mundo do design. A ideia é propor ao discente que reflita sobre o seu projeto, ou sobre fazer projeto, a partir de outros projetos que são referências enquanto expressão de cultura e de técnica, considerando principalmente que também foram soluções de design para problemas de contextos semelhantes. A ideia é fazer/projetar construindo



**Fig. 29.** Visita de estudo do curso de Design à Casa de Vidro de Lina Bo Bardi, SP. Fonte: Fábio Reis.

**35.** FERRAZ, Marcelo (Org.). Lina Bo Bardi. São Paulo, Instituto Bardi, 1993, p. 327.



**Fig. 30.** Visita de estudo do curso de Design ao ateliê do designer Carlos Motta. SP, 2013. Ao centro da foto, Carlos Motta falando aos estudantes sobre o seu trabalho. Fonte: Leticia Garcez.

**36.** Ficha da disciplina FAUED31006 - Oficina de Modelos I. Fonte: Projeto Pedagógico do Curso de Graduação em Design. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Design – Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2022.

**37.** Maquete, mock up e protótipo são modelos físicos de representação tridimensional e os detalhes de suas definições podem variar de autor para autor. Após colocar essa discussão aos discentes, pactuo com eles um entendimento comum sobre cada uma dessas representações dentro da disciplina: maquete: modelo físico de um objeto em escala reduzida; mock up: modelo físico de um objeto em escala real, sem uso dos materiais definitivos do objeto e protótipo: modelo físico de um objeto em escala real com uso dos materiais definitivos do objeto.

diálogos entre o que o estudante cria e aquilo que já se sabe existente. Obviamente que não se trata da cópia, mas sim da análise de caminhos já percorridos, para o discente construir um caminho próprio. Para ilustrar esse ponto de vista, acredito oportuno citar aqui um ponto de vista conhecido da arquiteta e designer Lina Bo Bardi:

Mas o tempo linear é uma invenção do Ocidente, o tempo não é linear, é um maravilhoso emaranhado onde, a qualquer instante, podem ser escolhidos pontos e inventadas soluções, sem começo nem fim<sup>35</sup>.

Assim considero que as disciplinas relacionadas à Teoria, História e Crítica do Design tem uma contribuição muito grande às disciplinas de projeto e de modelos e protótipos. Mas não me limito a essa visão, como professor dessas disciplinas práticas, também falo e ensino a partir da adoção e apresentação de referências projetuais. Em alguns momentos mais explicitamente e, em outros, menos. Vou citar aqui três momentos em que a adoção dessas referências são mais explícitas e norteadoras dos exercícios. Trata-se dos três exercícios da disciplina *Oficina de Modelos I*, que tem como objetivo geral e objetivos específicos o que se segue:

*Objetivo Geral:* Capacitar o discente para o desenvolvimento e aplicação de modelos tridimensionais de diversas tipologias e finalidades, utilizados nas fases iniciais do processo de Design.

*Objetivos Específicos:* Definir e conceituar: Maquete, Modelo Volumétrico, Mock up e Modelo de Apresentação. Apresentar técnicas de desenho de oficina, confecção e montagem, com diferentes suportes materiais<sup>36</sup>.

Na disciplina, ministrada dentro do LAMOP, os estudantes ingressantes no curso de design realizam o mock up de uma embalagem, a maquete de uma cadeira e o protótipo de um banco<sup>37</sup>.

O mock up da embalagem é feito para um produto artesanal que o estudante deve escolher no Mercado Municipal de Uberlândia. Um mercado tradicional na venda de doces, queijos, cafés e objetos utilitários e/ou



**Figs. 31, 32 e 33.** Embalagem para doce caseiro de goiaba. Discente: William Henrique da Silva Toffoli. Disciplina: Oficina de Modelos 1 (2025). Fonte: William H. S. Toffoli.

**38.** Quando a escolha é do mobiliário brasileiro, o livro inicial de referência é: LOSCHIAVO DOS SANTOS, Maria Cecília. Móvel moderno no Brasil. São Paulo, Editoras Senac e Olhares, 2017.

de uso decorativo. O estudante é levado a refletir sobre o valor cultural que existe nesses produtos populares com lastro na tradição. É lançar um olhar para um *sabe fazer* e depois desenvolver uma embalagem que, além de cumprir com suas funções sabidas, ainda reflita, reforce e ajude a divulgar o valor cultural presente no produto escolhido pelo estudante. A atividade é desenvolvida iniciando-se a partir de visita guiada com o professor ao edifício Art Déco do Mercado Municipal de Uberlândia.

A maquete realizada dentro da disciplina é sempre de alguma cadeira de valor histórico e cultural reconhecido no Design. Podendo ser do design nacional<sup>38</sup> ou

internacional. Ao longo dos semestres em que a disciplina foi por mim ofertada, já foram realizadas a cadeira *Red and Blue* (1917-1923) e a *Zig Zag* (1929-34) de Gerrit Rietveld, a cadeira *Girafa* (1986) e a cadeira de balanço (1948), de Lina Bo Bardi e a *cadeira de compensado* (1948) desenvolvida por Oswaldo Bratke. A realização desse exercício não apenas capacita o estudante para desenvolver maquetes - atingindo o aprendizado sobre escala, os materiais e o modo de produzir -, mas converte a própria produção da maquete num recurso para estudar e conhecer uma peça que é referência histórica e cultural para o design. Sobre essa cadeira que o estudante produz a maquete, ele a entende como expressão de cultura do design, aprende sobre sua estrutura, encaixes, materiais e até mesmo sobre ergonomia. Assim, aproveitando o contexto, o conteúdo aprendido pelo estudante não se limita apenas a saber como produzir uma maquete, ainda que seja uma disciplina de oficina.

Por fim, em *Oficina de Modelos*, no último exercício, os discentes projetam um pequeno banco em compensado de madeira e executam o seu protótipo. Auxiliados pelo técnico do laboratório e o professor, eles mesmos são os produtores dessas peças. Operam ferramentas e



**Figs. 34a e 34b:** Maquetes da cadeira Red and Blue (1917-1923) e da Zig Zag (1929-34) de Gerrit Rietveld. Cadeira Red and Blue: escala 1:7,5 e ano de produção da maquete: 2018. Cadeira Zig Zag escala 1:5 e ano de produção da maquete: 2023. Pesquisa: Juliano A Pereira / execução: Fábio Reis. Fonte: Sabrina Soares

**Fig. 35.** Maquetes da cadeira Girafa (1986) e a cadeira de balanço (1948), de Lina Bo Bardi. Cadeira Girafa: escala 1:5 e ano de produção da maquete: 2022. Cadeira de balanço escala 1:7,5 e ano de produção da maquete: 2025. Pesquisa: Juliano A Pereira / execução: Fábio Reis. Fonte: Sabrina Soares



**Figs. 36a e 36b:** Maquetes da cadeira de compensado (1948) desenvolvida por Oswaldo Bratke. Escala: 1: 5. Ano de produção da maquete: 2025. Pesquisa: Juliano A Pereira / execução: Fábio Reis. Fonte: Sabrina Soares





**Figs. 37 e 38.** Banco em compensado de madeira Sumaúma. Discentes: Guilherme Damasceno, Gustavo Zanatta e Juliano Araújo. Disciplina: Oficina de Modelos 1 (2025). Fonte: Juliano Araújo.

e máquinas de baixa complexidade e risco e acompanham o técnico do laboratório no uso das máquinas que necessitam de uma formação especializada para operá-las. Bancos são uma demanda recorrente e, boa parte deles, ao serem projetados por designers, podem se tornar mais que a solução para um problema de design, o *sentar*. Como toda peça de design, podem se converter em objetos da cultura material. Neste cenário, antes dos estudantes enfrentarem a lapiseira e o papel sulfite em branco, eu apresento uma aula teórica, como recurso para iniciar o exercício. Esta aula é realizada através imagens de um acervo variado de peças, de bancos populares e tradicionais aos modernos e aos contemporâneos. Um banco é uma estrutura, é um conjunto de encaixes, é uma discussão de conforto ergonômico, uma materialidade e uma técnica construtiva escolhida. E é a luz dessas questões que as peças selecionadas são apresentadas e lidas com os discentes. Além, é claro, de levar em consideração sua dimensão de artefato cultural, de algo que está no universo de nossa cultura material.

O segundo elemento bastante importante em minhas disciplinas é o *desenho*, entendido como recurso de registro de um pensamento projetual, cuja representação permite a sua avaliação, investigação, o seu amadurecimento ou refinamento. O desenho é, no meu entendimento, um recurso para falar para si – o projetista que avalia a ideia que teve – e, ao mesmo tempo, é um falar para e com os outros: o colega em sala de aula, o professor, o técnico do laboratório, o cliente, o marceneiro, etc. O desenho, nesse entendimento, não é o *desenho-bonito*, é o desenho-linguagem, é o desenho-comunicação e é, enfim, o desenho como a escrita do designer ou do arquiteto. O desenho permite pensar sobre e avaliar a ideia que se teve.

A compreensão deste sentido para o desenho dentro da nossa profissão, é apresentado por vários autores, tomando contornos particulares em cada um desses autores. Mas sempre penso muito na visão que defendia o arquiteto e professor João Batista Vilanova Artigas, através do legado que nos deixou com seus escritos sobre o desenho e o seu sentido para a profissão, mas também por um legado que se materializa na sua própria e rica

prática do desenhar, que nos deixou como herança. Considero oportuno citar aqui os dois trechos que seguem para entender esse ponto de vista do professor Artigas:

*O desenho - como palavra, segundo veremos, traz consigo um conteúdo semântico extraordinário. Este conteúdo equipara-se a um espelho, donde se reflete todo o lidar com a arte e a técnica no correr da história. É o método da linguística; do "neo-humanismo filosófico e plástico, que simplesmente se inicia, mas que pode vir a ser uma das formas novas de reflexão moderna sobre as atividades superiores da sociedade". O conteúdo semântico da palavra desenho desvenda o que ela contém de trabalho humano acrisolado durante o nosso longo fazer histórico.*

(...)

*Como se viu, ninguém desenha pelo desenho. Para construir igrejas há que tê-las em mente, em projeto.<sup>39</sup>*

39. O DESENHO. Aula inaugural proferida na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo em março de 1967. Fonte: FERRAZ, Marcelo Carvalho (org.). Vilanova Artigas: arquitetos brasileiros. São Paulo, Instituto Lina Bo e PM Bardi; Fundação Vilanova Artigas, 1997.

Esses dois recortes são, respectivamente, pertencentes ao início e ao fim da belíssima aula em que Artigas, com a erudição que lhe é característica, aborda o tema e a importância do desenho para a profissão, construindo uma argumentação alicerçada na própria evolução histórica da humanidade e da nossa profissão. Ainda me parece um ponto de vista extremamente válido, que busco praticar como docente.

Por fim, o terceiro desses pilares didáticos, a *construção*. A construção em minhas aulas tem o sentido de experimentação, e, nesse contexto, cumpre uma função semelhante ao segundo pilar didático, o *desenho*. Construir, dentro do processo de aprendizado dos discentes, não tem o sentido de prototipar um objeto já projetado e com sua forma totalmente definida na etapa do desenho. Construir significa *experimental*, testar soluções, fazer escolhas, mudar o desenho. Trata-se de oferecer para cada discente uma nova forma de representar, e por isso é linguagem também, é possibilidade de avaliar e fazer escolhas, como é característico do processo de projeto. Nesta fase, sempre incentivo os discentes a trabalharem entre o desenho e o

e o modelo físico, num processo de diálogo contínuo, onde o modelo físico transforma o desenho e o desenho transforma o modelo físico de volta. E assim é o caminho que proponho para se chegar a um produto de design em minhas disciplinas de oficina e de projeto.

No LAMOP, na disciplina de *Oficina de Modelos*, em um dos exercícios, esta experimentação tem um lugar privilegiado. Refiro-me aqui à execução do protótipo do banco. Os discentes têm a possibilidade de propor e testar a viabilidade de encaixes, de soluções estruturais e de ergonomia, por exemplo. São questões do design que o desenho no papel indica, mas cuja avaliação da real viabilidade técnico-construtiva, é possível apenas através da representação com o protótipo físico, que se mostra como a melhor ferramenta de projeto para se testar, avaliar e fazer a melhor escolha neste nível de projeto.

Este uso do modelo físico também pode tomar contornos distintos, conforme o problema de projeto colocado aos discentes. Um desses problemas de projeto, que penso interessante apontar aqui, foi o exercício de desenvolver uma estrutura em madeira para base de mesas. A demanda de projeto era conceber uma estrutura com o mínimo de materiais e a melhor forma de uma geometria estrutural eficiente. Entre os exemplos ilustrativos que eu apontava para os discentes, um deles era relacionado à variedade das torres de alta tensão que margeiam as rodovias brasileiras. Sempre, desde criança, me impressionei com o porte desses artefatos na paisagem. E, depois, entendendo um pouco de concepção estrutural, passei a me impressionar pensando em como é possível lançar torres tão altas com tão pouco material, isto é, partir da articulação de segmentos de barras de ferro de seção em “L”. A resposta simples: uma boa geometria de travamento e equilíbrio.

Para este exercício, os estudantes começaram a *desenhar* no espaço com varetas de churrasco, canudos de refrigerante ou similares. Posto a dificuldade da representação bidimensional no papel de possíveis estruturas tridimensionais com certa complexidade. A partir de um *vai-e-volta* entre as maquetes de varetas, o desenho com grafite no papel e o protótipo, chegou-se a resultados interessantíssimos, de estruturas geométricas

40. Essas peças, juntamente com outros trabalhos, fizeram parte de uma exposição por mim organizada sobre a produção de modelos físicos no LAMOP. Foi exposta inicialmente na Galeria Aquário, no Bloco I, da UFU e que pertence ao Curso de Artes Visuais. A mesma exposição foi depois remontada no saguão de entrada do edifício da sede da Reitoria da UFU, no campus Santa Mônica. Uma dessas mesas, depois passou a ser utilizada como mesa de reuniões, na sala de coordenação do curso de Design da UFU, conforme pedido da professora Juliana Cardoso Braga, coordenadora do curso de Design, naquele momento.



**Fig. 39.** Estruturas espaciais para bases de mesas. Protótipo desenvolvido no LAMOP do campus Umuarama (2013).  
Fonte: Juliano A Pereira.

eficientes, mas também agradáveis aos olhos quando colocadas sob um tampo de vidro<sup>40</sup>.

Nesse período de atividades de ensino em análise, em momentos distintos, publiquei, em parceria com outros colegas docentes, três artigos científicos que considero importantes e que versam sobre essas práticas das disciplinas por mim ministradas. Considero esses momentos privilegiados em minha trajetória docente, em que a pesquisa e o ensino estiveram bem próximos. São os seguintes trabalhos:

- PEREIRA, J. A.; SOUZA, A. T.. Pensar a forma no mundo do design: ensino, repertório e experimentação. In: 1o UD!SIGN | I Simpósio de Design do Triângulo Mineiro, 2018, Uberlândia. Anais do 1o UD!SIGN | I Simpósio de Design do Triângulo Mineiro, 2018. v. 1. p. 1-5.
- PEREIRA, J. A.; REZENDE, S.. Entre a ideia e a sua representação: O uso de modelos estruturais no ensino de Design. In: 3 Colóquio de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo e Design. Brasil Portugal: UFU e UL Lisboa, 2015, Lisboa. Anais do 3 Colóquio de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo e Design. Brasil Portugal: UFU e UL Lisboa. Lisboa: Universidade de Lisboa (Portugal), 2015. p. 133-143.
- PEREIRA, J. A.; RIBEIRO, P. P. A.. Para pensar o projeto do objeto: ideias no papel e de papel. In: 2º Seminário Internacional REPRESENTAR BRASIL 2013: As Representações na Arquitetura, Urbanismo e Design, 2013, São Paulo. Anais do 2º Seminário Internacional. REPRESENTAR BRASIL 2013: As Representações na Arquitetura, Urbanismo e Design. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2013. p. 800-813.

No desenvolvimento deste memorial, penso relevante, sempre que oportuno, apresentar também alguns dos livros que como docente me são caros como apoio às reflexões que proponho nas disciplinas que leciono. Acerca desse assunto do uso do modelo físico como ferramenta de projeto, de investigação da forma, considero dois títulos de grande relevância.

41. FINO, Cristina (org.).  
Maquetes de Papel / Paulo  
Mendes da Rocha. São Paulo:  
Cosac Naify, 2007.

42. HANNAH, Gail Greet.  
Elementos do Design  
Tridimensional / Rowena Reed  
Kostellow e a estrutura das  
relações visuais. São Paulo:  
Cosac Naify, 2015.

Um deles é *Maquetes de Papel / Paulo Mendes da Rocha*<sup>41</sup> e, o outro, é *Elementos do Design Tridimensional / Rowena Reed Kostellow e a estrutura das relações visuais*.<sup>42</sup>

Em *Maquetes de Papel*, Paulo Mendes da Rocha, em depoimento acerca do seu processo de projeto, aponta a importância e o entendimento dos usos e utilidades dos modelos físicos. Inicialmente, Paulo Mendes da Rocha estabelece uma diferença entre modelos que servem ao processo e modelos que servem como representação do produto acabado.

A ideia de prever, a ideia de maquete, portanto, é fundamental. Não tem nada a ver com técnica, tecnologia, High tech, e o tempo que estamos vivendo. A maquete eletrônica, por exemplo, deve ser elaborada depois, e não substitui o momento de experimentação, feito não só com croquis, mas com esses pequenos modelos. Assim é possível ver melhor aquilo que está querendo fazer, e isso é insubstituível. ROCHA (2007, pág. 26)

O valor desse processo defendido por Paulo Mendes da Rocha se caracteriza pela geração de modelos provisórios que auxiliam na geração do modelo definitivo. É a utilidade do modelo como uma forma de dominar a ideia, “... nessa extensão do raciocínio, o objeto já um tanto quanto configurado na nossa mente. Como um sentido de dominar a imaginação para que a coisa seja aquilo que você quer construir”. ROCHA (2007, pág. 22).

O arquiteto Paulo Mendes da Rocha, conhecido pela sua forma de desenhar aproxima o valor da maquete ao do desenho.

É a maquete como instrumento de desenho. Em vez de você desenhar, você faz maquete. Não tem nada a ver com as maquetes profissionais, do maquetista que tem a função de mostrar a ideia já pronta. Esse é um objeto que pode ser encomendado para ser exibido, e tem seu valor. A maquete aqui é um instrumento que faz parte do nosso processo de trabalho; são pequenos modelos simples. Não é para ninguém ver. ROCHA (2007, pág. 22)

43. Rowena Reed Kostellow (6 de julho de 1900 – 17 de setembro de 1988) foi uma designer industrial e professora americana. Ao lado do marido, Alexander Kostellow, e de outros designers e artistas, ela foi cofundadora do primeiro curso de design industrial no Pratt Institute. Fonte: wikipedia.org, visitado em 13/01/2026.

44. Quando me preparava para fazer minha pesquisa de pós-doutorado na Universidade de Lisboa, em um primeiro projeto de pesquisa que elaborei, o objeto de pesquisa versava sobre um aprofundamento a respeito das questões que relacionam a atividade de projeto e as atividades de representação (desenhos no papel e modelos físicos). Isso foi por volta dos anos de 2017 e 2018. Mas quando finalmente me afastei para cursar o pós-doutorado, em 2019, o tema evoluiu para uma abordagem sobre a construção de diálogos entre os conhecimentos do Artesanato e do Design. E, com certeza, posso afirmar aqui, que esse tema, sobre o qual finalmente realizei a pesquisa de pós-doutorado, também era sobre questões relacionadas ao saber fazer e aos modos de projetar.

45. O seminário foi uma iniciativa de cinco instituições de ensino superior, quatro brasileiras, USP, USJT, UPM, SENAC; e uma da Argentina, FADU-UNL.

46. A referência completa do livro é: MILLS, Criss B.. *Projetando com Maquetes*. Porto Alegre: Bookman, 2007. Sobre o autor, Criss Mills é arquiteto estadunidense e possui mestrados em Arquitetura e Belas Artes. Trabalha como escultor e arquiteto. Lecionou arquitetura na Universidade de Clemson. Seu interesse pelo processo de projeto, baseado em maquetes físicas, impulsiona o conteúdo em constante evolução de seu livro "Designing With Models" (*Projetando com Maquetes*). (FONTE: currículo do autor presente em <https://www.artsy.net/artist/criss-mills>, visitado em 13/01/2026) .

O livro que trata sobre o pensamento de Rowena Reed Kostellow<sup>43</sup> traz como epígrafe uma frase da própria Kostellow que pode ilustrar, na medida correta, as preocupações desta professora: *A beleza pura e imaculada deveria ser a meta da civilização*. Esta citação expressa o idealismo pela busca da *boa forma*. Mas o que me chama mais a atenção no trabalho desta professora é, não tanto aquilo que se busca, mas como se busca. Esse como se busca diz respeito à experimentação através do uso de modelos físicos. O livro descreve processos de pesquisa da forma com o uso de modelos físicos e ainda apresenta um universo rico de fotografias de trabalhos realizados pelos alunos desta professora. E, nesse contexto, também considero esta obra uma referência para minha formação na área que agora discuto<sup>44</sup>.

E, para finalizar este tópico, penso importante relatar aqui mais uma experiência que pude vivenciar e a partir dela me formar como docente no ensino de projeto e na prática da oficina. Em agosto de 2013, aconteceu na FAUUSP o segundo seminário Representar Brasil 2013: As representações na *Arquitetura, Urbanismo e Design*<sup>45</sup>. Além de minha apresentação de um artigo científico, me inscrevi e participei da oficina *Designing with Models*, ministrada pelo professor Criss Mills. O objetivo da oficina era o desenvolvimento de um projeto à escala do edifício e tinha como metodologia adotar como ponto de partida a imagem de uma obra de pintura, entre várias apresentadas de forma impressa por Mills. A ideia era tridimensionalizar a obra a partir da produção e manipulação de maquetes de papel ou papelão. Considero muito enriquecedor esse processo de projeto que se baseia em tornar penetrável, atravessável e habitável pelo corpo humano algo que na linguagem da pintura, ocupava inicialmente um suporte bidimensional. E foi uma oportunidade naquele momento fazer a oficina e poder estabelecer uma autorreflexão sobre o que eu vinha propondo aos discentes e que guardava algumas semelhanças com o ponto de vista de Cris Mills. O trabalho de Mills eu conhecia um pouco através do livro *Projetando com Maquetes*<sup>46</sup>, que fazia parte da bibliografia das minhas disciplinas.



**Figs. 40, 41 e 42.** Maquete/ Projeto desenvolvidos por Juliano A Pereira na oficina Designing with Models, ministrada pelo professor Criss Mills em 2013, no Representar Brasil 2013: As representações na Arquitetura, Urbanismo e Design, que ocorreu na FAU USP. Fonte: Juliano A Pereira.

### *A questão da metodologia em projeto*

A formação ofertada pelo curso de graduação em Design da UFU, conforme o Projeto Pedagógico de Curso, parte de uma formação generalista e privilegia três campos: design de produto, design de interiores e design gráfico. Dentre essas três esferas, minha atuação docente está focada nas duas primeiras: produto e interiores. Vindo de uma graduação em Arquitetura e Urbanismo, ao longo desses anos estudei, desenvolvi atividades de pesquisa e pude me especializar nestas duas áreas do design em que eu atuo. Este caminho de formação foi percorrido através da realização de minhas pesquisas de mestrado, de doutorado e de pós-doutorado. Mas também esta formação docente aconteceu a partir de várias outras atividades que desenvolvi na UFU, através da docência, da pesquisa e da extensão.

Além da disciplina *Oficina de Modelos*, outras duas disciplinas que venho lecionando ao longo desses anos são *Projeto III* e *Projeto IV*<sup>47</sup>. *Projeto III* está ligado ao design de produto e, *Projeto IV*, ao design de interiores.

A disciplina *Projeto III* oferta um aprendizado de design de produto a partir da realização de dois exercícios práticos de projeto. Inicialmente os discentes desenvolvem o projeto de um eletroportátil voltado ao uso doméstico, considerando não apenas os aspectos funcionais do objeto, mas também as dimensões simbólicas e afetivas que se estabelecem entre usuários e produtos<sup>48</sup>.

**47.** Como referido anteriormente, Projeto III e IV são disciplinas que eu ministro em dupla com outros professores.

**48.** A discussão é referenciada na bibliografia: MONT'ALVÃO, Claudia; DAMAZIO, Vera (org.). **Design, Ergonomia, Emoção.** Rio de Janeiro: Editora Mauad X, 2012.

49. Fonte: FONTE: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>



**Fig. 43.** Visita de estudos da disciplina Projeto IV, do curso de graduação em Design ao Museu Universitário de Arte – UFU. Profs. Juliano A Pereira e Leticia V M Garcez.

O segundo projeto trata do desenvolvimento de um produto que contribua com um dos 17 Objetivos para o Desenvolvimento Sustentável (ODS) traçados pela Organização das Nações Unidas e que devem ser implementados até 2030<sup>49</sup>.

A disciplina Projeto IV está relacionada ao ensino de projeto ligado ao design de interiores e tem como um de seus temas o design efêmero. Inicialmente começou com a proposição de projetos comerciais, como stands de venda, pop up stores e outras espacialidades comerciais de curta duração. A disciplina evoluiu para tratar da proposição de espaços temporários ligados à arte, à cultura e ao design. Considerando esta nova abordagem, os discentes desenvolvem um projeto expográfico que tem como temática da exposição o próprio curso de design da UFU. E esta exposição de caráter efêmero deve ser projetada tendo como espaço hipotético de sua instalação o Museu Universitário de Arte, MUnA, da UFU. Nesta disciplina os estudantes lidam pela primeira vez no curso com o projeto do espaço, mas também trabalham o design de um produto específico, isto é, os suportes expositivos.

No contexto dessas duas disciplinas de projeto, ao longo desses anos, sempre levei em consideração a função social que a profissão, em meu ponto de vista, deve ter, ainda mais considerando ser um curso dentro de uma universidade pública federal brasileira. Durante a ofertas dessas disciplinas, sempre propus temas de projeto e reflexões que levassem em conta como a profissão do designer pode impactar positivamente a sociedade, como pode trazer melhorias na qualidade de vida do indivíduo, em particular, e da população no geral. Mas percebo que esse, obviamente, não é uma abordagem apenas minha. Vejo que as universidades públicas federais brasileiras têm evoluído muito nesse sentido. Um ponto de virada foi a instituição da Lei nº 12.711/2012 (Lei de Cotas)<sup>50</sup>. Eu vi a partir deste momento uma mudança radical no perfil dos discentes e, claro, no perfil da própria UFU<sup>51</sup>. Nesse contexto, a desconfiança de alguns de que a qualidade do ensino cairia com a leis de cotas, não se confirmou. E, além da possibilidade de uma contribuição à reparação social que a lei poderia permitir, chamo a atenção para um outro fato, para o qual, para mim é fundamental ter

50. O programa de cotas nas universidades federais se iniciou com ações pioneiras isoladas no início dos anos 2000, como na UnB em 2002, mas foi consolidado nacionalmente com a sanção da Lei nº 12.711/2012 (Lei de Cotas), que tornou obrigatória a reserva de 50% das vagas para estudantes de escolas públicas, incluindo cotas raciais e para pessoas com deficiência, a partir de agosto de 2012.

51. No período em que fiz minha graduação em Arquitetura e Urbanismo, na USP de São Carlos, entre os anos 1994 e 1998, esse tipo de programa não existia nas universidades públicas federais brasileiras e nem nas universidades estaduais de São Paulo. Vindo de uma família de poucos recursos financeiros, e eu mesmo tendo que trabalhar durante o dia e estudar à noite, considero que não foi fácil o meu ingresso na USP pelo vestibular convencional, apenas com ampla concorrência, da FUVEST. Mas a USP naquela época já contava com alguns programas de apoio à estudantes que precisassem. Nesse contexto, pude cursar os 5 anos da minha graduação morando no alojamento velho da USP São Carlos e tendo bolsa integral de alimentação no Restaurante Universitário. Por outro lado, também logo no início consegui ser bolsista de iniciação científica. O valor que eu recebia com a bolsa de iniciação científica, me ajudava bastante. E, meus pais, sempre que possível também me apoiavam financeiramente. Só por isso pude dedicar 5 anos da minha vida a estudar na USP em um curso de turno integral. E por isso, acho importante declarar aqui que eu sou totalmente a favor dos programas de cotas e dos programas de apoio financeiro para que os estudantes possam, não apenas ingressar em universidades públicas do nosso país, mas que nelas consigam permanecer até receberem seus diplomas.

sensibilidade enquanto docente. A lei não apenas tornou um pouco mais democrático o acesso à universidade, mas à medida que o perfil dos estudantes ingressantes se modificou com a lei, também amadureceu a relação da universidade com a própria sociedade. À medida que estes novos estudantes trouxeram para dentro da sala de aula as questões sociais, culturais, econômicas, políticas e artísticas de seus contextos de origem, a universidade não deixou de refletir sobre uma formação que considerasse esses contextos. Como docente, procurei sempre agir nesse sentido, e posso dizer que aprendi muito, posto que, todo ensinar é uma relação de trocas.

Neste caminho do *ensinar a projetar*, sejam produtos ou espaços, tem-se que ensinar uma atividade extremamente complexa, multifacetada, que demanda criatividade, sensibilidade, capacidade de leituras e interpretações da realidade, entre outras questões. Um professor, nas ciências exatas, por exemplo, ensina os estudantes a resolverem uma equação e os estudantes que aprenderem, chegarão todos ao mesmo resultado. Por outro lado, se um professor de design ensina seus estudantes a projetarem uma cadeira, por exemplo, é esperado que em uma sala de aula com 35 estudantes, se tenha, ao final do exercício, 35 cadeiras diferentes. Como docente, me arrisco aqui a dizer que não existe a cadeira certa, mas a cadeira oportuna. Neste contexto aqui exposto, como *ensinar a projetar*? Particularmente, esses anos de docência me mostraram que o discurso e a didática do professor, no processo do ensinar a projetar, deve ser não somente focado sobre um resultado esperado, mas principalmente sobre o caminho a ser percorrido para se chegar até ele. Dito em outras palavras, é a capacitação dos estudantes para o uso das metodologias de projeto, seja para produto ou espaço. Mas também a metodologia não pode ser tomada como uma camisa de força, um passo-a-passo a ser cegamente seguido. Existem os manuais, que a meu ver, criam quadros de possibilidades, mas cabe ao estudante e ao projetista, de posse dessas possibilidades conhecidas, desenhar também o seu próprio caminho a partir da demanda específica que o projeto de design deve solucionar. Quando se fala a respeito de uma bibliografia sobre a temática da metodologia de projeto, existem três livros que conheci na minha trajetória docente em design e que me são muito caros para tratar o tema em sala de aula:



Fig 44. Desenho de Bruno Munari para explicar sua metodologia de projeto em Design. Fonte: MUNARI (1981)

- MUNARI, Bruno. Das coisas nascem coisas. São Paulo: Martins Fontes, 2015.
- PAZMINO, Ana Verônica. Como se Cria. 40 métodos para design de produto. São Paulo: Blucher, 2015.
- BROWN, Tim. Design Thinking. Uma metodologia poderosa para decretar o fim das velhas ideias. Rio de Janeiro: Alta Books Editora, 2017.

Entre essas três obras, o livro do Bruno Munari, publicado inicialmente em 1981, tem considerável pioneirismo a respeito de se escrever sobre o tema de que trata. Na minha formação em design, devo dizer aqui que foi um dos primeiros livros de design que tive contato. Era e ainda é presente nas fichas de disciplinas do curso de Design da UFU. Entre outras questões, acho bastante relevante a simplicidade com que Munari consegue tratar e apresentar um tema tão complexo. Penso que a facilidade de compreensão vem da inteligente estratégia do autor de usar, ao mesmo tempo, texto e desenhos e gráficos feitos à mão para expor seu ensinamento. Considero magistral o esquema gráfico que Munari propõe para explicar o que é projeto em Design e que o designer é um solucionador de problemas do cotidiano, e que os problemas devem ser bem construídos.... É o desenho/gráfico que se inicia na letra “P” e evolui até se chegar à letra “S”. Munari ensina sobre o caminho a ser percorrido entre o *problema* e a *solução* e, no meu ponto de vista, todo designer que ainda não leu, deveria ler este livro.

O segundo livro aqui citado, da autora Ana Verônica Pazmino, se constitui como um compendio com 40 ferramentas intelectuais de investigação e de criatividade que os estudantes ou profissionais de design podem lançar mão em diversas etapas do percurso projetual. E assim são utilizadas nas disciplinas de projeto que eu ministro. Corroborando para esse sentido, a própria autora traz a seguinte informação sobre seu livro:

O conteúdo aqui apresentado defende que as relações de todas as fases projetuais constituintes do processo de design devem ser presididas por integrações de métodos, conhecimentos e teorias de diversas disciplinas. E que o processo de design não é apenas constituído pelas fases projetuais, mas pelas relações que se estabelecem entre elas. O conjunto dessas relações constitui a organização do processo. (PAZMINO, 2015, p.5)



**Fig. 45.** Gráfico do método de projeto em design: Double Diamond. Fonte: <https://www.designcouncil.org.uk/our-resources/the-double-diamond/>

**52.** O *Double Diamond* foi publicado pelo *Design Council* do Reino Unido em 2004 como uma forma de sintetizar e comunicar o processo de design a pessoas sem formação em design. Fonte: <https://www.designcouncil.org.uk/our-resources/the-double-diamond/>, visitado em 14/01/2026.

**53.** Refiro-me aqui à dissertação de mestrado *Métodos e Processos de Projeto: Aproximações e Singularidades em Design e Arquitetura na Contemporaneidade.*, defendida por Leticia Vasconcelos Morais Garcez, em 2015 no PPGAU UFU. A orientação do trabalho foi em conjunto com a profa. Dra. Patrícia Pimenta Azevedo Ribeiro.

Então um dos meus trabalhos em sala de aula é sempre o de incentivar os estudantes a experimentarem o máximo de ferramentas disponíveis entre as 40 e outras mais e a escolher a(s) mais adequadas para cada etapa do processo projetual.

Se por um lado vejo Munari como pioneiro desta área ligada à metodologia de projeto em design e entendo o trabalho de Pazmino como um bom grande compendio de ferramentas disponíveis para as metodologias de projeto, a um certo momento da docência, tive contato com o método definido como *Double Diamond*. Inicialmente este contato foi através do site do design council<sup>52</sup> e depois a partir de uma leitura mais aprofundada do livro de autoria de Tim Brown, acima listado. Do *Double Diamond*, penso ser extremamente didático o desenho que espacializa essa metodologia no formato do duplo diamante e a divisão do processo de projeto em 4 etapas: descobrir, definir, desenvolver e entregar. Acredito didaticamente muito interessante o esquema gráfico que divide o processo em quatro etapas e caracteriza essas etapas entre pensamento divergente (descobrir e desenvolver) e *pensamento convergente* (definir e entregar).

Considero uma excelente tríade bibliográfica que dá suporte à minha atividade docente nas disciplinas de projeto em design, levando em conta que a reflexão sobre metodologia de projeto sempre foi para minha formação e para as minhas atividades de ensino um ponto importante. Inclusive, confirmando esta importância para mim como docente, tive a oportunidade de ser coorientador de uma dissertação de mestrado sobre o tema no Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, PPGAU-UFU<sup>53</sup>.

#### *O saber fazer para o saber desenhar*

No ano de 2019 iniciei minha pesquisa de pós-doutorado, intitulada *Diálogos entre as técnicas artesanais e o design: investigação dos condicionantes contemporâneos*. A pesquisa foi desenvolvida na Universidade de Lisboa e, na ocasião, fui recebido e supervisionado pela profa. Dra. Rita de Almeida Filipe. Neste momento tinha como um dos objetivos da pesquisa, que ao final de sua realização, um dos seus produtos fosse a montagem de uma disciplina optativa para o curso de Design da UFU.

A disciplina foi montada na área de ensino de projeto e tem como objetivo a construção de diálogos entre o saber fazer das técnicas tradicionais (técnicas construtivas e materiais tradicionais) dos artesãos e o conhecimento de projeto do estudante de design. Esta disciplina está sendo ofertada pela sua segunda vez e possui um caráter fortemente extensionista. Durante o desenvolvimento da disciplina, é feito inicialmente uma abordagem teórica sobre conceitos em torno da palavra artesanato. Após esta etapa, o estudante deve formar dupla com um artesão da cidade de Uberlândia para desenvolver um produto com as características do design e do artesanato. Na atual edição da disciplina, isto é, no segundo semestre letivo de 2025 do calendário acadêmico da UFU, os estudantes estão trabalhando com bordadeiras de Uberlândia e região. Esta atividade está sendo desenvolvida a partir de uma parceria estabelecida com a Secretaria de Cultura da Prefeitura Municipal de Uberlândia, que já oferecia atividades dentro de um *clube do bordado*. A ideia da disciplina é levar o bordado para suportes que não lhes são tão comuns, construindo para o bordado novos significados e sentidos culturais, sociais e econômicos na sociedade contemporânea. A disciplina na atual edição conta com a participação de 20 estudantes de design e 20 bordadeiras, somando um grupo de 40 participantes, organizados em duplas designer-bordadeira. O tema de projeto é a produção de uma luminária e o ponto de partida é o diálogo e a criação conjunta. Na disciplina são tratados temas como técnicas de bordado, questões identitárias e de pertencimento. A estrutura da luminária é a mesma para todas as duplas e foi projetada por mim, enquanto docente da disciplina. Trata-se de um suporte em compensado de madeira recortado em máquina CNC. O trabalho dos estudantes é pensar junto com as bordadeiras um tema a ser bordado e o design da superfície das cúpulas (um trabalho que, de certa forma, está no universo do design gráfico) e às bordadeiras cumpre bordar e ensinar as técnicas do bordado aos estudantes de design. Penso ser um campo de trocas riquíssimo para a formação de todos os envolvidos. E objetivo também com a disciplina demonstrar aos estudantes que não existe uma hierarquia entre o saber popular e o acadêmico, ou entre tecnologias surgidas em períodos históricos diferentes. Não por acaso as peças da estrutura das luminárias são

cortadas na CNC e as cúpulas bordadas à mão. Neste caso, o design produz a série e o artesanato torna singular cada peça. Esta é a proposta de formação para os discentes.



**Fig. 46.** Cartaz-convite para bordadeiras participarem da disciplina Design e Artesanato. Fonte: Thaís Rodrigues Araújo.



**Fig. 47.** Primeiro encontro da disciplina Design e Artesanato: 20 estudantes e 20 bordadeiras. Fonte: João Pedro Tauffer Caldas. Local: Auditório do Museu de Arte Sacra de Uberlândia.

55



**Fig. 48.** Primeiro encontro da disciplina Design e Artesanato: senhora bordadeira apresenta seu trabalho. Fonte: João Pedro Tauffer Caldas.



**Fig. 49.** Disciplina Design e Artesanato: Luminária desenvolvida por Juliano A Pereira para receber o bordado em sua cúpula. Fonte: Juliano A Pereira.

### ***E as atividades de orientação?***



**Fig. 50.** Mobiliário Flexível Para Um Morar Contemporâneo (2015). Banca de Defesa do TCC em Design de Leticia Vasconcelos Morais Garcez. Banca examinadora: Sandra Rezende, Patrícia Pimenta Azevedo Ribeiro, Viviane do Guimarães Alvim Nunes. Orientador: Juliano A Pereira

A respeito desta atuação docente, me sinto feliz por todos os convites que recebo dos estudantes e sempre procurei modos de orientar, sem tirar o protagonismo do estudante em conduzir um trabalho que ele escolheu fazer, seja por afinidade, paixão, ética, desejo de atuação profissional futura ou qualquer outro motivo. Contando os meus dois períodos de docente na UFU, como temporário e efetivo, orientei uma quantidade grande de Trabalhos de Conclusão de Curso, TCCs, nos currículos dos cursos de Design de Interiores e de Design. No curso de Arquitetura e Urbanismo, também tive a oportunidade de orientar alguns TCCs, mas apenas na escala da Arquitetura, e não do Urbanismo. Esses todos são trabalhos que a maior parte logrou excelente resultado. Inclusive um deles tendo recebido, no âmbito da UFU, uma premiação, em concurso estabelecido pela UFU como forma de reconhecer os melhores TCCs da universidade. Refiro-me aqui à primeira edição da *Série Monografias*, estabelecido pela Pró-reitora de Graduação da UFU. O TCC premiado foi desenvolvido no curso graduação em Design de Interiores, e defendido em 2010, pela estudante Maria Cristina de Almeida Rezende. A estudante desenvolveu o projeto de design de interiores para a Biblioteca Pública Municipal de Uberlândia, uma demanda da cidade identificada pela própria discente. O edifício original não comportava mais adequadamente o acervo da referida biblioteca, e a estudante propõe que sua sede fosse transferida ao edifício do antigo Fórum de Uberlândia, que no futuro ao TCC, uma vez desocupado, se tornou um espaço de cultura da cidade e de fato veio a abrigar nele a biblioteca municipal.

Ainda sobre as minhas atividades docentes relacionadas aos TCCs, nesse período, participei como membro avaliador de 120 bancas, tanto internas, dos cursos da FAUED UFU, como também como professor convidado de cursos de graduação de outras universidades.

54. As disciplinas que ministrei no PPGAU UFU, foram: *Planejamento e Projeto do Espaço Construído*, ofertada em 2017 em conjunto com a Profa. Dra. Giovanna Teixeira Damis Vital e o Prof. Dr. Glauco de Paula Coccozza (esta disciplina tratou de questões relativas às metodologias de pesquisa em arquitetura, urbanismo e design e contribuiu para os pós-graduandos amadurecerem seu projetos de pesquisa, para as futuras bancas de qualificação) e *Tópicos Especiais em Arquitetura e Urbanismo*, ofertada em 2018, em conjunto com a Profa. Dra. Viviane dos Guimarães Alvim Nunes (esta disciplina teve como tema principal os princípios da sustentabilidade ambiental, social e econômica e sua relação com as práticas do design, da arquitetura e do urbanismo).

Ainda entre estas atividades, orientei uma quantidade considerável de trabalhos de Iniciação Científica, Monitorias de disciplinas, Bolsistas de Extensão, entre outros. Muitos deles resultaram em trabalhos publicados em congressos da área, sobretudo de iniciação científica.

Por um período fiz parte como docente do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUED UFU. Além de ministrar duas disciplinas<sup>54</sup>, orientei as seguintes dissertações de mestrado:

- *Métodos e Processos de Projeto: Aproximações e Singularidades em Design e Arquitetura na Contemporaneidade*. Defendido por Letícia Vasconcelos Morais Garcez em 2015, no PPGAU UFU. Este trabalho foi em coorientação com a Profa. Dra. Patrícia Pimenta Azevedo Ribeiro.
- *Mobiliário na Percepção do Espaço Urbano: Estudo sobre o Mobiliário Urbano de Uberlândia - Mg*. Defendido por Mateus Finotti Fontes em 2017 no PPGAU UFU.
- *Evolução da Indústria Moveleira no Brasil: Open Design e o Uso da Prototipagem Rápida*. Defendido por Yasmin Carolini Thoméo em 2018 no PPGAU UFU.
- *O Design como Ferramenta de Desenvolvimento da Economia Criativa em Uberlândia*. Defendido por Renata Cristiane da Silva Dias em 2018 no PPGAU UFU.

São dissertações de mestrado que possuem o design como recorte, mesmo tendo sido realizadas dentro de um Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Neste período todo na UFU, também cumpre destacar que participei de algumas bancas de mestrado e doutorado, seja no âmbito do PPGAU UFU ou como professor convidado para bancas de avaliação em outros programas brasileiros de pós-graduação em design ou em arquitetura e urbanismo.

Para finalizar, ao longo deste capítulo intitulado *Atividades de Ensino*, procurei realizar uma apresentação de minhas atividades docentes durante os quase 25 anos

de minha presença na UFU. Ao apresentá-las, me propus a privilegiar uma abordagem o mais *qualitativa* possível de minhas ações docentes, expressando meu ponto de vista sobre aquilo que ensinei. Quis falar sobre as pedras e o arco, como ensina Ítalo Calvino. Por outro lado, gostaria de encerrar este capítulo apresentando um dado *quantitativo*, que considero não menos importante. Realizei algumas contas, e cheguei à conclusão de que durante esses quase 25 anos de docência, contribuí para a formação profissional de pelo menos 725 estudantes. Me sinto feliz e honrado e digo que isto confere sentido à minha vida. Modestamente, mas com muito esforço pessoal, acredito ter contribuído para que essas pessoas pudessem ter uma formação profissional de nível superior, e espero que essa formação possa fazer na vida delas, a mesma diferença que fez na minha.

## II. ATIVIDADES DE PESQUISA

No meio do caminho tinha uma pedra  
Tinha uma pedra no meio do caminho  
Tinha uma pedra  
No meio do caminho tinha uma pedra

Nunca me esquecerei desse acontecimento  
Na vida de minhas retinas tão fatigadas  
Nunca me esquecerei que no meio do caminho  
Tinha uma pedra  
Tinha uma pedra no meio do caminho<sup>55</sup>

55.No meio do Caminho. Poema de Carlos Drummond de Andrade, publicado inicialmente na Revista de Antropofagia, em 1928.

A trajetória de pesquisador, que eu desenvolvi, se inicia antes do meu ingresso na UFU, e considero importante relatar neste memorial este período inicial. Parto do entendimento de que conhecer esse período é de grande importância para a ajudar a contextualizar as atividades que eu vim a desenvolver como pesquisador, quando passei a fazer parte do quadro docente da Universidade Federal de Uberlândia. Ingressei no curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo da USP de São Carlos em fevereiro de 1994. Em 1995, recebi convite do prof. Dr. Renato Luiz Sobral Anelli para integrar o grupo de pesquisa ARQBRAS, inicialmente recebendo uma *bolsa trabalho*, que durou cerca de um ano e, após esse período e até a conclusão de minha graduação, permaneci no grupo como bolsista CNPq. Naquele período, a internet dava seus primeiros passos, e a intenção do ARQBRAS era constituir um acervo digital, um banco de dados, com tudo que fora publicado em revistas especializadas em arquitetura e urbanismo, a respeito da arquitetura moderna brasileira, no período em que essa arquitetura

56. Um comentário que eu gostaria de deixar registrado aqui é que eu aproveitava também esses momentos para aprender sobre como projetar, vendo essas revistas. Eu era um estudante bastante curioso nesse sentido. Além das buscas focadas nos conteúdos da pesquisa de iniciação científica, eu gostava muito de ler as matérias que saíam na revista Projeto de autoria da Profa. Dra. Ruth Verde Zein e do Prof. Dr. Hugo Segawa. O prof. Hugo Segawa, tive o privilégio de conhecê-lo pessoalmente, pois ele ingressaria como docente na USP São Carlos quando eu estava no segundo ou terceiro ano do curso, e eu pude ser seu aluno. Me lembro de uma amiga de sala de aula vindo comentar comigo: *Juliano, o Hugo Segawa da revista Projeto vai ser nosso professor!* Naquele momento, éramos bem novos no universo da arquitetura, e ficamos felizes e curiosos de conhecer e ter aula com alguém que nos inspirava tanto. Sobre a professora Ruth Verde Zein, que infelizmente nos deixou em agosto de 2025, não tive a oportunidade de conhecê-la pessoalmente. Mas me lembro muito, até hoje, do que lia sobre o que ela escrevia na revista Projeto. E a partir daí passei a me interessar pelo que ela escrevia em livros e revistas ao longo desses anos todos. A escrita dela, somada às fotos e aos desenhos técnicos publicados na revista Projeto, sobre as obras que ela visitava era fantástica. Essas matérias faziam o leitor se sentir um pouco dentro da arquitetura apresentada pela revista. Me lembro do artigo em que ela apresentou o alojamento de estudantes e o restaurante da Universidade de Campinas, UNICAMP-SP. Um projeto em tijolo cerâmico desenvolvido pelo arquiteto espanhol Juan Villá. Neste projeto, o arquiteto propunha certa industrialização do processo construtivo, criando, para os alojamentos, painéis pré-fabricados com os tijolos cerâmicos unidos com concreto e vergalhão. Assim se tornavam painéis para montagem da arquitetura no canteiro de obra.

se desenvolvia em nosso país. Para citar alguns exemplos, entre essas revistas históricas, estavam: Acrópole, Habitat, Módulo, Projeto, AU e, posto o prestígio e reconhecimento internacional que a arquitetura moderna brasileira possuía naquele período histórico, também pesquisávamos em revistas internacionais, como a revista *L'Architecture d'Aujourd'Hui*, *The Architectural Review*, *Domus*, e outras. Todas faziam parte do acervo da biblioteca da Escola de Engenharia de São Carlos, EESC USP, onde estava alocado o Departamento de Arquitetura e Urbanismo da USP, no qual me graduei. Era fascinante e muito formativo para um estudante de arquitetura passar as horas livres das aulas, na biblioteca pesquisando nessas revistas<sup>56</sup>. Acredito que nesse momento nasceu o gosto que tenho pelo que faço como pesquisador.

Nós, bolsistas de iniciação científica, tínhamos como tarefa pesquisar esses artigos nesses periódicos de época, fazer uma cópia xerox para o acervo do ARQBRAS, fazer uma leitura e preencher uma ficha catalográfica digital com informações sobre o artigo lido. Um dos campos a serem preenchidos, era um resumo sobre o artigo. Também havia fichas que preenchíamos sobre obras de arquitetura moderna que encontrávamos nas revistas.

Por outro, usava os mesmos blocos cerâmicos para construir o grande vão de cobertura do restaurante em formato de abóboda. A Ruth Verde Zein fazia, na revista Projeto, uma apresentação do conjunto todo como alguém que estivesse passeando pelo local e contando para alguém sobre o passeio, e ao final terminava com: "pausa para um cafezinho". Aprendi ali um jeito sobre como a gente pode falar sobre arquitetura, não se limitando apenas a uma descrição técnica. Anos depois, quando pude estar na UNICAMP, e visitar o conjunto do alojamento e do restaurante, que conheci através do olhar da Ruth Verde Zein, vi que tudo aquilo era realmente tudo aquilo que ela havia nos contado.

Então o resultado de nosso trabalho era ou uma *ficha de artigo* ou uma *ficha de obra*. E o objetivo era que esse banco de dados, ao reunir de modo pioneiro todas essas informações, se constituísse num espaço privilegiado de pesquisa para o conhecimento da produção da arquitetura moderna brasileira. Muitos trabalhos de mestrado e doutorado, e aqui incluo meu mestrado e doutorado, puderam ser realizados com apoio desse acervo montado e eram, muitos deles, desenvolvidos por integrantes do ARQBRAS.

O grupo ARQBRAS era coordenado pelo Prof. Dr. Carlos Alberto Ferreira Martins e pelo Prof. Dr. Renato Luiz Sobral Anelli. Enquanto as pesquisas do professor Carlos Martins eram voltadas para a arquitetura moderna brasileira em geral, a pesquisa do professor Renato Anelli, da qual fiz parte, tratava de arquitetos italianos ou de formação italiana que contribuíram para a constituição da arquitetura moderna brasileira: Gregori Warchavchik, Rino Levi, Daniele Calabi, Bernard Rudofsky, Giancarlo Piretti e Lina Bo Bardi.

Comecei a aprender a ser pesquisador neste período de iniciação científica, tendo o privilégio de ter sido orientado por esses dois professores, com os quais nutro grande admiração intelectual. Também aprendi, nesse início, através do convívio dentro do ARQBRAS com outros pesquisadores de iniciação científica, de mestrado e doutorado. Estabeleci grandes amizades que duram até os dias de hoje.

Na minha iniciação científica, comecei preenchendo fichas de artigo e de obra, sem um recorte específico, mas ajudando colegas que no grupo estavam a mais tempo que eu. Pouco tempo depois, comecei a trabalhar com as fichas de artigo e de obra dos referidos arquitetos italianos ou de formação italiana que contribuíram para a constituição da arquitetura moderna brasileira. E, um pouco mais a frente, conforme fui me envolvendo com o trabalho, estabeleci como recorte de minha iniciação científica, a produção da arquiteta Lina Bo Bardi. A minha base de pesquisa passou a ser sobretudo a revista Habitat, mas também as revistas Projeto e AU, com artigos sobre obras específicas da arquiteta. Contudo, essas duas últimas revistas traziam artigos com homenagens póstumas, haja visto que Lina Bo Bardi havia

falecido em 1992 e os anos de minha graduação começaram em 1994.

Ao longo do ano de 1998, ao mesmo tempo em que desenvolvia meu Trabalho Final de Graduação, TFG, e concluía minha pesquisa de iniciação científica, comecei a escrever meu projeto de pesquisa para o mestrado da USP São Carlos. Participei do processo seletivo e fui aprovado. Depois, dentro do Programa, encaminhei meu projeto de pesquisa com a solicitação de uma bolsa de mestrado junto à FAPESP. O projeto foi aprovado e a bolsa concedida por dois anos. Esta bolsa foi fundamental para que eu pudesse me dedicar integralmente ao desenvolvimento da pesquisa e da dissertação de mestrado.

O assunto que eu havia escolhido para pesquisar no mestrado era sobre a primeira passagem da arquiteta Lina Bo Bardi por Salvador, entre 1958 e 1964. Meu objetivo inicial era estudar este deslocamento geográfico de Lina para criar na Bahia o Museu de Arte Moderna da Bahia, o MAMB, como se escrevia na época. O meu interesse foi se constituindo a partir do que eu lia na iniciação científica sobre este tema em Lina e que relacionava arte, cultura, design e arquitetura moderna com a cultura e a tradição popular da Bahia e do Nordeste brasileiro. O diálogo dessas duas matrizes culturais me chamava muito atenção. E em sentindo complementar, tive certeza de que eu queria estudar este tema, quando li, naquele momento pré-mestrado, o livro *Verdade Tropical*, do Caetano Veloso, e encontrei um trecho específico que começou a me dar uma dimensão ainda mais precisa do que Lina havia feito na Bahia naqueles anos. E era sobre isso que eu gostaria muito de pesquisar, estudar e de me aprofundar no conhecimento:

A arquiteta italiana radicada em São Paulo Lina Bo Bardi tinha sido convidada pelo governador estadual para organizar o Museu de Arte Moderna da Bahia [...], onde, além do acervo crescente de obras brasileiras, e estrangeiras, víamos magníficas exposições didáticas que, se fosse o caso, contavam com alguns quadros e esculturas de grandes artistas (Renoir, Degas, Van Gogh) que a senhora Bardi tinha acesso por ser mulher do diretor do Museu de Arte de São Paulo. O Museu de Arte Moderna da Bahia funcionava no foyer, todo em mármore e vidros, do

do imenso Teatro Castro Alves, que tinha sido quase inteiramente destruído por um incêndio apenas um dia depois de inaugurado, poucos anos antes da criação do museu. O foyer ficara intacto, mas a sala de espetáculos tinha se transformado numa enorme caverna negra de que Lina utilizou a parte correspondente ao palco para criar um pequeno teatro de meia-arena onde, em sua colaboração com o diretor da Escola de Teatro, Eros Martins Gonçalves, montou-se a Ópera dos três tostões, de Brecht [...] e, depois, Calígula, de Camus. Houve colaboração também com o crítico de cinema Walter da Silveira na transformação da rampa que liga o foyer à sala de espetáculos num belo cineminha exclusivo do clube de cinema que ele fundara<sup>57</sup>.

**57.** VELOSO, Caetano. **Verdade Tropical**. São Paulo, Companhia das Letras, 1997.

**58.** A disciplina era ofertada no edifício da FAUUSP, na Cidade Universitária, e não no edifício da FAU Maranhão, onde é a sede da pós-graduação da FAUUSP. Assim passei um semestre, tendo aulas toda semana no edifício emblemático da FAUUSP, projetado por Vilanova Artigas, com a colaboração de Carlos Cascaldi. Frequentar e conviver nesse edifício também foi uma grande oportunidade para eu aprender sobre arquitetura e design.

**59.** A disciplina foi incrível para meu crescimento como pesquisador e para o desenvolvimento da dissertação de mestrado. A Profa. Dra. Fernanda Fernandes fora minha professora nos anos de graduação em São Carlos. E, com relação à Profa. Dra. Maria Cecília França Lourenço, era outra dessas oportunidades incríveis que a vida me deu e que eu não acreditava: Ter aulas e conviver com a autora dos livros *Operários da Modernidade e Museus acolhem o moderno*, obras que, sem sombra de dúvida, são pioneiras e de grande referência nesta temática, até os dias atuais.

Assim apresentei meu projeto de pesquisa para ingresso no mestrado na USP São Carlos sob o título *A ação cultural de Lina Bo Bardi na Bahia e Nordeste (1958-1964)*. No mesmo processo seletivo, participou minha colega de graduação, a Mariana Lucchino, com um projeto de pesquisa, cujo título era *MASP 7 de Abril (1947-1957): A concepção de Lina Bo Bardi de 'museu-escola'*. Fomos aprovados e, naturalmente, o Prof. Dr. Renato Anelli foi nosso orientador. Eu e a Mariana trabalhamos muito juntos, cursamos disciplinas semelhantes, e esta interlocução era muito rica para a pesquisa. Havia um diálogo e uma continuidade entre um trabalho e outro. A Mariana chegava até 1957 e eu começava em 1958, mas o tema era Lina Bo Bardi e dois de seus museus. Neste período, além das disciplinas ofertadas pelo Programa de Mestrado da USP São Carlos, que eram excelentes, eu e Mariana cursamos também uma disciplina ofertada na FAUUSP<sup>58</sup>, pelas Profa. Dra. Maria Cecília França Lourenço e a Profa. Dra. Fernanda Fernandes.<sup>59</sup> A professora França Lourenço, depois participou como avaliadora da banca de defesa da minha dissertação de mestrado.

A respeito do processo de desenvolvimento do mestrado, gostaria de relatar aqui algumas questões relativas à pesquisa junto às fontes, sejam as primárias ou as secundárias.

No ano de 1999, o trabalho da arquiteta Lina Bo Bardi ainda era pouco (re)conhecido. O meio acadêmico começava a produzir as primeiras dissertações de mestrado e teses de doutorado a respeito de sua obra.

60. BRUAND, Yves. *Arquitetura Contemporânea no Brasil*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1991.

Me lembro de ter feito um levantamento nas bibliotecas da ESSC-USP e da FAUUSP, através do DEDALUS USP, sobre trabalhos relacionados à obra de Lina Bo Bardi e esses eram por volta de meia dúzia. A primeira edição do “livrão” da Lina Bo Bardi, como o pessoal do Instituto Lina Bo e PM Bardi o chamava, e que fora organizado por Marcelo Ferraz era de 1993. E era um primeiro panorama completo do que a arquiteta havia feito.

Me lembro no período de minha graduação, que em um importante livro adotado pelo Prof. Dr. Carlos Martins, em sua disciplina de graduação de Teoria e História da Arquitetura Brasileira, intitulado *Arquitetura Contemporânea no Brasil*, de Yves Bruand<sup>60</sup>, havia sobre Lina Bo Bardi apenas uma foto, na página 267, do edifício do MASP na avenida Paulista e um texto de aproximadamente ¼ de uma coluna.

#### *As aventuras de um pesquisador iniciante*

Por mais que eu já houvesse feito pesquisa de iniciação científica, seria no mestrado a primeira vez em que eu sairia em busca das fontes primárias de pesquisa fora da biblioteca da EESC USP. As duas cidades em que realizei o levantamento de informações sobre o tema do meu mestrado foram: São Paulo, SP, e Salvador, BA. Em São Paulo, passei uma larga temporada pesquisando no Instituto Lina Bo e PM Bardi e, em Salvador, visitei uma série de instituições e ainda entrevistei pessoas que trabalharam com Lina, quando da primeira passagem da arquiteta por lá, entre 1958 e 1964.

No Instituto Lina Bo e PM Bardi, em São Paulo, eu passava a semana, manhã e tarde no escritório que Lina havia projetado e construído para desenvolver seus projetos. Sentado na cadeira girafa, havia uma lista impressa, na qual eu selecionava as pastas suspensas, com os arquivos que eu desejava pesquisar. Segundo Giancarlo Latorraca, essa lista havia sido organizada inicialmente para se fazer o “livrão” da Lina e de fato a lista repetia o índice do livro *Lina Bo Bardi*, de 1993. Os arquivos ficavam guardados na casa de vidro, que naquela época ainda não estava aberta à visitação. Através da lista, eu selecionava as pastas que eu queria ver, o estagiário do Instituto subia e descia da

da casa de vidro para o escritório com essas pastas. Eu selecionava aquilo que na pasta me interessava e o estagiário levava para fazer cópia xerox, em algum lugar ali próximo ao Instituto, que ele ia a pé. Eu estive lá no início da organização do Instituto e de seus arquivos. Atualmente o arquivo encontra-se totalmente digitalizado, com acesso pela internet e a casa de vidro pode ser visitada, como já fiz uma vez com os estudantes de uma disciplina que eu ministrei no curso de Design da UFU. Nesse período da pesquisa, encontrei duas ou três vezes com o Marcelo Ferraz. Convivia bastante com o Giancarlo Latorraca, que era sempre solícito e me ajudava com tudo que estivesse ao seu alcance para que eu pudesse desenvolver o trabalho. Havia um interesse muito grande no instituto em apoiar trabalhos que divulgassem a obra e o pensamento de Lina Bo Bardi.

Em Salvador, Bahia, permaneci por aproximadamente 20 dias fazendo pesquisa. Foi a primeira vez que viajei de avião. Para esta viagem de pesquisa, utilizei a reserva técnica da FAPESP, um recurso financeiro que a instituição disponibiliza, além da bolsa, para dar suporte ao desenvolvimento da pesquisa<sup>61</sup>. Visitei e fotografei o Solar do Unhão, o Teatro Castro Alves e os edifícios que Lina e sua equipe interviram e restauraram quando de sua segunda passagem por Salvador nos anos de 1980. Naquela época em que fui para Salvador, não havia google maps, e eu me deslocava pelo centro histórico da cidade com uma cópia xerox que eu havia feito de um mapa que havia no livro da Lina, nas páginas 272 e 273, e que tinha a legenda: *Planta do plano geral das intervenções no centro histórico*. Funcionava tanto para encontrar os edifícios restaurados por Lina e sua equipe, quanto para encontrar outros lugares de meu interesse. Nesses dias em Salvador, algumas coisas me chamavam a atenção. Havia a sede da prefeitura municipal de autoria do arquiteto João Filgueiras Lima, o Lelé, que fora projetada em 1980. Apesar de ter sido pensada como uma construção provisória, em estrutura metálica e suspensa do solo, a edificação se encontra no local até hoje e, naqueles 20 dias, todo dia passava por ela para ir do local onde eu me hospedara até o Solar do Unhão. Era uma arquitetura que me despertava muito interesse. Também outras duas questões me chamavam a atenção. Uma era sobre o design popular e outra sobre a economia

61. Este apoio da FAPESP com bolsa e reserva técnica foi fundamental para o desenvolvimento da minha pesquisa de mestrado. Depois que terminei o doutorado e entrei como docente na UFU, sou até os dias de hoje, parecerista da FAPESP na emissão de avaliações para concessão de bolsas de IC, Mestrado, Doutorado ou outros projetos de pesquisas na área de Design. Também sou avaliador de relatórios intermediários e finais enviados por pesquisadores bolsistas da instituição.

popular. Algumas pessoas possuíam uns pequenos carrinhos de madeira que em sua carroceria havia garrafas de café e chá para venda. Eram uns aparatos bastante interessantes, lúdicos e funcionais, bem construídos e coloridos. Eram expressivos do design popular, tinham uma estética peculiar e eram funcionais. Sobre a economia popular, naquele período poucas pessoas tinham celulares e o uso de telefone público - os orelhões - com cartões era muito comum. O comércio vendia cartões de 15, 20, 30, 50 unidades. Mas algumas pessoas ficavam ao redor dos orelhões vendendo *unidades picadas*: o usuário conferia no próprio orelhão quantas unidades o cartão possuía no início e no final da conversa, e pagava só pela diferença relativa ao uso que havia feito.

Nesta viagem a Salvador, um ponto que fiquei bastante entristecido era ver que algumas obras projetadas por Lina e sua equipe encontravam-se bastante abandonadas, ou fechadas. Me lembro de ter visto, em um dos arquivos públicos do Estado da Bahia, em que fiz pesquisa, uma cadeira girafa toda carcomida colocada inclinada sendo utilizada como recurso para manter a porta de um elevador aberta. Eu acredito que essa cadeira deva ter sido parte do conjunto original dessas peças, que fora produzido para o restaurante do Benin. Entre esses equipamentos culturais projetados por Lina e equipe, em melhor estado de conservação e aberto à visitaçã estava a Sede do Olodum e o Conjunto do Solar do Unhão, que em 2000 abrigava o Museu de Arte Moderna da Bahia, o MAM-Ba.

66

*Mirei no que vi, acertei no que não vi*

Quando escrevi meu projeto de pesquisa para o mestrado e comecei os levantamentos de documentos no Instituto Lina Bo e PM Bardi, sob o título *A Ação Cultural de Lina Bo Bardi na Bahia e Nordeste (1958-1964)*, tinha como objetivo estudar as seguintes ações de Lina, neste período: a criação do Museu de Arte Moderna da Bahia (MAMB) e do Museu de Arte Popular (MAP), o restauro do conjunto arquitetônico do Solar do Unhão, com a bela nova escada em madeira, as publicações das Crônicas no Diário de Notícias de Salvador, a Lina professora do curso

62.O MAMB foi rebatizado de MAM Bahia.

de Arquitetura da UFBA, as interlocuções da arquiteta com a Escola de Teatro da UFBA, a partir de sua aproximação à Martim Gonçalves e a Exposição Bahia no Ibirapuera. Entretanto, nas pesquisas que realizei nos arquivos do Museu de Arte Moderna da Bahia, o MAM-Ba<sup>62</sup>, quando fui recibo pela museóloga Luiza Ventura, encontrei um material inédito, que não havia visto em São Paulo ou no livro sobre a Lina de 1993. Trata-se de um texto datilografado, em que Lina relata sua intenção de criação de uma Escola de Design, baseada no artesanato.

63.Ver livro: PEREIRA, Juliano. **Lina Bo Bardi, Bahia, 1958-1964**. Uberlândia: EDUFU, 2008.

Este tema passou a fazer parte das discussões de minha dissertação de mestrado e o texto completo sobre a criação dessa escola de design, encontra-se como anexo da dissertação de mestrado e do livro que se tornou minha dissertação<sup>63</sup>.

64.SUZUKI, Marcelo (coord.) **Tempos de Grossura, o Design no Impasse: Lina Bo Bardi**. São Paulo: Instituto Lina Bo e PM Bardi, 1994

Esse texto datilografado que encontrei no MAM Bahia, me ajudou muito a entender onde Lina queria chegar quando faz, em *Tempos de Grossura*, o *Design no Impasse*<sup>64</sup>, um balanço de sua primeira passagem por Salvador. Se essa experiência não houvesse sido interrompida, a existência dessa Escola de Design incorporando os conhecimentos do artesanato seria de um pioneirismo inédito em nosso país. Neste momento histórico se discutia muito qual seria o caminho da industrialização brasileira. Como contribuição à essa industrialização, intelectuais e artistas começaram a pensar em projetos para as primeiras escolas brasileiras de Design: o IAC MASP (1947-1951), a Sequência de Desenho Industrial da FAU USP (1962) e a Escola Superior de Desenho Industrial do Rio de Janeiro, ESDI RJ (1963). O texto datilografado de Lina para a Escola de Design em Salvador em diálogo com o artesanato é de 1963. Lina estava atenta a essa discussão da época, mas propunha um caminho original e distinto dos demais que foram efetivados. Fica a pergunta: Como seria o design brasileiro se esta escola de Lina houvesse vingado? Uma pena que não saberemos a resposta. Mas, como pesquisador, comecei a me interessar pelo tema de tal modo, que dele não me afastei mais. Meu doutorado e meu pós-doutorado, bem como outras pesquisas que realizei e realizo, abordam outros temas, mas não deixam de ser temas que também se relacionam ao ensino de Design. Não foi apenas por gosto, mas foi por um desejo pessoal de aprender, com o objetivo de ser um bom professor no curso de Design da UFU.

Neste momento em que estive em Salvador, além das atividades todas acima descritas, também pude realizar entrevistas com pessoas que trabalharam diretamente com Lina Bo Bardi, por ocasião da passagem da arquiteta pela cidade. Foi um dos momentos mais ricos desse processo todo. Me ajudou muito a aprender sobre a profissão de pesquisador e, por outro lado, essas entrevistas se tornaram um material relevantíssimo na reconstrução dos acontecimentos que eu estudava e que também, depois, outros pesquisadores vieram a estudar, com novos recortes.

Essa minha primeira experiência de trabalhar com entrevistas, como fonte de pesquisa, fora muito bem sucedida e serviu, por um lado, para a recuperação de informações inéditas esquecidas ou sem registro nos textos e, por outro, serviram para eu confirmar e me aprofundar em outras informações que eu havia lido em livros e revistas. O professor Carlos Martins alertava para a diferença entre os fatos históricos e certa subjetividade na narrativa feita a partir da memória, diferença necessária de se ter em consideração ao se utilizar as entrevistas como fonte primária de pesquisa. Fato é que após essa experiência bem sucedida, toda pesquisa que faço e que farei, reservo sempre um espaço de tempo para ouvir e registrar o depoimento de pessoas envolvidas ou próximas ao objeto de pesquisa que eu esteja estudando.

Os entrevistados em Salvador foram pessoas que trabalharam diretamente com Lina, pessoas que já desenvolviam atuação profissional em Salvador na mesma área de arquitetura, arte e cultura, ou pessoas que haviam sido alunos de Lina no curso de arquitetura da UFBA e que depois passaram, de alguma forma, a colaborar com a arquiteta. Fui muito bem recebido por todos<sup>65</sup> e todos foram extremamente generosos em seus depoimentos, que resultaram em entrevistas extremamente detalhadas e que lançou luz a muitos pontos que não eram claros ainda para o trabalho. As entrevistas que realizei foram com:

65. Neste período não consegui falar apenas com duas pessoas: O fotógrafo Ennes Mello, que fora aluno de Lina em Salvador, e depois colaborou com Lina nos Museus, fotografando as exposições. E Antônio Risério, que escrevera o Livro: **RISÉRIO, Antônio. Avant-Garde na Bahia.** São Paulo: Instituto Lina Bo e PM Bardi, 1995. Foram entrevistas que foram remarcadas várias vezes pelos entrevistados, até que se esgotou os meus dias em Salvador, e voltei para São Paulo sem tê-las concretizado.

**Mário Cravo e Renato Ferraz:** Mário Cravo Júnior é escultor, artista de destaque e de reconhecido trabalho no campo das artes plásticas. Foi um dos impulsionadores do Movimento de

Arte Moderna na Bahia a partir dos anos 50. Esteve ligado ao MAMB durante a direção de Lina Bo Bardi, presente ora como colaborador de Lina, ora como artista expositor. Após o afastamento de Lina da direção do MAMB, em 1964, Cravo assumi a direção do Museu por dois anos. Mário Cravo veio a falecer recentemente, em 2018. Renato Ferraz é professor universitário na UFBA. Foi secretário geral do Museu de Arte Moderna da Bahia durante a direção de Lina Bo Bardi e colaborador muito próximo da arquiteta durante o período em que esteve em Salvador. A partir de 1964, após o afastamento de Lina da direção do MAMB, Ferraz manteve-se ligado à essa instituição por mais dez anos, assumindo o cargo de diretor. Renato Ferraz é cunhado de Mário Cravo, e ambos concederem juntos a entrevista no Parque Metropolitano do Pituacu, Espaço Cravo, em Salvador, 06 de outubro de 2000, iniciada às 15:30.

**Sante Scaldaferrri:** foi Assistente Artístico de Lina Bo Bardi no Museu de Arte Moderna da Bahia e responsável pela Escola da Criança no MAMB. Scaldaferrri é artista plástico e autor do livro “Os Primórdios da Arte Moderna na Bahia”, editado pelo Museu de Arte Moderna da Bahia e a Fundação Casa de Jorge Amado. Entrevista concedida na sede do Conselho Estadual de Cultura de Salvador, em Salvador, dia 10 de outubro de 2000.

**Paulo Ormino** é professor do curso de arquitetura da FAU-UFBA. Foi aluno de Lina Bo Bardi, frequentando a disciplina Teoria e Filosofia da Arquitetura no Curso de Arquitetura da Escola de Belas Artes da Universidade da Bahia, em 1958. Entrevista concedida no Atelier - Espaço Cultural do Arquiteto em Salvador, 13 de outubro de 2000.

**Roberto Pinho** é antropólogo, participou da gestão do prefeito Mário Kértz na cidade de Salvador e foi um dos responsáveis pela presença de Lina Bo Bardi em Salvador nos anos 1980. Entrevista concedida no apartamento de Roberto Pinho em 15 de outubro de 2000.

Essas entrevistas foram fundamentais para a construção de uma dissertação de mestrado inédita sobre o tema. Mas aqui vale um comentário sobre a ideia das versões das narrativas, e que tem a ver com a chamada de atenção do professor Carlos Martins sobre o modo como

66.LOURENÇO (1999).

67.Em Uberlândia, tive a oportunidade de alguns encontros com o artista plástico Edmar de Almeida, que faleceu em outubro de 2025, aos 81 anos. Edmar trabalhou com Lina depois de sua primeira passagem por Salvador. Esta aproximação do artista com a arquiteta, foi no período em que Lina elaborou o projeto para a igreja Espírito Santo de Cerrado, em Uberlândia, MG, e conheceu o trabalho das bordadeiras do Triângulo Mineiro, o que resultou na Exposição Repassos, no MASP em 1975. Edmar de Almeida também tinha as mesmas ressalvas que encontrei em São Paulo.

a memória se faz presente nas narrativas. Se por um lado, tem a questão do esquecimento, mais importante ainda é a questão de como o narrador quer ser lembrado sobre a história que contou e que é um dos personagens. Quando eu voltei de Salvador, muitos dos que trabalharam com Lina em São Paulo, em diferentes períodos, receberam com bem pouco entusiasmo a notícia sobre as pessoas que entrevistei em Salvador. De início me assustei, posto que os conteúdos das entrevistas eram excelentes, bem fundamentados e complementavam informações de revistas, periódicos e fotografias de época, que eu havia tomado contato inicialmente através das pesquisas no Instituto Lina Bo de PM Bardi. A professora Maria Cecília França Lourenço, em seu livro *Museus Acolhem o Moderno*<sup>66</sup>, dedica um capítulo à criação do Museu de Arte Moderna da Bahia por Lina Bo Bardi, inaugurado em 1960. O título do capítulo é *Lina Bo Bardi: Um Meteoro no MAM/Bahia*. Uma metáfora perfeita para falar dos cinco anos que Lina passou e o que a arquiteta fez em Salvador, de 1958-1964: uma luz de brilho intenso, mas que teve curta duração. Lina apresenta seu balanço pessoal desta experiência no artigo *Cinco anos entre os "Branços": o Museu de Arte Moderna da Bahia*, publicado em 1967. Neste artigo, Lina estabelece suas críticas ao desfecho dessa experiência e a alguns de seus interlocutores, os quais eu entrevistei. A leitura deste artigo de Lina ajuda a entender um pouco melhor o fato de as entrevistas terem sido recebidas com pouco entusiasmo em São Paulo<sup>67</sup>.

A dissertação de mestrado foi defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, da Escola de Engenharia de São Carlos – USP, em 05 de dezembro de 2001. Por coincidência é a data de aniversário de nascimento da arquiteta Lina Bo Bardi. No ano de 2008, publiquei a minha dissertação de mestrado no formato de livro pela EDUFU, a editora universitária da UFU. A edição atualmente encontra-se esgotada, mas sempre me procuram para comprá-la e eu acabo enviando o PDF que tenho do livro, antes dele ser publicado. Fico extremamente honrado em ver esse meu trabalho publicado sendo utilizado e citado como referência bibliográfica em vários livros que vieram depois sobre o trabalho de Lina Bo Bardi. São livros escritos por pesquisadores que eu tenho grande

admiração e respeito pelo trabalho. E, para finalizar, gostaria de citar aqui alguns prêmios que o livro recebeu em 2009, e que são uma forma de reconhecimento à relevância deste meu trabalho para a nossa área de atuação. Esses prêmios são:

- 23º Prêmio Design Museu da Casa Brasileira - Categoria Trabalhos Escritos Publicados com o livro: "Lina Bo Bardi - Bahia, 1958-1964" (Segundo Lugar), Museu da Casa Brasileira.
- 4º Prêmio Milton Santos - Menção Honrosa na Categoria Livro: Lina Bo Bardi - Bahia, 1958-1964, Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional - ANPUR.
- Prêmio Rubem Cione de História, Ciência, Literatura e Cultura - Categoria Cultura, com o livro: Lina Bo Bardi - Bahia, 1958-1964, IX Feira Nacional do Livro de Ribeirão Preto / I Simpósio Ciência, Literatura e Cultura.

71



**2º LUGAR**  
**LINA BO BARDI BAHIA,**  
**1958-1964**

JULIANO APARECIDO PEREIRA  
RIBEIRÃO PRETO | SP

EDIÇÃO: EDITORA DA UNIVERSIDADE  
FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Publicação derivada de consistente  
dissertação de mestrado, caracterizada  
pela coerência metodológica da  
pesquisa e pela abrangência e  
relevância das informações  
coletadas, muitas delas in loco.

**Figs. 51 e 52.** Catálogo do 23º Prêmio Design – Museu da Casa Brasileira, 2009 (São Paulo): Capa do catálogo e página interna com o prêmio conferido ao livro Lina Bo Bardi, Bahia, 1958-1964, de autoria de Juliano A Pereira, lançado pela EDUFU.



**Figs. 53, 54 e 55.** Jornal Correio de Uberlândia, 1 de outubro de 2009. Divulgação da mesa redonda no auditório da UFU de dois livros sobre Lina Bo Bardi: Lina Bo Bardi, Bahia, 1958-1964, de autoria de Juliano A Pereira, lançado pela EDUFU e de Lina por Escrito de autoria de Silvana Rubino, lançado pela Editora Cosac Naif.



### *O caminho do doutorado*

Após a defesa do mestrado, em 05 de dezembro de 2001, continuei minhas atividades como professor temporário na UFU até agosto de 2003, quando iniciei o curso de doutorado na USP São Carlos. Fiz parte da primeira turma do Programa de Doutorado. Assim que ingressei, me submeti a um novo processo seletivo e fui aprovado para receber a bolsa CAPES do Programa. O Programa, naquele momento, possuía apenas uma bolsa, posto que recém aprovado, estava no início de sua primeira turma. Pouco antes de ingressar no Programa de Doutorado, enquanto eu lecionava na UFU, estudava e me preparava para as provas da seleção do doutorado da USP São Carlos, que eu soubera, iria iniciar sua primeira turma<sup>68</sup>. Conversei com o prof. Dr. Renato Anelli sobre meu desejo em fazer o doutorado na USP São Carlos e que ele fosse meu orientador. O professor Anelli me dissera de suas novas pesquisas naquele período e que estaria interessado em uma nova temática, a qual relacionava arquitetura e infraestrutura urbana.

**68.** Salvo engano meu, em agosto de 2003, a USP DE São Carlos seria o terceiro Programa de Doutorado em Arquitetura no Brasil. Havia antes, o da FAUUSP e o da UFBA.

Naquele momento, a cidade de São Carlos tinha como prefeito o professor Newton Lima, que era professor e fora reitor da UFSCar. Eleito pelo Partido do Trabalhadores, sua gestão foi entre 2001 e 2004 e a prefeitura, neste período, contou com vários professores das universidades são-carlenses, USP e UFSCar, ocupando cargos de gestão e administração pública. Entre esses, o professor Anelli, como secretário de obras. Acredito que disso resultou o seu interesse pela nova linha de pesquisa, para a qual eu teria que me adequar, caso o pleiteasse como meu orientador do doutorado. À época me lembrei do trabalho do arquiteto Paulo Mendes da Rocha, que eu tenho grande admiração, e sobretudo dos textos em que o arquiteto falava sobre as cidades e a relação com a natureza e a técnica. Havia também os desenhos do seu projeto da década de 1980 para criar uma cidade portuária estratégica no Rio Tietê, entre Lins e Novo Horizonte, SP, propondo um desenvolvimento regional pela integração fluvial, e que se apresentava como um modelo de aproveitando da riqueza hídrica do Brasil. E havia também outros projetos do arquiteto com essa visão de cidade e território. Escrevi um projeto de pesquisa com o objetivo de pesquisar e refletir em minha tese de doutorado sobre essa visão do arquiteto Paulo Mendes da Rocha. Fui aprovado com esse projeto e o professor Anelli aceitou me orientar. No primeiro ano do curso, fiz todas as disciplinas mais próximas do urbanismo. Me aproximei bastante da Profa. Dra. Sarah Feldman, que fora minha professora na graduação. Após cursar no doutorado a disciplina da professora Sarah, tive a oportunidade de ser aprovado como bolsista na disciplina que a professora ofertava no curso de graduação. Esta aprovação seria para participar do Programa de Aperfeiçoamento de Ensino, PAE. Me senti honrado de poder trabalhar com uma professora que eu admiro tanto, desde as aulas da graduação<sup>69</sup>.

73

69. Apesar de aprovado, infelizmente não pude realizar este estágio PAE, pois logo em seguida fui aprovado como professor efetivo na Universidade Federal de Uberlândia.

Entretando, após esse primeiro ano, cumprindo todos os créditos obrigatórios em disciplinas da área de urbanismo ou em outras disciplinas em que fiz monografias na área de temática do meu projeto de pesquisa, prestei concurso para professor efetivo na área de Design e Plástica da UFU e fui aprovado.

Em uma das últimas etapas da seleção, a etapa da entrevista, os professores da banca me arguíram,

70. O escritório de arquitetura MMBB, fundado em 1991, era formado pelos arquitetos Fernando de Mello Franco, Marta Moreira, Milton Braga e Angelo Bucci. Fernando Mello Franco foi meu professor na graduação e, depois meu orientador de Trabalho Final de Graduação, o TFG. Quando eu fazia o TFG, o escritório paulistano MMBB funcionava nos fundos e na cota inferior de uma igreja brutalista dedicada a São Bonifácio. Esta igreja de arquitetura bastante interessante fora projetada pelo arquiteto Hans Broos, que chegara da Eslováquia ao Brasil na década de 1950. Uma vez fui à São Paulo com meus rolos de desenho de papel arroz fazer orientação de TFG com o professor Fernando, nesta sede do escritório do MMBB. Era um ambiente único, com espaços compartilhados, computadores, maquetes belíssimas cruas em madeira balsa e papel paraná e uma lousa toda desenhada com giz. Enquanto eu falava com o professor Fernando sobre o TFG, o Paulo Mendes da Rocha, que estava no escritório, caminhava pensativo e, de repente ergueu a cabeça e disse algo como: Vamos fazer uma viga passarela! Pareceu ter encontrado a solução para um problema que o incomodava em algum projeto que estava em desenvolvendo em parceria com o MMBB.

perguntando, caso eu fosse o candidato aprovado, se eu mudaria meu tema de pesquisa em função de se criar uma compatibilidade entre o meu doutorado, ainda por fazer, e as disciplinas relacionadas à área do concurso Design e Plástica. Não tive dúvidas em dizer que mudaria, era a grande oportunidade que eu queria ter para voltar para o design, tanto como pesquisador quanto como professor. Nessa mudança de caminho que eu fiz, perdi a oportunidade de desenvolver uma tese com um recorte específico sobre o trabalho do Paulo Mendes da Rocha, que viria a ser laureado, pouco depois, em 2006, com o Prêmio Pritzker. O assunto de minha tese voltou-se para o design, mas nunca perdi meu olhar de interesse pela obra de Paulo Mendes da Rocha. Mas agora com uma abordagem pelas lentes do design, e com a mesma grande admiração. O design brasileiro se enriquece muito com a contribuição da obra do Paulo Mendes da Rocha. Apenas para citar alguns exemplos, tem-se a Cadeira Paulistano, de 1957, e o mobiliário que é desenvolvimento para o SESC 24 de maio, em 2017, como complemento da arquitetura do edifício, projetado pelo arquiteto em conjunto com o escritório MMBB<sup>70</sup>. Mas também vejo um aprendizado para o design nas próprias obras de arquitetura que Mendes da Rocha desenvolvia, na maneira como ele detalhava os componentes de sua arquitetura, como caixilhos, por exemplo, ou pelo uso de componentes da indústria, como na Casa Gerassi, de 1989, entre outras questões. Leio nesses exemplos arquitetura e design. E, ao final, um dos capítulos da minha tese de doutorado com o recorte na temática do design, apresenta uma análise minha da Casa do Butantã, de 1964, projetada pelo arquiteto.

Quando de volta a São Carlos, a minha aprovação no concurso de Uberlândia foi muito bem recebida pelos professores Renato Anelli, Sarah Feldman, Cibele Rizek e Carlos Martins, que foram os primeiros professores com os quais eu compartilhei esta novidade. O professor Anelli aceitou que eu mudasse de tema e continuou como meu orientador até o final da empreitada do doutorado.

Era então agosto de 2004, eu havia assinado meu contrato como professor efetivo da UFU no dia 13 desse mês. Estava no doutorado, fazia um ano, com as disciplinas-crédito cursadas em áreas relacionadas ao

meu antigo objeto de tese – e que não iriam ajudar muito no novo tema – e precisando encontrar um assunto para minha tese que fosse relacionado ao Design, conforme me comprometera no concurso de Uberlândia. Eu me encontrava aprovado no Programa de Doutorado de São Carlos, mas agora sem um projeto de pesquisa. Comecei então a ler tudo o eu podia sobre design no Brasil, nos livros que eu ia encontrando.

71. NIEMEYER, Lucy. *Design no Brasil: origens e instalação*. Rio de Janeiro: editora 2AB, 2000.

Entre os livros que li, um deles foi *Design no Brasil: origens e instalação*, da Lucy Niemeyer<sup>71</sup>. Uma publicação que recebera em 1998, no Prêmio Museu da Casa Brasileira, o primeiro lugar na categoria *Ensaios Críticos*. Neste livro encontrei um tema que me interessou muito, enquanto possibilidade para eu desenvolver minha pesquisa de doutorado. No capítulo V: *A formação do ensino do design no Brasil*, havia o subcapítulo *A sequência de desenho industrial da FAU USP*, que tratava da Reforma do currículo da FAU USP em 1962, e que teve o protagonismo da participação do arquiteto Vilanova Artigas e, entre outras questões, propunha o ensino do design como formativo do arquiteto. Este tema ocupava no livro apenas três páginas, concisas, mas ricas em informações relevantes sobre o assunto. A partir da leitura dessas três páginas, comecei a pensar que minha tese de doutorado poderia ser uma contribuição ao conhecimento deste assunto que se relacionava com o ensino do design no Brasil. O período histórico era basicamente o mesmo do recorte da minha dissertação de mestrado, isto é, os anos de década de 1950 até o final da primeira metade da década de 1960. A geografia cultural mudava: de Salvador para São Paulo. Entretanto ambos os projetos de escolas, com seus enfoques específicos, participavam da discussão de uma contribuição ao desenvolvimento econômico, social e cultural brasileiro via institucionalização do ensino de design ou desenho industrial, termo de uso mais comum neste período. Terminei minha dissertação de mestrado, apresentando a Escola de Design lastreada no conhecimento artesanal do Nordeste brasileiro, pensada por Lina Bo Bardi. Agora iniciaria o doutorado pesquisando a *Reforma de 1962*, impulsionada por Artigas na FAU USP. O foco da pesquisa de doutorado seria sobre a Sequência de Ensino de Desenho Industrial, um conjunto de disciplinas que a reforma pedagógica da FAU USP estabeleceu para formar profissionais capazes de atuar na área de desenho industrial ou design.

A partir de então, tinha um tema de doutorado, que era inédito, como deveria ser, e eu havia formulado meu novo projeto de pesquisa. Na UFU, neste período, o estágio probatório docente era de dois anos e o meu se estenderia entre agosto de 2004 até agosto de 2006. Entre agosto de 2004 e agosto de 2006, levei minhas atividades docentes na UFU e ao mesmo tempo comecei a desenvolver minhas pesquisas de doutorado no novo tema escolhido. Nesta época, havia em nossa faculdade apenas dois professores integralmente dedicados ao curso de Design. Um deles era eu e o outro a colega Lara Leite Barbosa. Os demais professores, eram arquitetos que lecionavam nos dois cursos da nossa unidade acadêmica: Arquitetura e Urbanismo e Decoração. Nesses dois primeiros anos, de agosto de 2004 a agosto de 2006, além das aulas no curso de Decoração e da pesquisa de doutorado, também fiz parte de um grupo de professores que reformulou o Projeto Pedagógico para que o curso de Decoração viesse a se tornar o curso de Design de Interiores. Isso aconteceu nos meus dois primeiros anos de reingresso na UFU. Em 2007, o novo curso Design de Interiores entrou em vigência e pela minha condição de ser o primeiro professor contratado para o curso de Design, passei a ser o primeiro coordenador do curso de Design de Interiores e responsável por todo esse processo de transição curricular e implantação do novo currículo, o que é bastante burocrático e trabalhoso. Para tal, fiz uma proposta para minha unidade acadêmica da UFU e para o Programa de Doutorado da USP São Carlos: eu trancaria meu doutorado por um ano, de agosto de 2006 a agosto de 2007 e ficaria como coordenador do curso recém inaugurado de Design de Interiores, e com o colegiado de curso, faria a transição e a implantação do novo currículo. Em agosto de 2007, terminaria meu estágio probatório e nesse contexto, poderia solicitar na UFU afastamento remunerado para cursar o doutorado. Na minha proposta, eu solicitava esse afastamento por dois anos, entre agosto de 2007 e agosto de 2009, para poder me dedicar integralmente ao desenvolvimento da pesquisa e da tese de doutorado<sup>72</sup>. A UFU e a USP aceitaram minha proposta, e assim foi feito. Como se vê, não foi um caminho de doutorado muito convencional.

72. Apesar do direito na UFU de um afastamento de 4 anos para realizar doutorado, me afastei por apenas dois, que era o tempo que eu tinha para concluir meu doutorado no Programa da USP São Carlos.

No período de agosto de 2004 a agosto de 2006, conciliando com minhas atividades docentes na UFU,

realizei mais duas disciplinas na USP, que muito contribuíram ao meu novo tema de doutorado. Uma delas, no primeiro semestre de 2005, *Teoria e História da Arquitetura Moderna no Brasil*, ofertada na USP São Carlos, pelo Prof. Dr. Carlos Martins. A outra, *O Design Posto em Questão*, ofertada no segundo semestre de 2005, na FAUUSP, pela profa. Dra. Maria Cecília Loschiavo. Ambas as disciplinas foram decisivas para a construção da minha tese de doutorado. Nesse período, eu viajava de ônibus toda semana, no primeiro semestre para São Carlos e depois, no segundo semestre, para São Paulo, conciliando as disciplinas da pós-graduação com as minhas atividades docentes em Uberlândia.

A realização da disciplina *O Design Posto em Questão*, foi uma imersão na temática do design como campo de pesquisa, que eu não havia experimentado antes. Era uma disciplina totalmente voltada à pesquisa em design e todos que a frequentavam tinham o design como interesse comum, ainda que com os recortes específicos de suas dissertações e teses. Conhecer a professora Loschiavo, por quem eu nutria grande admiração<sup>73</sup>, era uma excelente oportunidade para meu desenvolvimento pessoal como pesquisador. Seja pelo grande conhecimento que a professora possui na área, que a torna uma grande referência, seja porque a professora, muito generosamente, sempre me incentivou e me apoiou na construção do meu caminho como pesquisador da área de Design. Só para citar um exemplo, certo dia antes de iniciar a aula, na FAU Maranhão, a professora Loschiavo me disse: *Juliano, você precisa publicar seu mestrado, você já publicou alguma coisa?* E eu respondi, que ainda não. Ela imediatamente pegou o celular, ligou para alguém e disse: *... Vocês já fecharam o número da revista? Vocês precisam publicar um artigo de um pesquisador que eu conheço, nesse número de vocês. Dá tempo? Vou pedir para ele entrar em contato com vocês!* Depois dessa conversa, publiquei na revista *Design em Foco*, da Universidade do Estado da Bahia, UNEB, no periódico de número 2, de julho/dezembro de 2005, o primeiro artigo científico derivado de um dos capítulos de minha dissertação de mestrado. O título do artigo era: *Uma Escola de Design Industrial referenciada no lastro do pré-artesanato: Lina Bo Bardi e o Museu do Solar do Unhão na Bahia*. Foi um artigo de 11 páginas, em uma

73. Ainda nos anos da graduação, comprei um exemplar da primeira edição de seu livro *Móvel Moderno no Brasil*, lançado em 1994. Este livro foi minha primeira referência sobre a produção do mobiliário brasileiro, e me despertou o interesse sobre o assunto, que dura até os dias de hoje.

revista impressa com muitas imagens interessantes retiradas da minha dissertação de mestrado. Foi a primeira divulgação do resultado do meu mestrado. Em 2008, quando publiquei a dissertação completa em formato de livro impresso, pela EDUFU, fiquei muito honrado com o fato da professora Loschiavo ter aceitado meu convite para escrever uma apresentação sobre o conteúdo do livro.

Nessas viagens semanais de Uberlândia a São Paulo, aproveitava também para fazer algumas pesquisas na biblioteca da FAUUSP, no pouco tempo que sobrava. Mas não foi um trabalho que rendeu muitos resultados.

Depois, como referido, entre agosto de 2006 e agosto de 2007, tranquei meu doutorado para ter condições de assumir a responsabilidade de ser coordenador do curso de Design de Interiores. Após ter sido aprovado em meu estágio probatório e finalizado esse período na coordenação de curso, saiu meu afastamento remunerado, para que eu pudesse me dedicar integralmente à elaboração de minha tese de doutorado. Nesse momento as balizas teóricas-conceituais já estavam mais claras para mim. O trabalho por fazer era, num primeiro momento, uma grande dedicação ao levantamento das fontes primárias de pesquisa. Essas fontes estavam principalmente na biblioteca da FAUUSP e era composta por publicações de trabalhos de estudantes, realizados nas disciplinas da Sequência de Desenho Industrial, documentos internos da FAU USP, documentos dos professores, registro de projetos de desenho industrial e publicações diversas sobre desenho industrial que foram realizadas neste período. Outra fonte primária de pesquisa que foi fundamental, foram as entrevistas que pude realizar com professores que ajudaram na construção deste campo de conhecimento do desenho industrial dentro da FAU USP. Alguns deles, primeiro foram estudantes e, depois professores. Os professores que tive oportunidade de entrevistar foram: Lúcio Grinover, Julio Roberto Katinsky e Alessandro Ventura.

Nesse período de pesquisa nos arquivos da FAUUSP, tive oportunidade de conhecer o professor e pesquisador Marcos da Costa Braga, que havia sido efetivado a pouco

tempo como docente no curso de Design da FAU USP. Vindo de formação na ESDI-RJ, era pesquisador de temas próximos ao do meu doutorado. Foi uma grande oportunidade conhecê-lo e Braga me orientou por alguns caminhos a investigar, que foram fundamentais para a tese. Eu o conheci participando do curso de extensão por ele oferecido no Centro Cultural Maria Antônia da USP, entre os dias 3, 4 e 5 de fevereiro de 2009. Eram três aulas noturnas e o curso levava o nome: *Design no Brasil, a formação do campo profissional*. Abordava o mesmo período histórico da minha pesquisa de doutorado, mas não tratava do ensino, e sim da profissionalização do campo de atuação dos designers.

E antes de finalizar sobre esta etapa dos levantamentos, considero importante citar aqui uma revista que encontrei na FAUUSP e que foi fundamental à tese. Se os materiais que eu encontrava nos arquivos da biblioteca da FAUUSP falavam do ensino de desenho industrial dentro da FAUUSP, esse periódico apresentava um registro dos esforços para o desenvolvimento do desenho industrial no Brasil, apresentando um contexto mais amplo. Refiro-me aqui à revista *Produto e Linguagem*, lançada em 1965. De tiragem trimestral, publicou apenas seus três primeiros números. Era uma realização da *Associação Brasileira de Desenho Industrial*, ABDI. A leitura dos três periódicos ajudou a entender o esforço coletivo e amplo que era feito à época para a constituição do ensino e da profissionalização do desenho industrial no Brasil. *Produto e Linguagem* apresenta os concursos feitos no período no campo do desenho industrial, como o prêmio Roberto Simonsen. Trazia informações sobre um seminário de desenho industrial organizado em conjunto pela ESDI RJ e a FAUUSP. Apresentava e incentivava os esforços da indústria no sentido de valorizar o desenho industrial. Era bem completo o registro desses esforços todos e sempre achei que esse periódico merece um estudo individual.

Realizado todo esse percurso, com algumas curvas, desvios e reorientações de rota, agora era escrever a tese, ao que me dediquei por volta dos oito meses restantes do meu afastamento. A tese foi entregue ao Programa de Doutorado em agosto de 2009 e a banca de defesa aconteceu em 07 de outubro de 2009.



**Fig. 56.** Documento emitido pela Diretoria da Escola de Engenharia de São Carlos – USP, cumprimentando pelo recebimento do prêmio Museu da Casa Brasileira pela Tese de Doutorado **Desenho Industrial e Arquitetura no Ensino da FAU USP (1948-1968)**.



**Figs. 57a e 57b.** Catálogo do 24º Prêmio Design – Museu da Casa Brasileira, 2010 (São Paulo): Capa do catálogo e página interna com o prêmio conferido à tese de doutorado **Desenho Industrial e Arquitetura no Ensino da FAU USP (1948-1968)**, de autoria de Juliano A Pereira.

Foi um trabalho de pesquisador que realizei muitas vezes em paralelo ao desenvolvimento de outras atividades docentes. No percurso de sua concretização, aprendi muito sobre como ser um pesquisador, sobre design e sobre como ser um professor de design. Conheci pessoas que modificaram e me ajudaram a amadurecer minha visão sobre os temas que trabalho em pesquisa, ensino e extensão. Por isso fiz questão de citá-las acima. Penso que boa parte da minha formação profissional vem do privilégio que foi o meu convívio com os nomes todos que eu citei. Com o título final *Desenho Industrial e Arquitetura no ensino da FAU USP (1948-1968)*, a tese, por sua vez, recebeu o reconhecimento de sua contribuição e relevância na construção do conhecimento para a nossa área, no ano de 2010. Foi quando recebeu, na 24ª edição do Prêmio Museu da Casa Brasileira, o segundo lugar na categoria *Trabalhos Escritos não Publicados*. Me sinto muito feliz, após ter percorrido todo esse caminho da pesquisa, ter recebido esse prêmio da instituição Museu da Casa Brasileira, que realiza essa premiação anual, que é a mais importante para a valorização do design no Brasil.

**2º LUGAR - TRABALHOS ESCRITOS NÃO PUBLICADOS**

**Desenho industrial e arquitetura no ensino da FAU-USP (1948-1968)**

AUTORIA  
 Juliano Aparecido Pereira  
 Universidade de São Paulo  
 (Escola de Engenharia de São Carlos)  
 Uberlândia, MG



*A tese de doutorado traz novas informações e uma boa contextualização histórica e conceitual que auxilia a construir a historiografia do design no Brasil e a entender como se deu a incorporação do desenho industrial no curso de arquitetura da FAU-USP.*

Em agosto de 2009, como dito, retorno à UFU e em outubro do mesmo ano, defendo minha tese de doutorado. Após 5 anos como professor efetivo na UFU, dou continuidade ao exercício de minhas funções, agora

74. Estas atividades de coordenação do LAMOP e do Núcleo de Design estão detalhadas no capítulo sobre minhas atividades de gestão.

com o título de doutor. O que abre novas possibilidades de atuação como pesquisador. A partir de então, minhas atividades de pesquisa sempre estiveram vinculadas ou ao *Laboratório de Modelos e Protótipos*, LAMOP, ou ao *Núcleo de Design*. Os dois são espaços constituintes da estrutura de ensino, pesquisa e extensão da FAUED UFU. Além das atividades que desenvolvi como pesquisador dentro desses espaços, ao longo dos anos, por mais de uma vez coube a mim estar como coordenador, seja do LAMOP ou do Núcleo de Design<sup>74</sup>.

Quando apresento este preâmbulo no parágrafo anterior, é para situar o caminho que as minhas pesquisas foram tomando e quais foram os meus objetos de interesse como pesquisador ao longo de pouco mais de 15 anos como professor doutor. Neste período agora em questão, posso dizer, realizei pesquisas vinculadas a dois campos de conhecimento em design. Um conjunto de pesquisas relacionadas ao campo do conhecimento prático-experimental do design, e que estão vinculadas ao LAMOP. E outro conjunto de pesquisas de natureza teórica e que, por sua vez, estão vinculadas ao Núcleo de Design. Mas são áreas, em meu ponto de vista, que não se opõem e, sim, se complementam, e por isso a minha necessidade pessoal de pesquisar a partir das duas. Inclusive algumas pesquisas possuíram as duas abordagens: teórica e prático-experimental.

As pesquisas foram desenvolvidas de forma individual ou através de minha participação em grupos de pesquisa. Nos grupos de pesquisa, em alguns deles fui coordenador, em outros fui integrante da equipe executora do projeto. Por outro lado, também fui pesquisador orientando trabalhos de mestrado, iniciação científica, monitorias e outros programas institucionais de bolsas da UFU para os estudantes de graduação. Parte das pesquisas que desenvolvi contaram com recursos financeiros, para bolsas ou para recursos materiais. Outras pesquisas foram feitas apenas pelo interesse ao tema, com participação voluntária dos estudantes.

O quadro que abaixo, apresenta um panorama geral do que desenvolvi como pesquisador ao longo desses anos na UFU:

ANO	PESQUISA	PESQUISADORES
2005 2006	Documentação de imagens referentes à utilização do artesanato no desenvolvimento do design do mobiliário moderno no Brasil	Juliano A. Pereira (orientador) Lara L. Barbosa (orientador) Dalton A. de Castro (bols. PIBEG) Débora D. do Nascimento (bols. PIBEG) Karina S. de Carvalho (bols. PIBEG) Marília C. fa Silva (bols. PIBEG) Mirna L. P. de Araújo (bols. PIBEG) Renata C. da Silva (bols. PIBEG)
2004 2009	Ensino de Design na FAUUSP	Juliano Aparecido Pereira (doutorando)
2014 2015	Comércio de rua na cidade de Uberlândia (MG): Avaliação de suas características e possibilidades de design	Juliano Aparecido Pereira (orientador) Leticia Vasconcelos Morais Garcez (IC) Fiama Kauari Ferreira Martins (IC)
2014 2015	O uso da madeira e de seus derivados aplicados ao Design de Mobiliário: pesquisa sobre encaixes, junções, desempenho estrutural e acabamentos.	Juliano Aparecido Pereira (orientador) Débora Bereta Rúbio (IC) Shayeni Tosta dos Reis (IC)
2016 2017	Design e Sustentabilidade no Setor Moveleiro: diagnóstico e proposição de soluções estratégicas para o controle de resíduos nas MPEs de Uberlândia/MG	Viviane G. A. Nunes (coordenador) Juliano A. Pereira (pesquisador) Patrícia P. A. Ribeiro (pesquisador) Leticia V. M. Garcez (mestranda) Francesco Zurlo (pesquisador) André de S. Lucca (pesquisador) Daniel Pasquini (pesquisador) Harumi Otaguro (pesquisador) Rosana M. N. de Assunção (pesquisador)
2016 2017	Atualização e melhoria do Laboratório de Modelos e Protótipos, LAMOP, do curso de Design da FAUED UFU	Juliano A. Pereira (orientador) Jéssica M. Soares (bols. PIBEG) Isadora G. da Silva (bols. PIBEG)
2018 2019	O design como ferramenta de desenvolvimento da economia criativa em Uberlândia	Juliano A. Pereira (orientador) Renata C. S. Dias (mestranda)
2018 2019	O uso de encaixes no design de mobiliário em madeira: universo técnico-constructivo, de expressão estética e de cultura.	Juliano A. Pereira (orientador) Anaísa S. Ferreira (IC)
2018 2019	Laboratório de Modelos e Protótipos - LAMOP - do curso de graduação em Design: melhoria das condições de uso, desenvolvimento de ações de apoio aos usuários e registro da sua produção.	Juliano A. Pereira (orientador) John F. Silva (bols. PIBEG)
2018 2019	Mobiliário como Integrador do Espaço Urbano: Estudos sobre a apropriação e a percepção do usuário e diretrizes de projeto e gestão em Uberlândia (MG), 2019.	Juliano A. Pereira (orientador) Mateus F. Fontes (mestrando)
2018 2019	Evolução da Indústria moveleira no Brasil: open design e o uso da prototipagem rápida.	Juliano A. Pereira (orientador) Yasmin C. Thoméo (mestrando)
2019 2023	A contribuição do Design para o fortalecimento da Produção Artesanal em Uberlândia (MG): diagnóstico do setor e proposta de melhorias nos processos de criação, produção e distribuição de artefatos	Juliano A. Pereira (coordenador) Renata C. S. Dias (pesquisador) Rafaela N. Mendonça (pesquisador) Lucas F. Pantaleão (pesquisador) Barbara F. F. Caetano (grad./voluntário) Amanda N. Petrucelli (grad./voluntário) Ana G. M. Sales (grad./voluntário) Fernanda O. Nascimento (grad./voluntário)

Tabela 3. Atividades de Pesquisa na UFU. Fonte: o autor.

75. Projeto Institucional de Bolsas de Ensino de Graduação da Universidade Federal de Uberlândia.

No quadro que apresento acima, apenas a primeira pesquisa foi realizada antes da defesa de minha tese de doutorado. Sob o título *Documentação de imagens referentes à utilização do artesanato no desenvolvimento do design do mobiliário moderno no Brasil*, desenvolvida entre 2005 e 2006, é uma das pesquisas que considero relevante. Surgiu em consequência de meu trabalho de mestrado, e relaciona mobiliário moderno e artesanato. Para o seu desenvolvimento, fui contemplado com seis bolsas para estudantes de graduação, através do Edital PIBEG<sup>75</sup>, com vigência de um ano. Pouco tempo depois de aprovada a pesquisa, a professora Lara Leite Barbosa ingressou como docente na UFU, e passou a integrar o grupo de pesquisa. Ao todo éramos dois professores orientadores e seis alunos remunerados com bolsas. O objetivo da pesquisa era detectar na produção do mobiliário moderno brasileiro autores e peças que traziam em suas realizações materiais e técnicas artesanais como recurso que conferia brasilidade ao móvel moderno. Naquele momento, a internet já se encontrava um pouco mais desenvolvida, mas o que se encontrava nela sobre o mobiliário moderno brasileiro, eram mais imagens, e pouco conteúdo com um aprofundamento reflexivo acadêmico, que a pesquisa desejava contribuir. O livro de partida, foi mais uma vez *Móvel Moderno no Brasil*, da Profa. Dra. Loschiavo. Para essa pesquisa, levei em consideração a experiência que eu havia tido em minha graduação, com a iniciação científica no ARQBRAS. Refiro-me aqui às *Fichas de Obra* de arquitetura moderna que eu preenchia. Estabeleci um modelo de *Ficha de Obra* voltada à produção do mobiliário moderno brasileiro, que tinha um campo para imagens coloridas e de boa qualidade – boa parte coletadas na internet – e um conjunto de campos para informações textuais sobre as características de cada peça, que a internet não trazia tão aprofundado. A partir da orientação dos dois professores, coube aos seis alunos bolsistas levantar as melhores imagens disponíveis dessas peças, suas informações textuais e preencher as fichas. O trabalho resultou em um relatório impresso das fichas que durante muito tempo ficou disponível no Banco de Dados da FAUED UFU, um laboratório voltado à guarda e empréstimos de documentos e materiais impressos. Outro resultado foi a apresentação de seis artigos no 7º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design, P&D Design, que aconteceu no Centro

Universitário Positivo, em Curitiba, PR, no mês de novembro de 2006.

A pesquisa de 2004 a 2009, *O ensino de design na FAUUSP*, corresponde à minha pesquisa de doutorado e aos anos em que a realizei em paralelo às outras atividades docentes e aos dois últimos anos que fiquei afastado para me dedicar integralmente à sua realização.

As pesquisas citadas:



**Fig. 58.** Apresentação de pesquisa realizada no LAMOP: **Pensar a forma no mundo do design: ensino, repertório e experimentação.** 1º Simpósio de Design do Triângulo Mineiro, 2018, Uberlândia.

- O uso da madeira e de seus derivados aplicados ao Design de Mobiliário: pesquisa sobre encaixes, junções, desempenho estrutural e acabamentos. (2014-2015);
- Atualização e melhoria do Laboratório de Modelos e Protótipos, LAMOP, do curso de Design da FAUED UFU. (2016-2017);
- O uso de encaixes no design de mobiliário em madeira: universo técnico-construtivo, de expressão estética e de cultura. (2018-2019)

84

76. Depois dessa pesquisa, durante certo tempo, havia um exercício todo semestre na disciplina Oficina de Modelos, em que os estudantes, para aprenderem a utilizar as ferramentas manuais do laboratório, executavam um encaixe de duas peças de madeira. Eu sempre indicava a execução de modelos de encaixes que o LAMOP ainda não possuía em seu acervo. O resultado desse exercício era incorporado à biblioteca de encaixes do LAMOP, deixando-a cada vez mais completa. madeira.

Foram desenvolvidas dentro do LAMOP e consistiram em pesquisas muito fortemente ligadas à recuperação de técnicas da marcenaria tradicional para a sua utilização em projetos e produção de mobiliários contemporâneos. A conclusão desses trabalhos rendeu alguns mostruários que ficam disponíveis no LAMOP, aos estudantes do curso de Design, para o desenvolvimento de seus projetos nas disciplinas. Foram estabelecidos mostruários com tipos de madeiras disponíveis no mercado e de uso adequado aos critérios da sustentabilidade. Ficou disponível uma coleção de encaixes e junções tradicionais para peças de madeiras<sup>76</sup>, modelos de desempenho estrutural e de algumas possibilidades de aplicação de acabamentos. No final, considerando o uso dos materiais mais comuns no mercado que os estudantes atuariam depois de formado,

esses projetos começaram a abarcar tanto o uso da madeira maciça, como de seus derivados, principalmente o compensado de madeira, mas também MDF e OSB.

Com relação às pesquisas:

- Comércio de rua na cidade de Uberlândia (MG): Avaliação de suas características e possibilidades de design. (2014-2015);
- Design e Sustentabilidade no Setor Moveleiro: diagnóstico e proposição de soluções estratégicas para o controle de resíduos nas MPEs de Uberlândia/MG. (2016-2017);
- O design como ferramenta de desenvolvimento da economia criativa em Uberlândia. (2018-2019);
- Mobiliário como Integrador do Espaço Urbano: Estudos sobre a apropriação e a percepção do usuário e diretrizes de projeto e gestão em Uberlândia (MG). (2018-2019);
- A contribuição do Design para o fortalecimento da Produção Artesanal em Uberlândia (MG): diagnóstico do setor e proposta de melhorias nos processos de criação, produção e distribuição de artefatos (2019-2023)

85

Esse conjunto de pesquisas tem um caráter mais marcadamente teórico-investigativo. Apesar da variedade de temas, há uma questão investigativa que perpassa quase todas essas pesquisas, ainda que com aprofundamentos distintos. Essa questão investigativa a que me refiro, é sobre como o usuário de um produto (seja de design ou espontâneo) se apropria do objeto, muitas vezes recriando ou readaptando seu sentido e sua utilidade. Essas pesquisas passam por uma investigação sobre como os não-designers criam soluções para os problemas emergentes no dia a dia e como, com essas soluções, os estudantes de design podem enriquecer o seu aprendizado de projeto.

77. Entre essas duas, A contribuição do Design para o fortalecimento da Produção Artesanal em Uberlândia (MG): diagnóstico do setor e proposta de melhorias nos processos de criação, produção e distribuição de artefatos (2019-2023), esteve vinculada à minha pesquisa de pós-doutorado na FA ULisboa, que será apresentada logo a frente.

A pesquisa *Comércio de rua na cidade de Uberlândia...*, investigou como vendedores do comércio informal – camelôs – e como os feirantes, nas feiras de bairro, organizam seus espaços temporários de venda, muitas vezes tendo como recurso o improvisado. Com relação à pesquisa *O design como ferramenta de desenvolvimento da economia criativa...* e a pesquisa *A contribuição do Design para o fortalecimento da Produção Artesanal...* são duas pesquisas que discutiram mais diretamente a ideia da construção de interlocuções entre os campos do conhecimento do design e do artesanato<sup>77</sup>. A pesquisa *Mobiliário como Integrador do Espaço Urbano: Estudos sobre a apropriação...* foi um trabalho de mestrado, sob minha orientação, que discutia os modos de apropriação pelo usuário do mobiliário urbano disponível, muitas vezes precários. Por fim, a pesquisa *Design e Sustentabilidade no Setor Moveleiro: diagnóstico e proposição de soluções...* foge um pouco do fio condutor que acredito que une os demais trabalhos. A justificativa é que desta pesquisa, participei como convidado. Mas foi um tema que naquele momento me despertou interesse e por isso aceitei o convite.

86

#### *A pesquisa de pós-doutorado*

No final do período acima relatado, fiz a preparação de um projeto para a realização da minha pesquisa de pós-doutorado. Havia passado pela experiência das pesquisas anteriores, que eu participara de formas distintas, seja como pesquisador, coordenador ou orientador. Em 2019, me afastei pelo período de um ano de minhas atividades docentes na UFU, e fui para Lisboa, Portugal, onde vivi por um semestre letivo. Desenvolvi minha pesquisa de pós-doutorado na Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa, FA ULisboa, dentro do curso de Design. Fui supervisionado pela Profa. Dra. Rita de Almeida Filipe, por sermos pesquisadores de áreas próximas. Neste período, fiz parte do Centro de Investigação em Arquitetura, Urbanismo e Design, CIAUD, da FA ULisboa e fiz parte do grupo de pesquisa *Investigação em Design e Ciências Sociais*, coordenado pela Profa. Dra. Rita Filipe.

Quando do desenvolvimento da pesquisa de pós-doutorado, ainda me interessava muito pelas temáticas

que envolvem o design e o artesanato. Era um tema presente no meu mestrado, e em outras atividades de pesquisas que eu havia desenvolvido. De certa forma também foi um tema tangente ao tema principal do meu doutorado. Considerando o conhecimento adquirido, fazia sentido para mim que eu continuasse nesta linha de investigação, mas agora construindo e respondendo perguntas novas. E assim ingressei no pós-doutorado, inicialmente pelo período de um ano, com a pesquisa intitulada: *Diálogos entre as técnicas artesanais e o design: investigação dos condicionantes contemporâneos*.

Nos dias de hoje, o uso das palavras *design* e *designer* para designar uma profissão e um profissional, respectivamente, são um consenso. Entretanto, no início dessa profissão, não era assim. O mais utilizado era desenhista industrial, no Brasil, ou *industrial designer*, em inglês. O uso inicial da nomenclatura desenhista industrial/ *industrial designer* advém da compreensão primeira que se teve do sentido da nova profissão que então surgia e a cujos profissionais caberia a atividade de projetar os bens de consumo a serem produzidos de modo seriado pela indústria. Dito de outro modo, os desenhistas industriais surgem em função do surgimento da indústria. Como exemplo, resgatando a temática do meu doutorado, pela Reforma de 1962, a FAU USP estabeleceu a Sequência de Ensino de *Desenho Industrial* e no Rio de Janeiro, em 1963, foi instituída a Escola Superior de *Desenho industrial*, a ESDI. Mas com o passar do tempo, o sentido da profissão se ampliou bem como as possibilidades do fazer profissional. E essa ampliação se deu por vários motivos. Um deles, no meu ponto de vista, é porque, ao contrário do que se acreditava, o modo de produção industrial não se tornou unânime e nem passou a ser mais desejado como único caminho. Isto, por várias questões, entre elas as questões ligadas à ecologia e à sustentabilidade. Muitos outros discursos refletindo sobre os modos de produção emergiram e passaram a fazer sentido no mundo contemporâneo. Eram reflexões a partir das lentes da econômica, da sociologia, das abordagens culturais, dos cuidados com a natureza e o meio ambiente. Assim foi-se constituindo uma reflexão mais ampliada que considerava as questões da produção, distribuição, uso e descarte de um produto. A lógica da

78. Em agosto de 2024, participei como entrevistado da pesquisa Design e Artesanato Identitário: estudo sobre a participação da temática no ensino do design no Brasil. Esta pesquisa foi realizada pela Prof. a Dra. Ana Luiza Cerqueira Freitas, por meio do Programa de Bolsas de Produtividade em Pesquisa (PQ/UEMG), Edital no. 06/2023.

indústria estava inicialmente ligada apenas ao fomento infinito do consumo, como forma de se gerar lucro. Em meu ponto de vista, a mudança das palavras *desenho industrial* e *desenhista industrial* para design e designer, acontecem a partir dessa evolução da profissão que eu relatei. O meu interesse pelo artesanato e possíveis pontes com o design se constitui a partir desse contexto aqui apresentado. O sentido das pesquisas a que eu me dedico, tem como objetivo principal contribuir para a ampliação da formação de designers e das possibilidades de sua atuação profissional, considerando sobretudo o contexto geográfico, social, econômico e cultural em que o curso de Design da FAUED está inserido<sup>78</sup>. A indústria tradicional não é mais o único destino da atuação desse profissional. Os vários contextos produtivos locais, significam outras possibilidades de atuação.

Antes de seguir sobre a apresentação da minha pesquisa de pós-doutorado, gostaria de abrir aqui um parêntese, que acredito oportuno, para falar da minha trajetória como professor de Design na UFU e que tem relação com o exposto no parágrafo anterior, sobre o uso das nomenclaturas para a profissão, o profissional e, também, o curso. Quando fizemos as mudanças curriculares e a alteração do nome do curso de Decoração para *Design de Interiores*, pouco antes do novo currículo entrar em vigor em 2007, foi necessária sua aprovação no CONGRAD UFU, que é o Conselho de Graduação da Universidade Federal de Uberlândia. Este conselho reúne todos os coordenadores de cursos de graduação e é presidido pelo reitor. Naquele momento da aprovação do novo currículo e do novo nome do curso surgiu uma pequena polêmica dentro do CONGRAD. Um grupo formado por alguns professores se colocou contra ideia de um curso com nome em inglês dentro de uma universidade pública brasileira. Achei em certa medida pertinente o cuidado e zelo desses professores. Mas o argumento principal na defesa da palavra design era a de que em nosso país, naquele momento, já se formava um consenso sobre a sua adoção, fosse por outras escolas ou por algumas organizações que se preocupavam com a regulamentação profissional. Como era o caminho mais adiantado o uso da palavra design, adotá-la na nomenclatura do nosso curso implicaria uma grande vantagem. Quando um currículo mínimo para o curso de design fosse aprovado

79. Antes havia design de interiores, design de produto, design gráfico, design de moda, design de ambientes, etc.

80. No capítulo acerca das minhas atividades de gestão, me aprofundo um pouco mais sobre esse processo.

pelo Ministério da Educação e Cultura, o MEC, e quando a profissão do designer fosse regulamentada, nosso curso de graduação estaria nesse contexto e seria isso o que estaríamos oferecendo aos nossos estudantes. E assim foi. Com o nome Design de Interiores conseguimos aprovar o novo currículo e desfrutamos desse contexto. Pouco depois o MEC regulamentou um currículo mínimo de graduação para o ensino de design e determinou que todos os cursos ofertados pelas universidades federais brasileiras fossem designados apenas por Design. E assim pouco tempo depois, de Design<sup>79</sup> de Interiores nos tornamos um curso de Design<sup>80</sup>. É um caminho e uma nomenclatura que em meu ponto de vista faz muito sentido dentro do contexto apresentado. Mas confesso, que as vezes, me sinto um pouco desconfortável com o uso exagerado de outras tantas palavras estrangeiras em nossa profissão, como *briefing*, *concept*, *brain storm*, etc.

Retomando a minha pesquisa de pós-doutorado, *Diálogos entre as técnicas artesanais e o design: investigação dos condicionantes contemporâneos*, antes apresentei uma contextualização da palavra design. Acredito não menos importante, uma breve explanação sobre uma interpretação pessoal do sentido que atribuo à palavra artesanato no nosso mundo contemporâneo, e que construí conceitualmente para a realização da pesquisa de pós-doutorado.

Sobre o artesanato, a primeira reflexão teórica a que tive acesso veio dos escritos de Lina Bo Bardi e a partir daí construí meu entendimento, somando a essa visão proposta por Lina, as minhas leituras de outros autores e as minhas reflexões a partir de minhas vivências práticas com o tema. Lina deixou, como um dos seus legados, uma visão bastante original sobre o tema, apontando uma necessidade de incorporar a tradição artesanal ao mundo contemporâneo, interpretando o artesanato não como valor e lembrança do passado, mas como parte da cultura viva do presente. A partir desse ponto de vista, Lina se colocava totalmente contra a visão do artesanato como folclore ou como atividade voltada à produção de *souvenirs* para o turismo. E, ainda sobre este assunto, um outro ponto de vista de Lina me chamava muito a atenção. Quando de sua primeira passagem por Salvador (1958-1964), tema de minha dissertação de mestrado,

quando Lina planeja a criação de uma escola de Design ligada às técnicas e aos materiais tradicionais que conheceu no Nordeste do Brasil, a arquiteta vai dizer que o que existia no Nordeste, não era artesanato, e sim *pré-artesanato*. Confesso que, num primeiro momento, fiquei meio assustado pelo ponto de vista. Parecia que a condição de atraso era maior ainda! Mas depois entendi o ponto de vista de Lina, com o qual concordo. Essa visão era a de que o artesanato era um modo de produção característico e específico de um período histórico da humanidade, e se tratava de um modo de organização econômica e social da produção:

O artesanato corresponde [...] a uma forma particular de agremiação social, isto é, as uniões de trabalhadores especializados reunidos por interesses comuns de trabalho e mútua defesa, em associações que, no passado, tiveram o nome de CORPORAÇÕES. [...] As Corporações existiram na Antiguidade Clássica, isto é, na Grécia e Roma, e tiveram o máximo esplendor na Idade Média, quando a Europa inteira se constituiu em corporações<sup>81</sup>.

81.BARDI, Lina Bo. Discurso sobre o significado da palavra artesanato. 1980 apud SUZUKI, 1994.

E é nesse contexto que Lina faz a adoção da palavra *pré-artesanato*, defendendo que o que existia no Nordeste são *sobrevivências naturais em pequena escala*, como *herança de ofício*, e não uma forma de organização social ou meio de produção que pertence a um período específico da história do homem. Segundo Lina, são grupos isolados e ocasionais, sobretudo organizados a partir de uma estrutura familiar e que desapareceriam tão logo acontecesse o mínimo de desenvolvimento econômico no Nordeste<sup>82</sup>.

82.PEREIRA, P. 195-196 (2008)

Foi a partir desse desenho conceitual que Lina traça que procurei me aprofundar em uma compreensão minha para o sentido da palavra *artesanato* e como manejá-la dentro das pesquisas que faço. Confesso que não considero artesanato a melhor das palavras para designar esse saber que está fora da academia, e com o qual acho importante que a academia aprenda e dialogue. Existem vários outros termos na academia que se constituem como tentativa de substituir a palavra *artesanato*, mas todos me parecem, de certo modo, incompletos. Arrisco uma explicação, a de que isso pode ser consequência do

tanto de *modos* de fazer que entraram embaixo do guarda-chuva que a palavra artesanato se tornou na nossa contemporaneidade. Isto é, a palavra artesanato, além de ter perdido o significado histórico original, como afirmava Lina Bo Bardi, começou a significar também muitos modos de produzir na sociedade contemporânea. Mas na falta de uma palavra melhor, acabo adotando a palavra artesanato, posto que vejo uma vantagem operacional para as pesquisas: é com ela que a maior parte das pessoas com quem dialoguei se identifica, e que se apresentam como artesãos, dizendo que fazem artesanato, e que participam de feiras de artesanato, por exemplo.

Na pesquisa do pós-doutorado, três bibliografias foram fundamentais para que eu elaborasse esse entendimento e procurasse algumas saídas. Esses livros são:

- SENNETT, Richard. **O Artífice**. Rio de Janeiro / São Paulo: Editora Record. 2020
- SINGER, Paul. **Introdução à Economia Solidária**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002.
- **Plano da Secretaria da Economia Criativa: Políticas, diretrizes e ações, 2011-2014**. Brasília, Ministério da Cultura, 2012

O livro *O Artífice*, de Richard Sennett, representa para mim um aprofundamento na compreensão do artesanato e do fazer artesanal dentro do desenvolvimento da história da humanidade. E a sua leitura confirma a abordagem de Lina Bo Bardi, na citação que fiz nas linhas acima, cuja íntegra está presente em seu texto *Discurso sobre o significado da palavra artesanato*, de 1980.

Em *Introdução à Economia Solidária*, Paul Singer aponta o período histórico em que se estruturou conceitualmente e na prática algumas organizações voltadas à *economia solidária*. Os ideais da economia solidária foram postos em prática através de organizações que surgiram para se contrapor às relações capitalistas de trabalho, baseadas na exploração da mão de obra dos operários, para a geração de máximo de lucro, no contexto do capitalismo e do início da industrialização em alguns países europeus. Essas organizações sociais buscaram alternativas a esses modelos produtivos, propondo outros modos de

produção baseados no cooperativismo, na divisão das tarefas e dos lucros de modo igualitário ou proporcional ao empenho de cada trabalhador. Assim, buscavam romper a dicotomia do mundo capitalista, que dividiam os homens em detentores dos meios de produção e aqueles que vendiam sua capacidade ou força de trabalho. Algumas experiências que se efetivaram em torno dos princípios da economia solidária são apresentadas por Paul Singer, boa parte na Inglaterra. São experiências ligadas à produção industrial, rural, mas também Singer fala da importância dos bancos cooperativistas, sendo esses últimos as experiências que mais vingaram e que existem até os dias de hoje. À época da leitura, e ainda hoje, acho incrível a possibilidade dessa estrutura produtiva coletiva, de um grupo de trabalhadores, mas sem a existência de alguém que detém os meios de produção e a maior parte dos lucros. Me parece um contexto próximo às condições de trabalho daquilo que estamos chamando de produção artesanal nos nossos dias de hoje, mas, neste caso, numa escala mais simples. É muito raro encontrar nesse modo de produção o duplo *patrão-empregado*, o mais que se tem como comum é o *artesão-aprendiz*, onde o segundo aprende o ofício auxiliando o primeiro.

92

Considero necessário fazer um novo parêntese aqui para dar o crédito à pessoa que me mostrou esse caminho. No curso de graduação em Design, duas disciplinas ligadas à gestão do design e marketing são ministradas por professores da FAGEN, a *Faculdade de Gestão e Negócios*, da UFU. Entre esses professores, uma delas é a Prof.a Dra. Cristiane Betanho, com quem tive a oportunidade de conversar durante minha pesquisa de pós-doutorado. Naquele momento expus à professora Cristiane o tema de minha pesquisa e disse que àquela altura, eu estava entrando em contato com o SEBRAE MG para pensar possíveis parcerias. E a professora me explicou que a abordagem dela como pesquisadora da área de administração, era mais voltada à Economia Solidária do que ao incentivo para se chegar ao sucesso através do empreendedorismo individual. Nunca encontrei com a professora Cristiane Betanho pessoalmente, foram apenas conversas por *whatsapp*. Mas depois dessas conversas, comecei a entender melhor por qual caminho como pesquisador deste tema eu deveria seguir na

condução da pesquisa. Foi assim que cheguei até Paul Singer. Pouco tempo depois das conversas por *whatsapp*, fiquei sabendo de uma feira solidária, que a professora Cristiane participava da organização. Eram produtores rurais de alimentos orgânicos. Eram hortaliças, legumes, mel e pães caseiros, entre outros e eram produzidos em pequena escala, mas esses produtores unidos cuidavam de todas as etapas do processo, da produção ao comércio. Naquele período, tive a oportunidade de ver as feirinhas desses produtores acontecerem no campus UFU Santa Mônica, no Parque do Sabiá e no Mercado Municipal de Uberlândia, onde atualmente abriu uma pequena loja. Passei a ter nesse exemplo, um modelo importante para uma possível experiência de pesquisa, e que poderia gerar contribuição à organização do modo da produção artesanal.

E, por fim, a leitura do *Plano da Secretaria da Economia Criativa: Políticas, diretrizes e ações, 2011-2014*, passou a me mostrar especificidades que são próprias à produção dita artesanal no mundo contemporâneo. Essas especificidades advêm do fato de que seus produtos são expressões de cultura e de arte e que isso tem muito potencial para geração de valor econômico específico, se tornando renda e modo de sobrevivência financeira para aqueles que o praticam. Acredito que esse ponto de vista é bastante importante para tratar o tema.

Enfim, essas foram as balizas teórico-conceituais que estabeleci para o trabalho. Primeiro, a compreensão de que o artesanato havia sido uma forma de organização social e econômica da produção em determinados períodos históricos. Mas a pluralidade de coisas que se faz nos dias de hoje, sob o nome genérico de artesanato, também podem conter valores expressivos de cultura, arte e domínio técnico-produtivo. Contudo essa produção respira e sobrevive quase que a parte do sistema econômico produtivo capitalista, como alternativa latente. Em meu ponto de vista, o design poderia estrategicamente se aproximar de algumas dessas produções, dialogar com seu modo de produzir e com seus produtos. Seria uma possibilidade de fortalecer ainda mais os valores culturais e sociais que potencialmente carregam e, em consequência, aumentar a renda e a qualidade de vida daqueles que o praticam. Mas, por outro lado, e isso interessa bastante, todo esse processo poderia se converter em um campo novo de atuação profissional para os designers.

De acordo com o projeto de pesquisa elaborado para o pós-doutorado, o trabalho se dividiu em duas etapas. A primeira etapa, com duração de um semestre, foi focada em uma investigação teórica, desenvolvida em Portugal. A segunda etapa, planejada para o segundo semestre da pesquisa, de caráter prático e experimental, foi desenvolvida no Brasil. Entretanto, no desenrolar da pesquisa, a pandemia de COVID-19 isolou uma etapa da outra. Uma possibilidade que se apresentou na época, foi encerrar a pesquisa apenas na etapa teórica, estendendo-a para o segundo semestre do pós-doutorado. Entretanto, preferi paralisar a pesquisa no período de isolamento social imposto pela pandemia e retomá-la quando do restabelecimento da possibilidade de convívio social. Assim, a etapa teórica foi desenvolvida em Portugal, no período pré-pandemia e a parte prática e experimental, foi desenvolvida no Brasil, no pós-pandemia, a partir do momento em que a vacinação massiva da população restabeleceu as condições necessárias para o convívio social.

Ao final da pesquisa, foram gerados dois relatórios. Um intermediário, sobre as atividades realizadas antes da pandemia, com caráter teórico. E outro relatório final, este sobre as atividades realizadas após a pandemia. O relatório final foi apresentado sob o título *Projeto Prático*.

Nesta primeira etapa em Lisboa, tive a oportunidade de convívio com a Profa. Dra. Rita Filipe. Minha supervisora ao longo de toda a pesquisa, a professora Filipe era pesquisadora da mesma área que eu. Como dito, também participei do CIAUD da FA ULisboa e do Grupo de Pesquisa em Design e Ciências Sociais. Outra experiência riquíssima à minha formação foi a oportunidade de viver um pouco da rotina do curso de graduação em Design da FA ULisboa, participando de uma disciplina na área de design de produto, ministrada pela Profa. Dra. Rita Filipe em conjunto com outros dois professores. Era uma disciplina voltada à prática de projeto, mas também tinha a vivência do Laboratório de Modelos e Protótipos da FA ULisboa, que os estudantes da disciplina faziam uso para materializar aquilo que projetavam. Entre outras questões, a experiência serviu bastante para eu comprovar que a concepção que estávamos pondo em prática para o nosso curso de Design na UFU, em vários

**83.** Sobre o curso de Design da FA ULisboa, também me chamava bastante a atenção o edifício em que está sediado. O bloco do curso de Design da FA ULisboa, é um edifício com volumetria em formato de barra horizontal, de dois pavimentos. Ao longo de toda a barra, há um vazio central de pé-direito duplo. Este vazio central de pé-direito duplo é ladeado por espaços compartimentados nos dois pavimentos, térreo e primeiro andar. Esses espaços compartimentados eram ocupados por várias salas de aula/ateliês, salas de professores e salas para grupos de pesquisa. Eu trabalhava em uma dessas salas de pesquisa. Havia um caráter introspectivo no edifício, dado nosso olhar sempre se voltar para o pátio central, e não tanto para o exterior do bloco, através de suas janelas. O Laboratório de Modelos e Protótipos do curso de design ocupava parte da área central, de pé direito duplo. Tinha um protagonismo simbólico e físico. O ruído do maquinário não era motivo de reclamações e das janelas das salas no térreo, ou na sacada do corredor de circulação do andar superior, era possível ver estudantes, professores e técnico desenvolverem suas atividades. Na minha vivência cotidiana daquele espaço, ficava sempre impressionado. Achava uma ideia muito bonita para um edifício-escola de design. Sempre olhava para esse cenário, me lembrando do nosso LAMOP no Brasil, que naquele momento, ainda estava locado no campus da UFU do bairro Umuarama, tão distante do nosso curso. Ansiava para a gente esta mesma proximidade que havia entre o laboratório e o curso de design da FA ULisboa.

**84.** Refiro-me aqui à defesa da tese de doutorado de Juliana Cardoso Braga, intitulada Projeto Caco: Inserção de design estratégico sustentável nas MPEs moveleiras.

aspectos, se assemelhava bastante ao da FA ULisboa, que era um curso mais consolidado e com mais tempo de vigência que o nosso<sup>83</sup>. Além dessa experiência, tive a oportunidade de participar, como ouvinte, de um colóquio de design e ciências sociais organizado pela professora Rita Filipe, e que era na área de minha pesquisa. Outra atividade que considero bastante importante, foi minha participação como membro avaliador de uma banca de defesa de tese de Doutorado em Design da ULisboa<sup>84</sup>.

Neste período em Lisboa, li e fiz o *fichamento* de uma série de livros que possuíam algum tipo de abordagem sobre design e/ou artesanato. Livros, a maioria de Portugal, mas também alguns brasileiros. O que me chamou muito a atenção é que alguns desses livros portugueses, tratavam o tema a partir da apresentação de estudos de caso brasileiros e portugueses dentro de uma mesma publicação, o que indicava uma proximidade de diálogo entre os dois países sobre esse assunto, e que era maior do que eu imaginei inicialmente.

Como sempre gosto de trabalhar com entrevistas, por considerar uma forma de investigação que produz muitas informações relevantes à pesquisa, em Portugal tive a oportunidade de realizar algumas delas, assim como no Brasil logo de minha chegada.

Em Portugal, realizei as seguintes entrevistas:

CLAUDIA ALBINO, arquiteta e professora design. A professora Dra. Claudia Albino fez parte da coordenação científica e editorial do projeto Editoria: Design, Artesanato & Indústria. Entrevista concedida pela professora e arquiteta Dra. Claudia Albino, em 07 de maio de 2019, no DeCA - Departamento de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro, na cidade de Aveiro, Portugal.

SAM BARON, designer. Sam Baron, nascido em França, em 1976, é licenciado em Design pela École Supérieure d'Art et Design de Saint-Étienne e possui uma pós-graduação pela École Nationale Supérieure des Arts Décoratifs, em Paris. Baron reinterpreta continuamente os métodos tradicionais de construção, problematizando no seu trabalho a utilidade dos

dos materiais de produção atuais. (fonte: <https://vistaalegre.com/int/artists-designers-sam-baron-int>, visitado em 22/07;2019). Entrevista concedida por Sam Baron, em seu ateliê, no Largo Barão Quintela, número 3 rés de chão, no bairro Chiado, em Lisboa, Portugal, no dia 3 de junho, às 15:00 horas, uma segunda-feira.

BRUNO RAMOS, jornalista. Bruno Ramos é diretor de comunicação da ADXTUR, a agência para o desenvolvimento turístico das Aldeias do Xisto, localizada no distrito de Coimbra, a cerca de 9Km da Lousã, em Portugal. A entrevista foi concedida na Cooperativa Artística Penhasco, na rua Neves de Ferreira 10B, em Lisboa Portugal.

JOÃO NUNES, designer e professor. João Nunes é referência na área do design de comunicação desde os anos 1970 até a atualidade. Designer ativista, crítico e socialmente responsável, João Nunes formou-se em design gráfico na Escola de Belas-Artes do Porto, trabalhou em empresas e indústrias e com clientes culturais, como a Casa da Música, na cidade Porto. De acordo com o livro “João Nunes”, de autoria de José Bartolo e Helena Barbosa, integrante da “Coleção Designers Portugueses”: “A investigação e o projecto, dimensão crítica e social, sempre revestiram seu trabalho de sentido ético e pedagógico. É docente na Universidade de Aveiro, Portugal, e desenvolve, com as Aldeias do Xisto, trabalho no âmbito do design social e do artesanato. Com um trabalho largamente publicado e premiado, nacional e internacional, João Nunes cria, a partir do atelier Nunes & Pã, projetos de referência.” Entrevista concedida pelo professor e designer João Nunes, em 21 de maio de 2019, em seu atelier Íris D’Arga, em Vila Nova de Cerveira, Portugal.

KERSTIN THOMAS, artesã. Kerstin Thomas nasceu em 1964 na República Federal da Alemanha onde, após a conclusão do liceu (artes plásticas), aprendeu talha/escultura em madeira numa oficina de design em madeira. Frequentou o Curso de Ciências Sociais, além de concluir o curso superior de Língua e Cultura Portuguesa na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Radicou-se em Portugal e vive na aldeia serrana da Cerdeira onde, desde 1990, tem um ateliê próprio. Os seus trabalhos na área da escultura em madeira são abordagens diversas que, no entanto, têm em comum a preferência por madeiras autóctones e o quase sempre presente sentido de humor. Participa regularmente nas Feiras de Artesanato de Vila

do Conde, de Lisboa (FIA), de Lagoa (FATACIL), do Porto (ARTESANATUS) e na Krefeld (Alemanha). Além do artesanato dedica-se à escultura. Também participou em algumas exposições colectivas de que constituem exemplo a Exposição Internacional de Artes Plásticas (Figueiró dos Vinhos 2001); A Memória das Coisas (Guarda 2003); Festa da Caricatura (Lousã 2003); Exposição Internacional de Artes Plásticas (Kitzingen, Alemanha 2004); Monumento para Miguel Torga (Coimbra 2006); “Elementos à Solta” Cerdeira 2006, 2007, 2008; “Nós-com-sem” Escultura em Madeira (Lousã, Maio de 2007). Recebeu Menções Honrosas no Prémio Nacional de Artesanato Contemporâneo 2001, no Prémio FIA 2006 e no Prémio de Artesanato de Viana do Castelo 2006/2007, 1º prémio Viana do Castelo 2007/2008. (fonte: <https://aldeiasdoxisto.pt/entidade/2950>). Entrevista concedida por Kerstin Thomas, em 02 de Junho de 2019, em Cerdeira - *Home for Creativity*, em Aldeia do Xisto Cerdeira, zona centro, no distrito de Coimbra, a cerca de 9Km da Lousã, em Portugal.

DANIEL ETNOLOGIA Visita guiada às Galerias da Vida Rural, no Museu Nacional de Etnologia. A visita foi conduzida por Daniel (pesquisar sobrenome e formação) A transcrição que segue é relativa ao áudio capitado durante a visita guiada às “Galerias da Vida Rural”, no Museu Nacional de Etnologia, localizado na Avenida Ilha da Madeira 1400-203, Lisboa, Portugal. A visita guiada foi uma atividade didática da disciplina *Design IV* do curso de graduação em Design, da Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa (FA-ULisboa). Nesta ocasião, a disciplina era de responsabilidade da profa. Dra. Rita Felipe, e na condição de pesquisador de pós-doutorado da FA ULisboa, foi possível acompanhar a visita graças ao convite da Profa. Dra. Rita Filipe.

97

Além das entrevistas, em Portugal, realizei algumas visitas técnicas a instituições culturais ligadas ao artesanato e ao design:

- Museu Nacional de Etnologia – Avenida Ilha da Madeira 1400-203, Lisboa, Portugal. Com visitas guiadas às Galerias da Amazónia (19/maio/2019), às Galerias da Vida Rural e à Exposição Permanente (18 de maio de 2019)
- Museu de Arte Popular – Avenida de Brasília 1400-038, Lisboa, Portugal

- Exposição Contar Áfricas no monumento Padrão dos Descobrimentos - Av. Brasília 1400-038 Lisboa Portugal (período de visitação: 25/11/2018 a 21/04/2019).

Naquele período, essas foram as atividades que desenvolvi em Portugal. E gostaria de acrescentar que para completar essa parte teórica, logo de meu retorno ao Brasil, também fiz algumas entrevistas, para me aprofundar no contexto brasileiro. Essas entrevistas foram:

**SÉRGIO MATOS, designer.** O designer Sérgio Matos nasceu em Paranatinga (MT) e se formou em Design Industrial na Universidade Federal de Campina Grande (PB), em 2005. Em 2007 recebeu o pr mio de primeiro lugar na categoria mobiliário, no Sebrae Minas Gerais, com seu banco denominado lanom mi. Em 2009 expôs no Salão Sat elite do Salão do Móvel de Milão, Itália. Em 2010, Matos criou o Est dio Sérgio J. Matos, em Campina Grande (PB), desenvolvendo peças com design autoral e projetos especiais para a indústria moveleira e decora o. Além da produ o autoral, desenvolvida no est dio em Campina Grande, Sérgio faz também consultorias para comunidades de artesãos de diversas regiões do Brasil. Tais iniciativas já aconteceram no Amazonas, em Tocantins, Sergipe e no Mato Grosso do Sul, entre outros. "Eu vou até eles, faço uma imersão para entender a cultura e a produ o locais e, a partir disso, estudo e apresento novas possibilidades de cria es, que sejam comercialmente mais atraentes. A ideia é unir design e artesanato para gerar novas oportunidades de negócio para as comunidades e elevar a autoestima dos artesãos envolvidos no processo. Todo conceito é desenvolvido pela comunidade para ser produzido e vendido por eles mesmos para que tenham renda sem intermediários" (fonte: <https://boobam.blog/sergio-j-matos-design-artesanal/>, visitado em 04/11/2019). Entrevista concedida pelo designer Sérgio Matos, em 17 de outubro de 2019, durante a Semana Criativa de Tiradentes, na cidade de Tiradentes, MG, Brasil.

**85. A FUNDAJ**, Fundação Joaquim Nabuco, é uma fundação pública com regime de direito privado vinculada ao Ministério da Educação do Brasil. Sediada no Recife em Pernambuco, foi fundada em 1949 com o propósito de preservar o legado histórico-cultural de Joaquim Nabuco, com ênfase nas regiões Norte e Nordeste. Idealizada pelo sociólogo Gilberto Freyre em 1947, a fundação foi criada como Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, em homenagem ao político abolicionista que em 1949 se comemorava o centenário de seu nascimento. Após instalar-se provisoriamente em prédio alugado, em 1949 veio finalmente a instalar-se em sua sede definitiva e atual, na Av. 17 de Agosto, n 2.187, Recife. A FUNDAJ também oferece cursos de pós-graduação *latu sensu* e mestrados. Os mestrados são: Mestrado em Ciências Sociais para o Ensino Médio e Mestrado em Educação, Culturas e Identidades (em associação com a Universidade Federal Rural de Pernambuco, UFRPE) *Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Fundacao\\_Joaquim\\_Nabuco](https://pt.wikipedia.org/wiki/Fundacao_Joaquim_Nabuco), visitado em 09/12/2019.*

**GLÁUCIA CONTI, artesã.** Em 2013, Gláucia Conti participou do projeto *Jovem Artesão* promovido pela FUNDAJ<sup>85</sup>, com consultoria do designer Sergio Matos. Junto com Rodrigo Anastácio que também tinha habilidades com as técnicas de macramê e manipulação de arame, se identificaram com o entrançado de torçal – cordão trançado. Ela, estudante de artes visuais, pesquisadora da cultura popular; ele, artesão e músico; ambos, brincantes da cultura popular, onde encontram, assim como na natureza, inspiração para suas peças cheias de conceito, design, tradição e sobretudo a valorização da cultura brasileira. Entrevista concedida pela artesã Gláucia Conti, em 21 de novembro de 2019.

E de volta ao Brasil, outra oportunidade para enriquecer a pesquisa, foi a minha participação como ouvinte na *Semana Criativa de Tiradentes*, na cidade de Tiradentes, MG, na sua edição do ano de 2019. Assim finalizei esta etapa, parei a pesquisa e, como as outras pessoas de bom senso, me isolei em casa o quanto possível, para enfrentar aqueles dias tão difíceis e com um futuro tão incerto para cada um de nós.

Após o fim do período de isolamento da vida social, com a vacinação da população, pudemos todos retomar a normalidade da vida e eu voltei a me dedicar à pesquisa de pós-doutorado, entretanto, em um novo contexto. Na primeira etapa, me dediquei integralmente à pesquisa, graças ao afastamento de minhas outras atividades docentes. Após a pandemia, a segunda etapa, a parte prática do trabalho, foi realizada ao mesmo tempo em que me dedicava a outras atividades na UFU, como por exemplo, as aulas.

Em função de tudo que eu havia me ocupado em conhecer durante o primeiro semestre do trabalho, organizei esta segunda etapa em um formato que eu defini como *workshops colaborativos*. Para a realização desses *workshops colaborativos*, foram convidados quatro designers e quatro artesãos. Entre os designers, dois eram ex-alunos meus do curso de Design da UFU, um é professor da FAUED UFU e uma designer é formada na UNESP, em Bauru. Os artesãos foram convidados considerando os materiais com que trabalham, buscando-se, nesse processo de escolha, privilegiar a

86. Do mesmo grupo de tecelãs que Lina Bo Bardi, Edmar de Almeida e Marcelo Ferraz desenvolveram trabalhos conjuntos em diferentes momentos da história da instituição.

diversidade de materiais. Havia um artesão que trabalha com madeira e derivados, outro com ferro e aço, uma com cerâmica e por fim foram convidadas as artesãs do Centro de Tecelagem Fios do Cerrado<sup>86</sup>. O objetivo dos *workshops colaborativos* é que cada designer formasse dupla com um artesão, constituindo-se quatro duplas. Cada dupla projetaria dois objetos. Um deles seria um redesenho de uma peça indicada pelo artesão e que na visão do artesão pudesse passar por um aprimoramento da forma, levando em consideração os conhecimentos do design. A segunda peça seria projetada e, depois produzida, a partir de uma vivência do designer na oficina do artesão com que escolheu trabalhar. O resultado foi uma coleção de oito peças, em quatro materiais distintos.

Para realizar o desenho do modelo de trabalho, os *workshops colaborativos*, levei em consideração o método do *double diamond* e o do *design thinking*, tendo em vista principalmente a bibliografia do Tim Brown. Essa opção levou à uma estrutura de trabalho dividida em quatro etapas:

100

#### CONHECER > PROJETAR > PRODUZIR > APRESENTAR

Mas na prática do desenvolvimento das atividades, as fases PROJETAR e PRODUZIR se tornaram uma só, criando-se um diálogo intenso entre o desenho e a oficina. Quando isso aconteceu, foi o melhor caminho. E penso que a pesquisa tinha esse objetivo também, que era o de propor um modelo de trabalho colaborativo, fazer o teste do modelo e aperfeiçoá-lo. No final, o modelo ditado pela prática ficou:

#### CONHECER > PROJETAR + PRODUZIR > APRESENTAR

Na etapa CONHECER, o objetivo era criar uma aproximação e descobrir afinidades entre designers e artesãos. Foi feita uma palestra inicial, via webcam, com a Profa. Dra. Rita Filipe, que apresentou suas pesquisas sobre as temáticas do design e do artesanato. Em seguida

cada artesão e cada designer falou de si e apresentou trabalhos que já realizou e que gostaram de ter realizado. Após essa etapa, eu, como coordenador das atividades, mais os quatro designers visitamos as quatro oficinas. Em cada uma delas, fomos recebidos pelo artesão que falou sobre os materiais, ferramentas, processos de trabalhos e produtos. Ao final dessa jornada, cada designer e artesão, por afinidade construída ao longo dessa vivência inicial, escolheram a dupla com quem desenvolver os projetos na etapa PROJETAR + PRODUZIR. As duplas ficaram assim organizadas:

- Luis Eduardo Borda, professor FAUED UFU, e *Tecelagem Fios do Cerrado*;
- Hugo Resende, designer FAUED UFU, e Eduardo Vieira, da *Arte em Ferro*;
- Rafael Rocha, designer FAUED UFU, e Larissa Ribeiro, ceramista.
- Valéria Ramos Friso, designer UNESP, e Robson Miranda Brito, da *Arte Menor Madeiras*;

101

Ao longo da etapa PROJETAR + PRODUZIR, cada dupla passou a se reunir separadamente para desenvolver os dois objetos acima citados, isto é, o redesenho de um produto já existente e a proposição de um produto novo. Meu papel nesta etapa foi de acompanhar o processo, oferecendo o apoio necessário e esclarecendo dúvidas que viessem a surgir. Fui um pesquisador observador e ao mesmo tempo um pesquisador participativo.

Ao final, a coleção de objetos resultantes foi:

- Luis Eduardo Borda e *Tecelagem Fios do Cerrado*: *Bolsa e vestido*.
- Hugo Resende e Eduardo Vieira, da *Arte em Ferro*: *Cadeira e mesa baixa para área externa*.

- Rafael Rocha e Larissa Ribeiro, ceramista: Luminária e conjunto para preparo e degustação de café.
- Valéria Ramos Friso e Robson Miranda Brito, da Arte Menor Madeiras: Coleção Bichos do Cerrado e Jogo Congado.

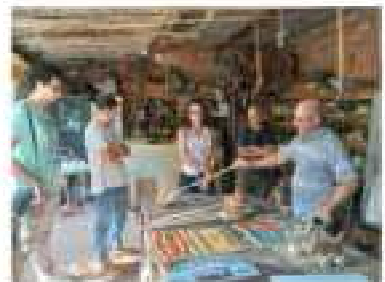
A última etapa da pesquisa, isto é, APRESENTAR, tinha como objetivo levar ao conhecimento de um grupo de pessoas, os produtos que foram projetados e produzidos. E a partir de então avaliar a sua aceitação por esse público, tendo-se em conta a perspectiva de que foram elaborados como produtos de consumo.

Essa apresentação ao público, foi feita através da exposição *Diálogos entre Design e Artesanato* e ocorreu na Casa da Cultura de Uberlândia de 08 a 30 de novembro de 2022. Houve também no dia 08 de novembro, por ocasião da abertura da exposição, uma mesa redonda com todos os participantes do projeto, designers e artesãos, para apresentarem ao público visitante as suas impressões sobre o processo de trabalho em duplas. Para a realização da exposição, eu fiz um desdobramento da pesquisa em um projeto de extensão, que submeti a um edital de apoio financeiro. À época o projeto de extensão foi contemplado com recursos do edital<sup>87</sup>, e foi possível ter esse apoio bastante importante para a qualidade dessa etapa expositiva do trabalho. Devido a esse contexto da pesquisa ter se desdobrado em uma atividade extensionista, apresento a exposição *Diálogos entre Design e Artesanato* no item deste memorial dedicado às atividades de extensão. Um aspecto que eu gostaria de ressaltar, é que, o objetivo da exposição era apresentar produtos de consumo, pensados a partir das preocupações características do design, como ergonomia, funcionalidade, valores plásticos e formais. E que esses produtos fossem expressão, por sua vez, de valores dos seus produtores, como a identidade e o valor cultural, mas também ligados a própria lógica de sua produção em uma escala quantitativa menor, que cria logísticas de distribuição e consumo diferentes das cadeias da indústria de grande consumo, e que, por sua vez, tem em si a possibilidade de atender melhor aos pré-requisitos de uma produção mais atenta à sustentabilidade ambiental,

87. O projeto de extensão foi contemplado com recursos financeiros, através ao edital PIAEV 2022, da Pró-reitora de Extensão da UFU. O projeto, participando de um processo seletivo amplo e interno à Universidade, foi contemplando com o valor de R\$ 5.000,00 (cinco mil reais).



**Fig. 59.** Primeira reunião para realização do workshop, em 30 de julho de 2022, na sala de reuniões do Bloco i, da FAUED UFU, *campus* Santa Mônica. Contou com a presença via *webcam* da supervisora da pesquisa de pós-doutorado, a Prof. Dra. Rita Filipe, da FA ULisboa. Fonte: arquivo Juliano A Pereira.



**Fig. 60.** Visita dos quatro designers às quatro oficinas: marcenaria, serralheria, cerâmica e tecelagem. Fonte: arquivo Juliano A Pereira.



**Figs. 61, 62, 63 e 64.** Coleção de 8 produtos gerados pelas 4 duplas designers-artesãos. Fonte: arquivo Juliano A Pereira.



104



social e econômica. Como esses objetos são produtos de consumo, a ideia inicial seria fazer a exposição no Mercado Municipal de Uberlândia. O que não foi possível por não se ter encontrado nesse espaço as condições necessárias de cuidados e guarda das peças expostas. Assim a exposição acabou sendo realizada na Casa da Cultura de Uberlândia, mas com um mobiliário expositivo que eu projetei e que objetivei evitar que as peças expostas pudessem ser tomadas como objetos de arte. A ideia é que fossem lidos como objetos de uso no dia a dia das pessoas. E eu acredito que o objetivo foi alcançado. A fala de uma psicóloga presente na plateia, no dia da mesa redonda, de abertura da exposição, corrobora com esse ponto de vista:

Acho que é uma questão da vida, hoje em dia a vida, pensar a reprodução da vida, ela vem... a gente não sabe de onde as coisas vêm, a gente não sabe como as coisas são feitas.

(...)

E o quanto eu vejo isso em outras partes da vida, né? A gente não percebe como são feitas as coisas, e a gente imagina... e gente quer muito, mas na hora de fazer a gente vê que não é assim, né? A gente tem que dar um passo de cada vez e o quanto para essa resolução o agrupamento é potente. Quando o Hugo (*designer*) falou que o que ele gostou é de estar ali juntos, que a peça não é dele, que a peça é nossa... Eu acho muito bonito, assim porque eu penso o tanto que isso pode se expandir além desses lugares, né? O quanto é importante a gente contar com outros, que tem outros saberes e que as vezes estão um pouco mais distantes da nossa realidade, da nossa vivência e que ele pode contribuir para nós e pode contribuir para a nossa produção. No caso, aqui é uma produção física, palpável, mas eu fico pensando nas relações abstratas, psíquicas que dariam produções mais ricas de serem vividas. Nossa, eu achei essa conversa muito potente e metafórica para mim<sup>88</sup>.

88. Terceira comentarista presente na plateia da roda de conversa da Exposição Diálogos entre Design e Artesanato (08/11/2022).

A realização desta pesquisa de pós-doutorado, neste semestre de sua etapa prática, teve como resultado não apenas os oito produtos que gerou e a exposição dessas peças. Ressalto aqui, que me interessou mais ainda, como

resultado da pesquisa, o teste do modelo de trabalho proposto. Este foi, em meu ponto de vista, a contribuição mais relevante da pesquisa. A pesquisa não finalizou aqui, e sim pode ser considerada uma etapa intermediária, e serviu de teste piloto. Meu objetivo é construir novas oportunidades de aproximações entre produtores em pequena escala local e o curso de design da UFU. Seja uma aproximação como pesquisa, extensão ou como atividade de ensino. A intenção é que o curso de Design aprenda com a realidade na qual está inserida, mas também possa contribuir para a sua melhoria.

As minhas atividades de pesquisa que apresentei aqui neste capítulo, resultaram em algumas publicações, cujos títulos podem ser conferidos no meu *currículo lattes* anexo a este memorial. Mas gostaria de citar aqui a quantificação numérica dessa produção acadêmica:

Artigos completos publicados em periódicos	5
Livros publicados/organizados ou edições	2
Capítulos de livros publicados	2
Trabalhos completos publicados em anais de congressos	15
Resumos expandidos publicados em anais de congressos	1
Resumos publicados em anais de congressos	6
Apresentações de trabalho	11
Outras produções bibliográficas	1

**Tabela 4.** Quantidade de publicações científicas.  
Fonte: o autor.

E, para finalizar este capítulo, gostaria de realizar um último comentário a respeito da autopercepção que tenho da minha trajetória como pesquisador. Toda atividade de pesquisa na academia se inicia com um Projeto de Pesquisa. Além de outras informações, Projetos de Pesquisa contém: objetivos gerais e específicos, metodologia de pesquisa, cronograma e resultados esperados. É um caminho que se estabelece para se caminhar, antes do início da caminhada da pesquisa. Parece oferecer segurança para se chegar aonde se deseja. Na minha trajetória de pesquisador, desenvolvi pesquisas de caráter teórico e outras com sentindo mais prático experimental.

Em todas as pesquisas, meus pontos de partidas foram os ditos Projetos de Pesquisa. Os quais precisei fazer a defesa em alguns momentos, como nos processos de ingresso do mestrado e do doutorado. Entretanto, na execução de cada uma das pesquisas que pude realizar, muitas vezes, muitas coisas não previstas no Projeto de Pesquisa aconteceram. Me redirecionar a partir desses acontecimentos inesperados, sempre foi desafiador. Mas com certeza eram os momentos de maior desenvolvimento da pesquisa, e, penso eu, o momento que eu mais me sentia me desenvolvendo como pesquisador. E por isso, a lembrança de Carlos Drumond de Andrade: *No meio do caminho tinha uma pedra*. Uma não, várias pedras no meio do caminho e sou particularmente grato por todas. Algumas vezes essas pedras pareciam obras do acaso, em outros momentos me parecia que eu mesmo as procurei. Foram boas pedras. Acho importante como pesquisador ter consciência disso. A pesquisa é mais descoberta, do que confirmação do já sabido. Nesses anos todos aqui relatados, apenas duas pedras no meio do caminho realmente foram muito ruins, a pandemia de COVID19, em 2020, e o governo federal que o Brasil teve entre 2019 e 2022, que fez o que podia e não podia para tentar destruir a pesquisa, a educação e a cultura em nosso país. Duas pedras que espero, tenham ficado definitivamente no passado.

### III. ATIVIDADES DE EXTENSÃO

89. Sobre essa menor valorização que havia das atividades de extensão dentro da universidade, um exemplo estava na menor pontuação que as atividades de extensão recebiam no documento elaborado para progressão e promoção na carreira docente na UFU. Algumas atividades de extensão nem eram pontuadas e, para contornar essa situação, um colega professor sempre indicava nas reuniões do conselho da unidade uma saída: após concluir a extensão, escrever e publicar um artigo científico para poder pontuar a atividade. Se tornou uma brincadeira recorrente entre alguns colegas docentes do design. Tudo que íamos fazer na universidade e se apresentava trabalhoso e sem reconhecimento acadêmico, dizíamos a nós mesmos sorrindo: no final, podemos escrever um artigo científico, publicar e pontuar. Brincadeiras à parte, esse comentário serve também para pensar um pouco sobre o dilema que as vezes se coloca em nosso trabalho sobre priorizar a qualidade ou a quantidade daquilo que fazemos.

90. A curricularização das atividades de extensão na Universidade Federal de Uberlândia (UFU) teve sua regulamentação iniciada com a **Resolução nº 13/2019 do Conselho de Graduação (CONGRAD)**, que normatizou a inserção das ações extensionistas nos currículos, exigindo um mínimo de 10% da carga horária total dos cursos de graduação. Fonte: Pesquisa na internet através da IA, em 27/01/2026.

Ao longo desses anos de docência na UFU, me dediquei a atividades diversas e ligadas ao ensino, à pesquisa, à extensão e à gestão. Entre essas atividades todas, a extensão é a que eu realizei um menor número de projetos nos primeiros anos de minha carreira docente. Acredito que isso pode ser consequência do maior incentivo que a UFU realizava, em períodos anteriores, priorizando as atividades de pesquisa, com bolsas de iniciação científica, por exemplo<sup>89</sup>. Ou mesmo pelo apoio maior à pesquisa vindo das agências de fomento, como FAPEMIG, CAPES e CNPq. Por outro lado, um quadro tão reduzido de professores no curso de graduação em Design, colocava o desafio de sempre estarmos em mais de uma atividade de gestão todo semestre. E, neste contexto do número reduzido de professores no curso de design, sempre tive uma carga horária um pouco elevada também de presença em sala de aula. A título de exemplo, mesmo nos dias de hoje, quando o número de docentes está um pouco melhor no curso de Design, nos semestres ímpares, minha carga horária de disciplinas é de 14 horas-aulas semanais na graduação em Design.

A Pró-Reitora de Extensão e Cultura, PROEXC, é a pró-reitora que se dedica ao incentivo e ao apoio às práticas extensionistas na UFU. Em um período mais recente, nos últimos anos, as atividades de extensão na universidade têm recebido uma valorização maior e maiores incentivos para a sua realização. Essa maior importância pode ser percebida no processo recente da curricularização das atividades de extensão nos cursos de graduação.<sup>90</sup> Além da atual presença obrigatória de atividades de extensão nos currículos dos cursos da UFU, recentemente também ocorreu, por parte da PROEXC, um aumento expressivo nas políticas de incentivo e fomento às atividades extensionistas da universidade. Neste cenário atual, em 2022, eu mesmo submeti um projeto de extensão à PROEXC UFU, tendo sido contemplado com recursos financeiros para a realização de uma atividade extensionista por mim proposta, conforme relatarei mais adiante neste capítulo.

Este contexto atual de maior importância conferida pela UFU às atividades de extensão e, ao mesmo tempo, o patamar de desenvolvimento que minhas atividades de pesquisa e ensino se encontram, me colocaram um cenário de atuação em minha unidade acadêmica, com mais atividades de extensão sendo efetivadas nos últimos anos e aponta a mesma perspectiva para o cenário futuro próximo. Tudo isto partindo de uma perspectiva minha de unir extensão-pesquisa ou extensão-ensino, como venho experimentando nos últimos anos.

- Então, relativamente ao que já desenvolvi, como atividade de extensão, gostaria de apresentar o quadro abaixo:

Ano	Título	Modalidade	Registro SIEX PROEXC UFU <sup>91</sup>
2014	Design do Mobiliário da Biblioteca da UFU Campus Santa Mônica	Prestação de Serviços	12179
2022	Construção de Práticas Colaborativas entre Design e Artesanato	Projeto	26245
2022	Exposição Construção de Práticas Colaborativas entre Design e Artesanato	Evento	26952
2025	Projeto e produção de mobiliário expositivo para o Museu dos Povos Indígenas da UFU	Projeto	35013
2024/ 2025	Disciplina optativa Design e Artesanato	Projeto	-----

**Tabela 5.** Atividades de extensão por mim desenvolvidas. Fonte: o autor

91.SIEX PROEXC UFU: Sistema de Informação de Extensão e Cultura da Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal de Uberlândia.

A primeira atividade de extensão que vim a desenvolver na UFU foi o projeto *Design do Mobiliário da Biblioteca da UFU Campus Santa Mônica*. Esta atividade se caracterizou como prestação de serviço e ocorreu no ano de 2014.

Este projeto de extensão teve como objetivo o desenvolvimento de uma linha de mobiliário para a biblioteca da UFU, localizada no Campus Santa Mônica. O trabalho foi desenvolvido de acordo com as metodologias de projeto em design de produto, subdividido em 4 etapas:

- 1ª Etapa: Análise do Problema - levantamento e estudos das necessidades dos usuários e do local a que se destina o mobiliário;
- 2ª Etapa: Geração de Alternativas - desenvolvimento de estudos em croquis com alternativas de mobiliários e layouts que atendam às demandas detectadas na primeira etapa;
- 3ª Etapa: Avaliação das Alternativas - análise e escolha da melhor alternativa gerada na segunda fase,
- 4ª Etapa: Realização da Solução do Problema - desenvolvimento do projeto final, com produção de desenhos técnicos, detalhamentos, especificação de materiais e construção de modelos tridimensionais, produzindo o material necessário para a execução do projeto.<sup>92</sup>

92. Projeto de Extensão com registro de número 12179, no SIEX/PROEX/UFU.

93. Neste projeto, as bolsas foram concedidas pela Pró-reitoria de Graduação, via Diretoria de Ensino, uma vez que as bibliotecas da UFU estão vinculadas à essa Pró-reitoria. Apesar de se tratar de um projeto de extensão, não havia bolsas da PROEX naquele momento.

A equipe foi composta por dois professores-coordenadores do projeto, professor Juliano Aparecido Pereira e professora Sandra Rodrigues de Rezende, dois estudantes do curso de design, que receberam bolsa da Diretoria de Ensino da Pró-Reitoria de Graduação<sup>93</sup>, e dois estudantes voluntários.

O público almejado através deste projeto de extensão, pode subdivido em dois grupos, a saber:

- Os técnicos da biblioteca, para o qual este projeto de design pretendeu uma melhoria dos "postos de trabalho", considerando aspectos de ergonomia e funcionalidade;
- Os usuários da biblioteca, parcela do público-alvo constituída pela comunidade acadêmica universitária (estudantes de graduação e pós-graduação, docentes, pesquisadores e outros técnicos) e comunidade externa à UFU. Para esta parcela do público alvo, o projeto pretendeu um aprimoramento da qualidade no sistema de atendimento, considerando, a título de exemplo, as mudanças ocorridas com os processos de informatização de parte do atendimento, e pretendendo a realização de um mobiliário capaz de reforçar a identidade entre os usuários e o espaço

94. Projeto de Extensão com registro de número 12179, no SIEX/PROEX/UFU.

institucional que caracteriza a biblioteca, sem deixar de levar em consideração aspectos de ergonomia, usabilidade e comunicação, de grande importância a este tipo de projeto de design<sup>94</sup>.

95. Em outubro de 1990, em sua edição 135, a revista Projeto apresenta o projeto das bibliotecas gêmeas dos campi da UFU Santa Mônica e Umuarama. De 1988, o projeto é de autoria dos arquitetos Paulo Zimbres e Luís Antônio Almeida Reis.

A previsão era, segundo dados da própria Biblioteca da UFU, impactar positivamente a experiência de pôr volta de quatro mil usuários do espaço da biblioteca no campus Santa Mônica. E, no futuro, a intenção era replicar esse mesmo projeto para a biblioteca do campus Umuarama, que possui a mesma arquitetura.<sup>95</sup>

O projeto foi realizado pela equipe entre 01/10/2014 e 31/03/2015, sendo desenvolvido no Núcleo de Design. Entretanto, devido à falta de recursos financeiros para a efetivação do projeto, o que de fato foi possível de se implantar na prática, foi apenas um rearranjo do layout dos espaços internos, aproveitando-se os mobiliários que a biblioteca já possuía em uso no seu dia a dia, atualizando o uso de alguns espaços no contexto de informatização de vários serviços da biblioteca.

III

O projeto de extensão *Construção de Práticas Colaborativas entre Design e Artesanato*, realizado em 2022, esteve vinculado à pesquisa de pós-doutorado, por mim desenvolvida e apresentada no capítulo Atividades de Pesquisa. Como se tratou de uma pesquisa de caráter prático e experimental e contou com a participação da comunidade externa à UFU, isto é, os artesãos, a pesquisa foi formatada também como projeto de extensão, com o seguinte resumo e palavras-chave:

O Projeto Extensão pretende estabelecer e exercitar uma prática de cooperação e troca de saberes entre os conhecimentos teóricos do design e as práticas artesanais. Objetiva-se, com a contribuição da Universidade, oportunizar um campo de trocas entre as duas áreas de conhecimento, que não são hierárquicas e sim complementares. A atividade irá ser realizada a partir dos conceitos da cultura material, da economia solidária e da inovação social. Considerando os conhecimentos teóricos reflexivos da Universidade, será realizado o desenho de um modelo de diálogo-ação entre produtores que utilizam técnicas

artesanais e designers na cidade de Uberlândia, MG. Este modelo de diálogo-ação será aplicado através da realização de workshops com designers e artesãos, testando-se assim o próprio modelo proposto, a especificidade do sítio e estabelecendo-se ao final as conclusões a que se chegou com o projeto de extensão efetivado.

**Palavras-Chave:** Artesanato; Design; Cultura Material.<sup>96</sup>

96. Projeto de Extensão com registro de número 26245, no SIEX PROEXC UFU.

A respeito do projeto de extensão intitulado *Exposição Construção de Práticas Colaborativas entre Design e Artesanato*, este, por ser uma exposição, foi cadastrado como evento na plataforma SIEX PROEXC UFU. E a partir desse cadastro, foi possível submeter o projeto de extensão ao edital de 2022, do Programa Institucional de Apoio a Eventos de Extensão - PIAEV 2022. O projeto, participando de um processo seletivo amplo e interno à Universidade, foi contemplado com o valor de R\$ 5.000,00.

O objetivo da exposição foi apresentar os 8 produtos desenvolvidos pelas 4 duplas designer-artesão, conforme apresentado no capítulo deste memorial intitulado Atividades de Pesquisa, na parte dedicada à pesquisa de pós-doutorado.

No caso desta exposição, o objetivo principal era apresentar a uma parcela da população os objetos produzidos e verificar a sua aceitação enquanto produtos de consumo. Assim tentou-se inicialmente algumas tratativas com a administração do Mercado Municipal de Uberlândia, para que ali fosse montada a exposição, próxima aos stands de vendas dos produtos característicos do mercado. Entretanto, por questões de logística ligadas à guarda e aos cuidados com os objetos expostos, essa ideia não se viabilizou.

E, apesar de num primeiro momento, não se desejar a exposição num espaço museográfico, para se evitar possíveis comparações dos objetos de consumo com objetos de arte, o caminho que mais se mostrou viável foi a realização da exposição na Casa da Cultura de Uberlândia.

97. As chapas de compensado de sumaúma foram adquiridas com parte dos recursos financeiros advindos do Edital PIAEV 2022. Como as chapas foram intencionalmente apenas recortadas e encaixadas, depois da exposição, foi possível desmontá-las e aproveitá-las para a produção dos protótipos dos bancos, na disciplina Oficina de Modelos 1, ofertada no semestre seguinte à realização da exposição.

O uso do espaço foi cedido pela Secretaria Municipal de Cultura da cidade. Buscou-se então pensar um projeto expográfico mais despojado, no qual eu realizei o projeto do mobiliário expositivo com chapas de compensado de sumaúma<sup>97</sup>, que foram executados no LAMOP.

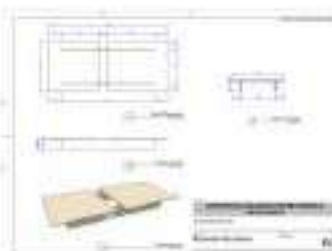
A exposição ocorreu do dia 08 ao dia 30 de novembro de 2022. Houve no dia 08 de novembro um evento de abertura da exposição com uma mesa redonda formada pelos quatro artesãos, os quatro designers e por mim. Inicialmente realizei uma breve explanação de abertura sobre a exposição. Após esta fala de abertura, através da minha intermediação, os participantes da mesa redonda puderam expor ao público visitante como foi a experiência do processo colaborativo para o projeto e a produção das peças. Assim, cumpriu-se um objetivo importante da pesquisa/extensão, que era de refletir não apenas sobre os produtos a que se chegou, mas também sobre as particularidades do processo de trabalho coletivo proposto. Concluindo esse debate, foi aberta a palavra a plateia, que comentou sobre a percepção das peças enquanto produtos de consumo, como desejava saber a pesquisa. Foi um momento de coleta de dados para a análise posterior presente no relatório de pesquisa/extensão.

Todo esse processo foi desenhado e executado com o máximo de atenção a todos os detalhes que requer um projeto expositivo. Foi projetado e produzido o cartaz impresso da exposição em formato A2, os mobiliários expositivos, o layout do espaço levando-se em consideração as características da sala de exposição, como a iluminação disponível. Foi produzido um texto de apresentação geral, o design gráfico das placas de identificação de cada peça e seus autores e um material para propaganda virtual em formato de convite para a visita da exposição. Com o sentido de prolongar a possibilidade de se conhecer os objetos expostos para além dos dias da exposição, foi gerado um catálogo digital com todas as peças. Este catálogo traz fotografias das peças, informações técnicas e fotografias e informações sobre os designers e artesãos.



Fig. 65. Casa da Cultura de Uberlândia, salão interno onde a exposição foi montada e cartaz a exposição. Fonte: arquivo Juliano A Pereira.

Fig. 66. Projeto e produção do mobiliário expositivo em chapa de compensado de Sumaúma. Projeto Juliano A Pereira, execução Fábio Reis no LAMOP. Fonte: arquivo Juliano A Pereira.





**Fig. 67.** Noite de abertura da exposição. Fonte: arquivo Juliano A Pereira.



**Fig. 68.** Mesa redonda de abertura da exposição: designers, artesãos e mediação de Juliano A Pereira. Fonte: arquivo Juliano A Pereira



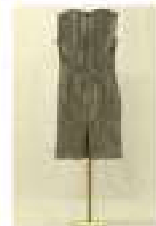
designer: rafael rocha  
com arte: edivaldo bontá



funilária  
porcelana cozida em alta temperatura



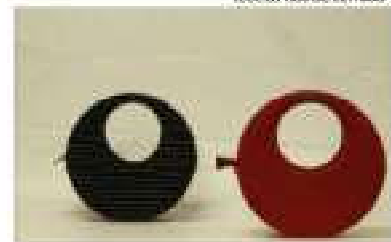
jogo para preparo e degustação de café  
porcelana cozida em alta temperatura



vestido  
tecido: algodão e couro  
designer: luiz edvaldo bontá  
tecido: flax woolenoid  
costura: linha algodão - costura: máquina  
realização: arte: evolina santos, juliana  
cardoso



designer: luiz edvaldo bontá  
tecido: flax do cerrado



boné  
tecido: algodão  
moldagem e costura:  
designer: luiz edvaldo bontá  
tecido: flax do cerrado  
realização: evolina santos



Fig. 69 e 70: Catálogo da  
Exposição Design e  
Artesanato. Fonte: arquivo  
Juliano A Pereira.



designer Valéria Ramos Friso  
marceneiro/construtor Robson Miranda Brito, da Arte Melhor



brincos do cerrado brasileiro  
marcenaria e outras técnicas



jogo completo  
marcenaria e outras técnicas

Fig. 71, 72 e 73.: Catálogo  
da Exposição Design e  
Artesanato. Fonte: arquivo  
Juliano A Pereira.



cadeira para área externa |  
serralheria e pintura eletrolítica



serralheiro Eduardo Vieira - arte em ferro  
designer Hugo Rezende



mesa baixa para área externa  
serralheria e pintura eletrolítica

98. O convite foi feito pela atual prefeita dos *campi* da UFU, a Profa. Dra. Juliana Cardoso Braga, pela Diretora de Cultura da PROEXC, a Profa. Dra. Paula Andrade Callegari e o coordenador do MUPI, o Prof. Dr. Jean Luiz Neves Abreu.

99. Hoje em dia, a reitoria da UFU encontra-se sediada no *Campus* Santa Mônica, em edifício construído para tal fim. Quando de sua saída da rua Duque de Caxias, deixou vazio um conjunto edificado de quase meio quarteirão, composto por várias casas antigas, uma delas condenada à demolição e várias outras ampliadas através de *puxadinhos*, espontâneos e, com certeza, sem projeto arquitetônico. O conjunto está localizado no centro do centro de Uberlândia, ao lado da praça Tubal Vilela / Ismene Mendes e da catedral católica. Assim sendo, têm-se nesse local um endereço privilegiadíssimo para a instalação dos equipamentos culturais da UFU e, a partir deles, um lugar privilegiado para a construção de um diálogo potente entre a universidade e a cidade. Mesmo com o cenário atual de poucas verbas federais para as universidades, este foi o entendimento da UFU para a nova ocupação do local e para lá tem direcionado a instalação de museus, como o MUPI e o Museu de Antropologia, o coral da UFU e um centro de atendimento da Universidade da Terceira Idade. Em meu ponto de vista, existe a necessidade urgente de se pensar um plano piloto de uso dessa meia quadra que a universidade possui no centro de Uberlândia. Se não há recursos para construir, poder-se-ia ao menos limpar um pouco o local, retirando-se os *puxadinhos* e criando-se um sistema de vazios de circulação e pequenas praças internas que articulasse e conectasse todos os edifícios e, em consequência, todos os equipamentos culturais neles contidos.

As duas últimas experiências que passo a apresentar a seguir, são projetos de extensão que se encontram atualmente em desenvolvimento. Um deles é o *Projeto e produção de mobiliário expositivo para o Museu dos Povos Indígenas da UFU* e, o outro, trata-se , de um projeto que venho desenvolvendo a partir de uma disciplina optativa.

No final do primeiro semestre de 2025, recebi o convite para realizar o projeto expositivo do Museu dos Povos Indígenas, MUPI, que faz parte do conjunto de museus e espaços culturais da UFU.<sup>98</sup> A partir das conversas iniciais, esta demanda, por sua natureza, foi formatada como projeto de extensão. E para sua realização foram concedidas três bolsas de extensão para estudantes de graduação, que foram selecionados no curso de Design da UFU.

A demanda pelo novo projeto expositivo, decorre do fato de que o MUPI foi transferido para uma nova sede em janeiro de 2024. Uma vez que o espaço anterior era em uma casa alugada no bairro Santa Mônica, agora o MUPI passa a ter uma sede definitiva. Esta nova sede faz parte de um conjunto de edifícios da UFU, hoje vazios ou pouco utilizados. Esse conjunto está localizado no centro de Uberlândia, na rua Duque de Caxias número 285 e, no passado, era ocupado pela reitoria da universidade.<sup>99</sup> O novo espaço para a sede do MUPI, exigiu o desenvolvimento de um novo projeto expográfico, sobretudo considerando o projeto e a produção de um novo mobiliário expositivo para a apresentação do acervo do Museu à comunidade. Diante do exposto foi estabelecida uma parceria entre o curso de Design da UFU e o Museu dos Povos Indígenas para o desenvolvimento do referido projeto expográfico com foco no projeto de um novo mobiliário expositivo.

Através desse projeto de extensão, encontra-se em desenvolvimento o projeto de um conjunto de mobiliários expositivos para a apresentação dos artefatos expressivos da cultura material dos povos indígenas. Artefatos esses pertencentes ao acervo técnico e permanente do Museu dos Povos Indígenas. O mobiliário em desenvolvimento parte do pressuposto de tematizar e ressaltar os valores dessa cultura material e, para tanto, busca atender requisitos projetuais do design que considerem a identidade e a valorização dos artefatos a se

rem expostos, bem como a ergonomia, a funcionalidade e plástica dos expositores.

De acordo com o projeto de extensão proposto, e registrado através do número 35013, na plataforma SIEX PROEX UFU, adotou-se a seguinte metodologia de trabalho:

O projeto será desenvolvido a partir da utilização de metodologias próprias do desenvolvimento de projetos de design de produto voltados para mobiliário. Neste caso, pode-se listar as seguintes etapas de trabalho:

1. Coleta de dados;
2. Análise de Projeto Similares;
3. Geração de alternativas de projeto;
4. Seleção e refinamento da alternativa mais promissora;
5. Construção do caderno de documentação de projeto;
6. Produção de protótipos do projeto;
7. Teste dos protótipos com parte do acervo do Museu, no espaço do Museu;
8. Revisão e adequações finais necessárias e revisão do caderno de documentação de projeto.<sup>100</sup>

**100.** Projeto de Extensão com registro de número 35013, no SIEX/PROEXC/UFU.

Na etapa atual do projeto, foi desenvolvido o conjunto de mobiliário expositivo bem como o layout de ocupação da sala do MUPI com este mobiliário. No dia 05 de dezembro de 2025, foi realizada a apresentação aos demandantes do projeto, e estiveram presentes à reunião a Diretora de Cultura da PROEX, a Profa. Dra. Paula Andrade Callegari, o coordenador do MUPI, o Prof. Dr. Jean Luiz Neves Abreu e museógrafo do MUPI, Kássio Alexandre Paiva Rosa. Alguns dias depois, houve uma nova apresentação que contou com a presença do Prof. Dr. Florisvaldo Paulo Ribeiro Júnior, que é o Pró-Reitor de Extensão e Cultura da UFU.

O projeto foi apresentado através de perspectivas eletrônicas, desenhos técnicos, maquetes físicas e um vídeo com um passeio virtual pelo espaço proposto. Ao final da apresentação da proposta projetual, houve a aprovação de todos os presentes às duas reuniões.

**101.** A escolha do compensado de sumaúma e dos caibros em pinus, do ponto de vista conceitual, se fez por uma busca de respeito e de reforço aos valores culturais daquilo que será exposto. O valor da cultura material a ser apresentada no MUPI reside também num domínio técnico dos povos indígenas, que se expressa nos modos de uso e transformação dos materiais naturais a que tem acesso. E nesse contexto fez-se a opção para os mobiliários expositivos, de materiais e processos de produção que tivessem a didática de contar ao visitante como foram feitos, sem falseamentos estéticos ou de aparência.

**102.** Conforme pequenas amostras e nomenclatura do catálogo de Cores & Texturas 2025, da marca Laminados Pertech, escolhi dois grupos de cores. *Vermelho Ferrari, Azul Klein, Verde Oficial e Ouro* para caracterizar alguns destaques entre as peças expostas nos módulos. *Ovo, Grafite, Cinza Polar e Ultra Branco* para constituir alguns fundos expositivos com uma neutralidade mais presente.

**103.** Entre o acrílico e o vidro, pelas condições da compra, preferiu-se a primeira opção. A justificativa é que o acrílico pode ser comprado em placas e depois cortado nas medidas necessárias. Já o vidro, que no uso previsto, precisa ser temperado, teria que vir da fábrica já nas dimensões finais, o que seria inviável, considerando que o projeto era ainda um conjunto de croquis.

Antes da apresentação, um acontecimento inesperado ao longo desta etapa do desenvolvimento do projeto, gostaria de registrar aqui. A ideia inicial, conforme o Projeto de Extensão registrado no SIEX PROEX UFU, era desenvolver todo o trabalho seguindo a metodologia de projeto escolhida previamente. Em seguida, finalizado e aprovado o projeto, começar a percorrer o caminho nada fácil da busca pelos recursos financeiros para implantação do Museu. Entretanto, cerca de um mês iniciado o projeto, estávamos ainda na fase dos estudos de caso ou análise de projetos similares, e chega a notícia da PROEX de que havia a possibilidade de uso de um recurso financeiro para compra de materiais, cuja compra deveria ser empenhada antes do fim do exercício financeiro de 2025, pela universidade. Isto era por volta do mês de setembro, eu e os bolsistas estávamos em férias, conforme o calendário acadêmico da UFU. E eu precisava gerar uma lista de materiais necessários para se construir um projeto que ainda não existia. Havíamos feito os estudos de caso / análise de similares, eu conhecia o acervo do MUPI e o espaço físico onde seria implantado o espaço expositivo. Me reuni com o técnico do LAMOP, o Fábio Reis, e em dois dias fiz croquis de quatro módulos expositivos que atenderiam à diversidade de características das peças a serem expostas e, ao mesmo tempo, o pensamento modular permitiria propor um layout adequado e depois realizar os ajustes necessários para o projeto executivo. Estabeleci esse layout também com croquis em uma planta do museu conseguida na prefeitura do *campus*. A partir disso, fizemos o cálculo dos materiais. Dadas as circunstâncias, os materiais escolhidos foram chapas de compensado em sumaúma, caibro 5x5 cm em pinus<sup>101</sup>, algumas placas de fórmica<sup>102</sup> e placas de chapa acrílico<sup>103</sup>. Assim foi feito e assim encaminhamos a lista do pedido de compra dos materiais. Os estudantes bolsistas regressaram das férias e a partir dos croquis, no período de dois meses, foi feito o detalhamento do projeto e a sua representação artística e técnica para ser aprovada no dia 05 de dezembro de 2025.

104. Como se verá neste memorial, no capítulo sobre minhas Atividades de Gestão, até se chegar à sede do LAMOP definitivamente instalada no campus Santa Mônica da UFU, fizemos uma série de projetos, de edifícios inteiros a adaptações de interiores. Ficaram todos engavetados, principalmente pela falta de recursos financeiros.

A respeito desse acontecido, como se diz aqui em Minas, foi preciso passar a *carroça na frente dos bois*, se considerarmos as etapas da metodologia de projeto previamente definidas. Quando os três bolsistas retornaram, se assustaram, assim como eu havia me assustado inicialmente com a notícia. Mas depois de passado o susto, no fundo entendemos que foi uma ótima notícia. Conhecendo a dificuldade que é sair com um projeto pronto embaixo do braço ou na tela do computador para conseguir a verba para a sua execução, nesse nosso contexto, começar um projeto escolhendo os materiais para serem comprados, mesmo antes do projeto existir, só pode ser uma ótima notícia.<sup>104</sup> Mas também acredito que houve aprendizado para os três bolsistas, aproveitei para refletir com eles sobre a diferença que existe entre as condições ideias da simulação do desenvolvimento de um projeto em sala de aula e as imposições da realidade da prática profissional de projeto.

Sobre o projeto desenvolvido, a partir de uma análise do acervo a ser exposto e do espaço disponível, foram projetados 4 módulos expositivos, que, de acordo com suas características, receberam a seguinte denominação: *Expositor Flutuante*, *Expositor Parede*, *Expositor Mesa Alta* e *Expositor Mesa Baixa*. De acordo com o layout desenvolvido para o espaço expositivo e com os artefatos a serem expostos, cada módulo expositivo será produzido em uma quantidade diferente. Para a próxima etapa do trabalho, pretende-se construir no LAMOP, um protótipo de cada uma das unidades de módulo expositivo, para que se possa fazer todos os testes necessários, como estrutura, encaixes, montagens, ergonomia visual e do visitante, padrão estético, etc. A prototipagem é entendida como parte do processo de projeto, e possibilitará uma avaliação geral e os ajustes necessários antes da produção final do conjunto de todas as peças.

Este projeto de extensão atualmente em desenvolvimento, é um trabalho com o qual me identifico muito. Ao seu desenvolvimento, tenho me dedicado com muito empenho, contando com o apoio dos três estudantes do curso de design, que participam do projeto como bolsistas da PROEX.



**Figs. 74 até 85:** Projeto do mobiliário expositivo e do layout para o Museu dos Povos Indígenas, MUPI-UFU, Uberlândia, MG. Fonte: Juliano A Pereira

O projeto desenvolvido até o momento e apresentado em 05 de dezembro de 2025, foi muito bem recebido pelos que nos confiaram a tarefa. Espero que consigamos avançar até o final e em breve inaugurar um espaço expositivo para o Museu dos Povos Indígenas e que esse espaço seja capaz de cumprir com sua missão de preservar e fazer conhecer aspectos culturais vivos e riquíssimos, que fazem parte da vida de uma parcela da população brasileira.

A última experiência que gostaria de relatar aqui diz respeito à atividade que está sendo desenvolvida a partir de uma disciplina optativa que venho oferecendo ao curso de Design. Conforme me referi no capítulo Atividades de Pesquisa, um dos resultados desejados para a minha pesquisa de pós-doutorado era estruturar uma disciplina de projeto que estivesse relacionada à atividade de projeto do designer em diálogo com os produtores locais de produção em pequena escala, com identidade e certa tradição. Assim foi estruturada a disciplina *Tópicos Especiais em Design Produto/Serviço: Artesanato*. A oferta dessa disciplina está em sua segunda edição. Para esta disciplina optativa, elaborei a seguinte ementa e justificativa:

123

#### EMENTA

Aprofundar os conhecimentos e a pesquisa em área teórico-prática relacionada aos temas de Design de Produto e Artesanato. Desenvolver projeto de produto para a produção em pequena escala, com o uso de materiais e técnicas construtivas artesanais. Prototipagem de produtos com uso de materiais tradicionais e de técnicas construtivas manuais.

#### JUSTIFICATIVA

A disciplina fornece ao discente a capacitação para desenvolver projetos de produtos (artefatos) em diálogo com as características produtivas artesanais, focando no uso das técnicas construtivas manuais, nos materiais tradicionais e na produção em pequena escala, considerando os arranjos produtivos locais e considerando ainda suas lógicas de comércio. A reflexão crítica, a metodologia de projeto e a experimentação prática adotados levam a compreensão dos conceitos de identidade, tradição, expressão cultural e contemporaneidade presentes nos artefatos a serem projetados e produzidos pelos designers.

A realização desta disciplina se inicia construindo-se, em conjunto com os discentes, algumas reflexões em torno dos significados e sentidos da palavra artesanato e do fazer artesanal nos dias de hoje e sobre a possibilidade da construção de diálogos com o design. Em seguida, a disciplina propõe uma ação prática de projeto, que é sua atividade principal. Cada estudante deve se associar a um artesão e, de modo colaborativo, projetar e produzir um produto levando em consideração os conhecimentos de projeto que o estudante já possui e os conhecimentos da prática cotidiana do profissional a que o estudante se associou.

Desde o momento do pós-doutorado tenho constituído algumas parcerias com a Secretaria Municipal de Cultura e Turismo da Prefeitura Municipal de Uberlândia, sobretudo com o setor que apoia as atividades ligadas aos fazeres manuais e à tradição, na cidade. Esta proximidade tem ocorrido através de parcerias firmadas com a Thaís Rodrigues Araújo, que é formada em Artes Visuais na UFU, e ocupa o cargo de Analista Cultural / Artes Visuais da Secretaria Municipal de Cultura e Turismo de Uberlândia.

Para a edição atual desta disciplina, isto é, o segundo semestre letivo de 2025, do calendário acadêmico da UFU, vinte alunos realizaram a matrícula. Cumpre destacar que esta disciplina optativa sempre tem procura por discentes dos cursos de Artes Visuais da UFU. Foi firmada uma parceria com a Secretaria Municipal de Cultura de Uberlândia, que possui uma organização semelhante a um *clube de bordado*, que reúne um grupo de senhoras que detêm os conhecimentos desse fazer. E a partir dessa parceria UFU e Secretaria Municipal de Cultura de Uberlândia, foi aberto um convite que foi aceito por vinte bordadeiras, que formaram duplas com os estudantes. O objetivo da disciplina, com a aproximação entre o design e o bordado, é testar outros suportes para essa prática do bordado. Comumente os suportes do bordado são peças de cama, mesa e roupas. A proposta foi de levar o bordado para um outro suporte físico, e tridimensional: uma luminária. Para tanto, como docente responsável pela disciplina, realizei o projeto e produzi o protótipo de uma luminária, a partir dos conhecimentos do design: uma estrutura leve, tridimensional, em compensado de madeira de 9 mm de

105. CNC significa *Controle Numérico Computadorizado* (do inglês *Computer Numeric Control*), uma tecnologia que automatiza máquinas-ferramentas (como tornos e fresadoras) usando comandos programados por computador. Ele transforma desenhos CAD em códigos, controlando com alta precisão velocidade, posição e movimentos para produzir peças complexas com repetibilidade e eficiência. Consulta à internet com uso de IA, em 28/02/2026.

espessura, cortada na CNC.<sup>105</sup> O mesmo desenho de estrutura da luminária receberá em suas cúpulas 20 bordados diferentes. Aos discentes caberá entender os processos de bordados, que são de uma variedade muito grande de técnicas, conhecer a bordadeira, suas questões identitárias e vivências pessoais. A partir disso, gerar um desenho que será o motivo a ser bordado na cúpula da luminária. As bordadeiras, além de bordar, caberá, pelo convívio, conscientizar os estudantes a respeito de seus processos de trabalho. Algo que considero importante destacar aqui, é que na disciplina comento com os estudantes sobre o quão positivo pode ser para produção do design contemporâneo o domínio de diferentes técnicas de produção. Essas técnicas não são antagônicas, mas sim podem se somar para se alcançar a qualidade desejada para um produto. Pensar a produção de uma luminária que tem sua estrutura cortada na CNC e depois sua cúpula bordada a mão, é uma reflexão sobre essa questão. É fazer coexistir em uma mesma peça técnicas e tecnologias surgidas em períodos históricos distintos.

Ao final desta disciplina, têm-se programado uma exposição das peças na Oficina Cultural de Uberlândia, para saber da receptividade da população visitante.

Esta última prática aqui relatada ainda não foi inscrita no sistema SIEX PROEX UFU. Mas pretende-se fazer essa inscrição o mais breve possível, posto que possui todas as características necessárias para ser enquadrada como uma atividade de extensão.

Para finalizar, conforme aponte no início deste capítulo, nos últimos anos a UFU criou uma série de ações para valorizar a prática extensionista, ampliando as possibilidades de diálogos entre a universidade e a cidade e região. Pretendo nos próximos anos continuar a desenvolver outras práticas extensionistas. Penso que minhas experiências com as atividades de extensão até aqui realizadas, me ajudaram a construir uma abordagem da extensão que, para mim, que atuo a partir do design, funcionaram e, portanto, pretendo levar adiante. Essa abordagem diz respeito à associação extensão-pesquisa ou extensão-ensino. Penso que são possibilidades de agir mais potentes, levam o conhecimento da universidade para a comunidade, mas a partir dessa abordagem, se torna campo para a produção de conhecimento – pesquisa – e forma os estudantes – ensino.

#### IV. ATIVIDADES DE GESTÃO

Em novembro de 2001, conforme anunciado nas primeiras páginas desse memorial, iniciei minhas atividades como docente substituto na FAURB UFU. Naquele momento ingressei como professor temporário pelo prazo de dois anos, para substituir a professora mestre Maria Beatriz Camargo Cappello, que se afastara de suas atividades docentes na UFU, para realizar seu doutorado. Me lembro no dia em que cheguei na FAURB para saber quais disciplinas eu iria ministrar. Havia assinado meu contrato com a Universidade na Reitoria, quando esta ainda ocupava o conjunto da rua Duque de Caxias. No primeiro dia na FAURB, quem me recebeu foi a professora Patrícia Pimenta Azevedo Ribeiro, que à época era coordenadora do curso de Decoração. Antes de falar das disciplinas, a professora Patrícia iniciou me dizendo que na unidade acadêmica havia dois cursos de graduação, Arquitetura e Urbanismo e Decoração e que a perspectiva do curso de Decoração era se tornar Design de Interiores. Eu, que vinha de uma formação em arquitetura e urbanismo, mas já me interessava muito pelo design, interrompi a fala da professora e disse: *Nossa que bacana! Gostaria de fazer algumas disciplinas no curso de Decoração!* Ao que ela de pronto e com um sorriso me respondeu: *Não, Juliano! Você vai dar aulas no curso de Decoração também!* Tomo esse dia para mim como o anúncio do começo de uma trajetória que já dura quase 25 anos de minha participação no curso de Design da UFU.

Ao longo desses anos, o curso e seu currículo evoluíram muito e essa evolução sempre esteve atrelada à necessidade da existência de professores em quantidade suficiente e com formação na área de Design para fazer a gestão do curso, ministrar aulas, fazer pesquisa e extensão. No período em que fui professor substituto e, depois, no início de minha carreira como docente efetivo, na FAURB todos os professores eram arquitetos. Nesse contexto inicial, esse quadro docente funcionava bem, pois o curso de Decoração não deixava de ser uma especialidade da Arquitetura e Urbanismo, em meu ponto de vista. Isto porque, a Decoração não deixava de ser uma área que tratava de projetos de espaços

interiores. Mas a medida que se deseja um curso de Design de Interiores e principalmente um curso de Design, seriam necessários professores com formação nessa área específica do Design. Professores com graduação em Design, ou professores que, como eu, graduados em arquitetura e urbanismo, buscassem se especializar em Design, como eu vim a fazer em meu mestrado, doutorado e pós-doutorado.

Como eu já havia relatado no início do memorial, a vaga para a qual eu fui aprovado em 2004, foi a primeira vaga da FAURB voltada exclusivamente para o curso de Design: *Design e Plástica*. E, nesse sentido, foi a primeira vez em que houve um concurso não exclusivamente voltado para candidatos arquitetos, mas no qual poderiam se inscrever candidatos que possuísem como “qualificação mínima”: Graduação em Arquitetura e Urbanismo e/ou Decoração e/ou Design de Interiores e/ou Desenho Industrial<sup>106</sup>. Cerca de pouco mais de um ano depois, outra vaga, surgida também por aposentadoria, fora, do mesmo modo, dedicada para contratar mais um professor exclusivo para o curso de Design. Nesta vaga, inicialmente ingressou a profa. Lara Leite Barbosa e, pouco tempo depois, após desistência da vaga pela primeira aprovada, ingressou a profa. Viviane dos Guimarães Alvim Nunes. No curso de Decoração, nesse período a partir de 2004, lecionavam os dois professores exclusivos do design, professores que ministravam disciplinas na Arquitetura e Urbanismo e na Decoração e professores substitutos. E foi com esse quadro docente que se iniciou a transição do curso de Decoração para o curso de Design de Interiores. Sendo que o curso de Design de Interiores entra em vigência no ano de 2007. Após esse preâmbulo, passo a relatar minhas atividades de gestão entre 2004 e 2007.

Neste período, eu estive em estágio probatório de agosto de 2004 até agosto de 2006, e participei da comissão de professores que elaborou o projeto pedagógico que fez a transição do curso de Decoração para o curso de Design de Interiores. Esta minha participação na comissão de elaboração do projeto pedagógico para o curso de Design de Interiores e minha participação no Colegiado do curso de Decoração, foram minhas primeiras atividades de gestão como professor efetivo na FAURB. Nestes anos nas universidades federais brasileiras, ainda não havia os

**106:** Edital 003/2004, da Pró-reitora de Recursos Humanos, Divisão de Apoio ao Docente, publicado em 02 de março de 2004.

**107:** Em 2010, A Comissão Nacional de Avaliação da Educação Superior, CONAES, através da RESOLUÇÃO Nº 01 de 17 de junho de 2010, normatiza o *Núcleo Docente Estruturante*, NDE, dos cursos de graduação. Nesta resolução, em seu artigo primeiro informa: *O Núcleo Docente Estruturante (NDE) de um curso de graduação constitui-se de grupo de docentes, com atribuições acadêmicas de acompanhamento, atuante no processo de concepção, consolidação contínua e atualização do projeto pedagógico do curso.* (RESOLUÇÃO Nº 01 de 17 de junho de 2010)

**108:** Projeto Pedagógico do Curso de Design de Interiores da FAURB UFU, 2007, p.07.

Núcleos Docentes Estruturantes, NDEs, que foram criados apenas a partir de 2010<sup>107</sup>. Então para que pudesse haver essa mudança curricular e de nome de curso, de Decoração para Design de Interiores, o Prof. Dr. Fernando Cruz, à época diretor da FAURB, instituiu a seguinte comissão:

[...] foi nomeada, por meio da Portaria FAURB/16/2005, de 05 de agosto de 2005, em substituição à Portaria FAURB/09/2004, de 08 de outubro de 2004, uma comissão formada pelos professores: Maria de Lourdes Pereira Fonseca (Coordenadora), Elza Cristina Santos, Marcelina Gorni, Renato Fonseca Livramento Silva, Juliano Aparecido Pereira e Fernando Cruz Silva. A comissão foi integrada, também, por um representante do corpo discente do Curso de Decoração da Universidade Federal de Uberlândia. Contou, ainda, durante um período, com a participação da Prof<sup>a</sup>. Lara Leite Barbosa<sup>108</sup>.

Deste grupo de sete professores para pensar o curso de Design de Interiores, a professora coordenadora era da área de urbanismo, dois professores eram substitutos, um professor era da área de conforto ambiental e outra da área de projeto de arquitetura. Apenas dois professores estavam plenamente vinculados ao futuro curso de Design de Interiores, mas não eram professores doutores ainda. Mas foi uma comissão que trabalhou com muita dedicação e conseguiu um excelente resultado em um tempo curto de trabalho. E assim fez-se este salto na atualização curricular.

Conforme relatado, esta foi minha primeira participação em um processo de reestruturação curricular do curso. A tabela a seguir apresenta a evolução histórica das alterações do curso de Decoração / Design de Interiores / Design, desde sua criação em 1972 até os dias atuais:

Ano	Atividade
1972	Criação do curso de graduação em Decoração, com oferta de 20 vagas semestrais nos turnos matutino e vespertino.
1977	Reconhecimento do curso de graduação em Decoração pelo Conselho Federal de Educação.
1984	Primeira mudança de nome e estrutura curricular: <ul style="list-style-type: none"> <li>• O curso passa a se chamar Decoração – Composição de Interiores;</li> <li>• Aumento da carga horária de 2.400 horas para 2.715 horas;</li> <li>• Novas disciplinas nas áreas de Sociologia, Filosofia, Antropologia e Paisagismo</li> <li>• Oficinas de artes como optativas;</li> <li>• Ênfase em disciplinas ligas à expressão e criação artística, com poucas disciplinas dedicadas ao projeto de interiores.</li> </ul>
1996	Segunda mudança curricular: <ul style="list-style-type: none"> <li>• objetivo de incorporar parte das discussões realizadas quando da criação do curso de Arquitetura e Urbanismo pelo antigo Departamento de Artes Plásticas.--</li> </ul> Novo Projeto Pedagógico: <ul style="list-style-type: none"> <li>• Alteração do regime de semestral para anual, com algumas disciplinas optativas semestrais;</li> <li>• Aumento das disciplinas técnicas e de projeto de interiores e mobiliário, ligadas mais diretamente ao exercício profissional;</li> <li>• Aumento da carga horário total para 2.775 horas: 2.340 horas de disciplinas obrigatórias, 375 horas de disciplinas optativas e 60 horas de educação física;</li> <li>• Redução do número de vagas para 25 por ano, devido às disciplinas práticas, que demandavam um atendimento individual ao discente e à criação do curso de Arquitetura e Urbanismo;</li> <li>• Criação de uma sequência de disciplinas obrigatórias de projeto: Ateliês de Composição de Interiores, ACIs, que eram escolhidos pelos discentes entre as várias opções oferecidas pelo curso, o que permitia o direcionamento de formação, conforme seu interesse;</li> <li>• Criação da disciplina Ateliê de Composição de Graduação, ACG, anual e com caráter de conclusão de curso;</li> <li>• Definição de quatro eixos estruturais das disciplinas: teoria e história, desenho e expressão, tecnologia e projeto.</li> </ul>
1999	Terceira mudança curricular: <ul style="list-style-type: none"> <li>• Redução de carga horária para 2.400 horas, sendo 1.980 horas de disciplinas obrigatórias e 420 horas de disciplinas optativas;</li> <li>• Ocorreu diante das dificuldades enfrentadas pelo Departamento de Artes Plásticas para suprir as demandas do novo curso de Arquitetura e Urbanismo e das reformulações do curso de Decoração;</li> <li>• A mudança curricular suprimiu algumas disciplinas e criou novas optativas. Buscou incorporar o debate iniciado no MEC à época sobre a flexibilização curricular, com currículos mais abertos, com possibilidade aos discentes de outras formas de experiência acadêmica;</li> <li>• Apesar das mudanças, foram mantidas as mesmas diretrizes pedagógicas, sem prejuízo da formação profissional, uma vez que não houve alteração do eixo básico das disciplinas que compunham a grade curricular.</li> </ul>
2000	Criação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, a FAURB, que passou a abrigar os cursos de Arquitetura e Urbanismo e Decoração.
2007	O curso de Decoração se torna o curso de Design de Interiores: <ul style="list-style-type: none"> <li>• Em atendimento às novas Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de graduação (estabelecidas pelo Parecer CNE/CES 67/2003 e ratificadas pelo Parecer CNE/CES 195/2003);</li> <li>• Atualização dos conteúdos curriculares;</li> <li>• Ampliação da carga horária total do curso de 2.400 horas para 3.240 horas;</li> <li>• Novo currículo: formação do discente baseada em três áreas específicas de conhecimento: ciências humanas, tecnologia e artes;</li> </ul>
	<ul style="list-style-type: none"> <li>• No entanto a nova mudança continuou a enfatizar a formação em Design de Interiores, sem se adequar às novas atribuições do profissional Designer estabelecidas pelos pareceres CNE/CES 146/2002 e CNE/CES 195/2003 além da resolução número 5/2004.</li> </ul>
2009	Mudança no nome da Unidade Acadêmica de Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, FAURB, para Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Design, FAUED.
2011	Reconhecimento do curso de Design de Interiores pelo Conselho Federal de Educação, através da Portaria 848, de 14 de abril de 2011. Esta portaria, além do reconhecimento do curso, alterou o seu nome de Design de Interiores para Design apenas.
2017	Novo projeto pedagógico para o curso de Design voltado a estabelecer uma formação generalista: <ul style="list-style-type: none"> <li>• Ênfase em três áreas: Design de Produto, Design Gráfico e Design de Interiores;</li> <li>• Inclui novos conteúdos e componentes curriculares: História da Artes, Métodos e Ferramentas em Design, Design e Inovação, Sustentabilidade no Ambiente Construído, Gestão do Design e Estágio Obrigatório;</li> <li>• Aumento da oferta de disciplinas optativas;</li> <li>• Exclui os conteúdos: Teoria e História da Arquitetura e das Artes, História do Mobiliário e dos Interiores, História da Arquitetura Brasileira, Estética e Geometria Descritiva (conteúdos mais relacionados à área de Arquitetura e Urbanismo).</li> </ul>
2022	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Alteração pontual em algumas disciplinas para atender à normativa de curricularização das atividades de extensão, em decorrência das normativas para inserção de 10% de atividades de extensão obrigatórias denominadas <i>Atividades Curriculares de Extensão – ACE</i> (Lei no 13.005, de 25 de junho de 2014 regulamentada pela Resolução nº 7, de 18 de dezembro de 2018, do CNE/CES);</li> <li>• Alterações pontuais no Projeto Pedagógico, a partir de uma avaliação e revisão pelo NDE do Projeto Pedagógico vigente desde 2017.</li> </ul>

109. A elaboração da tabela foi baseada em uma pesquisa nos projetos pedagógicos dos cursos de Decoração, Design de Interiores e Design.

Tabela 6. Evolução do curso de Decoração, Design de Interiores e Design. Fonte: o autor.<sup>109</sup>

Conforme se pode constatar a partir da tabela acima apresentada, desde o meu ingresso como docente na UFU pela primeira vez, no ano de 2001 até os dias atuais, existiu em vigência três nomenclaturas de curso e três currículos distintos.

No ano de 2007, o curso de Decoração foi substituído pelo de Design de Interiores. Neste contexto, eu pude contribuir participando da comissão que elaborou o novo projeto pedagógico que entraria em vigência.

Em uma segunda mudança, no ano de 2017, foi estabelecido um currículo generalista de formação em Design, em substituição ao antigo, uma vez que o Design de Interiores possuía conteúdos mais centrados na formação em projeto de interiores. Neste processo, participei como membro do Núcleo Docente Estruturante, NDE, que se dedicou a elaboração do novo projeto pedagógico para o curso de Design, em substituição ao currículo de Design de Interiores.

A terceira e última alteração curricular, foi em 2022, para atender à normativas de curricularização das atividades de extensão. Neste caso, eu não estive no Núcleo Docente Estruturante, NDE, uma vez que eu estava fazendo parte do Colegiado do curso de Design. E, neste momento, minha contribuição foi a partir do Colegiado do curso, quando éramos convocados a participar de algumas reuniões que uniam NDE e Colegiado para tratar de temas mais estratégicos.

Mas retornando um pouco ao início, no ano de 2007, entra em vigor na UFU o novo curso de Design de Interiores, em substituição ao de Decoração. No início do segundo semestre de 2006, iniciei como o último coordenador do curso de Decoração<sup>110</sup> e depois, a partir do primeiro semestre de 2007, passei a ser o primeiro coordenador do curso de Design de Interiores.<sup>111</sup> Essa atividade se mostrou bastante desafiadora para mim à época. Por um lado, eu tinha apenas o título de mestre e, por outro, não conhecia em profundidade a estrutura de funcionamento da Universidade. Me dediquei bastante. Dentro da unidade acadêmica, pude contar com o apoio do colegiado do curso e com a secretária de curso, a senhora Reni Alves Correntino. A sra. Reni vinha da

**110:** Portaria R nº. 1273, de 21/09/2006: *Designa o professor Juliano Aparecido Pereira, para exercer a função de Coordenador Pró-Tempore do Curso de Decoração, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FG-1), desta Universidade, em substituição à professora Maria de Lourdes Pereira Fonseca. O professor ora designado responderá pela função a partir de 29/09/2006.* Esta portaria entra em vigor em 29/09/2006. Publicado no Jornal de Portarias da Universidade Federal de Uberlândia nº. 160 em 09 de outubro de 2006.

**111:** Portaria R nº. 1694, de 29/12/2006: *Designa o professor Juliano Aparecido Pereira para exercer a função de Coordenador do Curso de Design de Interiores, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FG-1), desta Universidade. O professor ora designado responderá pela função a partir de 01/01/2007 a 31/12/2008.* Esta portaria entra em vigor em 01/01/2007. Publicado no Jornal de Portarias da Universidade Federal de Uberlândia nº. 169 em 02 de março de 2007. Cumpre destacar que, apesar do período total de dois anos indicado na portaria, fiquei como coordenador por apenas um semestre, quando depois me afastei para terminar meu doutorado.

**112:** Neste período como coordenador do curso de Design de Interiores, um acontecimento bastante trágico marcou minha vida e da minha família. Meu irmão, Luis Fabiano Pereira, dois anos mais novo que eu, e aos 30 anos de idade, veio a falecer em um acidente de carro, no dia 16 de março de 2007. Havia pouco tempo, ele era formado em direito pela UNESP de Franca, SP, e trabalhava como fiscal do CREA-SP. Neste dia, no exercício de sua profissão, retornava da cidade de Claraval para Franca, em um final de tarde com chuva intensa, que o fez perder o controle do carro que dirigia, vindo a cair dentro de um rio que cortava a pista. Levado pela correnteza forte das águas do rio em um dia de chuva, passamos três dias com os bombeiros procurando pelo seu corpo. Não bastasse a tragicidade da situação, ainda tínhamos que aguentar o assédio da imprensa sensacionalista da região de Franca. No terceiro dia encontramos o corpo de meu irmão no rio, há alguns quilômetros de onde ocorrera o acidente. Esse meu irmão era gay, como eu. Nós nos apoiávamos muito. Quando eu viera pela primeira vez a Uberlândia para prestar concurso para professor substituto, e nada conhecia por aqui, ele veio comigo. No outro dia, após o enterro do meu irmão em Ribeirão Preto, SP, vi uma das cenas mais impressionantes da minha vida. Meu pai acordou de manhã bem cedo, tomou seu café, pegou o molho de chaves e atravessou a rua de casa em direção a sua oficina de serralheria, que era de frente a casa onde morava. Ele abriu o cadeado e entrou. Começou a trabalhar e aos poucos os três ou quatro funcionários que ele tinha foram chegando. Meu pai fez como fazia todos os dias de sua vida antes da morte de meu irmão, e como continuou a fazer depois até vir a falecer em 2021. Depois que vi aquilo, também não vi sentindo em ficar em Ribeirão Preto.

coordenação de outros cursos e possuía bem mais tempo de casa que eu, então me ajudava muito. Naquele período, quando os recursos de informática ainda não eram tão desenvolvidos e integrados como hoje, eu trabalhei com todas as atividades necessárias à transição e implantação do currículo novo. Entre essas atividades, por exemplo, a implantação das novas disciplinas e o processo de transição curricular de um curso para o outro. Por outro lado, dentro da unidade acadêmica, além dessas atividades burocráticas de efetivar o currículo novo, era necessária a dedicação para que o curso existente continuasse seu fluxo até formar sua última turma. Assim era preciso realizar atividades como matrícula dos discentes nas disciplinas e alocar salas de aulas, fazer a organização de bancas de TCCs, cuidar da distribuição de carga horária de disciplinas aos professores, e me dedicar a resolver o quebra-cabeça de montar a grade horária semestral do curso, que deveria ser compatível com a grade da graduação em Arquitetura e Urbanismo, pois boa parte dos docentes da FAURB ministravam disciplinas em ambos os cursos, naquele momento. Havia também uma outra atividade da coordenação que acontecia fora do âmbito da unidade acadêmica. Eram as reuniões mensais do Conselho de Graduação, o CONGRAD, que era composto por todos os coordenadores de cursos de graduação da UFU e presidida pelo Reitor da universidade. O CONGRAD cuida de todas as questões relativas aos cursos de graduação da universidade e a minha participação neste conselho, por volta de um ano, foi uma escola para eu aprender como funciona a universidade. Ali se debatia e se tomava decisões para melhorias e adequações necessárias aos cursos de graduação, de infraestrutura a questões de natureza mais intelectual e conceitual. A isso tudo me dediquei durante o período de um ano em que estive no cargo de coordenador dos cursos de Decoração/Design de Interiores. Foi como um batismo para mim no início da minha carreira docente e me ajudou muito a ter certeza de que eu estava ali onde eu gostaria de estar.<sup>112</sup>

Após os três primeiros anos na UFU, dois em estágio probatório e, em seguida, um como coordenador de curso, me afastei por dois anos, entre agosto de 2007 e agosto de 2009, para concluir minha tese de doutorado, conforme relatei no capítulo Atividades de Pesquisa.

112. Me despedi de meu pai, minha mãe e meus outros dois irmãos e voltei para Uberlândia para trabalhar. Quando cheguei na coordenação de curso, a secretária de curso, a sra. Reni, me disse que eu tinha direito a ficar em casa alguns dias de luto. Eu respondi algo com o sentido de que eu achava melhor estar ali. Esse episódio me ajudou a entender um pouco mais sobre o significado que o trabalho do meu pai e a oficina dele tinha para ele. Me ajudou a entender também o sentido do meu próprio trabalho para mim. É por isso que eu dedico este memorial à memória de meu irmão e de meu pai. Não pelo episódio de suas mortes, mas pelo episódio de suas vidas: dos 30 anos de vida do meu irmão e dos 69 anos de vida de meu pai. Digo episódios, porque tenho certeza de que deveriam ter vivido mais.

Antes de me mudar de Uberlândia para São Carlos, onde eu regressaria para concluir meu doutorado, fui me despedir de alguns amigos. Entre eles, o Prof. Dr. Luiz Carlos de Laurentiz, que antes de me dar um abraço e um beijo, me desejou boa sorte e disse: *Quando você voltar, um olho seu será o mesmo e o outro não poderá mais ser.* Nunca me esqueci dessa frase, que me parece bastante emblemática e que faz sentido no contexto de nossas carreiras acadêmicas, sempre em evolução. Quando voltei, a diferença não era apenas no título acadêmico, mas estava principalmente em uma formação que eu havia adquirido e que gostaria de fazê-la presente em minhas atividades docentes. Parafraseando o professor Lu de Laurentiz, eu voltava com um outro olhar para o Design. Mas também havia uma grande novidade quando regressei, o curso de Design de Interiores havia mudado. Era outro.

Em 24 de abril de 2007, foi instituído pelo Governo Federal do Brasil, através do Decreto 6.096, o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais, o REUNI. Este Programa foi uma das ações do Plano de Desenvolvimento da Educação, PDE, do Ministério da Educação, MEC, lançado no mesmo período, com o objetivo de duplicar a oferta de vagas no ensino superior no Brasil. Foi concluído oficialmente em 2012.

Neste Programa, caberia a cada universidade federal brasileira decidir de forma autônoma sobre a sua participação ou não. A adesão por parte das universidades, significava aumentar a oferta de vagas para discentes em seus cursos de graduação e, em contrapartida, o Governo Federal forneceria novas vagas de docentes e verbas financeiras para a expansão da infraestrutura da universidade. A UFU repassou essa decisão a cada uma de suas unidades acadêmicas. Neste período eu havia me afastado de minhas atividades na UFU para cursar o doutorado. Nesta ocasião, a FAURB optou por aderir ao REUNI e aumentar sua oferta de vagas em ambos os cursos de graduação. Cada um deles mudou sua oferta anual de 25 para 35 vagas. Isso acarretou o aumento de vagas docentes para os cursos de Design de Interiores e Arquitetura e Urbanismo. Entretanto não houve melhorias ou expansão da

113. Vale lembrar que esses professores também não eram doutores quando de seus ingressos na carreira docente na FAURB e, logo após a etapa de conclusão e aprovação em seus estágios probatórios, iniciaram seus cursos de doutorado.



**Fig. 86.** Reunião de parte dos professores do Design para assistir ao jogo de futebol com a seleção brasileira na Copa Mundial de 2022: Lucas Farinelli Pantaleão, Juliana Cardoso Braga, João Carlos Riccó Plácido da Silva, Gabriel Henrique Cruz Bonfim, Juliano Aparecido Pereira, Juscelino Humberto Cunha Machado Júnior e Sabrina Maia Lemos. Fonte: arquivo Juliano A Pereira.

114. Este é o nome atual do antigo Núcleo de Design da nossa Unidade Acadêmica.

infraestrutura física da unidade acadêmica. Neste contexto, foram realizados novos concursos para docentes na nossa unidade acadêmica e o curso de Design de Interiores passou a contar com quatro novos docentes exclusivos e com formação específica na área de design.<sup>113</sup>

Então, quando regressei à UFU em 2009, considerando os dois professores de design que já havia no curso e os outros quatro que chegaram através do REUNI, éramos agora em seis. O curso de design estava com uma cara nova e cheio de expectativas boas. E assim começou uma nova etapa do curso, com a qual eu procurei contribuir.

Seis professores era muito melhor que dois, mas ainda éramos poucos. O nosso ponto forte é o sentido de união que existe no grupo, por uma questão de identidade e por uma questão de necessidade. Começamos a fazer pesquisa, ensino e extensão em design e a cuidar das atividades de gestão do curso todos juntos. Como anteriormente mencionado, em 2010 é instituído pela Comissão Nacional de Avaliação da Educação Superior, CONAES, os Núcleos Docentes Estruturantes, NDEs, para os cursos de graduação das universidades brasileiras. E o curso de Design de Interiores passa a ter o seu também. Desde então, dentro de cada curso de graduação da UFU passa a existir uma estrutura composta pelo Colegiado de Curso e pelo Núcleo Docente Estruturante, cada qual com suas competências específicas. No caso do curso de Design, sempre fizemos um revezamento, metade do grupo no NDE a outra metade no Colegiado e, depois, trocávamos. Em alguns momentos, por exemplo quando alguns professores se afastaram para doutorado, foi necessário estarmos ao mesmo tempo nos dois. E, assim sendo, desde 2010 até os dias de hoje, eu estive ou como membro do Colegiado de Curso ou como membro do NDE. Atualmente, estou no Colegiado de Curso. Por outro lado, entre as minhas atividades de gestão, como sempre coordenei algum laboratório ou núcleo, sempre tive uma cadeira no Conselho da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Design, CONFAUED. Nestes anos todos, por mais de uma gestão, já fui coordenador do Núcleo de Projeto e Pesquisa em Design, NUPPED<sup>114</sup>, do Laboratório de Referência e Memória, o BASELAB, e do Laboratório de Modelos e Protótipos, o LAMOP. Sendo que atualmente

estou como coordenador no LAMOP. De acordo com o estatuto da FAUED, cada período de gestão desses espaços tem a duração de dois anos. Em todas as gestões que fiz, sempre houve, como é possível pelo estatuto, uma recondução minha ao cargo. Isto fez com que em cada período fiquei quatro anos seguidos na gestão de cada um deles. E, terminados os quatro anos, eu era realocado em um outro. É mais um condicionante do contexto de poucos professores que havia. Mas por outro lado, também é consequência de meu interesse em sempre estar presente nos processos de construção do curso de Design.

Estar como coordenador do Núcleo de Projeto e Pesquisa em Design, NUPPED, significou a gestão de um espaço definido pelo estatuto da FAUED e voltado à realização de pesquisas na área de Design. Nesse sentido eu coordenava e dava apoio aos professores e estudantes que, dentro do núcleo, desenvolviam as pesquisas da área. Quando defendi a tese de doutorado e regressei a UFU, assumi coordenação do NUPPED. Neste período, a Profa. Dra. Maria Eliza Alvez Guerra era diretora da nossa unidade e fez uma convocação para que todos os núcleos e laboratórios construíssem seus estatutos de regulamentação interna. Dentro do NUPPED, ficou sob minha responsabilidade coordenar a construção deste documento, com a participação de todos os professores do núcleo. Como no caso dos demais núcleos e laboratórios, o documento elaborado dentro do NUPPED foi submetido e aprovado no CONFAUED, em 30 de junho de 2011. Está em vigor até os dias atuais, com poucas atualizações.

No que diz respeito à minha atividade de gestão do Laboratório de Referência e Memória, o BASELAB, estive em sua coordenação em dois momentos distintos. O contexto do primeiro momento tem uma particularidade: neste período, eu era professor substituto. O nome do laboratório era *Banco de Dados* da FAURB. O que vale a pena destacar aqui é que, como ocupante deste cargo, isso me gerava uma cadeira no Conselho da unidade acadêmica. Assim, mesmo sendo professor substituto, fui membro do conselho da unidade, naqueles anos. Nos dias de hoje, os professores substitutos da nossa unidade

se dedicam quase que cem por cento de seu tempo a ministrar aulas na graduação e às atividades de orientação de TCCs.

Mais recentemente, estive novamente como coordenador do BASELAB. Sendo que uma primeira gestão de coordenação foi no biênio 2021-2022 e, em seguida e de modo contínuo à primeira, no biênio 2023-2024.<sup>115</sup>

115. Portaria de Pessoal, UFU número 1357, de 15 de março de 2023.

Entre esses dois momentos de minha gestão de coordenação junto a esse laboratório, entre a primeira delas, quando eu era professor substituto, e aquela dos dois biênios da gestão mais recente, como professor efetivo, há uma distância temporal considerável. A primeira vez, foi no início da minha carreira docente e, a outra, se refere a um momento mais próximo dos dias atuais. Foram contextos que representaram desafios e demandaram ações distintas, posto que o próprio sentido do Laboratório se alterou ao longo desse tempo, frente aos processos de virtualização da informação e do conhecimento.

135

Este laboratório sempre possuiu como objetivo principal a guarda, a gestão e a divulgação do conhecimento impresso. Assim é composto por um acervo de livros, coleções de revistas especializadas em arquitetura, urbanismo, design e cultura e mostruários de materiais de arquitetura e design. Guarda uma cópia impressa das dissertações de mestrado e das teses de doutorado de cada professor da unidade.

Todo estudante da nossa unidade acadêmica, para colar grau, deveria entregar neste laboratório uma cópia impressa de seu TCC. Os professores sempre foram incentivados a deixar uma cópia de suas pesquisas, quando concluídas. Esse foi o sentido desse laboratório por muito tempo. Olhando reflexivamente e de onde estamos hoje para aqueles dias, quando fui coordenador pela primeira vez, em 2001, e era professor substituto, um acontecimento foi o primeiro sinal de que algo novo estava por vir. O laboratório começou a receber os TCCs dos estudantes gravados em CDs. Foi, naquele tempo, um primeiro passo rumo à *virtualização* da informação. Mas era uma virtualidade que ainda demandava uma base física, isto é, o CD. E era uma condição de uma tecnologia

transitória. E estes CDs dos TCCS ficariam sendo recebidos e guardados na sala de Banco de Dados por alguns anos. Aos poucos, com as evoluções tecnológicas, a informação se tornou cada vez mais virtual. Os programas de pós-graduação já não imprimem mais teses e dissertações. E pouquíssimas revistas científicas hoje em dia são impressas. E, por outro lado, a partir da possibilidade do armazenamento da informação em *nuvem*, começaram a surgir, nas universidades, os *repositórios institucionais*. Esses são os locais onde se guarda e se disponibiliza para a pesquisa a maior parte do conhecimento científico acadêmico que é gerado. O acesso pode ser feito de qualquer computador, tablet, celular e semelhantes, de casa, da sala de aula ou de qualquer local. Não é mais necessário se dirigir até uma sala física, apresentar um documento de identidade e retirar emprestado o material impresso.

Havia também uma outra função que o *Banco de Dados* cumpria. Era a guarda e empréstimo aos estudantes de materiais de desenho técnico: réguas, esquadros, escalímetros e semelhantes. Essa função é cumprida até os dias de hoje. Mas em um número bem menor de empréstimos em função da maioria dos desenhos técnicos hoje serem feitos em computador.

Assim um desafio que ao longo dos anos foi se colocando na gestão desse espaço era o de uma atualização de seu sentido de ser para a unidade acadêmica. Acredito também que as bibliotecas tradicionais passam por desafio semelhante.

Hoje em dia, no BASELAB, ainda acontece a guarda e empréstimos de acervo impresso de valor histórico, dos primeiros anos de existência desse espaço, e de materiais de desenho. Mas durante minha gestão procurei junto com a secretária do BASELAB, a assistente em administração Karla Wanesa Silva, criar novos sentidos para este laboratório. Um deles foi estabelecer um ambiente de vivência para os estudantes, para que pudessem além de realizar suas pesquisas, desenvolver atividades de convívio e aprendizado dentro do laboratório. Por outro lado, com o estabelecimento do sistema de cotas para o ingresso nas universidades e as políticas de apoio à permanência desses estudantes, no BASELAB a função de empréstimo de materiais de

desenho, ganhou um sentido renovado. Esse empréstimo, passou a ser uma forma de apoio aos estudantes carentes, contribuindo assim para as políticas de apoio à permanência de estudantes cotistas. Inclusive em alguns momentos, para a compra desses materiais, pode contar com verba dessas políticas de apoio estudantil. Mas existe uma ação que o BASELAB começou a desenvolver desde a gestão anterior às minhas de 2021-2022 e 2023-2024, e que na minha gestão procurei implementar ainda mais. O curso de Design da UFU possui um conjunto de disciplinas voltadas ao ensino de design gráfico. Como é sabido, o design gráfico entrou para e ajuda a construir a comunicação digital. Mas no curso de design da UFU, o design gráfico não se restringe a essa formação. O design gráfico impresso é ensinado em disciplinas de editoração que tratam de livros e revistas impressos. E há também na unidade pesquisas sobre essa temática. Então, na busca por um sentido atualizado do BASELAB, este passou a ser um repositório dessas produções físicas e impressas do curso de Design. E essa é uma das ações que mais conferem sentido à existência do BASELAB nos dias de hoje e no futuro.

137

116. Portaria SEI DIRFAUED Nº 10, de 27 de outubro de 2017 e Portaria SEI DIRFAUED Nº 32, de 23 de agosto de 2018.

117. Portaria de Pessoal, UFU número 2507, de 22 de abril de 2025.

Entre minhas outras atividades de gestão, fui coordenador do Laboratório de Modelos e Protótipos, LAMOP, inicialmente de 2017 até 2020<sup>116</sup>, integralizando um total de quatro anos nesta função. A partir de 27 de fevereiro de 2025, até o presente momento, estou novamente como coordenador deste mesmo laboratório<sup>117</sup>.

O trecho abaixo apresenta a definição e o sentido do LAMOP, bem como sua relação com o curso de Design:

O LAMOP destina-se à execução de representações tridimensionais físicas denominadas Modelos (Maquetes, Mockups e Protótipos), servindo como suporte às aulas teóricas e práticas do curso de Design. A confecção de modelos físicos é utilizada como recurso de concepção de projeto e/ou como representação física tridimensional, seja para visualização e comunicação das ideias, seja para análise e verificação volumétrica plástica, ensaio estrutural, experimentação

118. <https://faued.ufu.br/graduacao/design/saiba-mais/laboratorios>, visitado em 02 de fevereiro de 2026.

ergonômica e teste de qualidade dos materiais. O Projeto Pedagógico do Curso de Design apresenta uma estrutura curricular com disciplinas voltadas ao projeto de móveis e objetos para a produção seriada, modelagem e prototipagem, gerenciamento de projeto e produção, tornando o LAMOP de fundamental importância para o desempenho das atividades de ensino, pesquisa e extensão<sup>118</sup>.

A implantação e a existência deste laboratório representaram um desafio histórico grande para o curso de Design. E foi possível, entre outros motivos, principalmente pela união e trabalho conjunto de vários professores do curso. E, neste contexto, mesmo quando eu não estava na sua coordenação, participei ativamente, em conjunto com os demais professores dos processos de reivindicações e lutas pela sua existência.

Avaliando em retrospectiva, o processo para fazer o LAMOP existir dentro do curso de Design, foi algo bastante desafiador e complexo. Foi uma caminhada que teve início no período logo posterior à implantação do novo currículo do curso de Design de Interiores, em 2007. E este laboratório havia sido pensado desde o seu início para ser um dos mais importantes do curso, como de fato, o é até hoje. A princípio seria construído com verbas advindas da adesão do curso de Design de Interiores ao REUNI. Mas na realidade, essa verba nunca chegou. Do REUNI, o curso recebeu apenas as quatro vagas de professores efetivos. A busca pela existência e melhoria do LAMOP, ao longo de quase 20 anos, foi um esforço coletivo de um grupo de professores, que sonharam juntos, bateram em tantas portas, participaram de vários editais de apoio à estruturação de laboratórios e tentaram firmar parcerias interinstitucionais dentro da UFU, entre outras ações. Os próprios estudantes do curso de Design, em distintos momentos, participaram de manifestações estudantis na reitoria, reivindicando a existência desse espaço. Em vários momentos, nossa caminhada parecia ser um contínuo de *dois passos para frente e um para trás*. Mas esse caminhar de pouco em pouco, com pequenas conquistas e grandes esforços, sempre me pareceu um absurdo, ainda mais se tratando de um laboratório de ensino, pesquisa e extensão de tão grande importância. Fizemos um conjunto muito grande

de projetos que não vingaram ou vingaram parcialmente. Fizemos de projetos de organização de interiores de espaços que nos foram prometidos em edifícios existentes a até projetos de edifícios completos em terrenos que também nos foram prometidos. Projetos feitos, para a sua implementação, ora faltavam recursos financeiros, ora não se tinha mais taxa de ocupação do solo no campus, por excesso de construção e falta de vagas de estacionamento.

No momento em que ocorreu a adesão do curso de Design de Interiores ao REUNI, com o compromisso de aumento da oferta de vagas discentes do curso, a contrapartida do Governo Federal seria de quatro docentes efetivos e recursos financeiros para a construção de 80 metros quadrados para abrigar o LAMOP. Como dito, vieram as quatro vagas docentes, mas não o recurso financeiro para o LAMOP.

Mas a partir da expectativa gerada com a promessa deste recurso financeiro, deste período, data o primeiro de muitos projetos arquitetônicos ou de adaptação de interiores que fizemos, mas que não saíram do papel. Este primeiro projeto foi desenvolvido pela professora do curso de Design e arquiteta Viviane dos Guimarães Alvim Nunes. O projeto seria construído como um anexo da *marcenaria da UFU*, no Bloco 2X – Campus Umuarama, localizado na rua Acre 1319. Este foi um projeto bastante interessante, composto por sala/ateliê para aulas práticas, equipada com bancadas com pontos de energia elétrica e pias com pontos de água. Havia também no programa arquitetônico uma copa, coordenação, sanitários e uma pequena área externa com jardim. Tudo desenhado respeitando a acessibilidade. Esse anexo corresponderia aos 80 metros quadrados e seria construído com os recursos financeiros do REUNI. A previsão era também a de utilizar de forma compartilhada com os marceneiros da UFU, o espaço interno do barracão já existente, onde estavam as máquinas estacionárias, e cuja operação é feita apenas por técnico habilitado. Neste período, quando surgiu pela primeira vez, a proposta de se construir o LAMOP no Campus da UFU no bairro Umuarama, esta possibilidade já começou a despertar algumas dúvidas sobre a sua viabilidade entre nós docentes. A dúvida se constituiu, considerando a distância que existiria entre as salas de

aulas do curso de Design, no *campus* da UFU no bairro Santa Mônica, e o LAMOP, no *campus* da UFU no bairro Umuarama. Esta condição impunha entre o laboratório e o curso que deveria atender, um deslocamento entre 5 e 7 km de distância, a depender da rota, via Av. João Naves de Ávila ou BR-050/Anel Viário. Entretanto era um endereço que se mostrava viável naquele momento, considerando que o *campus* Santa Mônica já havia atingido a sua taxa máxima de ocupação do solo com construção de edifícios, e ainda faltavam vagas para estacionamento, de acordo com a legislação vigente. No final, a falta de recursos financeiros, impediu a construção do edifício anexo.

Neste mesmo período, no ano de 2009, houve a participação no edital para a seleção de *Projetos de Apoio Financeiro à Melhoria das Condições de Funcionamento dos Laboratórios de Ensino de Graduação*, lançado pela Pró-Reitoria de Planejamento e Administração, PROPLAD. O projeto foi coordenado pela professora Viviane Guimarães Alvim Nunes, e contou ao todo com a participação de 7 docentes, entre os quais eu era um deles. Contribuí, mesmo estando de licença para realização do doutorado. À época o projeto foi aprovado e contemplado com recursos financeiros para compra dos primeiros equipamentos, máquinas e ferramentas de marcenaria para o LAMOP.

Em 2009 houve também um concurso para contratação de um marceneiro para atuar como técnico do LAMOP. O concurso, tempo depois, precisou ser repetido, no ano de 2017. Nesta segunda ocasião, participei como um dos professores que elaborou a prova teórica e a prova prática para escolher o candidato mais apto à vaga.

Assim, em 2009 tínhamos alguns equipamentos de marcenaria, um técnico, mas não tínhamos o espaço físico.

Quando estava finalizando meu período de afastamento para o doutorado, a professora Albenise Laverde e o professor Henrique Vitorino estavam desenvolvendo um projeto em estrutura de concreto armado, com dois pavimentos, que seria construído nas *britas da engenharia civil*. Era assim que chamávamos esse espaço que era um estacionamento com britas, pertencente ao

ao curso de Engenharia Civil. Ficava ao lado do bloco do curso de Engenharia Civil e para se chegar do bloco da Arquitetura e do Design até ele, bastaria atravessar a rua e caminhar mais alguns passos. Era o endereço perfeito. O edifício seria de uso compartilhado pelos três cursos: no térreo um canteiro experimental para o curso de arquitetura e urbanismo e o curso de engenharia civil e, no primeiro pavimento, o LAMOP para o curso de Design. Quando regressei do doutorado, me inteirei do pé em que estava o projeto e, eu, a professora Aline Teixeira e o professor Kelenson Silva desenvolvemos o projeto de ocupação do primeiro pavimento do edifício com o layout de uso e com o projeto de alguns mobiliários necessários. O projeto arquitetônico para o edifício era arrojado. A falta de verba, colocou mais esse projeto na gaveta, mesmo à época tendo-se conseguido a permissão para a construção no *campus* Santa Mônica.

Após o arquivamento deste projeto, em seguida foi-nos oferecida uma nova sede para o LAMOP. Acredito que foi uma oferta da Prefeitura de Campus. Tratava-se de um barracão industrial que a universidade havia alugado para usar em questões de logística e armazenamento de equipamentos. Por ser um espaço alugado, já nos colocava uma incerteza, tinha um caráter de provisoriedade que deveríamos considerar. Outro ponto desfavorável era a sua localização. Ficava na av. Espanha, no. 975, no bairro Tibery, distante a 3,5 km do curso de Design. Era uma região cheia de barracões, com perfil industrial, mas com algumas casas simples entres esses barracões. Havia também um outro agravante. Era um barracão na cidade, sem ligação física nenhuma com qualquer *campus* da UFU e sem poder contar com os vigias patrimoniais da universidade. Isto poderia implicar situações sérias de segurança, seja patrimonial ou à integridade física de estudantes e professores. Mesmo com todas essas questões, aceitamos a oferta. Mais uma vez eu, a professora Aline Teixeira e o professor Kelenson Silva elaboramos um novo projeto de arquitetura de interiores para a ocupação do espaço. Mais uma vez não deu certo. A diferença é que desta vez nem ficamos tristes ou desapontados, dado todos os problemas que tínhamos consciência que poderíamos ter naquele espaço.

119. Projeto Pedagógico do Curso de Graduação em Design, UFU, Uberlândia, 2022. Fonte: <https://faued.ufu.br/>

De acordo com texto do Projeto Pedagógico do Curso de Design, *o curso de Design de Interiores da UFU foi avaliado pela Comissão do MEC em 2011, tendo sido reconhecido pela Portaria Nº 848/MEC, de 14 de abril de 2011*<sup>119</sup>. A partir desta visita de avaliação, o curso foi reconhecido pelo MEC, mas ficou sem nota, devido à falta do LAMOP. O que a princípio era um problema, começou a ser lido pelo grupo de professores envolvidos com o LAMOP, entre eles, eu, como algo positivo à nossa luta. Isso se tornava um argumento forte nas nossas caminhadas à reitoria e à outros lugares para que o laboratório pudesse existir. Agora passava a ser uma necessidade urgente. Não que não fosse antes, mas agora quem dizia isso era o MEC.

Essa contingência da urgência imposta pelo MEC e a falta de recursos financeiros apontou uma saída. Após tratativas da FAUED com a Prefeitura de Campus e a reitoria, volta a cena a *marcenaria da UFU*, como era chamado o enorme barracão localizado no Bloco 2X – Campus Umuarama, na rua Acre 1319. A ideia era fazer algumas adaptações dentro do barracão existente e estabelecer um uso compartilhado do espaço entre o LAMOP e o setor de manutenção de móveis da UFU. O acordo era de um uso PROVISÓRIO, até se achar uma sede adequada e definitiva ao LAMOP, no campus Santa Mônica. O fato é que cercamos com divisórias leves de escritório um perímetro retangular e instalamos mesas altas com bancadas para os estudantes desenvolverem suas atividades práticas. Havia sido instalado um ponto de água e tomadas nas mesas. O técnico do laboratório, o Fábio Reis, conseguiu a doação de dois ventiladores usados em algum setor da UFU. Do lado de fora desta sala feita com divisórias de escritório, no imenso barracão, instalamos nossas máquinas estacionárias novas no meio das que já estavam ali. Nos cederam uma pequena sala para instalar a coordenação do LAMOP. Quando iniciamos nossas atividades de ensino, pesquisa e extensão, nesse espaço trabalhavam marceneiros concursados de longa data. Eram profissionais extremamente experientes e habilidosos e, ao mesmo tempo, o barracão possuía excelente maquinário. A maior parte dos maquinários eram antigos, mas excelentes para o trabalho principalmente com a madeira maciça, mas também com derivados de madeira, como compensado, MDFs,

aglomerados, etc. A UFU vivia o processo de terceirização de seus serviços. No barracão havia os últimos dois marceneiros esperando para se aposentar e alguns trabalhadores terceirizados dedicados à manutenção de mobiliários da UFU, fosse em madeira, vidro, ferro, etc.



143

**Fig. 87 até 90.** Aulas de Oficina de Modelos e de Projeto no LAMOP instalado no Barracão da Marcenaria da UFU. Dentro do barracão, foi este o espaço cercado com divisórias leves de escritório, onde instalamos as bancadas para os estudantes do curso de Design operarem ferramentas manuais e máquinas de baixa complexidade para desenvolverem suas atividades práticas: maquetes, mock ups e protótipos. Fonte: arquivo Juliano A Pereira.

Como dito, nas tratativas, o LAMOP se instalou ali provisoriamente em 2011 e ali permaneceu até 2025. Foi um provisório que durou 14 anos!

Foram 14 anos em que eu, e imagino demais colegas professores e os estudantes, tivemos todos os tipos de sensações. Era mágico e trágico ao mesmo tempo. Acho que são as duas melhores palavras que tenho para definir a experiência.

Neste LAMOP da rua Acre, estávamos distantes do curso

de Design. No início os estudantes se deslocavam à próprias custas financeiras. Depois a UFU estabeleceu um sistema de transporte *inter-campis*, que não era muito generoso na oferta de horários e, segundo os estudantes, estavam sempre lotados. Fazia o circuito dos *campi* da UFU Santa Mônica, Educação Física e Umuarama. Por outro lado, quando a UFU passava por redução de recursos financeiros, se diminuía ainda mais as ofertas de horários de deslocamentos com esses ônibus. Isso era também um problema para o funcionamento do curso de Design, que no passado, sendo em turno integral, na montagem dos horários das disciplinas era necessário considerar uma janela de deslocamento dos discentes entre o campus Santa Mônica e campus Umuarama, para terem aulas no LAMOP.



**Fig. 91.** Vista geral do Barracão da Marcenaria da UFU Umuarama, onde o LAMOP ficou provisoriamente por 14 anos. Ao centro, o técnico Fábio Reis e mais dois estudantes do curso de Design cortando uma placa de MDF cru. O pé-direito alto e a generosidade da iluminação natural, é o que, em meu ponto de vista, conferia em minha leitura do espaço a metáfora de uma *catedral-industrial*.

Por outro lado, uma vez no barracão, me sentia dentro de uma *catedral-industrial*, no edifício de pé-direito elevado e fechado por um telhado enorme de duas águas, feito com telhas metálicas sobre uma estrutura de treliças metálicas. Logo abaixo do telhado, havia, nos muros que fechavam o barracão, uma parte construída com blocos de elementos vazados que permitiam luz e ventilação natural o tempo todo, além de uma iluminação natural no seu centro, no encontro das duas águas do telhado.

Abaixo desses elementos vazados, descia o fechamento em paredes rebocadas. Em uma das laterais do barracão havia também um mezzanino grande e desocupado. Aliás, havia uma situação de subutilização quase geral dos espaços. Eu sempre me pegava olhando aquilo tudo e pensando: *nossa, aqui dentro cabe um curso inteiro de Design!*

Nesses quatorze anos provisórios, havia muita coisa positiva, além da generosidade espacial. Pudemos fazer uso de máquinas antigas excelentes, principalmente voltadas ao uso de madeira maciça. Coisa que não se vê nas marcenarias da cidade, uma vez que trabalham majoritariamente com MDF para armários de quartos, banheiros, cozinhas e salas.

Por outro lado, os dois marceneiros concursados que ali estavam esperando para aposentar, nos ajudavam em nossos trabalhos. Carregavam a experiência de muitos anos dedicados à profissão. O nosso técnico, o Fábio Reis, embora mais novo de idade e profissão, vinha também de uma família de marceneiros. E além de sua ótima experiência, não se limitou apenas ao que já sabia sobre marcenaria. Kursou graduação em Design e aprendeu a trabalhar materiais como resina, gesso, argila, e tudo mais que as disciplinas demandassem. Sempre foi e é um profissional extremamente habilidoso e dedicado ao curso de Design.

Um lado ruim dentro do barracão era consequência do processo histórico da relação entre gênero e trabalho. Era um espaço de *trabalho masculino*. Isso significava não haver um banheiro feminino para as estudantes dentro do edifício. Era necessário que fizessem o uso de um banheiro em outro bloco, que era de uso das senhoras da limpeza. Ou então irem até o banheiro da biblioteca da UFU Umuarama. O que era um pouco distante do barracão. Mas não era apenas esse o problema. Em alguns momentos tivemos que lidar com questões de assédio de funcionários terceirizados às estudantes do curso. Íamos contornando tudo, com diálogo e reivindicações.

Quando fui coordenador do LAMOP, neste espaço, consegui permissão para usarmos o mezzanino desocupado. Fizemos o fechamento do local com divisórias leves de escritório para as paredes e forro de PVC no teto.



**Figs. 92 e 93.** Mesas para aulas teóricas na sala de aula no mezanino do LAMOP, no Barracão da Marcenaria Umuarama (2017). Autor do projeto: Juliano A Pereira. Produção: Fábio Reis, Juliano A Pereira e estudantes do curso de Design. Fonte: arquivo Juliano A Pereira.



**Fig 94.** Aula teórica na sala do LAMOP instalada no mezanino do Barracão da Marcenaria Umuarama (2017). Estudantes do curso de Design utilizam as mesas projetadas para mobiliar a sala. As cadeiras, são peças que eles mesmos projetaram e construíram. Duas dessas cadeiras, são protótipos que construímos da cadeira que o arquiteto Oswaldo Bratke projetou em compensando de madeira em 1948. Fonte: arquivo Juliano A Pereira.

Havia um excedente de placas de MDF no local que conseguimos a permissão de uso. Fiz o projeto de uma mesa e fizemos um protótipo. À época, eu, o Fábio e duas discentes bolsistas PIBEG do LAMOP, pusemos juntos a mão na massa e produzimos mesas para equipar sala toda. Recebi muitos elogios de colegas professores e de outras pessoas a respeito do desenho da mesa. Essa sala nos foi muito útil, porque ali, nós professores do curso de design, pudemos realizar aulas teóricas relacionadas à oficina. Usávamos um projetor que o Fábio conseguia emprestado na UFU do Umuarama.

No ano de 2012 eu fiz uma viagem particular à Holanda, visitei a casa Schröder em Utrecht, que foi construída em 1924 pelo arquiteto holandês Gerrit Rietveld. Atravessando por baixo de um viaduto, do outro lado da casa Schröder, visitei também em Utrecht a Fundação Rietveld. Comprei um livro em inglês e holandês que tinha toda a produção de mobiliário do Rietveld. É um livro que ensina como produzir essas peças de mobiliário do

Neoplasticismo holandês. Cada móvel possui uma fotografia, os desenhos técnicos e um texto em inglês/holandês com o passo-a-passo para produzir as peças. A partir desse livro, produzimos no LAMOP em escala real a cadeira Zig Zag, de 1934. Os estudantes da disciplina Oficina de Modelos acompanharam todo o processo. A singularidade dos ângulos de articulação dos planos, bem como a sua estrutura e o processo de junção de partes e seus encaixes, faz com que aquela peça de resultado simples aos olhos, com forma sintética, impunha um processo construtivo nada simples, mas que realizamos no LAMOP. O Fábio propôs um sistema de gabaritos dos ângulos. Fizemos um primeiro teste da peça em MDF e depois de tudo resolvido, a produzimos em madeira maciça freijó. Utilizamos o antigo maquinário para madeira maciça da *marcenaria da UFU*.

A partir do mesmo livro, outra peça que fizemos foi a cadeira *Red and Blue*, de 1917-1923. Neste caso foi feita a partir de um projeto PIBEG, com a participação do estudante John Fernandes e se tornou um material de apoio às disciplinas. Fizemos primeiro a maquete, depois um modelo em escala real do encaixe com cavilhas das três hastes de sessão quadrada que se cruzam conforme o eixo cartesiano X, Y, Z e que é utilizado para fixar o encontro de todas as linhas que estabelece a estrutura espacial para receber os planos do acento e do encosto. Por fim, produzimos a cadeira na escala real. A peça pronta tem serventia nas aulas para falar muito sobre projeto de mobiliário: estrutura, encaixes, ergonomia, estética. E o detalhe do encaixe feito em escala real, como não o colamos, podemos montar e desmontar para falar aos estudantes da sofisticação e engenhosidade que havia por trás daquele resultado que se apresentava tão simples aos olhos.

No ano de 2015, eu fiz um curso de Marcenaria no SENAI de Uberlândia. Foi um curso noturno que durou um semestre. Tenho muito orgulho do diploma. É meu segundo curso no SENAI. O primeiro foi no SENAI de Ribeirão Preto, quando aos meus 14 anos, fiz um curso de dois anos de torneiro mecânico e, depois de formado, trabalhei um ano na indústria como torneiro mecânico. São experiências que tenho extra graduação.

**Fig 95.**Produção no LAMOP da cadeira Zig Zag (Gerrit Rietveld, 1934). Fonte: Fábio Reis.

**Fig 96.**Produção no LAMOP da cadeira Red and Blue (Gerrit Rietveld, 1917-23). Fonte: Fábio Reis.



148



**Fig 97.**Produção no LAMOP de maquetes cadeira Zig Zag (Gerrit Rietveld, 1934). Fonte: Fábio Reis.

Obviamente, pelo tempo e a falta de acúmulo de experiência profissional, hoje não me considero nem torneiro mecânico e nem marceneiro. Mas acredito que consegui o que eu objetivava, que é ter noções do outro lado, de quem produz, para trabalhar no lado de quem projeta ou ensina projeto.



**Fig 98.** Certificado professor orientador. Produto Finalista no Concurso TOK&STOK. Banco Pião, discente Olívia Mamede (edição do concurso de 2014). Fonte: arquivo Juliano A Pereira.

**120.** Neste memorial, em seu anexo Currículo Lattes Juliano Aparecido Pereira, consta a relação detalhada dos prêmios que recebi e dos registros de Desenho Industrial no INPI. Foram possíveis graças à existência do LAMOP e do seu técnico Fábio Reis.

Enfim, nesses quatorze anos do LAMOP funcionando no *barracão da marcenaria*, lá no Umuarama, tive a oportunidade de aprender muito. Foi um convívio muito rico e cheio de trocas. Tudo que eu aprendia, somado àquilo que eu já sabia, eu ensinava aos discentes do curso de design.

Para falar de números, recebi cinco prêmios como professor orientador de produtos que foram gerados no LAMOP. Por outro lado, no Instituto Nacional da Propriedade Industrial, INPI, em coautoria com os discentes que orientei, tenho em meu nome o registro de desenho industrial de 18 produtos<sup>120</sup>. A partir do LAMOP, a produção de produtos, principalmente

mobiliário, nas disciplinas do curso de Design, foi se constituindo em qualidade e quantidade, e pudemos realizar exposições desses produtos seja na Galeria de Arte do Bloco i, no Saguão da Reitoria da UFU, no Santa Mônica ou na Galeria de Artes do Espaço Cultural do Mercado Municipal de Uberlândia.

Por isso tudo, penso que os 14 anos provisórios do LAMOP na marcenaria da UFU foram anos mágicos e trágicos ao mesmo tempo.

Esta exposição apresenta trabalhos dos estudantes do curso de graduação em Design da FAUeD UFU, ingressantes no primeiro semestre de 2018. Trata-se de um exercício da disciplina OFICINA DE MODELOS I, desenvolvida no Laboratório de Modelos e Protótipos / LAMOP.

A proposta desta prática de laboratório considera a importância, no campo do design, do conhecimento dos materiais e de suas técnicas de transformação para a criação de novos produtos. Entender a correlação entre materiais e técnicas construtivas é de grande importância para o universo da criação no campo do design. O material em questão é o papelão e as técnicas construtivas são: CORTAR / DOBRAR / ENCAIXAR.

Os objetos aqui apresentados são frutos de uma prática de experimentação sensível e empírica em que um material bidimensional – a chapa de papelão – é manipulado para se obter uma terceira dimensão, constituindo-se como produto no campo do design.

Como demanda o design, o resultado obtido dá conta de estruturas que consideram o usuário, a ergonomia, a funcionalidade, a estética, a racionalidade produtiva, a logística de distribuição e a sustentabilidade.



**Figs. 99a e 99.b.** Texto e cartaz da Exposição de Design – Mobiliário em Papelão na Galeria de Artes do Bloco i, UFU (2018). Fonte: Arquivo Juliano A Pereira.

150



**Figs. 100 e 101.** Abertura da Exposição de Design – Mobiliário em Papelão na Galeria de Artes do Bloco i, UFU (2018). Fonte: Arquivo Juliano A Pereira.



**Figs. 102, 103 e 104.** Produtos apresentados na Exposição de Design – Mobiliário em Papelão na Galeria de Artes do Bloco i, UFU (2018). Fonte: Arquivo Juliano A Pereira.



151



## EXPOSIÇÃO DE DESIGN

Os professores e estudantes da disciplina de Oficina de Móveis I do curso de Design da UFU convidam para a exposição de trabalhos sobre experimentação artesanal e empírica em papelão.

Aberta ao público de 27 de Agosto à 08 de Setembro de 2018

Abertura às 19 horas de dia 27 de Agosto

Galeria de Bloco I UFU Santa Mônica



**Fig. 105.** Convite para a abertura da Exposição de Design – Mobiliário em Papelão na Galeria de Artes do Bloco i, UFU (2018). Fonte: Arquivo Juliano A Pereira.



**Fig. 106 e 107.** Cartaz da exposição e painel expositivo do cartaz. Exposição DESIGN/LAMOP. Realizada no Saguão de entrada da Reitoria da UFU (2013). Fonte: arquivo: Juliano A Pereira.



**Fig. 108.** Vista parcial da Exposição DESIGN/LAMOP. Realizada no Saguão de entrada da Reitoria da UFU (2013). Fonte: arquivo: Juliano A Pereira.



**Fig. 109a.** Base para Mesa. Discentes autoras: Ana F. Gonçalves, Anaíssa C. S. Araújo, Fiana K. F. Martins, Leticia V. M. Garcez e Nathyelle X. Rodrigues. Apresentada na Exposição DESIGN/LAMOP. Realizada no Saguão de entrada da Reitoria da UFU (2013). Fonte: arquivo: Juliano A Pereira.



**Fig. 109b.** Detalhe dos encaixes de base para Mesa. Discentes autoras: Ana F. Gonçalves, Anaíssa C. S. Araújo, Fiana K. F. Martins, Leticia V. M. Garcez e Nathyelle X. Rodrigues. Apresentada na Exposição DESIGN/LAMOP. Realizada no Saguão de entrada da Reitoria da UFU (2013). Fonte: arquivo: Juliano A Pereira.



**Fig. 110.** Base para Mesa.  
Discentes autoras: Fernanda S. Borsari, Francieli T. Lopes, Tauane P B Souza, Nathália C. L. Silva, Tatiana S. Souza.  
Apresentada na Exposição DESIGN/LAMOP. Realizada no Saguão de entrada da Reitoria da UFU (2013). Fonte: arquivo: Juliano A Pereira.



**Fig. 111.** Base para Mesa. Discentes autoras: Bianca P. Neves, Danilo Faria, Shyrlene R S Mendonça. Apresentada na Exposição DESIGN/LAMOP. Realizada no Saguão de entrada da Reitoria da UFU (2013). Fonte: arquivo: Juliano A Pereira.



**Fig.112.** Banqueta Alta.  
Discente autora: Olívia Mamede. Apresentada na Exposição DESIGN/LAMOP. Realizada no Saguão de entrada da Reitoria da UFU (2013). Fonte: arquivo: Juliano A Pereira.



**Fig. 113.** Cadeira Um+.  
Discente autora: Ana F. Gonçalves. Foi Premiada no Salão Móvel Sul, de Bento Gonçalves, RS. Apresentada na Exposição DESIGN/LAMOP. Realizada no Saguão de entrada da Reitoria da UFU (2013). Fonte: arquivo: Juliano A Pereira.



**Fig. 114.** TCC Raela Nunes, orientador Juliano A Pereira. Apresentado na Exposição DESIGN/LAMOP. Realizada no Saguão de entrada da Reitoria da UFU (2013). Fonte: arquivo: Juliano A Pereira.



**Fig. 115.** Poltrona. Apresentada na Exposição DESIGN/LAMOP. Realizada no Saguão de entrada da Reitoria da UFU (2013). Fonte: arquivo: Juliano A Pereira.



**Fig.116.**Banco, mesa de centro e revestido. Apresentado na Exposição DESIGN/LAMOP. Realizada no Saguão de entrada da Reitoria da UFU (2013). Fonte: arquivo: Juliano A Pereira. Banqueta Alta. Discente autora: Olívia Mamede. Apresentada na Exposição DESIGN/LAMOP. Realizada no Saguão de entrada da Reitoria da UFU (2013). Fonte: arquivo: Juliano A Pereira.

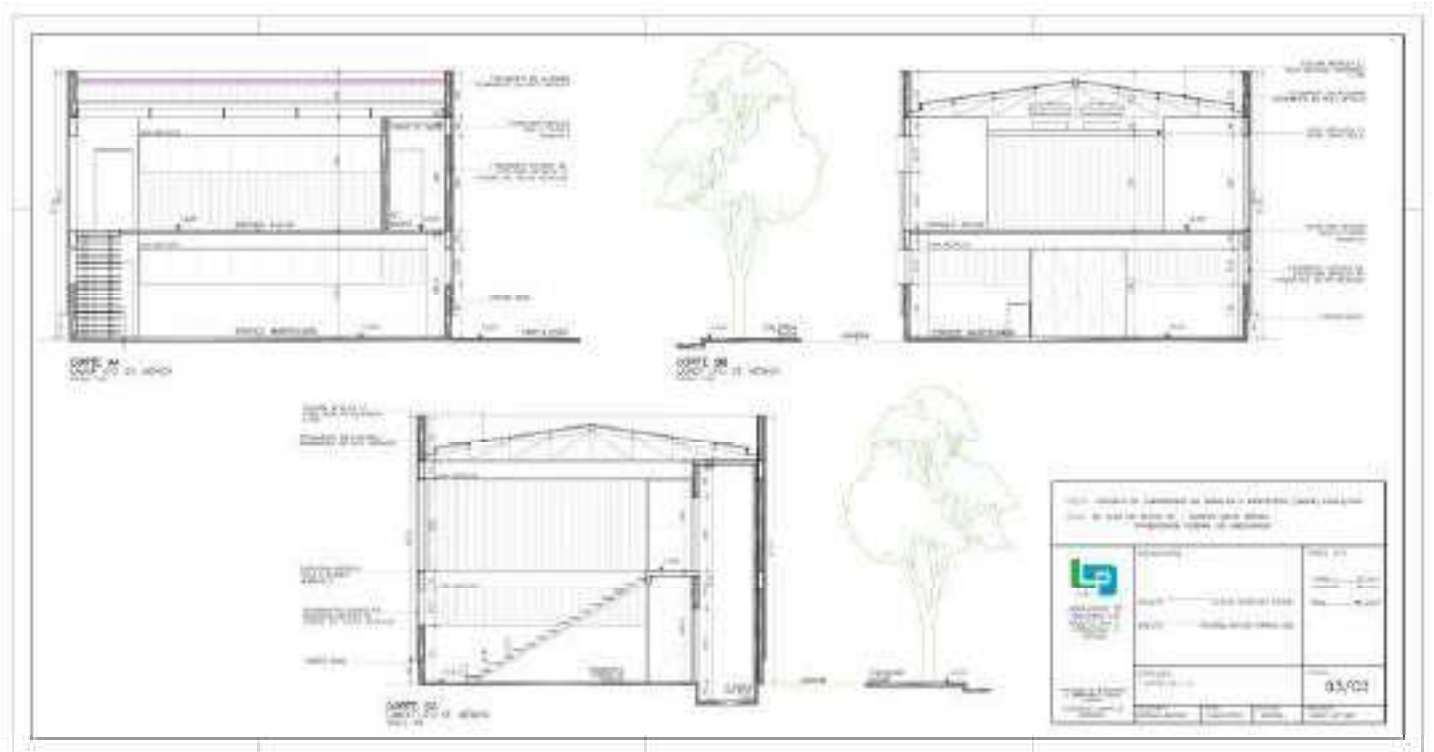
**Fig. 117.** Produtos em resina, feitos a partir de contramolde de espuma e molde de silicone. Apresentados em exposição na galeria do Bloco i, da UFU. Fonte: arquivo: Juliano A



Esses 14 anos foram vividos como acima descritos, mas sempre havia o sonho de se ter o LAMOP no campus Santa Mônica onde estava o curso de Design. Por outro lado, as vezes havia pressão para que desocupássemos o barracão do Umuarama. O restaurante universitário do campus Umuarama fazia fundo com o LAMOP e, vez ou outra, ouvíamos a história de que esse restaurante precisava ser ampliado para suprir sua demanda, e que se expandiria ocupando parte do barracão. Outros momentos era a possibilidade de aumento dos *terceirizados* no barracão. E, no final, foi isso o que aconteceu. A administração da Universidade nos últimos anos começou a aumentar no local a quantidade de serviços terceirizados. Começamos a ficar espremidos no local e menos ainda desejados por lá.

Retomamos a luta por um endereço no *campus* Santa Mônica. De novo, nos foi ofertado o espaço do *estacionamento de britas da engenharia civil*. Fiz o projeto de um novo edifício. Mais leve, menor e mais despojado que o de estrutura de concreto armado. Era quase um cubo de aproximadamente 10m x 10m, com altura de 8 m. Térreo e primeiro pavimento, somando um total de 181 metros de área construída. No projeto, era fechado com telhas translúcidas nas quatro faces. Tinha *rasgos* de aberturas para portas e janelas. Imaginava esse cubo a noite emitindo luz, chamando a atenção de quem passava pela rua lateral que ladeia o campus ou mesmo que estivesse dentro do *campus*. Durante o dia, a telha translúcida ajudaria a iluminar as atividades dos alunos com luz natural. O edifício tinha dimensões modestas, mas cumpriria com a função. Havia o contrato com uma construtora que, depois, em pouco tempo deixou de haver. E mais um projeto foi para a gaveta.





**Fig. 120.** Prancha 3/3. Projeto para o LAMOP no campus UFU Santa Mônica, ao lado do bloco do curso de Engenharia Civil. Versão Junho de 2021. Fonte: arquivo Juliano A Pereira.

Depois descobrimos que havia dois auditórios desocupados no subsolo do bloco 5OB, no *campus* Santa Mônica. O bloco 5OB é onde estão alocados os ateliês/salas de aula do curso de Design. Pensamos ser uma grande oportunidade ter tão perto o laboratório das salas de aula. Estariam ligados por uma escada. Fomos visitar os auditórios e estavam trancados, dentro tudo estava empoeirado e abandonado. É possível que estejam assim até hoje. Alguém nos contou que ali fizeram até velório de professor da UFU, não sei se é verdade. Fato é que a prefeitura do campus começou a acenar positivamente com cessão provisória de uso, apesar de termos solicitado o uso permanente.

E entre nós concordamos que poderíamos ficar ali mais 14 anos provisórios, se fosse o caso. Particpei da elaboração de mais um projeto, agora de interiores. Como o piso dos auditórios eram rampas e patamares para as cadeiras, fizemos o projeto reconfigurando o piso em apenas dois patamares. O mais alto, que resultaria em um espaço de pé-direito menor, ficaria para as mesas dos alunos e no patamar mais baixo, com pé-direito maior, ficaria o maquinário estacionário. Depois a cessão do espaço não aconteceu, e mais um projeto foi para a gaveta. Ou para usar uma expressão mais contemporânea: foi para a pasta de arquivos LAMOP, dos nossos notebooks.

Em 2024, batendo de porta em porta na reitora, chegamos à porta da Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação. Fomos recebidos pelo Prof. Dr. Carlos Henrique de Carvalho, que a época era Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação e, a partir de 2025, se torna o atual Reitor da UFU. O Prof. Dr. Carlos Henrique recebeu um grupo de professores do curso do Design, em que eu estava presente. Colocamos nossa demanda histórica. E o professor Carlos Henrique, a partir do entendimento de que se tratava de um laboratório de ensino, pesquisa e extensão, e que este laboratório era expressivo em pesquisa e registro de desenho industrial no INPI, começou a nos apoiar na busca por uma solução definitiva. Naquele período, a partir do contato com o prof. Carlos Henrique, também fomos recebidos pelo Reitor Valder Steffen Júnior.

O Bloco 5M, no *campus* Santa Mônica, é um bloco voltado à pesquisa, construído com verbas FINEP. Havia um braço desse bloco que vinha sendo ocupado por salas de professores. O professor Carlo Henrique, em conjunto com a prefeitura de campus, iniciou um processo de realocação dessas salas de professores para um local mais apropriado, uma vez que as salas de professores no 5M, não estava em acordo com o uso para o qual o edifício fora construído. E assim o LAMOP pode ocupar este espaço. Foi feito um novo projeto para o LAMOP no espaço desocupado do 5M. Dessa vez o projeto foi efetivado e conseguimos trazer finalmente o LAMOP para o campus Santa Mônica, em uma sede que é definitiva, e não mais um empréstimo provisório. O espaço é bem

menor que o que tínhamos no Umuarama, mas conseguimos nos adaptar. Estamos instalados no Bloco 5M, desde final de 2024, início de 2025. Para se chegar do 5OB, onde estão os ateliês/salas de aula, até o 5M basta apenas atravessar a rua e não mais a cidade, como era no Umuarama. Isto dinamiza muito o uso do espaço e a interlocução entre sala de aula e laboratório, entre teoria e prática, entre desenho e modelo tridimensional. É uma didática de ensino pela qual sempre lutamos. Atualmente estou como coordenador do LAMOP novamente, desde janeiro de 2025. Espero poder continuar contribuindo para que esse laboratório permaneça relevante ao curso de Design como sempre foi.



**Fig. 121.** Entrada LAMOP, no Bloco 5M, no Campus Santa Mônica. Fonte: Fábio Reis



**Fig. 122.** Sala com bancadas do LAMOP, no Bloco 5M, no Campus Santa Mônica. Fonte: Juliano A Pereira.



**Fig. 123.** Sala com maquinários de marcenaria do LAMOP, no Bloco 5M, no Campus Santa Mônica. Fonte: Fábio Reis..

# Conclusão



## CONCLUSÃO

*Professor, o que é design?* Me pergunta uma senhora bordadeira.

Para minha surpresa, esta foi a pergunta que ouvi na primeira aula da disciplina optativa design e artesanato, no dia 24 de novembro de 2025. Estávamos reunidos no auditório do Museu de Arte Sacra de Uberlândia, no centro da cidade. Além de mim, estavam presentes a Thaís Araújo, da Secretaria Municipal de Cultura do Município de Uberlândia, 20 alunos do curso de design matriculados na disciplina e 20 bordadeiras da cidade e região, que aceitaram o convite para participar do projeto.

Eu havia falado inicialmente por cerca de uma hora seguida. Havia exposto ao grupo de 41 pessoas, tudo sobre a dinâmica da disciplina, informando sobre o processo de colaboração entre designers e artesãos, sobre o caminho que percorreríamos ao longo do semestre juntos e a que produto de design/artesanato era nosso objetivo chegar ao final. Terminei minha fala e abri para possíveis dúvidas a respeito da disciplina e da dinâmica que eu expusera. A pergunta desta senhora era uma dúvida ou uma curiosidade que precedia a tudo que eu havia dito antes: *Professor, o que é design?* Até agora ainda penso sobre o ocorrido. Como responder a essa pergunta? Acredito que, para mim, essa é uma pergunta tão difícil de responder, quanto o seria para a bordadeira responder, caso eu lhe perguntasse: *Senhora, o que é bordado?*

Acho que é difícil de responder, não porque eu não saiba o que é design ou porque a senhora não saiba o que é bordado. Penso que é difícil responder, porque, no meu caso, esta resposta está relacionada ao que eu fiz nos últimos 25 anos de minha vida na Universidade Federal de Uberlândia e, no caso da senhora, está relacionado ao que a senhora fez, talvez a vida toda, desde menina. E isto tudo seria difícil para mim e para ela fazer caber dentro da resposta de uma frase.

Para *Lúcio Costa*, “arquitetura é a construção concebida com a intenção de ordenar plasticamente o espaço, em

121.FUVEST – Fundação  
Universidade Para o Vestibular.  
Colocar foto das duas capas e  
talvez a folha sobre o curso de  
arquitetura.

*função de uma determinada época, de um determinado meio, de uma determinada técnica e de um determinado programa.”* Este texto está presente no manual do candidato ao vestibular da FUVEST<sup>121</sup> de 1992. Tenho até hoje guardado comigo tanto este manual quanto o de 1993, quando fui aprovado para cursar Arquitetura e Urbanismo na USP de São Carlos. Estes manuais, além das informações sobre as provas do vestibular, traziam uma explicação sucinta sobre cada uma das formações profissionais que a USP oferecia em seus cursos de graduação. O texto que apresentava o que é arquitetura e o que faz o arquiteto, se iniciava com essa citação que reproduzi aqui, a respeito da definição do arquiteto Lúcio Costa sobre o que é arquitetura. Quando li esse texto no manual da FUVEST, eu tinha 17 anos. Acredito que se soubesse quem era Lúcio Costa, deveria saber muito pouco, talvez apenas que Costa *desenhou a planta de Brasília*, para a qual Oscar Niemeyer projetaria os principais edifícios. Talvez nem isso eu soubesse. Mas essa definição do que é arquitetura para Lúcio Costa está em minha cabeça há 34 anos, o mesmo tempo que estão em minhas gavetas esses dois manuais da FUVEST e os rascunhos dos desenhos que fiz no dia da prova de aptidão em desenho para poder ingressar no curso de Arquitetura e Urbanismo da USP de São Carlos. Não saberia nem dizer com certeza por que essa frase é tão presente em minha vida e porque não há amnésia ou ressaca que a me faça esquecer. Talvez tenha sido porque com apenas 17 anos, me senti tocado por essa definição. Ou, talvez porque, conforme fui conhecendo a obra arquitetônica, urbanística e de design de Lúcio Costa e vários outros arquitetos e designers que tanto admiro, mais ainda o sentido dessa frase se confirmou para mim.

Por outro lado, aprendi nas aulas de Teoria e História da Arquitetura e das Artes, que para o arquiteto franco-suíço Le Corbusier, *A arquitetura é o jogo sábio, correto e magnífico dos volumes dispostos sob a luz.*

Lina Bo Bardi, que foi arquiteta e designer ao mesmo tempo, disse que: *o arquiteto deve ser mestre de vida.* Nesta frase, há o sentido de que a arquitetura e o design devem reconhecer e acolher a vida cotidiana das pessoas, considerando as mais diversas expressões de modos de ser, de existir e de cultura.

Certa vez ouvi o arquiteto Paulo Mendes da Rocha dizer, em depoimento, que *a arquitetura deve amparar a imprevisibilidade da vida.*

Para Bruno Munari, *o design é uma atividade projetual funcional, estética e acessível, voltada a melhorar a qualidade de vida ao resolver problemas práticos com ordem lógica.*

Poderia continuar aqui citando as definições de mais arquitetos e designers que admiro e que são reconhecidamente profissionais singulares. Eles não apenas definiram o que é arquitetura e design, mas também mudaram o que a arquitetura e o design era antes deles. Estão todos certos, mas, em meu ponto de vista, suas definições contribuem em muito, mas não são suficientes para entendermos o que é arquitetura e o que é design.

Na área de arquitetura e design fiz graduação, mestrado, doutorado e pós-doutorado. Foram 13 anos de minha vida me dedicando a estudar sobre arquitetura e design. Sou docente do curso de graduação em Design da UFU há quase 25 anos. Tudo isso me ajuda a saber um pouco sobre arquitetura e design. Mas também, em meu ponto de vista não é o suficiente.

Aprendi sobre design e arquitetura, quando eu era criança, desde os 7 anos de idade, e observava meu pai trabalhando em sua oficina de serralheria, em Ribeirão Preto, SP. Aprendi sobre design e arquitetura quando meu pai me levava nas obras para entregar as portas e janelas que ele fazia e eu podia ver paredes em construção sem reboco sendo erigidas, o chão de terra batida, a bagunça que eram os canteiros e a música que era feita do som da betoneira girando para *fazer a massa*. Quando disse ao meu pai que eu havia decidido fazer arquitetura, por volta dos meus 15 anos, ele não disfarçou a cara de desapontamento e me disse: *nossa, mas é tão difícil lidar com pedreiro!* Quando na faculdade, fui apresentado à discussão sobre o desenho e o canteiro, do arquiteto Sérgio Ferro, essa frase do meu pai ganhou um outro sentido para mim e, penso que entendi um pouco mais em profundidade o que é arquitetura e design.

Aprendi sobre design e arquitetura, quando, mais novo, li livros que me marcaram muito para a minha vida toda, como *Cem Anos de Solidão*, do Gabriel Garcia Marques e *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, para citar apenas dois de muitos. Talvez um lado peculiar e maravilhoso do design e da arquitetura é que a gente aprende design e arquitetura lendo literatura, assistindo filmes, ouvindo música, passeando, conversando, abraçando e beijando as pessoas que amamos ou esbarrando em pessoas que não conhecemos, tomando chuva, sentindo frio ou calor. Porque, na minha visão, o aprendizado de design e arquitetura não começam neles mesmos, mas a partir do momento que nos relacionamos como serem sociais e de cultura que nós somos.

Apesar de tudo isto dito, quando me perguntam *O que é design? O que é arquitetura?* Particularmente, não acredito que essas sejam as perguntas que mais importam. Penso que a pergunta que mais deveria nos incomodar, provocar, impressionar e, principalmente, nos ocupar na busca por respostas é: *O que pode ser o design? O que pode ser a arquitetura?*

Passados 25 anos desde que pela primeira vez em minha vida, entrei como professor em uma sala de aula na UFU, esta é a pergunta com a qual mais me ocupo hoje: *O que pode ser o design?*

Considerando que este memorial representa que andei apenas, talvez, pouco mais da metade de todo o caminho que pretendo percorrer dentro da UFU, até eu me aposentar, pretendo dedicar meu tempo de trabalho a contribuir para a construção de respostas a essa nova pergunta sobre design, que mira no futuro.

Nas apresentações dos ateliês de projeto ou das oficinas, os trabalhos que os discentes produzem sempre me encham de surpresas. Não é o que eu faria na minha época de estudante e nem o que eu saberia fazer hoje. E isso é muito bom. É a geração deles tentando responder à pergunta: *O que pode ser o design?* E acho que o melhor professor não é o professor que ensina o que é design, mas aquele que procura ajudar e orientar os estudantes nesse sentido descobrir, de forma autônoma, a resposta de cada um à pergunta: *O que pode ser o design?*

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

**Ata da Realização do Concurso Público Para Professor Adjunto na Área de Plástica e Design da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Da Universidade Federal de Uberlândia.** Uberlândia, 02 de Junho de 2004. Prof. Dr. Luis Eduardo dos Santos Borda (presidente), Profa. Dra. Ana Maria de Ranieri Juliano Rambauske e Profa. Dra. Myrna de Arruda Nascimento.

ARGAN, Giulio Carlo. **Arte Moderna: do Iluminismo aos movimentos contemporâneos.** São Paulo, Companhia das Letras, 1992.

BARDI, Pietro Maria. O que é decoração? **Revista Casa Vogue.** P.40

BENÉVOLO, Leonardo. **História da Arquitetura Moderna.** São Paulo, Editora Perspectiva Ltda, 1998.

BROWN, Tim. **Design Thinking.** Uma metodologia poderosa para decretar o fim das velhas ideias. Rio de Janeiro: Alta Books Editora, 2017.

BRUAND, Yves. **Arquitetura Contemporânea no Brasil.** São Paulo: Editora Perspectiva, 1991.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis.** São Paulo, Companhia das Letras, 1994.

COSTA, Maria Elisa (apresentação); TELES, Sophia da Silva (pós-fácio). **Registro de uma vivência/Lúcio Costa.** São Paulo: Editora 34 / Edições Sesc São Paulo, 2018.

Edital 003/2004, da Pró-reitora de Recursos Humanos, Divisão de Apoio ao Docente. 02 de março de 2004

FERRAZ, Marcelo Carvalho (Org.). **Lina Bo Bardi.** São Paulo, Instituto Bardi, 1993

FERRAZ, Marcelo Carvalho (org.). **Vilanova Artigas: arquitetos brasileiros.** São Paulo, Instituto Lina Bo e PM Bardi; Fundação Vilanova Artigas, 1997.

FINO, Cristina (org.). **Maquetes de Papel / Paulo Mendes da Rocha.** São Paulo: Cosac Naify, 2007.

FRAMPTON, Kenneth. **História Crítica da Arquitetura Moderna.** São Paulo, Martins Fontes, 1997 (1ª edição)

LOSCHIAVO DOS SANTOS, Maria Cecilia. **Móvel moderno no Brasil.** São Paulo, Editoras Senac e Olhares, 2017

HANNAH, Gail Greet. **Elementos do Design Tridimensional / Rowena Reed Kostellow e a estrutura das relações visuais.** São Paulo: Cosac Naify, 2015.

MILLS, Criss B.. **Projetando com Maquetes.** Porto Alegre: Bookman, 2007

LOURENÇO, Maria Cecília França. **Museus Acolhem o Moderno**. São Paulo, EDUSP, 1999.

MONT'ALVÃO, Claudia; DAMAZIO, Vera (org.). **Design, Ergonomia, Emoção**. Rio de Janeiro: Editora Mauad X, 2012.

MUNARI, Bruno. **Das coisas nascem coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

NIEMEYER, Lucy. **Design no Brasil: origens e instalação**. Rio de Janeiro: editora 2AB, 2000.

PAZMINO, Ana Verônica. **Como se Cria. 40 métodos para design de produto**. São Paulo: Blucher, 2015.

PEREIRA, Juliano Aparecido. **Desenho Industrial e Arquitetura no Ensino da FAUUSP (1948-1968)**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação da Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo, 2009.

PEREIRA, Juliano Aparecido. **Lina Bo Bardi, Bahia, 1958-1964**. Uberlândia: EDUFU, 2008.

PEREIRA, J. A.; SOUZA, A. T.. Pensar a forma no mundo do design: ensino, repertório e experimentação. In: 1o UD!SIGN | I Simpósio de Design do Triângulo Mineiro, 2018, Uberlândia. Anais do 1o UD!SIGN | I Simpósio de Design do Triângulo Mineiro, 2018. v. 1. p. 1-5.

PEREIRA, J. A.; REZENDE, S.. Entre a ideia e a sua representação: O uso de modelos estruturais no ensino de Design. In: 3 Colóquio de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo e Design. Brasil Portugal: UFU e UL Lisboa, 2015, Lisboa. Anais do 3 Colóquio de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo e Design. Brasil Portugal: UFU e UL Lisboa. Lisboa: Universidade de Lisboa (Portugal), 2015. p. 133-143.

PEREIRA, J. A.; RIBEIRO, P. P. A.. Para pensar o projeto do objeto: ideias no papel e de papel. In: 2º Seminário Internacional REPRESENTAR BRASIL 2013: As Representações na Arquitetura, Urbanismo e Design, 2013, São Paulo. Anais do 2º Seminário Internacional. REPRESENTAR BRASIL 2013: As Representações na Arquitetura, Urbanismo e Design. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2013. p. 800-813.

**Plano da Secretaria da Economia Criativa: Políticas, diretrizes e ações, 2011-2014**. Brasília, Ministério da Cultura, 2012

**Projeto Pedagógico do Curso de Graduação em Design**. FAUED UFU, Uberlândia, 2022.

**Projeto Pedagógico do Curso de Graduação em Design de Interiores**. FAURB UFU, Uberlândia, 2007

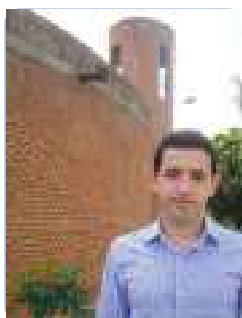
PROGRAMA/CONCURSO PARA PROFESSOR ÁREA DE PLÁSTICA E DESIGN. Documento sem data, elaborado pela Comissão de professores responsáveis pelo concurso. Fonte: Arquivo pessoal deste autor.

SENNETT, Richard. **O Artífice**. Rio de Janeiro / São Paulo: Editora Record. 2020

SINGER, Paul. **Introdução à Economia Solidária**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002.

SUZUKI, Marcelo (coord.) **Tempos de Grossura, o Design no Impasse: Lina Bo Bardi**. São Paulo: Instituto Lina Bo e PM Bardi, 1994

VELOSO, Caetano. **Verdade Tropical**. São Paulo, Companhia das Letras, 1997.



## Juliano Aparecido Pereira

Endereço para acessar este CV: <https://lattes.cnpq.br/4158398070137110>

ID Lattes: **4158398070137110**

Última atualização do currículo em 02/03/2026

---

Professor Associado IV da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Design da Universidade Federal de Uberlândia, FAUED UFU. Coordenador do Laboratório de Modelos e Protótipos do curso de graduação em Design, LAMOP FAUED UFU. É pesquisador do Núcleo de Projeto e Pesquisa em Design, NUPPED da FAUED UFU. É membro do Centro de Investigação em Arquitetura, Urbanismo e Design, CIAUD, da Universidade de Lisboa, Portugal. É Membro do grupo de pesquisa em Design e Ciências Sociais da Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa, FA ULisboa. Doutor em Arquitetura e Urbanismo pelo Instituto de Arquitetura e Urbanismo da USP de São Carlos, IAU USP (2009). Mestre em Arquitetura e Urbanismo pelo Instituto de Arquitetura e Urbanismo da USP de São Carlos, IAU USP (2001). Arquiteto e Urbanista, graduado pelo Instituto de Arquitetura e Urbanismo da USP de São Carlos, IAU USP. Foi coordenador do curso de graduação em Design da FAUED UFU entre os anos de 2006 e 2007. Realizou pesquisa de Pós-doutorado na FA Ulisboa entre 2019 e 2020 . Tem experiência na área de Design e Arquitetura, atuando principalmente nos seguintes temas: Design, Design e Artesanato, Design de Produto, Design de Mobiliário, Modelos e Protótipos em Design e Projeto de Arquitetura.  
(Texto informado pelo autor)

## Identificação

---

### Nome

Juliano Aparecido Pereira 

### Nome em citações bibliográficas

PEREIRA, J. A.; PEREIRA, JULIANO  
APARECIDO

### Lattes iD



<https://lattes.cnpq.br/4158398070137110>

### País de Nacionalidade

Brasil

## Endereço

---

### Endereço Profissional

Universidade Federal de Uberlândia,  
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e  
Design,  
Universidade Federal de Uberlândia

Santa Mônica  
38400902 - Uberlândia, MG - Brasil  
Telefone: (34) 32394373  
Fax: (34) 32394373  
URL da Homepage:  
<https://www.faued.ufu.br>

## Formação acadêmica/titulação

---

### 2003 - 2009

Doutorado em Arquitetura e Urbanismo.  
Instituto de Arquitetura e Urbanismo  
USP/S.Carlos, IAU USP/.SC, Brasil.  
Título: Desenho Industrial e Arquitetura  
no Ensino da FAU USP (1948-1968) 🌍 ,  
Ano de obtenção: 2009.  
Orientador: 😊 Renato Luiz Sobral Anelli.  
Bolsista do(a): Coordenação de  
Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível  
Superior, CAPES, Brasil.  
Palavras-chave: arquitetura e urbanismo;  
desenho industrial; Faculdade de  
Arquitetura e Urbanismo - USP; Reforma  
FAU USP (1962); Industrialização da  
Arquitetura; João Batista Vilanova Artigas.  
Grande área: Ciências Sociais Aplicadas /  
Área: Arquitetura e Urbanismo.  
Grande Área: Ciências Sociais Aplicadas /  
Área: Desenho Industrial.  
Grande Área: Ciências Sociais Aplicadas /  
Área: Arquitetura e Urbanismo / Subárea:  
Teoria e História da Arquitetura e do  
Urbanismo.  
Setores de atividade: Educação;  
Construção.

### 1999 - 2001

Mestrado em Arquitetura e Urbanismo.  
Instituto de Arquitetura e Urbanismo  
USP/S.Carlos, IAU USP/.SC, Brasil.  
Título: A ação cultura de Lina Bo Bardi na  
Bahia e no Nordeste (1958-1964), Ano de  
Obtenção: 2001.  
Orientador: 😊 Renato Luiz Sobral Anelli.  
Bolsista do(a): Fundação de Amparo à  
Pesquisa do Estado de São Paulo, FAPESP,  
Brasil.  
Palavras-chave: Lina Bo Bardi; Salvador;  
museu; arte moderna; cultura popular.  
Grande área: Ciências Sociais Aplicadas /  
Área: Arquitetura e Urbanismo / Subárea:  
Fundamentos de Arquitetura e Urbanismo.  
Grande Área: Ciências Sociais Aplicadas /  
Área: Arquitetura e Urbanismo / Subárea:  
Teoria e História da Arquitetura e do  
Urbanismo.  
Grande Área: Ciências Sociais Aplicadas /  
Área: Desenho Industrial / Subárea:  
Desenho de Produto.  
Setores de atividade: Educação.

### 1994 - 1998

Graduação em Arquitetura e Urbanismo.  
Instituto de Arquitetura e Urbanismo  
USP/S.Carlos, IAU USP/.SC, Brasil.  
Bolsista do(a): Conselho Nacional de

## Pós-doutorado

---

### 2019 - 2020

Pós-Doutorado.  
Faculdade de Arquitetura da Universidade  
de Lisboa, FA LISBOA, Portugal.  
Grande área: Ciências Sociais Aplicadas /  
Área: Desenho Industrial / Subárea:  
design.  
Grande Área: Ciências Sociais Aplicadas /  
Área: Desenho Industrial / Subárea:  
Desenho de Produto.

## Formação Complementar

---

### 2025 - 2025

Diálogos sobre educação especial para  
docentes da Faculdade de Arquitetura.  
(Carga horária: 2h).  
Universidade Federal de Uberlândia, UFU,  
Brasil.

### 2015 - 2015

Qualificação em Marceneira. (Carga  
horária: 300h).  
SENAI - Departamento Regional de Minas  
Gerais, SENAI/DR/MG, Brasil.

### 2013 - 2013

Designing with models - Chris Mills.  
(Carga horária: 20h).  
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da  
Universidade de São Paulo, FAUUSP,  
Brasil.

### 1998 - 1999

Mecânica Geral: Tornearia a Ajustagem..  
SERVICO NACIONAL DE APRENDIZAGEM  
INDUSTRIAL SENAI, SNAIS\_PPPROV,  
Brasil.

## Atuação Profissional

---

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Design - Univ Federal de Uberlândia, FAUED - UFU, Brasil.

### Vínculo institucional

### 2022 - 2024

Vínculo: Servidor público, Enquadramento  
Funcional: PROFESSOR ASSOCIADO 4,

Carga horária: 40, Regime: Dedicção exclusiva.

**Vínculo institucional**

### **2021 - 2023**

Vínculo: Servidor público, Enquadramento Funcional: PROFESSOR ASSOCIADO 3, Carga horária: 40, Regime: Dedicção exclusiva.

**Vínculo institucional**

### **2019 - 2021**

Vínculo: Servidor público, Enquadramento Funcional: PROFESSOR ASSOCIADO 2, Carga horária: 40, Regime: Dedicção exclusiva.

**Vínculo institucional**

### **2017 - 2019**

Vínculo: Servidor público, Enquadramento Funcional: PROFESSOR ASSOCIADO 1, Carga horária: 40, Regime: Dedicção exclusiva.

**Vínculo institucional**

### **2015 - 2017**

Vínculo: Servidor público, Enquadramento Funcional: Adjunto IV, Carga horária: 40, Regime: Dedicção exclusiva.

**Vínculo institucional**

### **2013 - 2015**

Vínculo: Servidor público, Enquadramento Funcional: Professor Adjunto III, Carga horária: 40, Regime: Dedicção exclusiva.

**Vínculo institucional**

### **2009 - 2011**

Vínculo: Servidor público, Enquadramento Funcional: Professor Adjunto 2, Carga horária: 40, Regime: Dedicção exclusiva.

## Atividades

### **4/2025 - Atual**

Direção e administração, Univ Federal de Uberlândia - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Design.

Cargo ou função  
Membro do Colegiado do curso de Design.

### **2/2025 - Atual**

Direção e administração, Univ Federal de Uberlândia - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Design.

Cargo ou função  
Coordenador do LAMOP.

### **2/2020 - Atual**

Ensino, Design, Nível: Graduação

Disciplinas ministradas  
Projeto IV

### **3/2011 - Atual**

Ensino, Design, Nível: Graduação

Disciplinas ministradas  
Projeto III

### **3/2011 - Atual**

Ensino, Design, Nível: Graduação

Disciplinas ministradas  
Oficina de Modelos I

### **10/2025 - 3/2026**

Ensino, Design, Nível: Graduação

Disciplinas ministradas  
Tópicos especiais em Design  
produto/serviço: artesanato

### **11/2020 - 10/2024**

Direção e administração, Univ Federal de Uberlândia - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Design.

Cargo ou função  
Coordenador do BaseLab - Laboratório de Referência e Memória.

**10/2023 - 9/2024**

Conselhos, Comissões e Consultoria, Univ Federal de Uberlândia - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Design.

Cargo ou função  
Membro da comissão de elaboração e acompanhamento do projeto de criação do Mestrado em Design da FAUED..

**1/2024 - 4/2024**

Ensino, Design, Nível: Graduação

Disciplinas ministradas  
Tópicos especiais em Design  
produto/serviço: artesanato

**3/2023 - 4/2024**

Conselhos, Comissões e Consultoria, Univ Federal de Uberlândia - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Design.

Cargo ou função  
Membro da Comissão para avaliar a viabilidade de abertura do curso de Mestrado em Design na FAUED.

**9/2023 - 3/2024**

Conselhos, Comissões e Consultoria, Univ Federal de Uberlândia - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Design.

Cargo ou função  
Membro da Comissão para elaboração do PDE da FAUED.

**11/2020 - 1/2024**

Conselhos, Comissões e Consultoria, Univ Federal de Uberlândia - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Design.

Cargo ou função  
Membro do Conselho da FAUED..

**10/2023 -  
11/2023**

Outras atividades técnico-científicas , Univ  
Federal de Uberlândia - Faculdade de  
Arquitetura e Urbanismo e Design, Univ  
Federal de Uberlândia - Faculdade de  
Arquitetura e Urbanismo e Design.

Atividade realizada  
Relator do recurso impetrado por  
Fernanda Vilela de Carvalho junto ao  
CONFAUED..

**8/2023 - 11/2023**

Ensino, Design, Nível: Graduação

Disciplinas ministradas  
Orientação de Monitoria na disciplina  
Oficina de Modelos

**8/2023 - 11/2023**

Ensino, Design, Nível: Graduação

Disciplinas ministradas  
Monitoria na disciplina Oficina de Modelos

**5/2021 - 4/2023**

Direção e administração, Univ Federal de  
Uberlândia - Faculdade de Arquitetura e  
Urbanismo e Design.

Cargo ou função  
Membro do NDE do curso de Design da  
FAUED..

**4/2021 - 3/2023**

Direção e administração, Univ Federal de  
Uberlândia - Faculdade de Arquitetura e  
Urbanismo e Design.

Cargo ou função  
Membro do Colegiado do curso de Design  
da FAUED..

**4/2021 - 3/2023**

Conselhos, Comissões e Consultoria, Univ  
Federal de Uberlândia - Faculdade de  
Arquitetura e Urbanismo e Design.

Cargo ou função  
Membro do Colegiado do Curso de Design  
da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo  
e Design.

**12/2022 - 1/2023**

Conselhos, Comissões e Consultoria, Univ  
Federal de Uberlândia - Faculdade de  
Arquitetura e Urbanismo e Design.

Cargo ou função  
Membro da Comissão organizadora do  
processo seletivo simplificado para  
contratação de professor substituto.

**10/2022 -  
12/2022**

Outras atividades técnico-científicas , Univ  
Federal de Uberlândia - Faculdade de  
Arquitetura e Urbanismo e Design, Univ  
Federal de Uberlândia - Faculdade de  
Arquitetura e Urbanismo e Design.

Atividade realizada  
Membro da Comissão Permanente da  
FAUED para Revalidação de diplomas de  
graduação de estrangeiros.

**9/2020 - 8/2022**

Direção e administração, Univ Federal de  
Uberlândia - Faculdade de Arquitetura e  
Urbanismo e Design.

Cargo ou função  
Coordenador de Estágio Supervisionado  
do Curso de Design da Faculdade de  
Arquitetura e Urbanismo e Design.

**8/2020 - 12/2020**

Ensino, Design, Nível: Graduação

Disciplinas ministradas  
Plástica II

**8/2020 - 12/2020**

Ensino, Design, Nível: Graduação

Disciplinas ministradas  
Design Estratégico

**9/2017 - 2/2020**

Direção e administração, Univ Federal de  
Uberlândia - Faculdade de Arquitetura e  
Urbanismo e Design.

Cargo ou função  
Membro do Colegiado do curso de Design  
da FAUED..

**2/2019 - 6/2019**

Ensino, Design, Nível: Graduação

Disciplinas ministradas  
Atividade orientada 4

**6/2017 - 5/2019**

Direção e administração, Univ Federal de  
Uberlândia - Faculdade de Arquitetura e  
Urbanismo e Design.

Cargo ou função  
Membro do NDE do curso de Design da  
FAUED.

**8/2018 - 12/2018**

Ensino, Mestrado em Arquitetura e  
Urbanismo: Projeto, Espaço e Cultura,  
Nível: Pós-Graduação

Disciplinas ministradas  
Tópicos Especiais em Arquitetura e  
Urbanismo

**8/2018 - 12/2018**

Ensino, Design, Nível: Graduação

Disciplinas ministradas  
Oficina de Modelos II

**8/2018 - 12/2018**

Ensino, Design, Nível: Graduação

Disciplinas ministradas  
Introdução ao Trabalho de Conclusão de  
Curso

**2/2018 - 6/2018**

Ensino, Mestrado em Arquitetura e Urbanismo: Projeto, Espaço e Cultura, Nível: Pós-Graduação

Disciplinas ministradas  
Estágio de Docência na Graduação

**2/2018 - 6/2018**

Ensino, Design, Nível: Graduação

Disciplinas ministradas  
Atividade Orientada 2

**7/2017 - 6/2018**

Direção e administração, Univ Federal de Uberlândia - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Design.

Cargo ou função  
Coordenador do Laboratório de Modelos e Protótipos da FAUED.

**01/2017 - 1/2018**

Direção e administração, Univ Federal de Uberlândia - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Design.

Cargo ou função  
Coordenador do Laboratório de Modelos e Protótipos - LAMOP FAUeD UFU.

**08/2017 -  
12/2017**

Ensino, Design, Nível: Graduação

Disciplinas ministradas  
FAUED32006 - Oficina de Modelos II

**08/2017 -  
12/2017**

Ensino, Mestrado em Arquitetura e Urbanismo: Projeto, Espaço e Cultura, Nível: Pós-Graduação

Disciplinas ministradas  
PPGAU02 - Planejamento e Projeto do Espaço Construído

**8/2017 - 12/2017**

Ensino, Mestrado em Arquitetura e  
Urbanismo: Projeto, Espaço e Cultura,  
Nível: Pós-Graduação

Disciplinas ministradas  
Planejamento e Projeto do Espaço  
Construído

**8/2017 - 12/2017**

Ensino, Design, Nível: Graduação

Disciplinas ministradas  
Oficina de Modelos II

**8/2017 - 12/2017**

Ensino, Design, Nível: Graduação

Disciplinas ministradas  
Projeto II

**8/2017 - 12/2017**

Ensino, Design, Nível: Graduação

Disciplinas ministradas  
Oficina de Modelos II

**8/2017 - 12/2017**

Ensino, Design, Nível: Graduação

Disciplinas ministradas  
Atividade orientada 1

**04/2017 -  
08/2017**

Ensino, Design, Nível: Graduação

Disciplinas ministradas  
FAUED33001 - Projeto III

**04/2017 -  
08/2017**

Ensino, Design, Nível: Graduação

Disciplinas ministradas  
FAUED31006 - Oficina de Modelos I -  
Turma A1 e Turma B1

**02/2016 -  
11/2016**

Ensino, Design, Nível: Graduação

Disciplinas ministradas  
GDE028 - Modelos e Protótipos - Turma A  
e Turma B

**02/2016 -  
11/2016**

Ensino, Design, Nível: Graduação

Disciplinas ministradas  
GDE030 - Design do Mobiliário 2

**02/2015 -  
11/2015**

Ensino, Design, Nível: Graduação

Disciplinas ministradas  
GDE028 - Modelos e Protótipos - Turma A  
e Turma B

**7/2013 - 6/2015**

Direção e administração, Univ Federal de  
Uberlândia - Faculdade de Arquitetura e  
Urbanismo e Design.

Cargo ou função  
Coordenador do Laboratório de Modelos e  
Protótipos (LAMOP) da FAUeD UFU.

**4/2014 - 2/2015**

Ensino, Design, Nível: Graduação

Disciplinas ministradas  
GDE 028 - Modelos e Protótipos - Turma A  
GDE 028 - Modelos e Protótipos - Turma B  
GDE 030 - Design do Mobiliário 2 - Turma  
D1

**10/2013 - 3/2014**

Ensino, Design, Nível: Graduação

Disciplinas ministradas  
GDE 028 - Modelos e Protótipos - Turma C

**10/2013 - 3/2014**

Ensino, Design, Nível: Graduação

Disciplinas ministradas  
GDE 028 - Modelos e Protótipos - Turma B  
GDE 030 - Design do Mobiliário 2 - Turma  
D1  
GDE 063 - Croquis como forma de  
Expressão - Turma D2

**02/2013 -  
11/2013**

Ensino, Design, Nível: Graduação

Disciplinas ministradas  
GDE028;Modelos e Protótipos

**05/2012 -  
05/2013**

Direção e administração, Univ Federal de  
Uberlândia - Faculdade de Arquitetura e  
Urbanismo e Design.

Cargo ou função  
Coordenador do Laboratório de Modelos e  
Protótipos.

**11/2012 -  
04/2013**

Ensino, Arquitetura e Urbanismo, Nível:  
Graduação

Disciplinas ministradas  
GAU049 - Ateliê de Projeto Integrado VI

**03/2012 -  
12/2012**

Ensino, Design, Nível: Graduação

Disciplinas ministradas  
GDE022;Design do Mobiliário 1

**2/2011 - 12/2012**

Ensino, Design, Nível: Graduação

Disciplinas ministradas  
Projeto II

**04/2012 -  
07/2012**

Ensino, Design, Nível: Graduação

Disciplinas ministradas  
GDE038&#09;Introdução ao Trabalho de  
Conclusão de Curso

**04/2012 -  
07/2012**

Ensino, Design, Nível: Graduação

Disciplinas ministradas  
GDE039&#09;Trabalho de Conclusão de  
Curso

**02/2012 -  
07/2012**

Ensino, Arquitetura e Urbanismo, Nível:  
Graduação

Disciplinas ministradas  
GAU021&#09;Ateliê de Projeto Integrado  
III

Universidade Federal de Uberlândia / teste, UFU / FAURB, Brasil.

**Vínculo institucional**

**2012 - 2014**

Vínculo: Servidor público, Enquadramento  
Funcional: Professor Adjunto 2, Carga  
horária: 40, Regime: Dedicção exclusiva.

**Vínculo institucional**

**2009 - 2012**

Vínculo: , Enquadramento Funcional:  
Professor Adjunto 1, Carga horária: 40,  
Regime: Dedicção exclusiva.

**Vínculo institucional**

**2004 - 2009**

Vínculo: Servidor público, Enquadramento  
Funcional: Professor Efetivo Assitente 1,  
Carga horária: 40, Regime: Dedicção  
exclusiva.

**Vínculo institucional**

## **2001 - 2003**

Vínculo: Professor, Enquadramento  
Funcional: Professor Substituto, Carga  
horária: 40, Regime: Dedicção exclusiva.

### **Atividades**

## **06/2011 - Atual**

Conselhos, Comissões e Consultoria,  
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e  
Design - Univ. Federal de Uberlândia.

Cargo ou função  
Membro do Colegiado do Curso de Design  
de Interiores da FAUeD UFU.

## **11/2010 - Atual**

Conselhos, Comissões e Consultoria,  
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e  
Design - Univ. Federal de Uberlândia.

Cargo ou função  
Núcleo Docente Estruturante - NDE do  
Curso de Design de Interiores.

## **10/2004 - Atual**

Conselhos, Comissões e Consultoria,  
Universidade Federal de Uberlândia /  
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo.

Cargo ou função  
Membro da Comissão de Reformulação do  
Projeto Pedagógico do Curso de  
Decoração da Universidade Federal de  
Uberlândia.

## **03/2004 - Atual**

Conselhos, Comissões e Consultoria,  
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e  
Design - Univ. Federal de Uberlândia.

Cargo ou função  
Membro do ConFAUeD - Conselho da  
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e  
Design.

## **11/2010 - 4/2025**

Conselhos, Comissões e Consultoria,  
Universidade Federal de Uberlândia /

Cargo ou função

Comissão: Núcleo Docente Estruturante (NDE) do Curso de Design de Interiores da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Design da Universidade Federal de Uberlândia.

**08/2010 -  
12/2010**

Ensino, Design de Interiores, Nível:  
Graduação

Disciplinas ministradas

Ateliê de Design de Interiores: História  
Design de Mobiliário 1  
Design de Mobiliário 2

**03/2010 -  
07/2010**

Ensino, Design de Interiores, Nível:  
Graduação

Disciplinas ministradas

Design de Mobiliário 2  
Design de Mobiliário 1

**03/2010 -  
07/2010**

Ensino, Arquitetura e Urbanismo, Nível:  
Graduação

Disciplinas ministradas

Ateliê de Projeto Integrado: Habitação  
Flexível

**08/2009 -  
01/2010**

Ensino, Design de Interiores, Nível:  
Graduação

Disciplinas ministradas

Ateliê de Design de Interiores - Plástica

**08/2009 -  
01/2010**

Ensino, Arquitetura e Urbanismo, Nível:  
Graduação

Disciplinas ministradas  
Ateliê de Projeto Integrado: Estudos  
Sócio-Econômicos Aplicados à Arquitetura  
e ao Urbanismo

**10/2006 -  
10/2008**

Conselhos, Comissões e Consultoria,  
Universidade Federal de Uberlândia /  
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo.

Cargo ou função  
Membro do Colegiado do Curso de  
Graduação em Design de Interiores.

**1/2007 - 7/2007**

Direção e administração, Faculdade de  
Arquitetura e Urbanismo e Design - Univ.  
Federal de Uberlândia.

Cargo ou função  
Coordenador do curso de Design de  
Interiores.

**11/2006 -  
01/2007**

Conselhos, Comissões e Consultoria,  
Universidade Federal de Uberlândia /  
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo.

Cargo ou função  
Comissão de elaboração do Projeto  
Pedagógico do Curso de Graduação em  
Design de Interiores.

**9/2006 - 1/2007**

Direção e administração, Universidade  
Federal de Uberlândia / Faculdade de  
Arquitetura e Urbanismo.

Cargo ou função  
Coordenador do curso de Decoração.

**10/2004 -  
10/2006**

Conselhos, Comissões e Consultoria,  
Universidade Federal de Uberlândia /  
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo.

Cargo ou função  
Membro do Colegiado do Curso de  
Decoração da Universidade Federal de  
Uberlândia.

**03/2005 -  
07/2006**

Ensino, Arquitetura e Urbanismo, Nível:  
Graduação

Disciplinas ministradas  
APT80 - Atelier de Projeto Integrado -  
Introdução ao trabalho Final de  
Graduação

**08/2005 -  
04/2006**

Ensino, Arquitetura e Urbanismo, Nível:  
Graduação

Disciplinas ministradas  
DDA19 - Projeto do Mobiliário 2

**08/2005 -  
04/2006**

Ensino, Arquitetura e Urbanismo, Nível:  
Graduação

Disciplinas ministradas  
APT59 - Atelier de Projeto Integrado -  
Introdução à Prática Projetual

**08/2005 -  
04/2006**

Ensino, Arquitetura e Urbanismo, Nível:  
Graduação

Disciplinas ministradas  
APT81 - Atelier de Projeto Integrado -  
Trabalho Final de Graduação

**03/2005 -  
07/2005**

Ensino, Decoração, Nível: Graduação

Disciplinas ministradas  
ARP87 - Atelier de Composição de  
Interiores - Decoração e Design  
DDA19 - Projeto do Mobiliário 2

**08/2004 -  
12/2004**

Ensino, Arquitetura e Urbanismo, Nível:  
Graduação

Disciplinas ministradas  
APT59 - Atelier de Projeto Integrado:  
Introdução à Prática Projetual

**08/2004 -  
12/2004**

Ensino, Decoração, Nível: Graduação

Disciplinas ministradas  
ARP87 - Atelier de Composição de  
Interiores: Decoração e Design

**06/2003 -  
09/2003**

Ensino, Arquitetura e Urbanismo, Nível:  
Graduação

Disciplinas ministradas  
Atelier de Projeto Integrado 8: Introdução  
ao Trabalho Final de Graduação  
Desenho Arquitetônico e Perspectiva  
Teoria e História da Arquitetura e das  
Artes 2

**06/2003 -  
09/2003**

Ensino, Decoração, Nível: Graduação

Disciplinas ministradas  
Atelier de Composição de Interiores:  
Decoração e História  
Teoria e História da Arquitetura e das  
Artes 2

**12/2001 -  
08/2003**

Direção e administração, Universidade  
Federal de Uberlândia / Faculdade de  
Arquitetura e Urbanismo.

Cargo ou função  
Coordenador do Centro de Documentação  
e Banco de Dados da FAURB.

**04/2003 -  
07/2003**

Ensino, Arquitetura e Urbanismo, Nível:  
Graduação

Disciplinas ministradas  
Atelier de Projeto Integrado: Arquitetura e  
Artes  
Atelier de Projeto Integrado 8: Introdução  
ao Trabalho Final de Graduação  
Desenho Arquitetônico e Perspectiva  
Teoria e História da Arquitetura e das  
Artes 2

**04/2003 -  
07/2003**

Ensino, Decoração, Nível: Graduação

Disciplinas ministradas  
Teoria e História da Arquitetura e das  
Artes 2

**11/2002 -  
03/2003**

Ensino, Arquitetura e Urbanismo, Nível:  
Graduação

Disciplinas ministradas  
Atelier de Projeto Integrado: Trabalho  
Final de Graduação  
Atelier de Projeto Integrado: Arquitetura e  
Paisagismo  
Teoria e História da Arquitetura e das  
Artes 2

**11/2002 -  
03/2003**

Ensino, Decoração, Nível: Graduação

Disciplinas ministradas  
Atelier de Composição de Interiores:  
Decoração e Psicologia  
Teoria e História da Arquitetura e das  
Artes 2

**01/2002 -  
04/2002**

Ensino, Arquitetura e Urbanismo, Nível:  
Graduação

Disciplinas ministradas  
Atelier de Projeto Integrado: Introdução à  
Prática Projetual  
Teoria e História da Arquitetura e das  
Artes 2

**01/2002 -  
04/2002**

Ensino, Decoração, Nível: Graduação

Disciplinas ministradas  
Atelier de Composição de Interiores:  
Decoração e Psicologia  
Teoria e História da Arquitetura e das  
Artes 2

## Projetos de pesquisa

---

### **2007 - 2009**

Projeto de Pesquisa Ensino de Design na  
FAUUSP

Situação: Concluído; Natureza: Pesquisa.

Integrantes: Juliano Aparecido Pereira -  
Coordenador.

## Projetos de extensão

---

### **2025 - 2025**

Projeto e produção de mobiliário  
expositivo para o Museu dos Povos  
Indígenas UFU

Situação: Concluído; Natureza: Extensão.

Integrantes: Juliano Aparecido Pereira -  
Coordenador.

### **2024 - 2025**

Disciplina optativa Design e Artesanato

Situação: Concluído; Natureza: Extensão.

Integrantes: Juliano Aparecido Pereira -  
Coordenador.

### **2022 - 2022**

Exposição Construção de Práticas  
Colaborativas entre Design e Artesanato

Situação: Concluído; Natureza: Extensão.

Integrantes: Juliano Aparecido Pereira -  
Coordenador.

### **2022 - 2022**

## Construção de práticas colaborativas entre Design e Artesanato

Situação: Concluído; Natureza: Extensão.

Integrantes: Juliano Aparecido Pereira - Coordenador.

### **2014 - 2014**

Design do Mobiliário da Biblioteca do Campus Santa Mônica

Situação: Concluído; Natureza: Extensão.

Integrantes: Juliano Aparecido Pereira - Coordenador.

## Revisor de projeto de fomento

---

### **2011 - Atual**

Agência de fomento: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo

## Áreas de atuação

---

**1.**

Grande área: Ciências Sociais Aplicadas / Área: Arquitetura e Urbanismo.

**2.**

Grande área: Ciências Sociais Aplicadas / Área: Arquitetura e Urbanismo / Subárea: Projeto de Arquitetura e Urbanismo/Especialidade: Planejamento e Projetos da Edificação.

**3.**

Grande área: Ciências Sociais Aplicadas / Área: Arquitetura e Urbanismo / Subárea: Projeto de Arquitetura e Urbanismo/Especialidade: Planejamento e Projeto do Equipamento.

**4.**

Grande área: Ciências Sociais Aplicadas / Área: Arquitetura e Urbanismo / Subárea: Plástica.

**5.**

Grande área: Ciências Sociais Aplicadas / Área: Desenho Industrial / Subárea: Desenho de Produto.

6.

Grande área: Ciências Sociais Aplicadas /  
Área: Desenho Industrial.

## Idiomas

---

### **Inglês**

Compreende Razoavelmente, Fala Pouco,  
Lê Bem, Escreve Pouco.

### **Italiano**

Compreende Bem, Fala Pouco, Lê Bem,  
Escreve Razoavelmente.

### **Espanhol**

Compreende Bem, Fala Pouco, Lê Bem,  
Escreve Pouco.

## Prêmios e títulos

---

### **2016**

Professor orientador da Estudante Yasmin Carolini Thomeo. BANCO TRE - MODALIDADE ESTUDANTE, CATEGORIA MÓVEIS PARA DORMITÓRIO., Salão Design 2016 (20 Edição). Bento Gonçalves (RS).

### **2016**

Professor orientador do Estudante Danilo Faria. BANCO TIPI MODALIDADE ESTUDANTE CATEGORIA MÓVEIS PARA SALA DE ESTAR E JANTAR, Salão Design 2016 (20 Edição). Bento Gonçalves (RS).

### **2016**

Professor orientador do Estudante Danilo Faria. MAGAIVER MODALIDADE ESTUDANTE CATEGORIA ACESSÓRIOS DOMÉSTICOS., Salão Design 2016 (20 Edição). Bento Gonçalves (RS).

### **2016**

Prêmio Professor Orientador - Mesa Panapaná, Salão Design 2016 (20 Edição). Bento Gonçalves (RS).

### **2016**

Professor orientador do Estudante Danilo Faria. BANCO TIPI MODALIDADE ESTUDANTE CATEGORIA MÓVEIS PARA SALA DE ESTAR E JANTAROSTRA - SUPORTE DE BICICLETA MODALIDADE ESTUDANTE - ACESSÓRIOS

**2014**

Finalista do Prêmio Tok Stok de Design Universitário (Professor orientador do projeto, Empresa Tok Stok.

**2012**

Série Monografias, volume 1, número 1 (orientador de Trabalho de Conclusão de Curso), Universidade Federal de Uberlândia, Pró-Reitoria de Graduação.

**2010**

24 Prêmio Design do Museu da Casa Brasileira - Categoria Trabalhos Escritos não Publicados com a tese de Doutorado "Desenho Industrial e Arquitetura no Ensino da FAU USP (1948-1968)" (Segundo Lugar), Museu da Casa Brasileira.

**2009**

4o. Prêmio Milton Santos - Menção Honrosa na Categoria Livro: Lina Bo Bardi - Bahia, 1958-1964, Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional - ANPUR.

**2009**

Prêmio Rubem Cione de História, Ciência, Literatura e Cultura - Categoria Cultura, com o livro: Lina Bo Bardi - Bahia, 1958-1964, IX Feira Nacional do Livro de Ribeirão Preto / I Simpósio Ciência, Literatura e Cultura..

**2009**

23 Prêmio Design Museu da Casa Brasileira - Categoria Trabalhos Escritos Publicados com o livro: "Lina Bo Bardi - Bahia, 1958-1964" (Segundo Lugar), Museu da Casa Brasileira.

**1996**

Visualidade Nascente, Pró-reitoria de Cultura e Extensão da Universidade de São Paulo.

## Produções

---

Produção bibliográfica

**Artigos completos publicados em periódicos**

Ordenar por

Ordem Cronológica



1.

THOMEIO, Y. C. ; MENDONCA, R. N. ; PANTALEAO, L. F. ; **PEREIRA, J. A.** . Design de mobiliário brasileiro, moderno e contemporâneo: um diálogo formal. Revista de Design, Tecnologia e Sociedade, v. 6, p. 57-77, 2019.

2.

**PEREIRA, J. A.**; GARCEZ, L. V. M. ; RIBEIRO, P. P. A. . Da Teoria à Prática dos Escritórios: aproximações e singularidades projetuais em arquitetura e design.. Revista PROJETA - Projeto e Percepção do Ambiente, v. 2, p. 93-107, 2017.

3.

**PEREIRA, J. A.**. The studio in the School of Architecture and Urban Design of the University of São Paulo: the 1962 reform and its contemporary issues.. [https://dx.doi.org/10.14195/1647-8681\\_4\\_36](https://dx.doi.org/10.14195/1647-8681_4_36), v. 04, p. 213-215, 2013.

4.

✚ **PEREIRA, J. A.**; **ANELLI, R. L. S.** . Uma Escola de Design Industrial referenciada no lastro do pré-artesanato: Lina Bo Bardi e o Museu do Solar do Unhão na Bahia. Revista Design em Foco (Salvador), Salvador/BA, v. II, p. 17-27, 2005.

## Livros publicados/organizados ou edições

1.

**PEREIRA, J. A.**; BRAGA, J. C. ; SILVA, F. M. ; PASCHOARELLI, L. C. . Handbook of Design and Industry. 1. ed. Boca Raton: CRC Press, 2026. 13p .

2.

**PEREIRA, J. A.**; SOUZA, A. T. ; BIEGER, I. . Textiles, Identity and Innovation: In Touch. 1. ed. London: Taylor & Francis, 2020. v. 1.

3.

## Capítulos de livros publicados

1.

**PEREIRA, J. A.**; **ANELLI, R. L. S.** . Bahia no Ibirapuera (1959) e Civilização Nordeste (1963): Duas mostras de cultura popular e a indicação de valores para a cultura moderna. In: Fernando Diniz Moreira. (Org.). Arquitetura moderna no Norte e Nordeste do Brasil: universalidade e diversidade. 1ed. Recife: FASA, 2007, v. 1, p. 321-336.

2.

**PEREIRA, J. A.**; **BRAGA, J. C.** ; **SILVA, F. M.** ; **PASCHOARELLI, L. C.** . Micro and small furniture industry in emerging economies: development of strategies for sustainable design product. In: Maria João Felix, Rita Assoreira Almendra, Fernando Moreira da Silva, Fátima Pombo, Paulo Jorge de Souza Cruz. (Org.). Handbook of design for the industry. 1ed. Boca Raton: CRC Press, 2006, v. , p. 391-404.

## Trabalhos completos publicados em anais de congressos

1.

**PEREIRA, J. A.**; **BRAGA, J. C.** ; **SILVA, F. M.** . Sustainable product development strategies: an alternative for the micro and small furniture industry in emerging economies. In: 1st International Conference on Design & Industry, 2025, Aveiro. Design Commit - 1st International Conference on Design & Industry 2024: Book and Proceedings. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2024. p. 816.

2.

**FONTES, MATEUS FINOTTI** ; **PEREIRA, JULIANO APARECIDO** . Design do mobiliário urbano na cidade de Uberlândia (MG): Estudo de caso e diretrizes para projeto e gestão. In: 13º Congresso Pesquisa e Desenvolvimento em Design, 2019, Joinville. Blucher Design Proceedings. São Paulo: Editora Blucher, 2018. p. 2791.

3.

**MENDONÇA, A. S.** ; **PEREIRA, JULIANO APARECIDO** ; **NUNES, V. G. A.** . Shopping Centers: Análise das práticas de sustentabilidade aliadas ao bem estar dos usuários.. In: VII ENSUS ? Encontro de Sustentabilidade em Projeto, 2019, Florianópolis. VII ENSUS ? Encontro de Sustentabilidade em Projeto, 2019. v. 1. p. 398-409.

4.

THOMEO, Y. C. ; **PEREIRA, J. A.** ; PANTALEAO, L. F. . GERALDO DE BARROS E A UNILABOR: Um estudo sobre a inovação sociotécnica moveleira no Brasil dos anos 1950. In: VII ENSUS ? Encontro de Sustentabilidade em Projeto, 2019, Florianópolis. VII ENSUS ? Encontro de Sustentabilidade em Projeto, 2019. v. 7. p. 392-401.

5.

**PEREIRA, J. A.**; DIAS, R. C. S. ; SOUZA, A. T. . Economia criativa, inovação social e sustentabilidade: aproximações em relação ao Aldeia Materna de Uberlândia-MG. In: VII ENSUS ? Encontro de Sustentabilidade em Projeto, 2019. VII ENSUS ? Encontro de Sustentabilidade em Projeto. Florianópolis. v. 1. p. 564-579.

6.

**PEREIRA, J. A.**; FONTES, M. F. . Design do mobiliário urbano na cidade de Uberlândia (MG): Estudo de caso e diretrizes para projeto e gestão. In: 13º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design, 2018, Joinville (SC). Anais do 13º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design. Joinville (SC), 2018. v. 1. p. 1-12.

7.

**PEREIRA, J. A.**; SOUZA, A. T. . Pensar a forma no mundo do design: ensino, repertório e experimentação. In: 1o UD!SIGN | I Simpósio de Design do Triângulo Mineiro, 2018, Uberlândia. Anais do 1o UD!SIGN | I Simpósio de Design do Triângulo Mineiro, 2018. v. 1. p. 1-5.

8.

**PEREIRA, J. A.**; FONTES, M. F. . LINHA XISMONTA E O CONCURSO BIM.BON: APRESENTAÇÃO DE UM PROCESSO CRIATIVO NO DESIGN DE PRODUTO. In: 1o UD!SIGN | I Simpósio de Design do Triângulo Mineiro, 2018, Uberlândia. Anais do 1o UD!SIGN | I Simpósio de Design do Triângulo Mineiro, 2018. v. 1. p. 1-5.

9.

GARCEZ, LETÍCIA VASCONCELOS MORAIS ; RIBEIRO, PATRÍCIA PIMENTA AZEVEDO ; **PEREIRA, JULIANO APARECIDO** . A IMPORTÂNCIA DO USUÁRIO NA METODOLOGIA DE PROJETO EM DESIGN. In: 12º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design, 2016, Belo Horizonte. Blucher Design Proceedings. São Paulo: Blucher, 2016. p. 1465-1476.

10.

COCOZZA, G. P. ; **PEREIRA, J. A.** ; OLIVEIRA, M. N. . Processos Participativos na Construção da Paisagem. Uma experiência metodológica na FAUeD-UFU. In: 13º Encontro Nacional de Ensino de Paisagismo em Escolas de Arquitetura e Urbanismo no Brasil ? 13º ENEPEA, 2016, Salvador - BA. XIII Encontro Nacional de Ensino de Paisagismo em Escolas de Arquitetura | ENEPEA: paisagismo necessário | verde social. Salvador - BA: FAUFBA, 2016. p. 475-489.

11.

**PEREIRA, J. A.**; REZENDE, S. . Entre a ideia e a sua representação: O uso de modelos estruturais no ensino de Design. In: 3 Colóquio de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo e Design. Brasil Portugal: UFU e UL Lisboa, 2015, Lisboa. Anais do 3 Colóquio de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo e Design. Brasil Portugal: UFU e UL Lisboa. Lisboa: Universidade de Lisboa (Portugal), 2015. p. 133-143.

12.

**PEREIRA, J. A.**; RIBEIRO, P. P. A. . Para pensar o projeto do objeto: ideias no papel e de papel. In: 2º Seminário Internacional ?REPRESENTAR BRASIL 2013: As Representações na Arquitetura, Urbanismo e Design?, 2013, São Paulo. Anais do 2º Seminário Internacional ?REPRESENTAR BRASIL 2013: As Representações na Arquitetura, Urbanismo e Design?. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2013. p. 800-813.

13.

**PEREIRA, J. A.**. O ensino de desenho industrial na FAU USP a partir de sua reforma pedagógica em 1962.. In: 1º Colóquio Nacional de Design: design, consumo e cidadania: um diálogo possível?, 2011, Belo Horizonte. 1º Colóquio Nacional de Design: design, consumo e cidadania: um diálogo possível?. Belo Horizonte, 2011.

14.

🏠 **PEREIRA, J. A.**; **ANELLI, R. L. S.** . A Didática dos Museus de Lina Bo Bardi na Bahia e os Conteúdos da Modernidade e da Identidade Local (1960-1964). In: 5o. Seminário DOCOMOMO Brasil, 2003, São Carlos/SP. DOCOMOMO-SP, 2003.

15.

**PEREIRA, J. A.**. A proposta de Lina Bo Bardi para um museu de arte popular no Solar do Unhão: do pré-artesanato à constituição d euma indústria moderna. In: 1o. Simpósio de História e Cultura: Política, Estética e Alteridade, 2002, Uberlândia / MG. 1o. Simpósio de História e Cultura: Política, Estética e Alteridade, 2002.

## 16.

★ **PEREIRA, J. A.**; **ANELLI, R. L. S.** ; LUCCHINO, M. . Os Museus de Lina Bo e PM Bardi. In: DOCOMOMO - SP, 1998, São José dos Campos/SP. DOCOMOMO - SP / I Seminário Grupo de Trabalho Vale do Paraíba, 1998.

### Resumos expandidos publicados em anais de congressos

#### 1.

FONTES, M. F. ; **PEREIRA, J. A.** . LINHA XISMONTA E O CONCURSO BIM.BON: APRESENTAÇÃO DE UM PROCESSO CRIATIVO NO DESIGN DE PRODUTO. In: 1º UD!Sign - Simpósio de Design do Triângulo Mineiro, 2019, Uberlândia. Anais do 1º UD!sign: Simpósio de design do Triângulo Mineiro. Uberlândia: Even3, 2018.

### Resumos publicados em anais de congressos

#### 1.

★ **PEREIRA, J. A.**. The Studio in the School of Architecture and Urban Design of the University of Sao Paulo: the 1962 Reform and its contemporary issues. In: Ensinar pelo Projeto: Colóquio Internacional sobre o ensino de Projeto de Arquitetura / International Colloquium on Design Studio Education 'Teching Through Design', 2012, Coimbra. Ensinar pelo Projeto: Colóquio Internacional sobre o ensino de Projeto de Arquitetura / International Colloquium on Design Studio Education. Coimbra (Portugal): Departamento de Arquitetura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, 2012. p. 60-60.

#### 2.

**PEREIRA, J. A.**; **ANELLI, R. L. S.** . A Ação Cultural de Lina Bo Bardi na Bahia. In: 6o. SICUSP: Simpósio de Iniciação Científica da USP / Ciências Humanas e Humanidades, 1998, São Paulo/SP. 6o. SICUSP: Simpósio de Iniciação Científica da USP / Ciências Humanas e Humanidades, 1998. v. 1. p. 302-302.

#### 3.

**PEREIRA, J. A.**; LUCCHINO, M. ; **ANELLI, R. L. S.** . Arquitetura Italiana em São Paulo: G. Warchavichik, Rino Levi, Lina Bo Bardi, Giancarlo Pajanti e Daniele Calabi. In: 5o. SICUSP: Simpósio de Iniciação Científica da USP, 1997, São Paulo/SP. 5o. SICUSP: Simpósio de Iniciação Científica da USP, 1997. v. 1. p. 283-283.

4.

**PEREIRA, J. A.**; ARAUJO, C. G. ; PARTEZANI, G. R. ; RUIVO, M. P. ; LUCCHINO, M. ; CHERIATO, S. M. ; MARTINS, C. A. F. ; ANDRADE, C. R. M. ; **ANELLI, R. L. S.** . Constituição da Arquitetura Moderna em São Paulo: 1930-1970. In: 5o. SICUSP: Simpósio de Iniciação Científica da USP, 1997, São Paulo/SP. 5o. SICUSP: Simpósio de Iniciação Científica da USP, 1997. v. 1. p. 283-283.

5.

**PEREIRA, J. A.**; TRAMONTANO, M. . Modelo de construção em madeira para habitação de baixos custos: uma parceria entre as unidades EESC e ESALQ da USP. In: 4o. SICUSP: Simpósio de Iniciação Científica da USP / XV CICte, 1996, São Carlos/SP. 4o. SICUSP: Simpósio de Iniciação Científica da USP / XV CICte, 1996.

## **Apresentações de Trabalho**

1.

**PEREIRA, J. A.**; SOUZA, A. T. . Pensar a forma no mundo do design: ensino, repertório e experimentação. 2018. (Apresentação de Trabalho/Simpósio).

2.

**PEREIRA, J. A.**; FONTES, M. F. . LINHA XISMONTA E O CONCURSO BIM.BON: APRESENTAÇÃO DE UM PROCESSO CRIATIVO NO DESIGN DE PRODUTO. 2018. (Apresentação de Trabalho/Simpósio).

3.

GARCEZ, L. V. M. ; RIBEIRO, P. P. A. ; **PEREIRA, J. A.** . Correspondências entre a Teoria e a Prática em dois Escritórios de Projeto: arquitetura e design. 2017. (Apresentação de Trabalho/Congresso).

4.

MOTA JUNIOR, P. S. B. ; CAPPELLO, M. B. C. ; **PEREIRA, J. A.** ; ANDRADE, M. . ARQUITETURA PARA ALÉM DO AMANHÃ. 2017. (Apresentação de Trabalho/Seminário).

5.

FONTES, M. F. ; **PEREIRA, JULIANO APARECIDO** ; PANTALÉAO, L. F. ; SILVA, M. L. F. ; LAURENTIZ, L. C. . MOBILIÁRIO NA PERCEPÇÃO DO ESPAÇO URBANO: ESTUDO

**6.**

MOTA, C. H. N. ; LAURENTIZ, L. C. ; BARBOSA, L. S. P. ;  
**PEREIRA, JULIANO APARECIDO** ; CANAS, A. T. .  
SOCIABILIDADES LGBT NO ESPAÇO PÚBLICO CENTRAL DE  
UBERLÂNDIA, MG. 2017. (Apresentação de  
Trabalho/Seminário).

**7.**

GARCEZ, L. V. M. ; **PEREIRA, J. A.** ; RIBEIRO, P. P. A. . A  
importância do Usuário na Metodologia de Processo em  
Design. 2016. (Apresentação de Trabalho/Congresso).

**8.**

**PEREIRA, J. A.**. Lina Bo Bardi: Bahia (1958-1964). 2015.  
(Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).

**9.**

**PEREIRA, J. A.**; RIBEIRO, P. P. A. . Para pensar o projeto do  
objeto: ideias no papel e de papel.. 2013. (Apresentação de  
Trabalho/Outra).

**10.**

SOUZA, A. T. ; **PEREIRA, J. A.** ; Juliana Cardoso ; MACHADO  
JUNIOR, J. H. C. ; RIBEIRO, P. P. A. ; VILLA, S. B. .  
Apresentação das Atividades desenvolvidas pelo NDE e  
Colegiado do Curso de Design para a sua Reformulação. 2012.  
(Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).

**11.**

**PEREIRA, J. A.**; FERRAZ, M. ; LIMA, Z. ; GRINOVER, M. .  
Mesa Redonda: A obra escrita de Lina Bo Bardi. 2009.  
(Apresentação de Trabalho/Seminário).

### **Outras produções bibliográficas**

**1.**

REZENDE, M. C. A. ; **PEREIRA, J. A.** . Biblioteca Pública  
Municipal de Uberlândia. Uberlândia: Universidade Federal de  
Uberlândia, 2012 (Série Monografias - Prograd UFU).

## Assessoria e consultoria

1.

**PEREIRA, J. A.** Acessor ad hoc com emissão de parecer sobre projeto de pesquisa apresentado á FAPESP. 2016.

2.

**PEREIRA, J. A.** Acessor ad hoc com emissão de parecer sobre projeto de pesquisa apresentado á FAPESP. 2015.

3.

**PEREIRA, J. A.** Avaliador ad hoc Edital 04/2015 - Bolsas de Iniciação Científica PIBIC/FAPEMIG/UFU. 2015.

4.

**PEREIRA, J. A.** Avaliador ad hoc Edital 04/2015 - Bolsas de Iniciação Científica PIBIC/FAPEMIG/UFU. 2015.

5.

**PEREIRA, J. A.** Avaliador ad hoc Edital 04/2015 - Bolsas de Iniciação Científica PIBIC/FAPEMIG/UFU. 2015.

6.

**PEREIRA, J. A.** Avaliador ad hoc Edital 04/2015 - Bolsas de Iniciação Científica PIBIC/FAPEMIG/UFU. 2015.

7.

**PEREIRA, J. A.** Consultor Ad Hoc do projeto de código 2014PBG000917, do EDITAL 01/2014 PROGRAD/DIREN / III - Subprograma Aprimoramento Discente. 2014.

8.

**PEREIRA, J. A.** Acessor ad hoc com emissão de parecer sobre projeto de pesquisa apresentado á FAPESP. 2014.

**9.**

**PEREIRA, J. A..** Parecer ad hoc à órgão de fomento à pesquisa: FAPESP. 2013.

### **Trabalhos técnicos**

**1.**

**PEREIRA, J. A..** Membro da Comissão Institucional de Ocupação de Espaço Físico. 2025.

**2.**

**PEREIRA, J. A.;** Vilela Junior, A. J. ; Freire, R. A. . Participação na comissão julgadora do edital PROGEP 167/2022. 2023.

**3.**

**PEREIRA, J. A..** Revisor de resumos expandidos para o 1º Simpósio de Design do Triângulo Mineiro. 2018.

### **Entrevistas, mesas redondas, programas e comentários na mídia**

**1.**

**PEREIRA, J. A..** Palestra 'Construção de práticas colaborativas entre Design e artesanato em Uberlândia - MG'. 2023. (Programa de rádio ou TV/Outra).

**2.**

**PEREIRA, J. A..** Diálogos entre design e artesanato. 2023. (Programa de rádio ou TV/Mesa redonda).

**3.**

**PEREIRA, J. A.;** RIBEIRO, P. P. A. ; VILELA, A. B. C. . Concurso de Design - Entrevista TV Universitária UFU (<https://www.rtu.ufu.br/>). 2014. (Programa de rádio ou TV/Entrevista). 📺

**4.**

**PEREIRA, J. A.;** RUBINO, S. . Uma noite para Lina Bo Bardi. 2009. (Programa de rádio ou TV/Entrevista). 

## **Demais tipos de produção técnica**

### **Produção artística/cultural**

#### **Outras produções artísticas/culturais**

**1.**

**PEREIRA, J. A..** Projeto Arquitetônico - Residência Unifamiliar Jorge Aparecido Pereira. 2016 (Projeto Arquitetônico).

**2.**

**PEREIRA, J. A..** 1 Design Projeta. 2015 (Mostra de Design).

**3.**

**PEREIRA, J. A..** Banqueta 90-45. 2014 (Participação em Mostra de Design).

**4.**

**PEREIRA, J. A..** 24 Prêmio Design MCB. 2010 (Exposição de Design).

**5.**

**PEREIRA, J. A..** 23 Prêmio Design MCB. 2009 (Exposição de Design).

**6.**

**PEREIRA, J. A..** Residência Sra. Patricia Rizzoto. 2005 (Projeto de Arquitetura).

**7.**

**PEREIRA, J. A..** Cozinha 1,99. 2002 (Projeto de Arquitetura).

**8.**

**PEREIRA, J. A.;** ANGELINI, R. . Escritório-Sede da Empresa de Mineração Darcy Ltda.. 2001 (Projeto de Arquitetura).

**9.**

**PEREIRA, J. A.;** ANGELINI, R. . Residência Unifamiliar Sr. Ubaiara. 2001 (Projeto de Arquitetura).

**10.**

**PEREIRA, J. A.;** ANGELINI, R. . Residência Unifamiliar Regina Angelini. 2001 (Projeto de Arquitetura).

**11.**

**PEREIRA, J. A..** Reforma e Ampliação da Residência Unifamiliar Sr. Benedito Carlos Pereira. 1999 (Projeto de Arquitetura).

**12.**

**PEREIRA, J. A..** Residência Unifamiliar Sra. Iara Pereira. 1998 (Projeto de Arquitetura).

## Patentes e registros

---

### Desenho industrial

**1.**

**PEREIRA, J. A..** CONFIGURAÇÃO APLICADA EM RACK COM REVISTEIRO. 2016, Brasil.  
Patente: Desenho Industrial. Número do registro: BR302016000593-1, data de registro: 30/01/2016, título: "CONFIGURAÇÃO APLICADA EM RACK COM REVISTEIRO" , Instituição de registro: INPI - Instituto Nacional da Propriedade Industrial. Instituição(ões) financiadora(s): Universidade Federal de Uberlândia.

**2.**

**PEREIRA, J. A..** CONFIGURAÇÃO APLICADA A MESA. 2016, Brasil.  
Patente: Desenho Industrial. Número do registro: BR302016000592-3, data de registro: 11/01/2016, título: "CONFIGURAÇÃO APLICADA A MESA" , Instituição de registro:

INPI - Instituto Nacional da Propriedade Industrial.  
Instituição(ões) financiadora(s): Universidade Federal de  
Uberlândia.

**3.**

**PEREIRA, J. A..** CONFIGURAÇÃO APLICADA A SOFÁ. 2016,  
Brasil.

Patente: Desenho Industrial. Número do registro:  
BR302016000591-5, data de registro: 11/01/2016, título:  
"CONFIGURAÇÃO APLICADA A SOFA" , Instituição de registro:  
INPI - Instituto Nacional da Propriedade Industrial.  
Instituição(ões) financiadora(s): Universidade Federal de  
Uberlândia.

**4.**

**PEREIRA, J. A..** BR302016000590-7. 2016, Brasil.

Patente: Desenho Industrial. Número do registro:  
BR302016000590-7, data de registro: 11/01/2016, título:  
"BR302016000590-7" , Instituição de registro: INPI - Instituto  
Nacional da Propriedade Industrial. Instituição(ões)  
financiadora(s): Universidade Federal de Uberlândia.

**5.**

**PEREIRA, J. A..** CONFIGURAÇÃO APLICADA EM RACK E  
VARIANTES CONFIGURATIVAS QUE RESULTAM EM RACK COM  
REVISTEIRO E MESA LATERAL. 2016, Brasil.

Patente: Desenho Industrial. Número do registro:  
BR302016000595-8, data de registro: 11/01/2016, título:  
"CONFIGURAÇÃO APLICADA EM RACK E VARIANTES  
CONFIGURATIVAS QUE RESULTAM EM RACK COM REVISTEIRO  
E MESA LATERAL" , Instituição de registro: INPI - Instituto  
Nacional da Propriedade Industrial. Instituição(ões)  
financiadora(s): Universidade Federal de Uberlândia.

**6.**

**PEREIRA, J. A..** CONFIGURAÇÃO APLICADA EM BANCO E  
VARIANTES CONFIGURATIVAS QUE RESULTAM EM BAU E  
ARARA. 2016, Brasil.

Patente: Desenho Industrial. Número do registro:  
BR302016000588-5, data de registro: 11/01/2016, título:  
"CONFIGURAÇÃO APLICADA EM BANCO E VARIANTES  
CONFIGURATIVAS QUE RESULTAM EM BAU E ARARA" ,  
Instituição de registro: INPI - Instituto Nacional da Propriedade  
Industrial. Instituição(ões) financiadora(s): Universidade  
Federal de Uberlândia.

**7.**

**PEREIRA, J. A..** CONFIGURAÇÃO APLICADA A CADEIRA.  
2016, Brasil.

Patente: Desenho Industrial. Número do registro:  
BR302016000589-3, data de registro: 11/01/2016, título:  
"CONFIGURAÇÃO APLICADA A CADEIRA" , Instituição de  
registro: INPI - Instituto Nacional da Propriedade Industrial.

Instituição(ões) financiadora(s): Universidade Federal de Uberlândia.

**8.**

**PEREIRA, J. A..** Configuração aplicada a poltrona. 2016, Brasil.  
Patente: Desenho Industrial. Número do registro: 302016004643-3, data de registro: 06/10/2016, título: "Configuração aplicada a poltrona", Instituição de registro: INPI - Instituto Nacional da Propriedade Industrial. Instituição(ões) financiadora(s): Universidade Federal de Uberlândia.

**9.**

**PEREIRA, J. A..** Configuração aplicada a banco. 2016, Brasil.  
Patente: Desenho Industrial. Número do registro: 302016001558-9, data de registro: 14/04/2016, título: "Configuração aplicada a banco", Instituição de registro: INPI - Instituto Nacional da Propriedade Industrial. Instituição(ões) financiadora(s): Universidade Federal de Uberlândia.

**10.**

**PEREIRA, J. A..** Configuração aplicada em mesa. 2017, Brasil.  
Patente: Desenho Industrial. Número do registro: 302017002277-4, data de registro: 31/05/2017, título: "Configuração aplicada em mesa", Instituição de registro: INPI - Instituto Nacional da Propriedade Industrial. Instituição(ões) financiadora(s): Universidade Federal de Uberlândia.

**11.**

**PEREIRA, J. A..** Configuração aplicada em banco. 2017, Brasil.  
Patente: Desenho Industrial. Número do registro: 302017002149-2, data de registro: 22/05/2017, título: "Configuração aplicada em banco", Instituição de registro: INPI - Instituto Nacional da Propriedade Industrial. Instituição(ões) financiadora(s): Universidade Federal de Uberlândia.

**12.**

**PEREIRA, J. A..** Configuração aplicada em tamburete. 2017, Brasil.  
Patente: Desenho Industrial. Número do registro: 302017001551-4, data de registro: 07/04/2017, título: "Configuração aplicada em tamburete", Instituição de registro: INPI - Instituto Nacional da Propriedade Industrial. Instituição(ões) financiadora(s): Universidade Federal de Uberlândia.

**13.**

**PEREIRA, J. A.** Configuração aplicada em cadeira. 2017, Brasil.  
Patente: Desenho Industrial. Número do registro: 302017002324-0, data de registro: 05/06/2017, título: "Configuração aplicada em cadeira", Instituição de registro: INPI - Instituto Nacional da Propriedade Industrial. Instituição(ões) financiadora(s): Universidade Federal de Uberlândia.

**14.**

**PEREIRA, J. A.** Configuração aplicada em abrigo para passageiros. 2018, Brasil.  
Patente: Desenho Industrial. Número do registro: 302018000994-0, data de registro: 13/03/2018, título: "Configuração aplicada em abrigo para passageiros", Instituição de registro: INPI - Instituto Nacional da Propriedade Industrial. Instituição(ões) financiadora(s): Universidade Federal de Uberlândia.

**15.**

**PEREIRA, J. A.** Luminária de mesa. 2023, Brasil.  
Patente: Desenho Industrial. Número do registro: 302023006975-5, data de registro: 21/12/2023, título: "Luminária de mesa", Instituição de registro: INPI - Instituto Nacional da Propriedade Industrial. Instituição(ões) financiadora(s): Universidade Federal de Uberlândia.

**16.**

**PEREIRA, J. A.** Luminária de mesa. 2024, Brasil.  
Patente: Desenho Industrial. Número do registro: BR302024001719-7, data de registro: 09/04/2024, título: "Luminária de mesa", Instituição de registro: INPI - Instituto Nacional da Propriedade Industrial. Instituição(ões) financiadora(s): Universidade Federal de Uberlândia.

**17.**

**PEREIRA, J. A.** Bancos. 2024, Brasil.  
Patente: Desenho Industrial. Número do registro: BR30202400171-9, data de registro: 09/04/2024, título: "Bancos", Instituição de registro: INPI - Instituto Nacional da Propriedade Industrial. Instituição(ões) financiadora(s): Universidade Federal de Uberlândia.

**18.**

**PEREIRA, J. A.** Chaleira elétrica. 2025, Brasil.  
Patente: Desenho Industrial. Número do registro: BR302025004080-9, data de registro: 01/07/2025, título: "Chaleira elétrica", Instituição de registro: INPI - Instituto Nacional da Propriedade Industrial. Instituição(ões) financiadora(s): Universidade Federal de Uberlândia.

## 19.

**PEREIRA, J. A.** Adegas [para armazenagem]. 2025, Brasil. Patente: Desenho Industrial. Número do registro: BR30202500554-0, data de registro: 05/02/2025, título: "Adegas [para armazenagem]", Instituição de registro: INPI - Instituto Nacional da Propriedade Industrial. Instituição(ões) financiadora(s): Universidade Federal de Uberlândia.

## Bancas

---

### Participação em bancas de trabalhos de conclusão

#### Mestrado

##### 1.

**PEREIRA, J. A.**; Sanches, A. C.; BRAGA, M. C.. Participação em banca de Heloísa Rubim Moraes Tédde. Teperman S/A ? Um panorama sobre o design moderno no Brasil. 2025. Dissertação (Mestrado em Programa de pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade de São Paulo.

##### 2.

**PEREIRA, JULIANO APARECIDO**; PASCHOARELLI, L. C.; SOUZA, A. T.. Participação em banca de Mateus Finotti Fontes. MOBILIÁRIO COMO INTEGRADOR DO ESPAÇO URBANO: Estudos sobre a apropriação e a percepção do usuário e diretrizes de projeto e gestão em Uberlândia (MG). 2019. Dissertação (Mestrado em Programa de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo - PPGAU - FAUeD UFU) - Universidade Federal de Uberlândia.

#### Teses de doutorado

##### 1.

**PEREIRA, J. A.**; Alves, A. A. A.; FORCATO, M. S.; DUARTE, R. B.; Guadanhim, S. J.. Participação em banca de Andre Felipe Batistella Souza. Entre o Rito e o Projeto: Design e ancestralidade afro-brasileira no mobiliário de Lina Bo Bardi.. 2025. Tese (Doutorado em Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Estadual de Londrina.

##### 2.

**PEREIRA, J. A.**; Marquez, R. M.; Canuto, F.; Teixeira, M. C. V.; Carvalho, C. P. L.. Participação em banca de Natália Achcar Monteiro Silva. Nas tramas da produção artesanal: saberes

cotidianos em Carmo do Rio Claro/MG. 2021. Tese (Doutorado em Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo - Escola de Arquitetura) - Universidade Federal de Minas Gerais.

3.

SILVA, H. A. A.; OTTONI, D. A. B.; OLIVEIRA, B. S.; SANTOS, M. C. L.; **PEREIRA, J. A.**. Participação em banca de Elza Cristina Santos. Dimensão Lúdica e arquitetura: o exemplo de uma escola de educação infantil na cidade de Uberlândia. 2011. Tese (Doutorado em Projeto de Arquitetura) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.

### Qualificações de Mestrado

1.

**PEREIRA, J. A.**; Alves, A. A. A.; Guadanhim, S. J.. Participação em banca de Andre Felipe Batistella Souza. Projetos para o desenvolvimento brasileiro no nordeste: Celso Furtado, Lina Bo Bardi, a Artene e a Escola de Desenho Industrial e Artesanato no MAM-BA, 1958-1964. 2023. Exame de qualificação (Mestrando em Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Estadual de Maringá.

2.

**PEREIRA, J. A.**; Sanches, A. C.; Fujioka, P. Y.. Participação em banca de Heloísa Robim Moraes. Teperman S/A: um panorama sobre o design moderno no Brasil. 2023. Exame de qualificação (Mestrando em Instituto de Arquitetura e Urbanismo) - Universidade de São Paulo.

3.

**PEREIRA, J. A.**; JORGE, L. A.; Ferraz, T. S.; BORDA, L. E. S.. Participação em banca de Vitor de Sousa Peres. Lina Bo Bardi e a questão da Planaridade na Arquitetura. 2022. Exame de qualificação (Mestrando em Mestrado em PPGAU - Prog. pós grad em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de Uberlândia.

4.

**PEREIRA, J. A.**; Landim, P. C.; Nunes, V. G. A.. Participação em banca de Anamaria Ribeiro de Lima Carvalho. "Movelaria e Fabricação Digital: Ressignificando a Marcenaria Tradicional com ênfase na Inovação Sustentável em Design". 2021. Exame de qualificação (Mestrando em Programa de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo - PPGAU - FAUeD UFU) - Universidade Federal de Uberlândia.

5.

**PEREIRA, J. A.;** FILIPE, R. A.; Nunes, V. G. A.. Participação em banca de Yasmin Carolini Thomeo. PROSUMER: A participação do usuário na construção e montagem do mobiliário e o conceito do do it yourself no período contemporâneo. 2020. Exame de qualificação (Mestrando em Programa de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo - PPGAU - FAUeD UFU) - Universidade Federal de Uberlândia.

**6.**

**PEREIRA, J. A.;** FILIPE, R. A.; **NUNES, V. G. A.** Participação em banca de Yasmin Carolini Thomeo. A participação do usuário na produção do design: uma comparação dentre as décadas de 1970 e 2010 e as obras de Victor Papanek e Denis Fuzzi. 2019. Exame de qualificação (Mestrando em Programa de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo - PPGAU - FAUeD UFU) - Universidade Federal de Uberlândia.

**7.**

**PEREIRA, J. A.;** BARBOSA, L. L.; RIBEIRO, B. S.. Participação em banca de Renata Cristiane da Silva. O design como ferramenta de desenvolvimento da economia criativa em Uberlândia-MG. 2019. Exame de qualificação (Mestrando em Programa de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo - PPGAU - FAUeD UFU) - Universidade Federal de Uberlândia.

**8.**

**PEREIRA, J. A.;** Nunes, V. G. A.; FILIPE, R. A.. Participação em banca de Yasmin Carolini Thomeo. A participação do usuário na produção do design: uma comparação dentre as décadas de 1970 e 2010 e as obras de Victor Papanek e Denis Fuzzi. 2019. Exame de qualificação (Mestrando em Programa de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo - PPGAU - FAUeD UFU) - Universidade Federal de Uberlândia.

**9.**

**PEREIRA, J. A.;** SOARES, B. R.; Senne, L. L. B.. Participação em banca de Renata Cristiane Dias da Silva. O design como ferramenta de desenvolvimento da economia criativa. 2019. Exame de qualificação (Mestrando em Programa de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo - PPGAU - FAUeD UFU) - Universidade Federal de Uberlândia.

**10.**

**PEREIRA, J. A.;** PASCHOARELLI, L. C.; RIBEIRO, P. P. A.. Participação em banca de Mateus Finotti Fontes. MOBILIÁRIO URBANO EM UBERLÂNDIA (MG): Estudos sobre a apropriação e a percepção do usuário e diretrizes de projeto. 2018. Exame de qualificação (Mestrando em Mestrado em PPGAU - Prog. pós grad em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de Uberlândia.

**11.**

**PEREIRA, J. A.;** Capillé, C. C.; RIBEIRO, P. P. A.. Participação em banca de Elcio de Oliveira Garcias. Centro Administrativo de Uberlândia - Uma Análise das Transformações Espaciais, da Ideia Inicial a Obra Executada. 2018. Exame de qualificação (Mestrando em Mestrado em PPGAU - Prog. pós grad em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de Uberlândia.

**12.**

**PEREIRA, J. A.;** RIBEIRO, P. P. A.; **NUNES, V. G. A.;** MOURA, M. C.. Participação em banca de Letícia Vasconcelos Morais Garcez. **MÉTODOS E PROCESSOS DE PROJETO: APROXIMAÇÕES E SINGULARIDADES EM ARQUITETURA E DESIGN NA CONTEMPORANEIDADE.** 2016. Exame de qualificação (Mestrando em Mestrado em PPGAU - Prog. pós grad em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de Uberlândia.

### **Trabalhos de conclusão de curso de graduação**

**1.**

**PEREIRA, J. A..** Participação em banca de Luana Souza Menezes. *Entre Tempo e Olhar: registros de Uberlândia.* 2025. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Design) - Universidade Federal de Uberlândia.

**2.**

**PEREIRA, J. A..** Participação em banca de Thaís Araujo Costa. *Um convite à criatividade: o Branding como foco principal para aplicação de Design de Interiores em um espaço de Coworking.* 2025. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Design) - Universidade Federal de Uberlândia.

**3.**

**PEREIRA, J. A..** Participação em banca de Júlia Spohn. *NexoUFU: um ambiente de colaboração acadêmica.* 2024. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Design) - Universidade Federal de Uberlândia.

**4.**

**PEREIRA, J. A..** Participação em banca de Gustavo Oliveira Amaro. *Convivência: Centro Educacional Campos Elíseos.* 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade São Francisco.

5.

**PEREIRA, J. A..** Participação em banca de Mateus Cintra Fuentes.Arte rua: eixos e percursos que promovam a arte e a cultura na cidade. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade São Francisco.

6.

**PEREIRA, J. A..** Participação em banca de Gabriella Alida Mazzi.UMA - Unidades Moveis de Acolhimento. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade São Francisco.

7.

**PEREIRA, J. A..** Participação em banca de Mayla Vrena Rodrigues.Habitação estudantil para jovens de baixa renda no centro de São Paulo. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade São Francisco.

8.

**PEREIRA, J. A..** Participação em banca de Giuseppe Iannarelli Junior.Proposta de mobiliário multifuncional orientado à sustentabilidade para estudantes, direcionado a pequenos espaços. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Design) - Universidade Federal de Uberlândia.

9.

**PEREIRA, J. A..** Participação em banca de Gabriele Oliveira Moura.Banca de Trabalho de Conclusão de Curso. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Design) - Universidade Federal de Uberlândia.

10.

**PEREIRA, J. A..** Participação em banca de Ana Gabriella Mendonça Sales.O espaço comercial como agente promocional da Produção Artesanal em Uberlândia. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Design) - Universidade Federal de Uberlândia.

11.

**PEREIRA, J. A..** Participação em banca de Carolina Pimentel Sousa Machado.Da sociedade de consumo ao design emocional: o essencial, o confortável e o luxuoso. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Design) - Universidade Federal de Uberlândia.

**12.**

**PEREIRA, J. A..** Participação em banca de Eluane Isabela Ba. Estúdio de beleza e relaxamento com espaços exclusivos para o dia da noiva: ênfase em experiência posi. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Design) - Universidade Federal de Uberlândia.

**13.**

**PEREIRA, J. A..** Participação em banca de Itamar Salles da Silva. Projeto de design estratégico para uma empresa do segmento da moda. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Design) - Universidade Federal de Uberlândia.

**14.**

**PEREIRA, J. A..** Participação em banca de Ana Paula Bizinotto Borges. Elemental: um shape de Longboard Freeride feito com materiais alternativos. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Design) - Universidade Federal de Uberlândia.

**15.**

**PEREIRA, J. A..** Participação em banca de Hugo Teixeira G.R. Resende. Estratégias de Design orientadas às Marcenarias de Uberlândia/MG: O caso Projeto & Arte. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Design) - Universidade Federal de Uberlândia.

**16.**

**PEREIRA, J. A..** Participação em banca de Yasmin Carolini Thomeo. Design de mobiliário brasileiro, moderno e contemporâneo: um diálogo formal. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Design) - Universidade Federal de Uberlândia.

**17.**

**PEREIRA, J. A..** Participação em banca de Yasmin Mascarenhas Vilarinho. Redesenho do mobiliário urbano para o Parque do Sabiá. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Design) - Universidade Federal de Uberlândia.

**18.**

**PEREIRA, J. A..** Participação em banca de Bruna Guimarães C. Bastos. MOVE, Centro de Reabilitação Físico-Motora de Uberlândia. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Design) - Universidade Federal de Uberlândia.

**19.**

**PEREIRA, J. A..** Participação em banca de Bruna Pizzol Tiépolo.Reutilização de papelão em artefatos de design: dos catadores às ONGs. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Design) - Universidade Federal de Uberlândia.

**20.**

**PEREIRA, J. A..** Participação em banca de Danglares Costa Silva.Bambu: estudos sobre seu emprego e suas especificidades na aplicação e uso no mobiliário. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Design) - Universidade Federal de Uberlândia.

**21.**

**PEREIRA, J. A..** Participação em banca de Bruna Pizzol Tiépolo.Reutilização de papelão em design: uma técnica experimental aplicada. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Design) - Universidade Federal de Uberlândia.

**22.**

**PEREIRA, J. A.;** BELLERINI, F.; LAURENTIZ, L. C.; LAZZARIN, A. L.. Participação em banca de Caio Vinícius Pereira.Se essa rua fosse minha: A poética da rua na construção do indivíduo e do coletivo. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de Uberlândia.

**23.**

**PEREIRA, J. A.;** MENDONCA, R. N.; PANTALEAO, L. F.. Participação em banca de Yasmin Carolini Thomeo.Diálogo entre o mobiliário moderno e o contemporâneo ? A Brasilidade atribuída ao mobiliário moderno e contemporâneo. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Design) - Universidade Federal de Uberlândia.

**24.**

**PEREIRA, J. A.;** MENDONCA, R. N.; SILVA, W.. Participação em banca de Paloma Ribeiro de Souza.Design Sustentável: a importância do projeto de móveis sob medida e sua influência para a qualidade do uso e fabricação. 2017.

**25.**

**PEREIRA, J. A.;** LEMOS, S. M.; **NUNES, V. G. A.** Participação em banca de Ana Carolina Desidério. Desenvolvimento de uma plataforma de compartilhamento de refeições veganas na cidade de Uberlândia. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Design) - Universidade Federal de Uberlândia.

**26.**

**PEREIRA, J. A.;** PANTALEAO, L. F.; LACERDA, A. R.. Participação em banca de Ana Paula Bizinotto Borges. Desenvolvimento de um material alternativo para um shape de Longboard Freeride. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Design) - Universidade Federal de Uberlândia.

**27.**

**PEREIRA, J. A.;** LACERDA, A. R.; BORDIGNON, G.. Participação em banca de CAMILA MARIANE HILARINO MEDEIROS. Redesign dos pontos de ônibus da cidade de Uberlândia. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Design) - Universidade Federal de Uberlândia.

**28.**

**PEREIRA, J. A.;** MENDONCA, R. N.; BORDIGNON, G.. Participação em banca de Camila Santos Romeiro Cardoso. Marcenaria e Mobiliário Social voltados para moradores do Assentamento Glória de Uberlândia - MG, 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Design) - Universidade Federal de Uberlândia.

**29.**

**PEREIRA, J. A.;** GARCEZ, L. V. M.; GRACIANO, G.. Participação em banca de Michelle Neves Alves. Linha de luminárias externas que funcionam a partir da energia wireless. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Design) - Universidade Federal de Uberlândia.

**30.**

**PEREIRA, J. A.;** LAURENTIZ, L. C.; MENDONCA, R. N.. Participação em banca de Rhayani Andressa Paschoalin. Inserção da Ilustração Manual no campo do Design. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Design) - Universidade Federal de Uberlândia.

**31.**

**PEREIRA, J. A.;** MENDONCA, R. N.; **NUNES, V. G. A.** Participação em banca de Paloma Ribeiro de Souza. Móveis sob medida visando melhorias para indústrias e clientes a partir do Design Sustentável. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Design) - Universidade Federal de Uberlândia.

**32.**

**PEREIRA, J. A.;** COCOZZA, G. P.; MENDONCA, R. N.. Participação em banca de Márcia Cristina Eugênio. Escola de cerveja artesanal e comida de buteco. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Design) - Universidade Federal de Uberlândia.

**33.**

**PEREIRA, J. A.;** MARTINS, T. L. F.; **NUNES, V. G. A..** Participação em banca de Hugo Teixeira G R Resende. O Design como contribuição para a prática de responsabilidade social corporativa nas marcenarias de Uberlândia. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Design) - Universidade Federal de Uberlândia.

**34.**

**PEREIRA, J. A.;** **GARCEZ, L. V. M.;** VILLA, S. B.. Participação em banca de Bárbara Roberta Ticotosti Campezo. Linha de mobiliário multifuncional para pequenos ambientes. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Design) - Universidade Federal de Uberlândia.

**35.**

**PEREIRA, J. A.;** OLIVEIRA, J. C. C. B.; LEMOS, S. M.. Participação em banca de Samara Ferreira Crispim. Insieme Coworking Publicitário. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Design) - Universidade Federal de Uberlândia.

**36.**

**PEREIRA, J. A.;** RIBEIRO, P. P. A.; LACERDA, A. R.. Participação em banca de Suelen Silva Moreira Fontes. Linha de produtos residenciais com design financeiramente acessível. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Design) - Universidade Federal de Uberlândia.

**37.**

**PEREIRA, J. A.;** RIBEIRO, P. P. A.; FINZER, A.. Participação em banca de Débora Bereta Rubio. "Do it yourself": uma proposta para mobiliário doméstico. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Design) - Universidade Federal de Uberlândia.

**38.**

**PEREIRA, J. A.;** MARTINS, T. L. F.; SARAMAGO, R. C. P.; CARRARO, C. L.. Participação em banca de Ana Clara Fernandes Peixoto. Centro de Apoio e Tratamento para Autistas.

**39.**

**PEREIRA, J. A.;** RIBEIRO, P. P. A.; SANTOS, E. A.; ANDRADE, R.. Participação em banca de Débora Firmino Rabelo. Centro do Artesão. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de Uberlândia.

**40.**

**PEREIRA, J. A.;** RIBEIRO, P. P. A.; LACERDA, A. R.. Participação em banca de Suelen Silva Moreira Fontes. Elo: Linha de Produtos residenciais com design financeiramente acessível. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Design) - Universidade Federal de Uberlândia.

**41.**

**PEREIRA, J. A.;** LEMOS, S. M.; CARRARO, C. L.. Participação em banca de Samara Ferreira Crispim. Insieme Coworking Publicitário. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Design) - Universidade Federal de Uberlândia.

**42.**

**PEREIRA, J. A.;** LACERDA, A. R.; GARCEZ, L. V. M.. Participação em banca de Mayara Ferreira do Amaral. Mobiliário para repouso do corpo. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Design) - Universidade Federal de Uberlândia.

**43.**

**PEREIRA, J. A.;** LACERDA, A. R.; GRACIANO, G.. Participação em banca de Michelle Neves Alves. Linha de luminárias externas que funcionam a partir da energia wireless. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Design) - Universidade Federal de Uberlândia.

**44.**

**PEREIRA, J. A.;** COCOZZA, G. P.; CUNHA NETO, A. R.. Participação em banca de Janine Almeida Santana. Recipiente hidropônico com iluminação artificial para ambientes domiciliares. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Design) - Universidade Federal de Uberlândia.

**45.**

**PEREIRA, J. A.;** RIBEIRO, P. P. A.; **NUNES, V. G. A.** Participação em banca de Tauane Pereira de Souza. Equipamentos de Lazer e sua importância para a

valorização do espaços urbanos. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Design) - Universidade Federal de Uberlândia.

**46.**

**PEREIRA, J. A.; NUNES, V. G. A.; PAIVA, K. F.** Participação em banca de Natália de Oliveira Rodrigues. Design para a Inovação Social. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Design) - Universidade Federal de Uberlândia.

**47.**

**PEREIRA, J. A.; SILVERIO NETO, A.; MARESSA, R.** Participação em banca de Tatyane Maria Estevão. Um - Linha de Mobiliário. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Design) - Universidade Federal de Uberlândia.

**48.**

**PEREIRA, J. A.; VILLA, S. B.; RAMON, D.** Participação em banca de Mariah Dezopa Parreira. Mobiliário Flexível: A importância da relação espaço-objeto em ambientes residenciais compactos. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Design) - Universidade Federal de Uberlândia.

**49.**

**PEREIRA, J. A.; SANTOS, E. C.; MARTINS, T. L. F.; NOGUEIRA, E.** Participação em banca de Verônica Anselmo Jorge. Centro Artístico de Dança. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Design) - Universidade Federal de Uberlândia.

**50.**

**PEREIRA, J. A.; FERREIRA, G.; PAIVA, K. F.** Participação em banca de Natália de Oliveira Rodrigues. Cultivando a inovação social: o ambiente de trabalho colaborativo e a geração de ideias. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Design) - Universidade Federal de Uberlândia.

**51.**

**PEREIRA, J. A.; REZENDE, S.; MIRANDA, A. P. T.** Participação em banca de Olívia Mamede. O sentar popular. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Design) - Universidade Federal de Uberlândia.

**52.**

**PEREIRA, J. A.; LEMOS, S. M.; MIRANDA, A. P. T.** Participação em banca de Flavia Fernandes Agnoletto. Pop-up

store conceitual PIXAR. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Design) - Universidade Federal de Uberlândia.

**53.**

**PEREIRA, J. A.;** TORRES, L.; ARANTES, F.. Participação em banca de Raíssa Baumgartner Bóbbo.Loja Ju Marriê. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Design) - Universidade Federal de Uberlândia.

**54.**

**PEREIRA, J. A.;** SARAMAGO, R. C. P.; CANAS, A. T.. Participação em banca de Taciane Martins Costa. Escola e espaço cultura de Moda. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Design) - Universidade Federal de Uberlândia.

**55.**

**PEREIRA, J. A.;** COCOZZA, G. P.; PAIVA, K. F.. Participação em banca de Melina Nunes Oliveira. Desenho participativo de uma praça. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Design) - Universidade Federal de Uberlândia.

**56.**

**PEREIRA, J. A.;** COCOZZA, G. P.; PAIVA, K. F.; PEREIRA, T. R.. Participação em banca de Melina Nunes Oliveira. Processos Participativos na Construção da Paisagem. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de Uberlândia.

**57.**

**PEREIRA, J. A.;** CANAS, A. T.; LAZZARIN, A. L.; SARAMAGO, R. C. P.. Participação em banca de Taciane Martins Costa. O Pavilhão da Moda. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de Uberlândia.

**58.**

**PEREIRA, J. A.;** MIRANDA, A. P. T.; SILVERIO NETO, A.. Participação em banca de Flávia Fernandes Agnoletto. Pop Up Store Pixar - Toy Store. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Design) - Universidade Federal de Uberlândia.

**59.**

**PEREIRA, J. A.;** MIRANDA, A. P. T.; MENDONCA, R. N.. Participação em banca de Betânia Rodrigues Mendonça. Linha de Mobiliário Montável. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Design) - Universidade Federal de Uberlândia.

**60.**

**PEREIRA, J. A.;** RIBEIRO, P. P. A.; **NUNES, V. G. A..** Participação em banca de Débora Bereta Rúbio. Faça você mesmo - Do it Yourself: Uma proposta para o mobiliário doméstico. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Design) - Universidade Federal de Uberlândia.

**61.**

**PEREIRA, J. A.;** MIRANDA, A. P. T.; RIBEIRO, P. P. A.. Participação em banca de Sabrina Arlene Silva. Mobiliário Vernacular Mineiro e o Design Contemporâneo. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Design) - Universidade Federal de Uberlândia.

**62.**

**PEREIRA, J. A.;** SANTOS, E. C.; VILLA, S. B.. Participação em banca de Bárbara Roberta T. Campeç. Linha de Mobiliário Multifuncional para Pequenos Ambientes. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Design) - Universidade Federal de Uberlândia.

**63.**

**PEREIRA, J. A.;** ARANTES, F.; MELENDRES, L. N.. Participação em banca de Raíssa Baumgartner Bóbbo. Ateliê Ju Marrie. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Design) - Universidade Federal de Uberlândia.

**64.**

**PEREIRA, J. A.;** SILVERIO NETO, A.; DIAS, R. C. S.. Participação em banca de Sarah Rodrigues Martins. J'Adore - Pavilhão Design Efêmero. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Design) - Universidade Federal de Uberlândia.

**65.**

**PEREIRA, J. A.;** SILVERIO NETO, A.; MASINI, D. F.. Participação em banca de Jéssica Pereira Gonçalves. Restaurante Popular Itinerante. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Design) - Universidade Federal de Uberlândia.

66.

**PEREIRA, J. A.;** LAZZARIN, A. L.; EVANGELISTA, D.. Participação em banca de Geruza de Oliveira Resende.Cafeteria Koffizz. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Design) - Universidade Federal de Uberlândia.

67.

**PEREIRA, J. A.;** SILVERIO NETO, A.; DIAS, R. C. S.. Participação em banca de Guilherme dos Santos Furtado.Pop Up Store Burberry - Coleção Primavera/Verão 2014. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Design) - Universidade Federal de Uberlândia.

68.

RIBEIRO, P. P. A.; **PEREIRA, J. A.;** GUERRA, M. E. A.. Participação em banca de Ricardo Souza Silva.Um Cinema. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de Uberlândia.

69.

**PEREIRA, J. A.;** COCOZZA, G. P.; SILVERIO NETO, A.. Participação em banca de Emanuelle Davanço Conçalves Dias.Mobiliário Urbano. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Design) - Universidade Federal de Uberlândia.

70.

**PEREIRA, J. A.;** LEMOS, S. M.; SILVERIO NETO, A.. Participação em banca de Tatyane Maria Estevão.Um - Lina de Mobiliário. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Design) - Universidade Federal de Uberlândia.

71.

**PEREIRA, J. A.;** NUNES, V. G. A.; VILLA, S. B.. Participação em banca de Mariah Dezopa Parreira.Mobiliário Flexível: A importância da relação espaço-objeto em ambientes residenciais compactos. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Design) - Universidade Federal de Uberlândia.

72.

**PEREIRA, J. A.;** RIBEIRO, P. P. A.; GUERRA, M. E. A.; SAMPAIO, A. B.. Participação em banca de Ricardo de Souza Silva.Um Cinema. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de Uberlândia.

**73.**

**PEREIRA, J. A.;** MARTINS, T. L. F.; SANTOS, E. C.. Participação em banca de Verônica Anselmo Jorge.Centro Artístico de Dança. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de Uberlândia.

**74.**

**PEREIRA, J. A.;** MARTINS, N.; RIBEIRO, P. P. A.. Participação em banca de Tauane Pereira B. de Souza.Equipamentos de lazer e sua importância para a valorização do espaços urbanos. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Design) - Universidade Federal de Uberlândia.

**75.**

COCOZZA, G. P.; **PEREIRA, J. A.;** MORETTI, R. C.. Participação em banca de Núbia Cristina Pereira.Mobiliário Multifuncional para abrigo de menores. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de Uberlândia.

**76.**

CANAS, A. T.; **PEREIRA, J. A.;** LAURENTIZ, L. C.; LAZZARIN, A. L.. Participação em banca de Erick Riul Fernandes.Gibiteca. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de Uberlândia.

**77.**

CANAS, A. T.; **PEREIRA, J. A.;** ABREU, S. C.. Participação em banca de Guilherme Vendramini Cuoghi.Intervenção em Ruínas Contemporâneas. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de Uberlândia.

**78.**

VILLA, S. B.; **PEREIRA, J. A.;** OLIVEIRA, J. C. C. B.. Participação em banca de Fabrício Garcez Caetano.Espaços Corporativos Inovativos. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de Uberlândia.

**79.**

SANTOS, E. C.; **PEREIRA, J. A.;** SARAMAGO, R. C. P.. Participação em banca de Gina Evelyn Carvalho Santos.Edifício Misto. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de Uberlândia.

80.

**PEREIRA, J. A.**; COCOZZA, G. P.; SILVERIO NETO, A.. Participação em banca de Tayana Borges Silva.COM.A.RUA: Comércio Ambulante de Rua / Padronização de Mobiliário para Requalificação de Espaço Público. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Design) - Universidade Federal de Uberlândia.

81.

**PEREIRA, J. A.**; JORDAO, L. C.; CLARO, M. A.. Participação em banca de Ana Cássia da Silva.Livraria Agora. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Design) - Universidade Federal de Uberlândia.

82.

**PEREIRA, J. A.**; LAZZARIN, A. L.; LEMOS, S. M.. Participação em banca de Geruza de Oliveira Resende.Cafeteria Koffizz. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Design) - Universidade Federal de Uberlândia.

83.

CANAS, A. T.; **PEREIRA, J. A.**; LAURENTIZ, L. C.; ANDRADE, M. A. P.. Participação em banca de Guilherme Vendramini Cuoghi.Intervenção em Ruínas Contemporâneas. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de Uberlândia.

84.

VILLA, S. B.; **PEREIRA, J. A.**; OLIVEIRA, J. C. C. B.; TRISTAO, A.. Participação em banca de Fabrício Garcez Caetano.Espaços Corporativos Inovativos. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de Uberlândia.

85.

SANTOS, E. A.; **PEREIRA, J. A.**; SARAMAGO, R. C. P.; ALVES, H. V. S.. Participação em banca de Gina Evelyn Carvalho Santos.Edifício Misto. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de Uberlândia.

86.

SANTOS, E. C.; **PEREIRA, J. A.**; SARAMAGO, R. C. P.. Participação em banca de Ewerton Alves Buso.Centro Educacional de Assistência Integrada: Um espaço para os Idosos Uberlandenses de Lazer e Assistência a Saúde.. 2012.

**87.**

COCOZZA, G. P.; **PEREIRA, J. A.**; OLIVEIRA, J. C. C. B.. Participação em banca de Núbia Cristina Pereira. Mobiliário Multifuncional para Abrigo de Menores. 2012. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Design) - Universidade Federal de Uberlândia.

**88.**

RIBEIRO, P. P. A.; **PEREIRA, J. A.**; ALCANTARA, C. P.. Participação em banca de Ana Cássia da Silva. Biblioteca Filosófica. 2012. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Design) - Universidade Federal de Uberlândia.

**89.**

**PEREIRA, J. A.**; CLARO, M. A.; MORETTI, R. C.. Participação em banca de Ana Paula Lima Souza. La Vie Bar Cafés. 2012. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Design) - Universidade Federal de Uberlândia.

**90.**

**PEREIRA, J. A.**; RIBEIRO, P. P. A.; VILLA, S. B.. Participação em banca de Juliana Medeiros Ferreira. Tochá - Casa de Chá. 2012. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Design) - Universidade Federal de Uberlândia.

**91.**

**PEREIRA, J. A.**; RETAMAL, A. M.; DUARTE, C. E. R.. Participação em banca de Dayane Brito de Castro. Espaços reversíveis móveis: Nômade tecendo nós e ligações entre lugares. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Design de Interiores) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Design - Univ. Federal de Uberlândia.

**92.**

**PEREIRA, J. A.**; FORTUNATO, S. M.; MACHADO JUNIOR, J. H. C.. Participação em banca de Ana Carolina Braga Clemente. Joalheria - Vila Rica Jóias. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Design de Interiores) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Design - Univ. Federal de Uberlândia.

**93.**

**PEREIRA, J. A.;** VALE, M. M. B.; RIBEIRO, P. P. A.; CALDERARI, E. S.. Participação em banca de Laís Silveira Rodrigues.Orfanato. 2009. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Design - Univ. Federal de Uberlândia.

94.

**PEREIRA, J. A.;** MERCADANTE JUNIOR, C. M.; FORTUNATO, S. M.. Participação em banca de Thaís Virgínia Strack.Mobiliário Infantil - Brinquedos Pedagógicos. 2009. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Design de Interiores) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Design - Univ. Federal de Uberlândia.

95.

**PEREIRA, J. A.;** SOUZA, A. T.; FORTUNATO, S. M.. Participação em banca de Noellen Samara Bighelini.Mobília Brasil. 2009. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Design de Interiores) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Design - Univ. Federal de Uberlândia.

96.

**PEREIRA, J. A.;** MORETTI, R. C.; MARTINS, T. L. F.. Participação em banca de Larissa Miranda da Silva.Bar - Jachuy Clube. 2009. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Design de Interiores) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Design - Univ. Federal de Uberlândia.

97.

**PEREIRA, J. A.;** TAVARES, M. P. M.; BELLERINI, F.. Participação em banca de Francielle Urzedo.Bar Restaurante. 2009. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Design de Interiores) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Design - Univ. Federal de Uberlândia.

98.

**PEREIRA, J. A.;** ARAUJO JUNIOR, A. D.; CASTRO, M. L. A. C.. Participação em banca de Daphne Rodrigues de Souza.Mobiliário para Baixa Renda. 2007. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Design de Interiores) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Design - Univ. Federal de Uberlândia.

99.

**PEREIRA, J. A.;** ARAUJO JUNIOR, A. D.; CASTRO, M. L. A. C.. Participação em banca de Giovanna Carolina M Paula.Mobiliário para Moradia Estudantil. 2007. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Design de Interiores) - Faculdade de

10  
0.

**PEREIRA, J. A.**; ARAUJO JUNIOR, A. D.; CASTRO, M. L. A. C.. Participação em banca de Pedro Reis Silva. Mobiliário Yoga Ashtawba. 2007. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Design de Interiores) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Design - Univ. Federal de Uberlândia.

10  
1.

**PEREIRA, J. A.**; ARAUJO JUNIOR, A. D.; CASTRO, M. L. A. C.. Participação em banca de Melissa Batista de Souza. Mobiliário Projeto "X da Questão". 2007. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Design de Interiores) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Design - Univ. Federal de Uberlândia.

10  
2.

**PEREIRA, J. A.**; SANTOS, M. C. L.; CESAR, J. C. O.; BARBOSA, L. L.. Participação em banca de Arlete Sayuri Kikuta. Mobiliário Popular: Pesquisando Materiais Alternativos. 2006. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade de São Paulo - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo.

10  
3.

SANTOS, E. C.; BORDA, L. E. S.; **PEREIRA, J. A.**. Participação em banca de Cyleia Resende. Spa. 2006. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em arquitetura e urbanismo) - Universidade Federal de Uberlândia / Faculdade de Arquitetura e Urbanismo.

10  
4.

**PEREIRA, J. A.**; LAURENTIZ, L. C.. Participação em banca de Fabiana Zago. Anos 70: Individualismo. Disco Music e Glamour. 2004. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Decoração) - Universidade Federal de Uberlândia / teste.

10  
5.

**PEREIRA, J. A.**; AMORIM, A.; DAMIS, G.. Participação em banca de Marissol Barbosa. Requalificação do Bairro Morada Nova. 2004. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em

**10  
6.**

**PEREIRA, J. A.;** ROSSETTI, E.; MORETTI, R.. Participação em banca de Ingrid Oliveira.Espaço da Moda. 2004. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de Uberlândia / teste.

**10  
7.**

**PEREIRA, J. A.;** ROSSETTI, E.; MORETTI, R.. Participação em banca de Fernanda Borba.Casa do Balé de Rua. 2004. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de Uberlândia / teste.

**10  
8.**

**PEREIRA, J. A.;** SANTOS, E. A.; SILVA, F. C.. Participação em banca de Luís Henrique Resende Cunha.Habitação Contemporânea. 2003. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de Uberlândia / teste.

**10  
9.**

**PEREIRA, J. A.;** GUERRA, M. E.; MERCADANTE JUNIOR, C. M.. Participação em banca de Paula Cristina França Matias.Instituto de Medicina Tropical. 2003. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de Uberlândia / teste.

**11  
0.**

**PEREIRA, J. A.;** SILVA, F. C.; MERCADANTE JUNIOR, C. M.. Participação em banca de Wanderly Geral da Silva.Ginásio Poliesportivo Municipal. 2003. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de Uberlândia / teste.

**11  
1.**

**PEREIRA, J. A.;** CAMPOS, K.; OLIVEIRA, M.. Participação em banca de Helen Rocha Crossara.Decoração de Interiores. Apart Hotel: Flat San Diego. 2003. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Decoração) - Universidade Federal de Uberlândia / teste.

11  
2.

**PEREIRA, J. A.;** OLIVEIRA, M.; CAMPOS, K.. Participação em banca de Reyla Montiel Coelho.Decoração de Interiores. Apart Hotel: Flat San Diego. 2003. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Decoração) - Universidade Federal de Uberlândia / teste.

11  
3.

**PEREIRA, J. A.;** CAMPOS, K.; OLIVEIRA, M.. Participação em banca de Ríza Maress Marçal.Decoração de Interiores. Hotel Plaza Shopping. 2003. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Decoração) - Universidade Federal de Uberlândia / teste.

11  
4.

**PEREIRA, J. A.;** PEREIRA, R.; FINOTTI, L. H.. Participação em banca de Catarina Moraes de Oliveira Sombrio.Biblioteca pública como lugar público. 2002. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Decoração) - Universidade Federal de Uberlândia / teste.

11  
5.

**PEREIRA, J. A..** Participação em banca de Fernanda Junqueira Rezende.Decoração. Choperia. 2002. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Decoração) - Universidade Federal de Uberlândia / teste.

11  
6.

**PEREIRA, J. A..** Participação em banca de Maíra Bethânia.Decoração. Cafeteria. 2002. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Decoração) - Universidade Federal de Uberlândia / teste.

11  
7.

**PEREIRA, J. A.;** VALE, M. M. B.; JORGE, L. A.. Participação em banca de Adriana Corrêa Nunes.Centro de Convivência: Qualidade de vida para a terceira idade. 2002. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de Uberlândia / teste.

11  
8.

**PEREIRA, J. A.;** ESTEVES, M.; BORDA, L. E. S.. Participação em banca de Gláucia Trindade. Espaço da Percepção: Centro de Atendimento ao Deficiente Visual. 2002. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de Uberlândia / teste.

11  
9.

**PEREIRA, J. A.;** SUZUKI, M.; MUINCHEN, J. L.. Participação em banca de Simone Izume. Espaço Mombuca - Guatapará/SP. 2002. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de Uberlândia / teste.

12  
0.

**PEREIRA, J. A.;** VALE, M. M. B.. Participação em banca de Débora Resende. Decoração. Fässchen Choperia. 2002. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Decoração) - Universidade Federal de Uberlândia / teste.

12  
1.

**PEREIRA, J. A.;** SUZUKI, M.; BIONE, M.. Participação em banca de Tatianna do Santos. Projeto de Restauração de Conjunto Arquitetônico / Residência em Miraporanga-MG. 2002. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de Uberlândia / teste.

12  
2.

**PEREIRA, J. A.;** CAMPOS, K.; VALE, M. M. B.. Participação em banca de Bethânia Brandão Pereria. Decoração. Sorveteria e Cafeteria Gelati. 2002. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Decoração) - Universidade Federal de Uberlândia / teste.

12  
3.

**PEREIRA, J. A.;** ANDRADE, M.; SPOLON, R.. Participação em banca de Jucelino Humberto da Cunha Machado Júnior. Trabalhando a Arte no Design - Projeto de uma Chaise-Longue. 2002. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Artes Plásticas) - Universidade Federal de Uberlândia - Fac. de Artes, Filosofia e Ciências Sociais.

## Concurso público

1.

GUERRA, M. E. A.; LAURENTIZ, L. C.; **PEREIRA, J. A.**; CUNHA, C. R. E.; SOARES, B. R.; VILLA, S. B.. Comissão Examinadora para o concurso de seleção do Curso de Mestrado Acadêmico e Aluno Especial 2017. 2017. Universidade Federal de Uberlândia.

2.

**PEREIRA, J. A.**; ABREU, S. C.; VENANCIO, S. S.. Concurso Publico Professor de 3 Grau - Adjunto: Arquitetura e Urbanismo, Desenho Arquitetônico, Desenho Técnico, Estágio Curricular, Atividades Acadêmico-científico-culturais e Trabalho de Conclusão de Curso. 2013. Universidade Federal do Triângulo Mineiro.

3.

**PEREIRA, J. A.**; SOUZA, A. T.; LEMOS, S. M.. Processo Seletivo Simplificado para contratação temporária de professor substituto. 2012. Universidade Federal de Uberlândia.

4.

**PEREIRA, J. A.**; Juliana Cardoso; ALCANTARA, C. P.. Concurso Público: Circuito Culturarte - A gente não quer só comida. Realização do anteprojeto de mobiliário multifuncional para moradia de estudantes universitários. 2010. Universidade Federal de Uberlândia.

5.

**PEREIRA, J. A.**; SANTOS, E. C.; SANTOS, E. C.. Processo Seletivo Simplificado para Contratação de Professor Substituto da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Design da Universidade Federal de Uberlândia, Edital número 010/2010, para a Área de Teoria e História do Design, Modelos e Protótipos e Projeto de Mobiliário. 2010. Universidade Federal de Uberlândia.

6.

**PEREIRA, J. A.**; LAURENTIZ, L. C.; VALE, M. M. B.. Banca Examinadora de Processo Seletivo Simplificado para contratação de Professor Substituto na Área de Semiótica, História e Teoria. 2005. Universidade Federal de Uberlândia / teste.

7.

**PEREIRA, J. A.;** LAURENTIZ, L. C.; SANTOS, E. A.. Processo Seletivo Simplificado para contratação de Professor Substituto na Área de Plástica e Design dos Interiores. 2005. Universidade Federal de Uberlândia / teste.

8.

**PEREIRA, J. A.;** SANTOS, E. A.; DAMIS, G.. Processo Seletivo Simplificado para contratação de Professor Substituto na Área de Projeto de Arquitetura e de Interiores. 2005. Universidade Federal de Uberlândia / teste.

9.

**PEREIRA, J. A.** Processo Simplificado para Contratação de Professor Substituto na área de Semiótica, Plástica, Projeto Arquitetônico e de Interiores. 2003. Universidade Federal de Uberlândia / teste.

### Avaliação de cursos

1.

**PEREIRA, J. A.;** MACHADO JUNIOR, J. H. C.. Corretor da Banca da Prova de Habilidade Específica de "Design de Interiores" do PROGRAMA DE AÇÃO AFIRMATIVA DE INGRESSO NO ENSINO SUPERIOR / PAAES da Universidade Federal de Uberlândia. 2010. Universidade Federal de Uberlândia.

### Outras participações

1.

**PEREIRA, J. A.;** PANTALEAO, L. F.; LAURENTIZ, L. C.. Comissão para Avaliação de desempenho da Professora Sabrina Maia Lemos para Progressão Classe C- Professor Adjunto Nível I para Professor Ajunto Nível II. 2018. Universidade Federal de Uberlândia.

2.

**PEREIRA, J. A.;** MARTINS, T. L. F.; GARREFA, F.; DAMIS, G.; SARAMAGO, R. C. P.. Comissão Permanente de Afastamento da FAUeD (PORTARIA FAUeD/045/2013). 2015. Universidade Federal de Uberlândia.

**3.**

RIBEIRO, P. P. A.; **PEREIRA, J. A.**; DAMIS, G.. Comissão de revalidação do diploma de graduação estrangeiro em Arquitetura de Sol Camacho Dávalos. 2014. Universidade Federal de Uberlândia / Faculdade de Arquitetura e Urbanismo.

**4.**

**PEREIRA, J. A.**; GARREFA, F.; MARTINS, T. L. F.; DAMIS, G.; SARAMAGO, R. C. P.. Comissão Permanente de Afastamento da FAUeD (Portaria FAUeD/045/2013). 2014. Universidade Federal de Uberlândia.

**5.**

**PEREIRA, J. A.**; NUNES, V. G. A.; REZENDE, S.. Comissão de revalidação do diploma de graduação estrangeiro de Serafino Melillo na. 2014. Universidade Federal de Uberlândia.

**6.**

GUERRA, M. E. A.; **PEREIRA, J. A.**; SANTOS, E. C.. Avaliação de Estágio Probatório - profa. Cláudia dos Reis e Cunha. 2012. Universidade Federal de Uberlândia.

**7.**

GUERRA, M. E. A.; **PEREIRA, J. A.**; SANTOS, E. C.. 1 Avaliação de Estágio Probatório da professora Cláudia dos Reis e Cunha. 2012. Universidade Federal de Uberlândia.

**8.**

GUERRA, M. E. A.; **PEREIRA, J. A.**; SANTOS, E. C.. 2 Avaliação de Estágio Probatório da professora Sabrina Maia Lemos. 2011. Universidade Federal de Uberlândia.

**9.**

GUERRA, M. E. A.; **PEREIRA, J. A.**; SANTOS, E. C.. 1 Avaliação de Estágio Probatório da professora Rita de Cássia Pereira Saramago. 2011. Universidade Federal de Uberlândia.

**10.**

**PEREIRA, J. A.**.. Parecerista Ad Hoc na avaliação de 01 projeto do Programa de Bolsa de Graduação Edital número 5 / PROGRAD / DIREN. 2010. Universidade Federal de Uberlândia.

**11.**

**PEREIRA, J. A.;** MACHADO JUNIOR, J. H. C.. Banca de correção da prova de "Habilidade Específica de Design de Interiores" do "Exame de Transferência 2010". 2010. Universidade Federal de Uberlândia.

**12.**

**PEREIRA, J. A..** Banca de Correção das Provas de HABILIDADES ESPECÍFICAS para ingresso no Curso de Arquitetura e Urbanismo/PAIES. 2003. Universidade Federal de Uberlândia / teste.

**13.**

**PEREIRA, J. A..** Banca de Correção das Provas de HABILIDADE ESPECÍFICAS para ingresso no curso de Decoração. 2003. Universidade Federal de Uberlândia / teste.

**14.**

**PEREIRA, J. A..** Banca de correção das provas de TRANSFERÊNCIA para ingresso no Curso de Decoração. 2003. Universidade Federal de Uberlândia / teste.

## Eventos

---

### Participação em eventos, congressos, exposições e feiras

**1.**

2º Seminário Internacional "Representar Brasil 2013" / As representações na Arquitetura, Urbanismo e Design.. Para pensar o projeto do objeto: ideias no papel e de papel.. 2013. (Congresso).

**2.**

Colóquio Internacional "Desenho+Projeto": Diálogo e Porto e São Paulo. 2013. (Outra).

**3.**

Colóquio Internacional "Ensinar pelo Projeto" (International Colloquium on Design Studio Education "Teaching through Design?"). The Studio in the School of Architecture and Urban

**4.**

Ensinar pelo Projeto: Colóquio Internacional sobre o ensino de Projeto de Arquitetura / International Colloquium on Design Studio Education 'Teching Through Design'.The Studio in the School of Architecture and Urban Design of the University of Sao Paulo: the 1962 Reform and its contemporary issues. 2012. (Outra).

**5.**

Seminário Internacional Brasil-Argentina-México. 2012. (Seminário).

**6.**

1º Colóquio Nacional de Design: design, consumo e cidadania: um diálogo possível?. apresentação oral. 2011. (Congresso).

**7.**

I Colóquio Nacional de Design.O Ensino de Desenho Industrial na FAU USP a partir de sua Reforma Pedagógica em 1962. 2011. (Seminário).

**8.**

50 anos de Lina Bo Bardi na encruzilhada da Bahia e do Nordeste. Promoção: Departamento de Evolução da Arquitetura da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia.Lançamento do Livro: Lina Bo Bardi. Bahia, 1958-1964. 2009. (Seminário).

**9.**

Lina Bo Bardi. Debatedores: Silvana Rubino (IFCH - UNICAMP), Edmar de Almeida (artista plástico), Juliano Aparecido Pereir (FAUeD UFU) e Luiz Carlos de Laurentz (FAUeD UFU).Lina por escrito: Textos escolhidos de Lina Bo Bardi e Lina Bo Bardi. Bahia, 1958-1964. 2009. (Encontro).

**10.**

Seminário de Cultura e Realidade Contemporânea - Escola da Cidade / Associação Escola da Cidade - Arquitetura e Urbanismo.Mesa Redonda composta por: Marcelo Ferraz, Zeuler Lima, Juliano Aparecido Pereira e Marina Grinover (mediação). 2009. (Encontro).

**11.**

1o. DOCOMOMO Norte e Nordeste / Arquitetura e Urbanismos Modernos no Norte e Nordeste do Brasil: universidade e diversidade.1o. DOCOMOMO Norte e Nordeste. 2006. (Seminário).

**12.**

7 Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design. 7 Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design. 2006. (Congresso).

**13.**

Mesa Redonda.Mesa Redonda. 2006. (Encontro).

**14.**

DOCOMOMO.5 DOCOMOMO. 2003. (Seminário).

**15.**

1o. Simpósio de História e Cultura: Política-Estética-Alteridade.1o. Simpósio de História e Cultura: Política-Estética-Alteridade. 2002. (Simpósio).

**16.**

Seminário Internacional de Design: Brasil,, Design, Diversidade, Negócios. 2002. (Seminário).

**17.**

Workshop Temático: Arquitetura Contemporânea de Madeira e Terra Crua. 1996. (Oficina).

**18.**

Workshop temático: Arquitetura e seu Interior / Componentes da Edificação. 1996. (Oficina).

**19.**

Workshop Temático: Equipamentos de Mobiliário Urbano. 1995. (Oficina).

## 20.

3o. Seminário de História da Cidade e do Urbanismo. 1994. (Seminário).

## 21.

XVIII ENEA: Arquitetura Brasileira e Cultura Nacional: em busca de uma Identidade. 1994. (Encontro).

### Organização de eventos, congressos, exposições e feiras

#### 1.

**PEREIRA, J. A.** Diálogos entre artesanato e design. 2024. (Outro).

#### 2.

**PEREIRA, J. A.** Membro da Comissão científica nas Conferências CIUAD. 2022. (Outro).

#### 3.

**PEREIRA, J. A.** Moderador da sessão de apresentação Consolidar: Como o design se materializa na prática?. 2018. (Outro).

#### 4.

**PEREIRA, J. A.**; SILVERIO NETO, A. ; REZENDE, S. . Exposição de Design - Trabalhos de Estudantes e Professores no LAMOP - FAUeD - UFU. 2014. (Exposição).

#### 5.

**PEREIRA, J. A.**; SILVERIO NETO, A. ; REZENDE, S. . Exposição de Design - Trabalhos de Estudantes e Professores no LAMOP - FAUeD - UFU. 2014. (Exposição).

#### 6.

SOUZA, A. T. ; **PEREIRA, J. A.** ; Juliana Cardoso ; MACHADO JUNIOR, J. H. C. ; RIBEIRO, P. P. A. ; VILLA, S. B. . Fórum para reformulação do Curso de Design da FAUeD / UFU. 2012. (Outro).

7.

**PEREIRA, J. A.** P&D Design 2010 - 9 Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design. 2010. (Congresso).

8.

**PEREIRA, J. A.;** RIBEIRO, P. P. A. . Circuito Culturarte " A gente não quer só comida". Teatro, Música, Arte Visuais e Design". 2010. (Concurso).


## Orientações

---


### Orientações e supervisões concluídas

#### Dissertação de mestrado


1.

 Renata Cristiane da Silva Dias. O design como ferramenta de desenvolvimento da economia criativa em Uberlândia. 2018. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de Uberlândia, . Orientador: Juliano Aparecido Pereira.

2.

 Yasmin Carolini Thoméo. EVOLUÇÃO DA INDÚSTRIA MOVELEIRA NO BRASIL: Open design e o uso da prototipagem rápida.. 2018. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de Uberlândia, . Orientador: Juliano Aparecido Pereira.

3.

 Mateus Finotti Fontes. MOBILIÁRIO NA PERCEPÇÃO DO ESPAÇO URBANO: ESTUDO SOBRE O MOBILIÁRIO URBANO DE UBERLÂNDIA - MG. 2017. Dissertação (Mestrado em Mestrado em PPGAU - Prog. pós grad em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de Uberlândia, . Orientador: Juliano Aparecido Pereira.

4.

Letícia Vasconcelos Moraes Garcez. Métodos e Processos de Projeto: Aproximações e Singularidades em Design e Arquitetura na Contemporaneidade. 2015. Dissertação (Mestrado em Mestrado em PPGAU - Prog. pós grad em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de Uberlândia,

## Trabalho de conclusão de curso de graduação

1.

Amanda Napolitano Petrucelli. Projeto de produto: Lixeira doméstica para Recicláveis. 2024. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Design) - Universidade Federal de Uberlândia. Orientador: Juliano Aparecido Pereira.

2.

Guilherme Gonçalves dos Santos Junior. Máquinas Cafeteria. Um ambiente acolhedor para saborear um café. 2024. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Design) - Universidade Federal de Uberlândia. Orientador: Juliano Aparecido Pereira.

3.

ANA CAROLINA ROCHA DESIDÉRIO. Design. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Design) - Universidade Federal de Uberlândia. Orientador: Juliano Aparecido Pereira.

4.

CAMILA MARIANE HILARINO MEDEIROS. Design - Mobiliário Urbano. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Design) - Universidade Federal de Uberlândia. Orientador: Juliano Aparecido Pereira.

5.

CAMILA ROMEIRO DOS SANTOS CARDOSO. Design e Mobiliário Popular. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Design) - Universidade Federal de Uberlândia. Orientador: Juliano Aparecido Pereira.

6.

MARCIA CRISTINA EUGÊNIO. Design. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Design) - Universidade Federal de Uberlândia. Orientador: Juliano Aparecido Pereira.

7.

RHAYANI ANDRESSA PASCHOALIM. Design de Produto - Material Escolar. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Design) - Universidade Federal de Uberlândia. Orientador: Juliano Aparecido Pereira.

**8.**

Taciane Martins Costa. Pavilhão da Moda. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de Uberlândia. Orientador: Juliano Aparecido Pereira.

**9.**

OLIVIA MAMEDE SILVA. Design de Mobiliário. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Design) - Universidade Federal de Uberlândia. Orientador: Juliano Aparecido Pereira.

**10.**

SABRINA ARLENE SILVA. Design de Mobiliário. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Design) - Universidade Federal de Uberlândia. Orientador: Juliano Aparecido Pereira.

**11.**

BETÂNIA RODRIGUES MENDONÇA. Design de Mobiliário. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Design) - Universidade Federal de Uberlândia. Orientador: Juliano Aparecido Pereira.

**12.**

Juliana Medeiros Ferreira. Tochá - Casa de Chá. 2012. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Design) - Universidade Federal de Uberlândia. Orientador: Juliano Aparecido Pereira.

**13.**

Caroline Ferreira Fernandes. Mobiliário Infantil. 2012. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Design) - Universidade Federal de Uberlândia. Orientador: Juliano Aparecido Pereira.

**14.**

Tayana Borges Silva. COM.A.RUA: Comércio Ambulante de Rua / Padronização de Mobiliário para Requalificação de Espaço Público. 2012. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Design) - Universidade Federal de Uberlândia. Orientador: Juliano Aparecido Pereira.

**15.**

Vanessa de Campos Ramos. Linha de Mobiliário em Vidro. 2012. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Design) - Universidade Federal de Uberlândia. Orientador: Juliano Aparecido Pereira.

**16.**

Adelívia Katyuscia Magalhães Santos. Espaço comunitário. 2011. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Design de Interiores) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Design da Univ Federal de Uberlândia. Orientador: Juliano Aparecido Pereira.

**17.**

Rafaela Nunes Mendonça. Linha de Móveis em Bambu Laminado Colado. 2011. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Design de Interiores) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Design da Univ Federal de Uberlândia. Orientador: Juliano Aparecido Pereira.

**18.**

Aline Cristine Shiaku. Traços - Linha de pranchetas para desenhistas. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Design de Interiores) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Design - Univ. Federal de Uberlândia. Orientador: Juliano Aparecido Pereira.

**19.**

Maria Cristina de Almeida Rezende. Biblioteca Pública Municipal. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Design de Interiores) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Design - Univ. Federal de Uberlândia. Orientador: Juliano Aparecido Pereira.

**20.**

Laura Alves Santos. CREDESH - Centro de Referência Nacional de Hanseníase e Dermatologia Sanitária. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Design - Univ. Federal de Uberlândia. Orientador: Juliano Aparecido Pereira.

**21.**

Maria Cristina de Almeida Rezende. Biblioteca Pública Municipal de Uberlândia Juscelino Kubitschek de Oliveira. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Design de Interiores) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Design da Univ Federal de Uberlândia. Orientador: Juliano Aparecido Pereira.

## 22.

Júlia de Almeida Fonseca. Projeto de Casa de Baile e Academia de Dança de Salão: Rodopio. 2006. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de Uberlândia / teste. Orientador: Juliano Aparecido Pereira.

## 23.

Adriana Silva Alfredo. Centro de Convivência Infantil IntegrArte. 2006. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de Uberlândia / teste. Orientador: Juliano Aparecido Pereira.

## 24.

Wanderly Geraldo Silva. Ginásio Poliesportivo Municipal - Uberlândia/MG. 2002. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de Uberlândia / teste. Orientador: Juliano Aparecido Pereira.

## 25.

Ynajara Christina de Moura. Arquivo Público Municipal em Uberlândia / MG. 2002. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de Uberlândia / teste. Orientador: Juliano Aparecido Pereira.

## 26.

Lina Pádua Soares. Sede da Confederação Nacional dos Jogadores de Peteca - Uberlândia/MG. 2002. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de Uberlândia / teste. Orientador: Juliano Aparecido Pereira.

## Iniciação científica

### 1.

Ana Gabriella Mendonça Sales. "Aproximações entre Design e Artesanato: novas soluções de projeto em prol da Produção Artesanal e desenvolvimento sustentável em Uberlândia (MG)". 2021. Iniciação Científica. (Graduando em Design) - Universidade Federal de Uberlândia, Conselho Nacional de

**2.**

Taís Bruna Silva Oliveira. Inserção do Design no cotidiano de ONG?s, comunidades e cooperativas que trabalham com resíduos e materiais descartados na cidade de Uberlândia (MG) e região.. 2017. Iniciação Científica. (Graduando em Design) - Universidade Federal de Uberlândia, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais. Orientador: Juliano Aparecido Pereira.

**3.**

Giovana Ferreira Arantes. Inserção do Design no cotidiano de ONG?s, comunidades e cooperativas que trabalham com resíduos e materiais descartados na cidade de Uberlândia (MG) e região.. 2017. Iniciação Científica. (Graduando em Design) - Universidade Federal de Uberlândia. Orientador: Juliano Aparecido Pereira.

**4.**

Isadora Gabriela da Silva. PBG (Programa de Bolsas de Graduação, 2016) - Apoio aos Laboratórios de Ensino.. 2017. Iniciação Científica. (Graduando em Design) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Bolsas para o Ensino de Graduação - PROGRAD DIREN UFU. Orientador: Juliano Aparecido Pereira.

**5.**

Jéssica Machado Soares. PBG (Programa de Bolsas de Graduação, 2016) - Apoio aos Laboratórios de Ensino.. 2017. Iniciação Científica. (Graduando em Design) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Bolsas para o Ensino de Graduação - PROGRAD DIREN UFU. Orientador: Juliano Aparecido Pereira.

**6.**

Letícia Vasconcelos Morais Garcez. Comércio de rua e mobiliário com propulsão humana: as possibilidades de seu design para a qualificação e caracterização do espaço urbano da cidade de Uberlândia (MG). 2014. Iniciação Científica. (Graduando em Design) - Universidade Federal de Uberlândia. Orientador: Juliano Aparecido Pereira.

**7.**

Fiama Kauari Ferreira Martins. Comércio e Design nas ruas da cidade de Uberlândia (MG): Estruturas efêmeras para feiras de bairros, feiras culturais, feiras gastronômicas, etc. 2014. Iniciação Científica. (Graduando em Design) - Universidade Federal de Uberlândia. Orientador: Juliano Aparecido Pereira.

**8.**

Débora Bereta Rúbio. Uso de derivados de madeira aplicados aos design do mobiliário. 2014. Iniciação Científica. (Graduando em Design) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Bolsas para o Ensino de Graduação - PROGRAD DIREN UFU. Orientador: Juliano Aparecido Pereira.

**9.**

Shayeni Tosta dos Reis. Uso de derivados de madeira aplicados aos design do mobiliário. 2014. Iniciação Científica. (Graduando em Design) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Bolsas para o Ensino de Graduação - PROGRAD DIREN UFU. Orientador: Juliano Aparecido Pereira.

**10.**

Letícia Vasconcelos Moraes Garcez. Comércio de rua na cidade de Uberlândia (MG): Avaliação de suas características e possibilidades de design. 2014. Iniciação Científica. (Graduando em Design) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica PIBIC - FAPEMIG. Orientador: Juliano Aparecido Pereira.

**11.**

Fiama Kauari Ferreira Martins. Comércio de rua na cidade de Uberlândia (MG): Avaliação de suas características e possibilidades de design. 2014. Iniciação Científica. (Graduando em Design) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica PIBIC - CNPq. Orientador: Juliano Aparecido Pereira.

## **Orientações de outra natureza**

**1.**

Vitor Henrique Massafra. Orientação de Monitoria na disciplina Projeto IV. 2025. Orientação de outra natureza. (Design) - Universidade Federal de Uberlândia. Orientador: Juliano Aparecido Pereira.

**2.**

Luiz Francisco de Paula e Silva. Orientação de monitoria na disciplina Oficina de Modelos I. 2025. Orientação de outra

natureza. (Design) - Universidade Federal de Uberlândia.  
Orientador: Juliano Aparecido Pereira.

**3.**

Alice Maximo Alves Souza. Orientação de Monitoria na disciplina Oficina de Modelos I. 2025. Orientação de outra natureza. (Design) - Universidade Federal de Uberlândia.  
Orientador: Juliano Aparecido Pereira.

**4.**

Julia Dias Branco. Orientação de Monitoria na disciplina Oficina de Modelos I. 2024. Orientação de outra natureza. (Design) - Universidade Federal de Uberlândia. Orientador: Juliano Aparecido Pereira.

**5.**

Amanda Napolitano Petrucelli. Orientação na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso. 2023. Orientação de outra natureza. (Design) - Universidade Federal de Uberlândia.  
Orientador: Juliano Aparecido Pereira.

**6.**

Jéssica Machado Soares. Orientação na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso. 2022. Orientação de outra natureza. (Design) - Universidade Federal de Uberlândia. Orientador: Juliano Aparecido Pereira.

**7.**

Ana Júlia Monteiro Pastore. Orientação de Estágio Supervisionado. 2022. Orientação de outra natureza. (Design) - Universidade Federal de Uberlândia. Orientador: Juliano Aparecido Pereira.

**8.**

Vitor Queiroz de Freitas Aquino. Orientação de Estágio Supervisionado. 2022. Orientação de outra natureza. (Design) - Universidade Federal de Uberlândia. Orientador: Juliano Aparecido Pereira.

**9.**

Giuseppe Iannarelli Junior. Orientação de Estágio Supervisionado. 2022. Orientação de outra natureza. (Design) - Universidade Federal de Uberlândia. Orientador: Juliano Aparecido Pereira.

**10.**

Leticia Adrielle Silva Franco. Orientação de Estágio Supervisionado. 2022. Orientação de outra natureza. (Design) - Universidade Federal de Uberlândia. Orientador: Juliano Aparecido Pereira.

**11.**

John Fernandes Silva. Laboratório de Modelos e Protótipos - LAMOP. 2019. Orientação de outra natureza. (Design) - Universidade Federal de Uberlândia. Orientador: Juliano Aparecido Pereira.

**12.**

CAMILA MARIANE HILARINO MEDEIROS. Monitoria Remunerada da disciplina FAUED31006 ? Oficina de Modelos I. 2017. Orientação de outra natureza. (Design) - Universidade Federal de Uberlândia, Bolsa Monitoria UFU. Orientador: Juliano Aparecido Pereira.

**13.**

CAMILA MARIANE HILARINO MEDEIROS. Monitoria Remunerada da disciplina FAUED31006 ? Oficina de Modelos II. 2017. Orientação de outra natureza. (Design) - Universidade Federal de Uberlândia. Orientador: Juliano Aparecido Pereira.

**14.**

Débora Bereta Rúbio. Atualização e Melhoria do Laboratório de Modelos e Protótipos do Curso de Design da UFU. 2014. Orientação de outra natureza. (Design) - Universidade Federal de Uberlândia, Edital 001/2014 - Pró-Reitoria de Graduação - Diretoria de Ensino - UFU. Orientador: Juliano Aparecido Pereira.

**15.**

Shayeni Tosta dos Reis. Atualização e Melhoria do Laboratório de Modelos e Protótipos do Curso de Design da UFU. 2014. Orientação de outra natureza. (Design) - Universidade Federal de Uberlândia, Edital 001/2014 - Pró-Reitoria de Graduação - Diretoria de Ensino - UFU. Orientador: Juliano Aparecido Pereira.

**16.**

Michelle Marcondes Pontes. Apostila ?Desenho e Representação em Design de Mobiliário?. 2011. Orientação de outra natureza. (Design de Interiores) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Design da Univ Federal de

**17.**

Luciana Hatem Alves. Apostila ?Desenho e Representação em Design de Mobiliário?. 2011. Orientação de outra natureza. (Design de Interiores) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Design da Univ Federal de Uberlândia, Universidade Federal de Uberlândia EDITAL Nº05/ PROGRAD/ DIREN/2010. Orientador: Juliano Aparecido Pereira.

**18.**

Izabel Moretto. Apostila ?Desenho e Representação em Design de Mobiliário?. 2010. Orientação de outra natureza. (Design de Interiores) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Design da Univ Federal de Uberlândia, Universidade Federal de Uberlândia EDITAL Nº05/ PROGRAD/ DIREN/2010. Orientador: Juliano Aparecido Pereira.

**19.**

Natália de Oliveira Rodrigues. Apostila ?Desenho e Representação em Design de Mobiliário?. 2010. Orientação de outra natureza. (Design de Interiores) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Design da Univ Federal de Uberlândia, Universidade Federal de Uberlândia EDITAL Nº05/ PROGRAD/ DIREN/2010. Orientador: Juliano Aparecido Pereira.

**20.**

Dalton Arthur de Castro. Documentação de imagens referentes à utilização do artesanato no desenvolvimento do design do mobiliário moderno no Brasil. 2005. Orientação de outra natureza. (Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de Uberlândia / teste, Programa Institucional de Bolsas para o Ensino de Graduação - UFU. Orientador: Juliano Aparecido Pereira.

**21.**

Débora Diniz do Nascimento. Documentação de imagens referentes à utilização do artesanato no desenvolvimento do design do mobiliário moderno no Brasil. 2005. Orientação de outra natureza. (Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de Uberlândia / teste, Programa Institucional de Bolsas para o Ensino de Graduação - UFU. Orientador: Juliano Aparecido Pereira.

**22.**

Karina Silva de Carvalho. Documentação de imagens referentes à utilização do artesanato no desenvolvimento do design do mobiliário moderno no Brasil. 2005. Orientação de outra natureza. (Decoração) - Universidade Federal de Uberlândia /

teste, Programa Institucional de Bolsas para o Ensino de Graduação - UFU. Orientador: Juliano Aparecido Pereira.

### 23.

Marília Cristine da Silva. Documentação de imagens referentes à utilização do artesanato no desenvolvimento do design do mobiliário moderno no Brasil. 2005. Orientação de outra natureza. (Decoração) - Universidade Federal de Uberlândia / teste, Programa Institucional de Bolsas para o Ensino de Graduação - UFU. Orientador: Juliano Aparecido Pereira.

### 24.

Mirna Lúcia Pereira de Araújo. Documentação de imagens referentes à utilização do artesanato no desenvolvimento do design do mobiliário moderno no Brasil. 2005. Orientação de outra natureza. (Decoração) - Universidade Federal de Uberlândia / teste, Programa Institucional de Bolsas para o Ensino de Graduação - UFU. Orientador: Juliano Aparecido Pereira.

### 25.

Renata Cristiane da Silva. Documentação de imagens referentes à utilização do artesanato no desenvolvimento do design do mobiliário moderno no Brasil. 2005. Orientação de outra natureza. (Decoração) - Universidade Federal de Uberlândia / teste, Programa Institucional de Bolsas para o Ensino de Graduação - UFU. Orientador: Juliano Aparecido Pereira.

## Inovação

---

### Desenho industrial registrado

#### 1.

**PEREIRA, J. A..** CONFIGURAÇÃO APLICADA EM RACK COM REVISTEIRO. 2016, Brasil.  
Patente: Desenho Industrial. Número do registro: BR302016000593-1, data de registro: 30/01/2016, título: "CONFIGURAÇÃO APLICADA EM RACK COM REVISTEIRO" , Instituição de registro: INPI - Instituto Nacional da Propriedade Industrial. Instituição(ões) financiadora(s): Universidade Federal de Uberlândia.

#### 2.

**PEREIRA, J. A..** CONFIGURAÇÃO APLICADA A MESA. 2016, Brasil.  
Patente: Desenho Industrial. Número do registro: BR302016000592-3, data de registro: 11/01/2016, título:

"CONFIGURAÇÃO APLICADA A MESA" , Instituição de registro: INPI - Instituto Nacional da Propriedade Industrial. Instituição(ões) financiadora(s): Universidade Federal de Uberlândia.

3.

**PEREIRA, J. A..** CONFIGURAÇÃO APLICADA A SOFÁ. 2016, Brasil.

Patente: Desenho Industrial. Número do registro: BR302016000591-5, data de registro: 11/01/2016, título: "CONFIGURAÇÃO APLICADA A SOFA" , Instituição de registro: INPI - Instituto Nacional da Propriedade Industrial. Instituição(ões) financiadora(s): Universidade Federal de Uberlândia.

4.

**PEREIRA, J. A..** BR302016000590-7. 2016, Brasil.

Patente: Desenho Industrial. Número do registro: BR302016000590-7, data de registro: 11/01/2016, título: "BR302016000590-7" , Instituição de registro: INPI - Instituto Nacional da Propriedade Industrial. Instituição(ões) financiadora(s): Universidade Federal de Uberlândia.

5.

**PEREIRA, J. A..** CONFIGURAÇÃO APLICADA EM RACK E VARIANTES CONFIGURATIVAS QUE RESULTAM EM RACK COM REVISTEIRO E MESA LATERAL. 2016, Brasil.

Patente: Desenho Industrial. Número do registro: BR302016000595-8, data de registro: 11/01/2016, título: "CONFIGURAÇÃO APLICADA EM RACK E VARIANTES CONFIGURATIVAS QUE RESULTAM EM RACK COM REVISTEIRO E MESA LATERAL" , Instituição de registro: INPI - Instituto Nacional da Propriedade Industrial. Instituição(ões) financiadora(s): Universidade Federal de Uberlândia.

6.

**PEREIRA, J. A..** CONFIGURAÇÃO APLICADA EM BANCO E VARIANTES CONFIGURATIVAS QUE RESULTAM EM BAU E ARARA. 2016, Brasil.

Patente: Desenho Industrial. Número do registro: BR302016000588-5, data de registro: 11/01/2016, título: "CONFIGURAÇÃO APLICADA EM BANCO E VARIANTES CONFIGURATIVAS QUE RESULTAM EM BAÚ E ARARA" , Instituição de registro: INPI - Instituto Nacional da Propriedade Industrial. Instituição(ões) financiadora(s): Universidade Federal de Uberlândia.

7.

**PEREIRA, J. A..** CONFIGURAÇÃO APLICADA A CADEIRA. 2016, Brasil.

Patente: Desenho Industrial. Número do registro: BR302016000589-3, data de registro: 11/01/2016, título: "CONFIGURAÇÃO APLICADA A CADEIRA" , Instituição de registro: INPI - Instituto Nacional da Propriedade Industrial.

**8.**

**PEREIRA, J. A.** Luminária de mesa. 2024, Brasil.  
Patente: Desenho Industrial. Número do registro: BR302024001719-7, data de registro: 09/04/2024, título: "Luminária de mesa", Instituição de registro: INPI - Instituto Nacional da Propriedade Industrial. Instituição(ões) financiadora(s): Universidade Federal de Uberlândia.

**9.**

**PEREIRA, J. A.** Luminária de mesa. 2023, Brasil.  
Patente: Desenho Industrial. Número do registro: 302023006975-5, data de registro: 21/12/2023, título: "Luminária de mesa", Instituição de registro: INPI - Instituto Nacional da Propriedade Industrial. Instituição(ões) financiadora(s): Universidade Federal de Uberlândia.

**10.**

**PEREIRA, J. A.** Configuração aplicada em abrigo para passageiros. 2018, Brasil.  
Patente: Desenho Industrial. Número do registro: 302018000994-0, data de registro: 13/03/2018, título: "Configuração aplicada em abrigo para passageiros", Instituição de registro: INPI - Instituto Nacional da Propriedade Industrial. Instituição(ões) financiadora(s): Universidade Federal de Uberlândia.

**11.**

**PEREIRA, J. A.** Configuração aplicada em mesa. 2017, Brasil.  
Patente: Desenho Industrial. Número do registro: 302017002277-4, data de registro: 31/05/2017, título: "Configuração aplicada em mesa", Instituição de registro: INPI - Instituto Nacional da Propriedade Industrial. Instituição(ões) financiadora(s): Universidade Federal de Uberlândia.

**12.**

**PEREIRA, J. A.** Configuração aplicada em banco. 2017, Brasil.  
Patente: Desenho Industrial. Número do registro: 302017002149-2, data de registro: 22/05/2017, título: "Configuração aplicada em banco", Instituição de registro: INPI - Instituto Nacional da Propriedade Industrial. Instituição(ões) financiadora(s): Universidade Federal de Uberlândia.

**13.**

**PEREIRA, J. A.** Configuração aplicada em tamburete. 2017, Brasil.

Patente: Desenho Industrial. Número do registro: 302017001551-4, data de registro: 07/04/2017, título: "Configuração aplicada em tamburete", Instituição de registro: INPI - Instituto Nacional da Propriedade Industrial. Instituição(ões) financiadora(s): Universidade Federal de Uberlândia.

#### 14.

**PEREIRA, J. A.** Configuração aplicada a poltrona. 2016, Brasil.  
Patente: Desenho Industrial. Número do registro: 302016004643-3, data de registro: 06/10/2016, título: "Configuração aplicada a poltrona", Instituição de registro: INPI - Instituto Nacional da Propriedade Industrial. Instituição(ões) financiadora(s): Universidade Federal de Uberlândia.

#### 15.

**PEREIRA, J. A.** Configuração aplicada a banco. 2016, Brasil.  
Patente: Desenho Industrial. Número do registro: 302016001558-9, data de registro: 14/04/2016, título: "Configuração aplicada a banco", Instituição de registro: INPI - Instituto Nacional da Propriedade Industrial. Instituição(ões) financiadora(s): Universidade Federal de Uberlândia.

#### 16.

**PEREIRA, J. A.** Bancos. 2024, Brasil.  
Patente: Desenho Industrial. Número do registro: BR30202400171-9, data de registro: 09/04/2024, título: "Bancos", Instituição de registro: INPI - Instituto Nacional da Propriedade Industrial. Instituição(ões) financiadora(s): Universidade Federal de Uberlândia.

#### 17.

**PEREIRA, J. A.** Chaleira elétrica. 2025, Brasil.  
Patente: Desenho Industrial. Número do registro: BR302025004080-9, data de registro: 01/07/2025, título: "Chaleira elétrica", Instituição de registro: INPI - Instituto Nacional da Propriedade Industrial. Instituição(ões) financiadora(s): Universidade Federal de Uberlândia.

#### 18.

**PEREIRA, J. A.** Adegas [para armazenagem]. 2025, Brasil.  
Patente: Desenho Industrial. Número do registro: BR30202500554-0, data de registro: 05/02/2025, título: "Adegas [para armazenagem]", Instituição de registro: INPI - Instituto Nacional da Propriedade Industrial. Instituição(ões) financiadora(s): Universidade Federal de Uberlândia.

#### 19.

**PEREIRA, J. A.**. Configuração aplicada em cadeira. 2017, Brasil.  
Patente: Desenho Industrial. Número do registro: 302017002324-0, data de registro: 05/06/2017, título: "Configuração aplicada em cadeira", Instituição de registro: INPI - Instituto Nacional da Propriedade Industrial. Instituição(ões) financiadora(s): Universidade Federal de Uberlândia.

## Educação e Popularização de C & T

---

### Entrevistas, mesas redondas, programas e comentários na mídia

#### 1.

**PEREIRA, J. A.**. Palestra 'Construção de práticas colaborativas entre Design e artesanato em Uberlândia - MG'. 2023. (Programa de rádio ou TV/Outra).

#### 2.

**PEREIRA, J. A.**. Diálogos entre design e artesanato. 2023. (Programa de rádio ou TV/Mesa redonda).

### Organização de eventos, congressos, exposições e feiras

#### 1.

**PEREIRA, J. A.**. Membro da Comissão científica nas Conferências CIUAD. 2022. (Outro).

#### 2.

**PEREIRA, J. A.**. Diálogos entre artesanato e design. 2024. (Outro).

## Outras informações relevantes

---

1.) Participação no Projeto PAE - Programa de Aperfeiçoamento de Ensino, oferecido a alunos de Pós-graduação da USP. Foi feita Monitoria à disciplina de graduação, SAP 617 / PROJETO III: Arquitetura, Cidade e Paisagem. (2002). 1o. SEMESTRE DE 2000: Participação como voluntário. 2o. SEMESTRE DE 2000: Participação regular e com Bolsa-auxílio fornecida pela USP 2.)Participação em Estágio em Mutirão para a construção de 100 unidades habitacionais econômicas. Orientação: Prof. Dr. Nabil Bonduki. Convênio: Prefeitura Municipal da Cidade de Monte Alto/SP, EESC-USP e UFSCar. [2o. semestre de 1995 e 1o. semestre de 1996]

Página gerada pelo Sistema Currículo Lattes em 09/03/2026 às 17:42:16

Somente os dados identificados como públicos pelo autor são apresentados na consulta do seu Currículo Lattes.

[Configuração de privacidade na Plataforma Lattes](#)